UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM)
Área de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação
Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação

HELEN EMY NOCHI SUZUKI

A TELENOVELA BRASILEIRA NA RELAÇÃO INTERGERACIONAL DE IMIGRANTES BRASILEIROS NO JAPÃO: MEDIAÇÃO, DISCURSOS E PRODUÇÃO DE SENTIDO

São Paulo
2019

HELEN EMY NOCHI SUZUKI

A TELENOVELA BRASILEIRA NA RELAÇÃO INTERGERACIONAL DE IMIGRANTES BRASILEIROS NO JAPÃO: MEDIAÇÃO, DISCURSOS E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Versão Corrigida

(Versão original disponível na Biblioteca ECA/USP)

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioli

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Suzuki, Helen Emy Nochi
A telenovela brasileira na relação intergeracional de imigrantes brasileiros no Japão: mediação, discursos e produção de sentido / Helen Emy Nochi Suzuki ; orientadora, Maria Cristina Palma Mungioli. -- São Paulo, 2019.
254 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Telenovela brasileira 2. Relação intergeracional 3. Mediação e discursos 4. Imigrantes brasileiros no Japão I. Mungioli, Maria Cristina Palma II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira - CRB-8/6888

SUZUKI, Helen Emy Nochi. **A telenovela brasileira na relação intergeracional de imigrantes brasileiros no Japão: mediação, discursos e produção de sentido**. 2019. 254f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Não é necessário dizer que muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para a realização dessa pesquisa, mesmo assim, o digo, na ânsia de não poder demonstrar essa gratidão. Algumas dessas pessoas não poderão ser citadas pelos nomes, mas estão, com certeza, lembradas e incluídas nesses agradecimentos. Pessoas especiais a quem agradeço pelo carinho, atenção, paciência e acolhida no percurso [último] de Japão realizado em 2017 e, também agradeço todas as pessoas que anonimamente possibilitaram a realização dessa pesquisa.

Gratidão ao grupo de pesquisa do Centro de Estudos de Telenovela CETVN-ECA/USP e ao Grupo de Estudos Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação GELiDis-ECA/USP que me acolheram e me ajudaram a amadurecer nesse caminho de pesquisa.

Agradeço ao OBITEL – Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva pelo aprendizado nas pesquisas práticas sobre a telenovela no âmbito Ibero-americano.

Agradeço à Pró Reitoria de Pós-Graduação (PRPG), ao Departamento de Comissão de Pós-Graduação (CPG), ao Serviço de Pós-Graduação (SPG) e Secretaria-Geral, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e Secretaria de Pós-Gradução.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), à Universidade de Shizuoka e aos Professores e Professoras que apoiaram e iluminaram o meu caminho.

Agradeço aos Professores que me acolheram no Exterior, principalmente minha coorientadora Lucia Yamamoto da Universidade de Shizuoka, obrigada pela paciência em me escutar e pelos valiosos conselhos de pesquisa que abriram caminhos de possibilidades para mim.

Agradeço à Yoshiko san pela amizade, pelo carinho e atenção, tornando minha vida no Japão mais agradável e produtiva.

Agradeço a todos que cederam o seu tempo para ajudar a construir o contexto desse trabalho. Foram muitas entrevistas com professores, profissionais e pesquisadores que hoje atuam no Japão.

Agradeço aos amigos japoneses e brasileiros que conheci ou reencontrei no Japão, sem os quais não seria possível a construção dessa rede de amizade, solidariedade e companheirismo que se formou, me apoiou e me fortaleceu.

Agradeço aos amigos que do Brasil me apoiaram e incentivaram a minha ida ao Japão.

Agradeço com carinho especial à minha orientadora Profa. Maria Cristina Palma Mungioli pela confiança, apoio nas horas difíceis, pela compreensão e paciência em me mostrar o caminho para o aprendizado. Pelo empenho incansável em acreditar no meu projeto de ir ao Japão e por me conduzir pelo mundo da pesquisa. E, ainda pelas correções, alterações e batalhas que travou para que fosse possível essa minha realização.

Agradeço ao Helio e Artur pela compreensão e força que sempre me deram e por serem a minha base e o meu lugar no mundo. A todos os meus familiares, principalmente pai e mãe, pelo exemplo de coragem e luta. E, principalmente agradeço aos meus ancestrais, que tenho certeza, onde quer que estejam estão em regozijo.

Muito obrigada

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais.

Jesús Martín-Barbero

RESUMO

SUZUKI, Helen Emy Nochi. **A telenovela brasileira na relação intergeracional de imigrantes brasileiros no Japão: mediação, discursos e produção de sentido.** 2019. 254 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de são Paulo, São Paulo, 2019.

A pesquisa investigou o espaço de mediação da telenovela brasileira na relação intergeracional, entre pais e filhos brasileiros que moram no Japão. Trata-se de um estudo de caso que enfocou a recepção e que adotou as técnicas de grupo de discussão, entrevista em profundidade e história de vida. A pesquisa de campo, realizada no Japão, envolveu a coleta de dados acerca da telenovela brasileira com os imigrantes brasileiros, pais e filhos, que moram naquele país. O quadro teórico teve como base os Estudos Culturais, a abordagem das Mediações, a Análise do Discurso (AD) e os estudos de linguagem de Bakhtin. O objetivo principal foi observar os sentidos produzidos pelos discursos da/sobre a telenovela brasileira e sua possível constituição como mediação na relação intergeracional. A telenovela constrói-se como mediação, ou seja, como instância por meio da qual é possível observar as diversas camadas de sentidos proporcionadas por seus discursos que conjugam matrizes culturais e as injunções sociais, econômicas e culturais envolvidas no formato. Com base na análise realizada foi possível observar o embate incessante entre alguns aspectos dos comportamentos e valores das duas culturas, a brasileira e a japonesa, constituintes da dupla ancoragem cultural desses brasileiros. A materialidade desses embates pode ser observada: no consumo de produtos exibidos na telenovela; na discussão sobre os valores e visão de mundo de brasileiros e japoneses; no estranhamento e/ou aceitação de comportamentos mostrados na telenovela. Dessa forma, a telenovela ocupa um espaço simbólico de mediação que traz lembranças, produz sentidos de identidade e brasilidade, atualiza informações, serve de ponte e de referência para as relações entre pais e filhos que negociam, discutem, debatem e nesse confronto cotidiano aprendem a estabelecer limites e demarcar territórios no "entre-lugares", divididos entre as duas culturas, a japonesa e a brasileira.

Palavras-chave: Telenovela brasileira; Relação intergeracional; Mediação e discursos; Imigrantes brasileiros no Japão.

ABSTRACT

SUZUKI, Helen Emy Nochi. **The Brazilian telenovela in the intergenerational relationship of Brazilian immigrants in Japan: mediation, speeches and production of sense.** 2019. 254 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de são Paulo, São Paulo, 2019.

The research investigated the space for mediation of the Brazilian telenovela in the intergenerational relationship between Brazilian parents and children living in Japan. This is a case study that focused on reception and adopted the techniques of discussion group, in-depth interview and life history. The field research, conducted in Japan, involved the collection of data about the Brazilian telenovela with Brazilian immigrants, parents and children, who live in that country. The theoretical framework was based on the Cultural Studies, the Mediations approach, the Discourse Analysis (AD) and the Bakhtin's language studies. The main objective was to observe the senses produced by the discourses of and about the Brazilian telenovela and its possible constitution as mediation in the intergenerational relationship. The telenovela is constructed as mediation, that is, as a space through which it is possible to observe different layers of meanings provided by their discourses that combine cultural matrices and the social, economic and cultural injunctions involved in Format. Based on the analysis performed it was possible to observe the incessant clash between some aspects of the behaviours and values of the Brazilian and the Japanese cultures, constituents of the double cultural anchoring of these Brazilians. The materiality of these conflicts can be observed: in the consumption of products exhibited in the telenovela; in the discussion about the values and worldview of Brazilians and Japanese; in the estrangement and/or acceptance of behaviors shown in the telenovela. In this way, the telenovela occupies a symbolic space of mediation that brings memories, produces senses of identity and Brazilian identity sense, updates information, serves as a bridge and reference for the relations between parents and children who negotiate, discuss, debate and in this Daily confrontation they learn to establish boundaries and demarcate territories in the "between the places", divided between the two cultures, the Japanese and the Brazilian.

Key words: Brazilian telenovela; Intergenerational relationship; Mediation and speeches; Brazilian immigrants in Japan.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 - Cidades visitadas.....38
Fig. 02 - Panfleto 39
Fig. 03 - Home.....40
Fig. 04 - Home/Frames randômicos do site.....40
Fig. 05 - Página do formulário da pesquisa 41
Fig. 06 - Diagrama de pesquisa 50
Fig. 07 - Mapa político do Japão 51
Fig. 08 - Jargão do Comendador 124
Fig. 09 - Nuvem de palavras relacionadas à telenovela brasileira dos grupos 01 e 02 174
Fig. 10 - Legenda indicativa dos sujeitos da pesquisa.....184

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Distribuição de brasileiros no Mundo.....54
Tabela 02. Residentes estrangeiros no Japão 2004 a 2007.....55
Tabela 03. Residentes estrangeiros no Japão 2008 a 2012.....55
Tabela 04. Residentes estrangeiros no Japão 2013 a 2017.....55
Tabela 05. Dados sobre brasileiros no Japão por faixa etária em 2017.....57
Tabela 06. Dados sobre brasileiros no Japão em 2016.....58
Tabela 07. Dados sobre brasileiros no Japão em 2017.....58
Tabela 08. Brasileiros no Japão em 2017 (por Província com até mil brasileiros) 59
Tabela 09. Grade de Programação da IPCTV em 31 de janeiro de 2017 (terça-feira).....80
Tabela 10. Grade de Programação da IPCTV em 17 de julho de 2013 (quarta-feira) 81
Tabela 11. Gêneros na programação da IPCTV- Japão em 31/01/2017 (terça-feira) 82
Tabela 12. Gêneros na programação da IPCTV- Japão em 17/07/2013 (quarta-feira) 82
Tabela 13. Exibição de telenovelas brasileiras.....88
Tabela 14. Participantes do grupo 01: 2º ano do Ensino Médio.....140
Tabela 15 Participantes do grupo 02: 3ºano do Ensino Médio.....141
Tabela 16. Participantes das entrevistas em profundidade 184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Perfil de público da TV aberta por classe econômica 86
Gráfico 02. Perfil de público da TV aberta por faixa etária 87
Gráfico 03. *Share* nacional das redes de televisão 87

LISTA DE INFOGRÁFICO

Infográfico 01. A relação entre os personagens 105

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Roteiro – guia para o grupo de discussão 45
Quadro 02. Bibi – a sedução do crime.....108
Quadro 03. Ivana – identidade de gênero 110
Quadro 04. Jeiza – policial e lutadora de MMA 111
Quadro 05. Silvana – jogos e mentiras 112
Quadro 06. Tabela de temas tratados na telenovela 112
Quadro 07. Telenovela e série citada 148
Quadro 08. Consumo da telenovela e do *Reality Show* 150
Quadro 09. Assuntos polêmicos nas telenovelas.....155
Quadro 10. Conjuntos habitacionais do Japão 165
Quadro 11. Enunciados sobre o Brasil e o Japão 176
Quadro 12. Resumo parcial de informações obtidas nas entrevistas em profundidade 181
Quadro 13. Resumo parcial de informações com base em entrevistas com pessoas envolvidas com famílias brasileiras 182
Quadro 14. Genograma de entrevista: pai e filha 185
Quadro 15. Genograma de entrevista: família e amigo do filho 186
Quadro 16. Genograma de entrevista: mãe e filho 187
Quadro 17. Crianças a caminho da escola.....208

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

1 O INÍCIO DA CONTINUAÇÃO 19

1.1 Nossa direção e propósito 21

2 ANCORAGEM TEÓRICA 25

2.1 Telenovela no Brasil 26

2.2 Os Estudos Culturais 28

2.3 As Mediações de Martín-Barbero 30

2.4 Análise do Discurso e Estudos de Linguagem 32

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 35

3.1 Estratégias de pesquisa 36

3.2 Pesquisa de campo: coleta de dados no Japão 42

3.3 Técnica de grupo de discussão 43

3.4 Técnica de entrevista em profundidade e história de vida 46

3.5 Forma de análise dos resultados 48

4 IMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O JAPÃO 51

4.1 A busca por uma vida melhor 52

4.2 Os brasileiros no Japão 54

4.3 Os trabalhadores brasileiros no Japão 61

5 A SEGUNDA GERAÇÃO 65

5.1 Indivíduo como parte da sociedade 66

5.2 Família e sociedade 68

5.3 Relações intergeracionais 71

5.4 Geração e transmissão 72

6 TELEVISÃO BRASILEIRA NO JAPÃO 78

6.1 Análise da programação 78

7 TELENOVELA BRASILEIRA 84

7.1 Televisão e telenovela 84

7.2 Telenovela no Brasil 88

7.3 Telenovela, identidade e sentido 92
7.4 Telenovela, memória e globalização 96
7.5 Telenovela como matriz cultural 100
7.6 A telenovela das nove: *A Força do Querer* 101
7.6.1 Personagens e tramas da telenovela 106
8 A TELENOVELA E A RELAÇÃO INTERGERACIONAL 118
8.1 Grupo de discussão 118
8.1.1 Marcador referencial: grupo 01 118
8.1.2 Notas de pesquisa: grupo de discussão 138
8.1.3 Alargamento das discussões: grupo 02 141
8.1.4 Considerações sobre os resultados do grupo de discussão 172
8.1.5 Formas de discursos 173
8.2 Entrevistas em profundidade 178
8.2.1 Materialidade das entrevistas 179
8.2.2 Os sujeitos da pesquisa 183
8.2.2.1 Pai e Filha: família reunida e telenovela 188
8.2.2.2 Família e amigo: as escolhas em família 200
8.2.2.3 Mãe e filho: o desafio de uma vida 211
CONSIDERAÇÕES FINAIS 225
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 232
ANEXO I – FORMULÁRIO DE PESQUISA NO SITE 243
ANEXO II – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA IMPRESSO 248

APRESENTAÇÃO

A questão dos imigrantes brasileiros no Japão, particularmente para mim, é muito importante. Não somente porque é um trabalho de pesquisa que realizo desde o Mestrado, na verdade, desde a época da Graduação. Mas, porque faz parte da minha própria história e do que sou hoje. Esse tema foi uma longa construção que se iniciou há muito tempo. Acho que eu sempre fugi desse assunto, especialmente porque ele desvelava uma parte de mim que eu mesma não entendia desde muito pequena. Por que eu era diferente das outras pessoas e tinha os olhos "puxados"? Por que meus pais falavam uma língua que eu não compreendia totalmente? Por que seus costumes e, principalmente o jeito de pensar deles, nem sempre coincidiam com a lógica que eu estava acostumada na vida compartilhada? Uma vida compartilhada com "os outros, os de fora[1]", ou seja, com as pessoas da escola, das rodas de amigos e das comunicações presentes nas revistas, rádio, televisão etc., na verdade, pessoas da sociedade local brasileira. Hoje eu sei que essa impressão acontecia muito porque eu não sabia direito o que significava ser um estrangeiro; um imigrante; ou ter crescido em Terras diferentes das suas, de nascimento, longe das suas origens culturais.

Sou filha de um japonês que imigrou para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial e de uma filha de japoneses imigrantes que não podia se comunicar na Língua Portuguesa, mesmo estando na escola primária[2], porque seu avô a proibia de falar essa "língua estrangeira". Há pouco tempo, descobri que minha mãe repetiu várias vezes na escola primária porque simplesmente não conseguia se comunicar. Ela pensava em japonês, calculava em japonês e acertava as questões de números da matemática escrita, mas não conseguia entender nada na chamada oral ou na matéria de Língua Portuguesa.

No final dos anos de 1980 e início da década de 1990, com a popularização dos restaurantes de comidas japonesas, os brasileiros começam a degustar as iguarias típicas dessa culinária, como por exemplo, o peixe cru (*sashimi*) e o enroladinho de arroz com alga e peixe (*sushi*). Lembro-me que não sabia ao certo se gostava ou não dessa popularização, mas isso é uma reflexão para outra ocasião. É claro que esse repertório todo de gastronomia e de tantas

---

[1] Emprego a palavra "os de fora" no sentido que Elias e Scotson (2000) utilizam ao investigar uma pequena comunidade em Winston Parva (nome fictício de uma cidadezinha no interior da Inglaterra) encontrando um tema universal humano. Na comunidade foi percebido que os mais antigos "tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora'". (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20). Nesse sentido, uma vida compartilhada com os outros significa toda relação de poder e conhecimento/não conhecimento em se tratando, nesse caso, das relações com pessoas da mesma cultura, de descendência japonesa, e pessoas de culturas diferentes, de qualquer outra descendência.

[2] Escola primária é atualmente corresponde ao Ensino Fundamental I, ou seja, do 1º ao 5º ano da escola.

outras coisas da cultura japonesa já fazia parte do meu dia-a-dia, mas nunca tinha realmente me interessado a ponto de refletir sobre o assunto. Apenas a vida ia passando. Aos dezesseis anos, em 1986, com a chegada da adolescência, muita coisa foi mudando na minha vida. Algumas coisas foram ficando mais evidentes, como por exemplo, a consciência do meu lugar no mundo. Mesmo que isso fosse confuso, num país (Brasil) que enfrentava uma grande crise econômica, ficava mais patente a necessidade de lutar por melhores condições de vida[3]. E, foi na esperança de poder estudar, cursar uma faculdade, que em 1989, eu fui ao Japão pela primeira vez. Trabalhei como dekassegui[4] nas linhas de produção de uma das maiores corporações do Japão, *Sumitomo Wiring Systems*. A Terra do Sol Nascente trouxe para mim muitos significados particulares. E, foi a partir daí que ser brasileira, nascer e morar num país diferente da cultura dos meus antepassados foi ficando mais clara. De 1990 até 2000, muito antes de me tornar pesquisadora, foram idas e vindas ao Japão. Comecei a me interessar mais pelos assuntos brasileiros enquanto estava morando no Japão e, ao retornar ao Brasil, entre idas e vindas, eu também me interessei pela cultura japonesa e, dessa vez, com mais consciência e mais curiosidade. Passei a folhear os jornais em língua japonesa que meu pai lia, e mais ou menos em 1991, já no Brasil, li uma reportagem e fiquei sabendo de um livro[5], que comprei e li depois, sobre o *Mangá* e o poder que ele exercia na sociedade japonesa.

---

[3] Boris Fausto (2012) ajuda a caracterizar essa época analisando parte dos acontecimentos que ocorreram no Brasil. "A 28 de fevereiro de 1986, Sarney anunciou ao país o Plano Cruzado, por uma rede nacional de rádio e televisão. O cruzeiro seria substituído por uma nova moeda forte – o cruzado – na proporção de 1000 por 1; a indexação foi abolida; os preços e a taxa de câmbio foram congelados por prazo indeterminado e os aluguéis por um ano" (FAUSTO, 2012, p. 287). A guerra contra a inflação e o congelamento dos preços que resultou num primeiro momento, no aumento real dos salários, também resultou numa grande corrida ao consumo. A consequência disso tudo foi que "os aumentos adiados de tarifas públicas e dos impostos indiretos contribuíram para que a inflação explodisse" (FAUSTO, 2012, p. 288). Em outubro de 1988 é promulgada uma nova Constituição e a transição do regime militar para a democracia insere-se num contexto amplo, sem tantos abalos sociais, mas ainda com muitos problemas, conforme Fausto (2012, p. 290), "a desigualdade de oportunidades, a ausência de instituições do Estado confiáveis e abertas aos cidadãos, a corrupção, o clientelismo são males arraigados no Brasil". Em 1989, na primeira eleição direta para Presidente desde 1960, justamente nessa época, eu embarquei para o Japão. Fui à busca de melhores condições de vida e com o sonho de retornar ao Brasil e cursar uma faculdade. Fiquei sabendo do novo plano econômico do então Presidente eleito Fernando Collor de Mello que bloqueava os depósitos bancários e congelava os preços entre outras medidas, no Japão. Embarquei pela primeira vez ao Japão em setembro de 1989 e retornei depois de um ano, em 1990. Nesse período, trabalhei em uma fábrica da *Sumitomo Wiring System* nas cidades de Iruma e Kawagoe, na província de Saitama, perto da região de Tokyo.

[4] O termo "dekassegui" refere-se ao descendente de japonês, portanto, trabalhador brasileiro que se dirige ao Japão com intuito de trabalhar buscando maiores recompensas financeiras que aquelas encontradas no Brasil. Trata-se, portanto de um projeto de permanência temporária no Japão. O termo foi muito utilizado desde o início do fenômeno das migrações de brasileiros ao Japão, mas tornou-se datado. Com a permanência de brasileiros como residentes fixos no Japão, passou-se a utilizar a denominação "imigrante".

[5] Trata-se do livro de Sonia Bibe Luyten intitulado: *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses* publicado em 1991 pela editora Estação Liberdade. No livro, a autora propõe uma leitura das estratégias do *mangá* (tipo de revista em quadrinhos do Japão) como um "ópio" do povo, uma forma de controle social. É através dos *mangás* que a autora mapeia alguns hábitos e costumes culturais e sociais dos japoneses e, trata também da questão da influência desse produto editorial na vida social e comportamental dos japoneses. (LUYTEN, 1991).

Lembro-me bem de identificar em algumas passagens do livro coisas que eu tinha observado no Japão enquanto morava e trabalhava por lá. Depois, veio o interesse pelos museus e a história da imigração japonesa no Brasil, tema trabalhado na entrega da conclusão de curso da minha graduação. Em paralelo, como meu curso era de Produção Editorial, editei e escrevi um livro[6] de contos sobre esse tema, e roteirizei, produzi e dirigi um documentário sobre a imigração japonesa[7] no Brasil em parceria com o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil - MHIJB.

Em meados de 2013, já aluna do Mestrado (ECA/USP), fui aceita na Pós-Graduação da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (KUFS/Japão), sob a supervisão do Professor Dr. Ikunori Sumida, orientador do curso de Pós-Graduação e Diretor do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros dessa Universidade, requisito para conseguir uma bolsa no Programa Santander de Bolsa de Mobilidade Internacional. Realizei a pesquisa de campo no Japão para a dissertação concluída em 2014. Foram três meses de imersão no Japão, de setembro a dezembro de 2013[8], pesquisando os sentidos de identidade brasileira a partir da recepção da telenovela brasileira entre os imigrantes brasileiros que moravam no Japão. Foi uma experiência muito rica e, desafiadora ao mesmo tempo. Foi a partir das percepções dessa pesquisa de campo que se formou o tema da investigação desse Doutorado. Conhecendo muitas famílias e assistindo à telenovela junto com uma família de mãe, filha e avó (não necessariamente assistíamos à telenovela todas juntas, ao mesmo tempo, em todos os dias), é que percebi que a telenovela vai além das influências de hábitos de consumo e comportamento. Também era motivo de barganha nas discussões e negociações intergeracionais entre a mãe brasileira e a filha que nasceu no Japão. Ambas a seu modo, ainda vivem nos dois mundos: o universo brasileiro e o universo japonês. Por vezes, a narrativa da telenovela é utilizada como argumento de negociação quando, por exemplo, a filha pretende usar determinada roupa, comum na narrativa da ficção televisiva brasileira e, sua mãe, não quer permitir. É importante notar que, no Japão, muitos dos produtos que são mostrados nas telenovelas encontram-se disponíveis em lojas especializadas de produtos para

---

[6] O referido livro intitulado *Filhos do Bambu* (FILHOS, 2007) de Helen Suzuki foi editado em 2007, como parte integrante dos elementos que compõem o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Bacharel em Produção Editorial pela Universidade Anhembi Morumbi, SP. (SUZUKI, 2007).

[7] O documentário de 15 minutos (DVD) intitulado *Um olhar sobre a imigração japonesa no Brasil* foi produzido em 2007 com roteiro, produção e direção geral de Helen Suzuki e Silvana Vieira com patrocínio da Universidade Anhembi Morumbi/*Laureate International Universities* e Apoio do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil – MHIJB, localizado próximo a Estação do Metrô São Joaquim, em São Paulo. (UM OLHAR, 2007).

[8] Pesquisa Mestrado realizada no Japão entre setembro e dezembro de 2013. Cf. *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão*. (SUZUKI, 2014). Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-27012015-152805/pt-br.php.

brasileiros. Percebemos uma inversão nesse caso: a mãe mais habituada aos costumes e vestimentas do Brasil – pois, morou grande parte da sua vida no Brasil - não quer que sua filha use essas roupas e acessórios. Por sua vez, a jovem mais acostumada aos hábitos da sociedade japonesa – pois, convive na escola e na comunidade local desde o nascimento - numa forma de transgressão típico da idade adolescente, quer usar determinada indumentária comum ao Brasileiro, mas não muito comum na sociedade japonesa.

No Doutorado, a pesquisa investigou o papel da telenovela brasileira na relação intergeracional, entre pais brasileiros que migraram para o Japão e seus filhos nascidos no Japão. Para tal, analisamos a questão da identidade e do imaginário social construído e (re)significado a partir da ficção televisiva. Portanto, é na confluência do espaço familiar constituído pelos discursos da interação familiar cotidiana e pelos discursos da telenovela que pretendemos compreender os sentidos e as negociações intergeracionais, pois muitos dos filhos de brasileiros no Japão conhecem o Brasil e sua cultura por meio da ficção televisiva. Então, a observação dos sentidos produzidos no cotidiano a partir do dispositivo da telenovela permitirá indagações sobre o conceito de representação e de imaginário coletivo que, esses filhos de imigrantes constroem dos brasileiros e da terra de seus pais. Na execução do projeto, utilizamos, frente aos objetivos propostos, como técnica de abordagem, o estudo de caso, com o propósito de iluminar o papel da telenovela na construção/consolidação da relação intergeracional entre pais e filhos que moram no Japão. Essas famílias encontram nas narrativas televisuais brasileiras uma forma de mediação e contato com a matriz cultural do Brasil, que lhes imprime, independentemente de suas próprias vontades, uma maneira própria de olhar o mundo. Portanto, acreditamos que a pesquisa qualitativa a partir do estudo de caso poderá nos oferecer maior aprofundamento no universo estudado. A fonte de evidência para o estudo de caso será pautada pela aplicação de entrevistas em profundidade com pais e filhos que assistem à telenovela e em grupos de discussão com filhos de brasileiros nascidos no Japão. Diante do material que foi coletado em campo, no Japão, analisamos e interpretamos esses dados confrontando com as teorias estudadas durante todo o processo. Cabe ainda destacar que como este projeto se configura como um desdobramento do estudo realizado durante o Mestrado[9], é possível afirmar que já possuímos um conhecimento prévio de como se organizam os grupos de brasileiros que moram no Japão.

[9] Em 2014, a dissertação de Mestrado intitulada: *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão,* de minha autoria, (SUZUKI, 2014) investigou a questão da recepção da telenovela entre os imigrantes brasileiros sem, contudo, considerar a segunda geração, dos filhos que nasceram no Japão.

Cabe salientar que fui aceita na Universidade Shizuoka, no Japão, sob a coorientação da Profa. Dra. Lúcia Yamamoto do Departamento de Educação para a realização da pesquisa de campo. A viagem para a coleta de dados no Japão ocorreu entre maio e dezembro de 2017, conforme o cronograma da pesquisa. Destaco ainda que esse Doutorado foi aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação para o processo de Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES - Edital nº 19 / Processo nº 88881.1356620/2016-01) e foi apoiado no Brasil pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/código financiamento 001).

Além da língua e dos costumes tão diferentes do Brasil, quando voltei ao Japão como pesquisadora em 2013, no Mestrado, senti que conversar com os trabalhadores imigrantes brasileiros, que bravamente permaneceram no Japão apesar de todas as adversidades e desafios, representava para mim um retorno à minha própria história e um encontro comigo mesma, pois no passado, também eu tinha sido uma trabalhadora no Japão, batalhando pelos mesmos sonhos de uma vida melhor. Já o retorno em 2017, para a pesquisa do Doutorado, foi um amadurecimento da minha visão como pesquisadora e pessoa. O aprofundamento nesse objetivo de pesquisa, que abarca também os filhos de imigrantes brasileiros no Japão, me fez refletir sobre minhas próprias decisões no Brasil. Pois, eu também tenho um filho adolescente na mesma faixa etária dos meus sujeitos da pesquisa, então, ouvir suas dificuldades, dúvidas e desafios - para além somente da rebeldia e transgressão típico da idade – mas, vê-los enfrentando a vida com coragem e determinação do jeito que lhes permitia a situação de cada um deles, para mim, isso foi uma experiência que me fez pensar no outro, muito mais do que em mim mesma.

O Doutorado está dividido em duas grandes partes. A primeira parte aborda o contexto da situação; a retomada do assunto sobre os imigrantes brasileiros, a questão da telenovela e da sociedade e as metodologias e teorias utilizadas na pesquisa. A segunda parte aborda a pesquisa de campo; as práticas, os discursos e o material coletado. Nessa segunda parte, os discursos e testemunhos vão se aliando com as teorias estudadas, as análises vão se desvelando para novos olhares, num constante constructo. Como o objeto de pesquisa vai sendo construído nessas páginas, a verdade é que vou descobrindo conforme prossigo nas análises, uma visão dos brasileiros e de seus filhos que eu mesma não tinha imaginado. Usos da telenovela que são particulares, conversas que já são esperadas, mas que surpreendem pelo modo como são vistos pelos filhos dos imigrantes brasileiros que moram no Japão. Alguns deles já conheceram o Brasil dos pais e dos avós, talvez tenham morado por um tempo quando crianças ou retornado ao país todas as vezes que a esperança de “voltar para casa”

parecia um sonho realizado de seus pais. Porém, esses jovens não escolheram ser o que são – brasileiros, japoneses ou a mistura dos dois – eles simplesmente nasceram nessa condição, um pouco japoneses e um pouco brasileiros, equilibrando-se entre as duas culturas, que sequer conhecem profundamente. Eles estão inseridos na sociedade local e divididos, ao mesmo tempo, entre o seu lugar de moradia e o país dos seus pais. E, o local que assistem/ouvem falar, mesmo não querendo, faz parte de suas vidas.

Ainda são considerações, tentativas, acertos e erros que vão construindo mais do que caminho de pesquisa, para mim, vão construindo ecos da minha própria identidade e do futuro que eu quero e posso escolher para meus descendentes, basta continuar acreditando e lutar.

Helen E. Nochi Suzuki
Fevereiro de 2019

1. O INÍCIO DA CONTINUAÇÃO

A pesquisa de Doutorado foi realizada com apoio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES - Edital nº 19 / Processo nº 88881.1356620/2016-01) e foi apoiado no Brasil pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/código financiamento 001). Essa investigação é um aprofundamento do meu de Mestrado[10] e, possibilitou visualizar novas propostas de investigação sobre algumas relações dos imigrantes brasileiros no Japão com as telenovelas brasileiras. Nesse sentido, esta pesquisa de Doutorado é um começo para um novo aprofundamento, mas também é uma continuação, pois esse doutorado parte de observações e inquietações percebidas durante a coleta de dados realizada no Japão, na época do Mestrado.

Na pesquisa do Mestrado foi possível perceber na análise do *corpus* que a telenovela brasileira produz sentidos não apenas de identidade e nacionalidade brasileira entre os brasileiros que moram no Japão, mas também se incorpora e produz sentidos nas relações entre pais e filhos. Nesse contexto e, pensando na importância da telenovela como um lugar simbólico e ancoradouro de sentimentos de identidade brasileira, tornou-se importante a análise das indagações de representações e conexões de linguagens, mensagens, repertório, códigos verbais e não verbais como elementos constituintes para a investigação da produção de sentidos a partir da ficção televisiva nas relações entre pais e filhos. Então, já com novos objetivos de pesquisa e disposta a aprofundar o olhar sobre os filhos dos imigrantes brasileiros no Japão, retornei mais uma vez ao Japão entre maio e novembro de 2017[11].

Desta vez, investiguei os sentidos produzidos pela telenovela brasileira e sua possível constituição como elemento de mediação na relação intergeracional entre pais brasileiros que emigraram para o Japão e seus filhos.

Com relação à telenovela brasileira, ao longo dos últimos cinquenta anos, essa ficção seriada adquiriu no cenário cultural brasileiro grande importância não apenas por ter se

---

[10] Na coleta de dados realizada no Japão, entre setembro e dezembro de 2013, acompanhei durante uma semana a recepção de telenovela junto a seis famílias. Com base na análise dos discursos produzidos pelos sujeitos da pesquisa investiguei a produção de sentidos de identidade brasileira a partir da telenovela. A pesquisa demonstrou a centralidade da telenovela como elemento de construção identitária desvelando que os brasileiros que assistem à telenovela no Japão manifestam em seus discursos sentidos e valores que foram construídos com base em sua matriz cultural brasileira, mas que são sistematicamente reconfigurados pela situação em que se encontram, divididos entre dois lugares, o de nascimento e o de moradia, entre o Ocidente e o Oriente. Cf. *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão*. (SUZUKI, 2014). Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-27012015-152805/pt-br.php.

[11] A pesquisa de campo no Japão, entre maio e novembro de 2017, foi realizada com apoio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES - Edital nº 19 / Processo nº 88881.1356620/2016-01) concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

tornado o formato de maior audiência na TV aberta[12], mas também por ter adquirido, segundo Lopes (2009), características que a tornaram "a narrativa da nação". Objeto de estudo de um grande número de pesquisadores brasileiros e estrangeiros (ORTIZ, BORELLI e RAMOS, 1989; MATTELART & MATTELART, 1998; BUONANNO, 2004; LA PASTINA, 2004; LOPES, 2004; MARTÍN-BARBERO, 2004; MOTTER, 2004; STRAUBHAAR, 2004; TUFTE, 2004; WOLTON, 1996), a telenovela apresenta-se como peça-chave (LOPES, 2009) para a construção de processos de significação e produção de sentido - entre outros - de brasilidade, de gênero, de classe social por meio de discursos que se imbricam na tessitura das tramas e das personagens. Estudar como a telenovela está presente nas relações de pais, imigrantes brasileiros, e seus filhos, nascidos em território japonês, significa dimensioná-la com base no dialogismo fundador das relações de linguagem conforme destacam Bakhtin-Volochínov (2010) e Bakhtin (2003). A telenovela coloca em marcha um processo de produção de sentidos enraizado nos elementos do melodrama e na cotidianidade. Partindo desse cenário, esta pesquisa estudou os espaços ocupados pela telenovela brasileira na relação intergeracional[13] entre pais brasileiros que emigraram para o Japão e seus filhos nascidos no Japão, tendo em vista que a consideramos como uma mediação importante nessa relação seja como recurso comunicativo (LOPES, 2009) ou como um elemento na composição da mediação familiar (MARTIN-BARBERO, 2008).

Esses pais brasileiros são imigrantes e, portanto, estrangeiros no Japão. No entanto, seus filhos, mesmo tendo nascido no Japão, convivem com a cultura brasileira dos pais o que os leva a uma dupla ancoragem de identidade, pelo menos quando se relacionam com seus pais ou avós brasileiros também moradores no Japão. Apesar disso, ao contrário dos pais, muitos dos filhos conhecem o Brasil e sua cultura através das histórias que os pais lhes contam ou através dos meios de comunicação; em especial, da televisão e de seu principal produto de ficção: a telenovela[14]. Conforme observamos em nossa pesquisa de Mestrado, a telenovela, seus temas e imagens motivavam conversas que, proporcionavam elementos para a construção de discursos que inter-relacionavam a experiência estética do assistir às histórias

---

[12] Entre os dez títulos mais vistos em 2017 na TV aberta, sete são telenovelas, confirmando a preferência nacional pelo formato. Fonte: Anuário OBITEL, 2018, p. 119-120.

[13] Feixa; Leccardi (2010) discutem a questão geracional dentro da perspectiva do tempo sociológico e histórico. Segundo os autores, são várias as definições que o termo pode significar. Nos estudos de Abrams (1982) e nas discussões de Feixa; Leccardi (2010), a geração permeia o período de tempo em que a identidade é construída social e historicamente, logo, a cada nova geração ocorre novas ações e novas identidades. Já Barros (2006) discute a relação intergeracional observando as mudanças de comportamento e de pensamento que caracterizam um tempo biográfico de experiências que diferencia uma geração da outra.

[14] O espaço privilegiado da telenovela na construção da imagem do Brasil e dos brasileiros foi constatado durante a pesquisa de campo para o Mestrado desta pesquisadora. Cf. *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão*. (SUZUKI, 2014).

ficcionais brasileiras aos discursos dos pais sobre o país e suas próprias visões de mundo. É na confluência do espaço familiar constituído pelos discursos da interação familiar cotidiana e pelos discursos da telenovela, que pretendemos compreender os sentidos produzidos por tais discursos nas relações e negociações intergeracionais. Ou, dito de outra forma, buscamos analisar se os sentidos produzidos pelo discurso da telenovela permeiam e ganham relevância nos discursos das relações entre pais e filhos.

Com base nesse cenário, é possível avaliar a importância da presente pesquisa tanto em relação a seu ineditismo – conforme constatamos para a construção do objeto teórico não há teses ou dissertações sobre a recepção de telenovelas brasileiras no Japão, minha pesquisa de Mestrado em 2014 foi a primeira a investigar essas questões[15] - quanto em relação ao conhecimento dos sentidos identitários produzidos pelos discursos da telenovela em relações intergeracionais junto a comunidades brasileiras no Japão. Investigar essa questão, além de abrir fronteiras para novos entendimentos sobre posições, valores e ordem de poder (agência), também poderá elucidar a questão das medidas de "reposicionamentos negociados[16]" necessários aos cidadãos em situação de estrangeiros. O encontro dessas duas culturas tão distintas como o Ocidente e o Oriente poderá ser dimensionado observando como os hábitos e costumes do cotidiano e, principalmente tendo em vista os objetivos de nossa pesquisa, como os sentidos produzidos pela telenovela permeiam as negociações e os sentidos de visão de mundo tanto na relação social dos pais, na relação social dos filhos quanto na relação parental entre eles. Por meio da análise do *corpus, ou seja,* dos discursos construídos a partir e sobre a telenovela, procuramos delinear, segundo o quadro teórico adotado, como esses sentidos são elaborados, reelaborados e negociados na relação intergeracional estudada.

1.1 Nossa direção e propósito

Apesar da grande crise econômica registrada no Japão e no mundo em 2008, que levou à diminuição drástica do número de brasileiros no Japão, de acordo com as estimativas atualizadas em novembro de 2016, referentes ao ano de 2015 sobre a distribuição de

[15]Em levantamento realizado com base em pesquisa do CETVN (Centro de Estudos de Telenovela USP), em território nacional entre os anos de 1975 até 2013, foram encontrados dois trabalhos sobre investigações fronteiriças: uma dissertação de mestrado sobre a minissérie na fronteira entre Brasil e Argentina e uma tese de doutorado sobre a telenovela nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, Argentina e o Uruguai; ambos de mesma autoria, Roberta Brandalise (2006, 2011). Em 2014, a dissertação de Mestrado de minha autoria (SUZUKI, 2014) investigou a questão da recepção da telenovela entre os imigrantes brasileiros sem, contudo, considerar a segunda geração, dos filhos que nasceram no Japão.

[16] O termo expressa a situação de negociação discutida quanto à posição da cultura original em face da cultura do outro. "A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função." (CUNHA, 2009, p. 237-238).

brasileiros no mundo, o país é o terceiro destino mais procurado pelos brasileiros. Em primeiro lugar estão os Estados Unidos (com 1.410.000 pessoas), seguidos pelo Paraguai (332.042), **Japão (170.229)**, Reino Unido (120.000) e Portugal (116.271)[17]. Existe hoje, no Japão, uma grande variedade de empresas direcionadas aos brasileiros, entre elas destaca-se a TV Globo. Desde 1999, a TV Globo Internacional está acessível aos brasileiros no Japão por meio de assinatura. A emissora oferece programação brasileira, incluindo as telenovelas exibidas com apenas algumas horas de diferença em relação à sua apresentação no Brasil[18].

Em relação ao tema de pesquisa, o desafio foi observar nos discursos da/sobre a telenovela brasileira, elementos que indicassem os sentidos produzidos pela telenovela e sua participação como elemento de mediação na relação intergeracional entre os imigrantes brasileiros e seus filhos. Para tal, analisamos (1) os discursos e temas produzidos pela telenovela brasileira que estava sendo exibida no Japão no momento da pesquisa de campo; (2) os discursos sobre a telenovela e seus temas produzidos pelos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, a telenovela se constituiu como objeto privilegiado deste estudo. Nesse contexto, ganham força as questões acerca dos temas propostos pela trama da telenovela, as inevitáveis comparações entre concepções de mundo e possíveis produções de sentido resultantes do diálogo que se estabelece entre pais e filhos a partir dos discursos da telenovela.

Outro fator importante no contexto a ser estudado é a situação social dos imigrantes, compartilhada por pais brasileiros e seus filhos no Japão. Nesse sentido, cabe destacar o papel importante das narrativas televisivas de ficção, e, no caso de nossa pesquisa, das telenovelas, como parte integrante do universo discursivo dos imigrantes brasileiros e seus familiares no Japão. Segundo Bruner (2014), a narrativa conjuga uma construção discursiva da realidade na formação das identidades. “A ficção cria realidades tão convincentes a ponto de moldar nossa experiência não apenas sobre os universos retratados pela ficção, mas também sobre o mundo real”. (BRUNER, 2014, p. 19). Dessa forma a narrativa ficcional ajuda a construir “mundos alternativos que lançam nova luz sobre o mundo real” (BRUNER, 2014, p. 19) e, a singularidade das identidades ocorre com a autoconstrução da narrativa sobre si-mesmo. Para o autor, essa situação deixa claro que a identidade construída se distingue da identidade do outro através de construções e comparações de “nossos relatos com os relatos que os outros oferecem sobre si mesmos” (BRUNER, 2014, p. 72).

---

[17] Fonte: Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo 2015.* Disponível em: http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

[18] O horário no Japão está 12 horas adiantadas em relação ao horário de Brasília. Então a telenovela que é exibida no Brasil à noite, no Japão será exibida algumas horas depois, pois lá, já é manhã do outro dia.

Como base nesse quadro, portanto, nosso objetivo principal foi investigar os sentidos produzidos pela telenovela brasileira e sua possível constituição como elemento de mediação na relação intergeracional entre pais brasileiros imigrantes no Japão e seus filhos. Para alcançar tal propósito dimensionamos três ações:

- Investigar se os discursos e temas produzidos pela telenovela se constituem como um elemento de mediação na relação intergeracional.
- Investigar a produção dos sentidos sobre o Brasil e cultura brasileira nos jovens filhos de brasileiros nascidos no Japão tendo como base os discursos e temas da telenovela brasileira.
- Investigar as apropriações feitas pelos filhos de imigrantes brasileiros no Japão das tramas da telenovela e possíveis relações com seu cotidiano familiar.

A identidade, como influenciadora na (re)significação do que é visto, proposto ou narrado, segundo Berger e Luckmann (2012), é um elemento-chave da realidade subjetiva que constrói uma relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais e "uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais." (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 221). Partindo da compreensão de Berger e Luckmann (2012) de que a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre indivíduo e sociedade e, considerando a telenovela como um dos elementos que compõem a realidade subjetiva – e ainda como "narrativa da nação" e como "recurso comunicativo" (LOPES, 2009) - , formulamos algumas hipóteses para compreender a mediação da telenovela na relação intergeracional nas famílias de imigrantes brasileiros no Japão.

1. A relação intergeracional é construída por meio de intensa negociação entre os indivíduos nela envolvidos e, a telenovela – por meio de seus discursos e temas - colabora para a construção de um imaginário de brasilidade - motivando conversas e discussões que acabam ajudando a demarcar territórios, confrontos e limites.
2. Ao assistir às telenovelas brasileiras, o imigrante brasileiro no Japão ressignifica sentidos acerca da brasilidade e de sua própria identidade, uma vez que essa compreensão é (re)modelada pela dialética social desses brasileiros em situação de estrangeiros. Em termos de construção de sentidos identitários e de valores, há um processo identitário novo que ocorre entre a aceitação da moral e da narrativa ficcional apresentada e sua negação, frente aos valores já

adquiridos/aceitos enquanto imigrantes brasileiros no Japão e, isso vai influenciar na tomada de decisão com relação aos seus filhos.

3. A telenovela proporciona um espaço de mediação nas relações entre pais e filhos porque possibilita aos filhos, por meio da construção de sentidos proporcionada pelas tramas e pelos temas, conhecer o universo da cultura de seus pais e estabelecer formas de interação com eles.

2. ANCORAGEM TEÓRICA

A pesquisa investigou o papel da telenovela brasileira na relação intergeracional entre pais brasileiros que emigraram para o Japão e seus filhos nascidos ou levados quando crianças para o país. O quadro teórico repousa sobre os Estudos Culturais, a abordagem das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008), a Análise do Discurso (AD) de linha francesa e os estudos de linguagem de Bakhtin (2003 e 2010). Com os Estudos Culturais, principalmente Hall (2006, 2009) e Bhabha (1998), foi possível analisar os sujeitos da pesquisa inseridos no seu contexto social e, ainda, considerar as condições de migrações e culturas partilhadas. Assim, por meio dos Estudos Culturais foi possível estudar o papel dos meios de comunicação, notadamente da televisão, na constituição das identidades sociais e individuais entremeadas pela cultura e pelas relações de poder do pós-imperialismo colonial, da globalização e da modernidade. Em termos de Análise do Discurso, observamos a preocupação com a identidade a partir de questões referentes à construção da subjetividade por meio das relações mediadas pela linguagem verbal e verbo-visual. Destacam-se, entre os autores que estudam o assunto, Brandão (2004), Orlandi (2007), Gregolin (2006), Maingueneau (1997, 2008b), Charaudeau (2010) a partir dos fundamentos legados por Benveniste (2006) e Pêcheux (2009). A abordagem das Mediações de Martín-Barbero (2008) propõe uma relação interdisciplinar em que a cultura e a comunicação de massa são consideradas nos processos de produção, circulação e recepção. A proposta é investigar a recepção pensando numa complexidade maior do todo, ou seja, não analisando as partes isoladamente da emissão, mensagem, meio ou recepção. Os textos de Bakhtin-Volochínov (2010) sobre a interação verbal e o signo ideológico e os estudos referentes aos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003) permitiram que se verificasse a identidade desse brasileiro em situação de estrangeiro, que é diferente de nós, estabelecidos em terra pátria. Também temos a recente edição do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*[19] que apresenta um estudo das influências da época nas teorias Bakhtiniana "compreendendo não apenas os elementos da situação imediata de comunicação, mas também as ênfases valorativas, as esferas da atividade humana, a ideologia do cotidiano, entre outros". (GRILLO, 2017, p. 73).

[19] O livro editado em 2017, traduzido por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, foi vertida da primeira edição russa de 1929 do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, permitindo correções e pequenos acréscimos. Esse livro apresenta a autoria de Valentin Volóchinov. Cf. (VOLÓCHINOV, 2017).

2.1 Telenovela no Brasil

A telenovela brasileira é reconhecidamente um produto de grande alcance nacional, não só em termos de audiência, mas também como influenciadora dos temas que são discutidos pela sociedade brasileira. Nesse sentido, a telenovela é entendida por Lopes (2009) como uma "narrativa da nação", que nela se reconhece, com ela se emociona e vivencia, por vezes, experiências sensoriais, emocionais e psicológicas no lugar do personagem visto. Segundo Lopes (2009), a telenovela funciona ainda como "recurso comunicativo" e consegue representar, quando não, apresentar, situações variadas que se unem e atuam nas mais diversas frentes, proporcionando contraposição de ideias, valores e visões de mundo. No entanto, a televisão funciona também de forma ambivalente representando e reproduzindo desigualdades e discriminação. Segundo os autores Martín-Barbero e Rey (2004), a televisão pode servir para manipulações do poder e outros interesses mercantis, mas sem dúvida ocupa um lugar-chave no viver e sentir do cotidiano das pessoas.

> [...] a televisão tem muito menos de instrumento de ócio e de diversão do que de cenário cotidiano das mais secretas perversões do social e também da constituição de imaginários coletivos, a partir dos quais as pessoas se reconhecem e representam o que têm direto de esperar e desejar. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 26).

Dessa forma, a telenovela como produto massivo televisivo possui um "repertório comum, por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e religiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras." (LOPES, 2009, p. 22-23). Ainda segundo Lopes (2009), a televisão, como recurso de grande alcance e a telenovela como grande campeã de audiência, funciona como espaço público e a formação de repertórios deixa de ser particularidade dos intelectuais, políticos e governadores e passa a ser arena do setor privado.

> Alçada à posição de principal produto de uma indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais. (LOPES, 2009, p. 26).

Dessa forma, o produto televisivo, e em especial o formato telenovela, levando em consideração seu forte poder de difusão, ganha corpo como elemento diferenciado para a produção de sentidos, na medida em que é construído com base em um discurso e está ele próprio, entendido como signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017), sujeito aos tensionamentos que marcam todas as etapas do circuito da comunicação (HALL, 2006). Dessa forma, a significação se constrói em todas as etapas do processo criativo, que vai de sua

codificação (polo da produção) à decodificação (polo da recepção), passando pelas mesmas operações de codificação/decodificação nas fases de distribuição e circulação. O autor resume assim esse processo:

> O processo, desta maneira, requer, do lado da produção, seus instrumentos materiais – seus "meios" – bem como seus próprios conjuntos de relações sociais (de produção) – a organização e combinação de práticas dentro dos aparatos de comunicação. Mas é sob a forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. (HALL, 2009, p. 366).

Conforme destacam Martin-Barbero (2008) e Hall (2009) existe uma troca constante, entre a produção e a recepção (ou audiência) reverberando discursos e produzindo sentidos. Na telenovela observamos isso com a atual e moderna forma interativa de interferir, criar, comentar o conteúdo televisivo - possível a partir da internet 2.0 - permite que a recepção seja também uma fonte produtora.

> Embora as estruturas de produção da televisão originem os discursos televisivos, elas não constituem um sistema fechado. Elas tiram assuntos, tratamentos, agendas, eventos, equipes, imagens da audiência, "definições de situação" de outras fontes e outras formações discursivas dentro da estrutura sociocultural e política mais ampla da qual são uma parte diferenciada. (HALL, 2009, p. 367).

No caso da telenovela brasileira, podemos encontrar essas "outras fontes e outras formações discursivas" nos elementos do melodrama e nos fatos cotidianos. Segundo Motter (2000-2001), a investigação do cotidiano na telenovela brasileira permite identificar a relação da ficção com a sociedade. Nesse sentido, também Baccega (2007) entende o discurso ficcional alicerçado sobre as relações entre ficção e realidade, construindo, a partir dessa chave, sentidos para a cotidianidade e para as relações sociais. Já Mungioli (2012) analisa aspectos composicionais e estilísticos atribuídos à complexidade narrativa das ficções seriadas de televisão e Lopes (2009) propõe a telenovela como recurso comunicativo e narrativa da nação. Também temos os estudos de Ortiz, Borelli e Ramos (1989), Buonanno (2004), La Pastina (2004), Straubhaar (2004), Tufte (2004), Martín-Barbero (2004), Sérgio Miceli (1972), Ondina Leal (1986) Lopes, Borelli e Resende (2002), Heloisa Buarque de Almeida (2003), Esther Hamburger (2005), entre outros.

2.2 Os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais permitem-nos contextualizar a relação da produção de sentido a partir da telenovela levando em consideração a situação de estrangeiros em que se encontram os brasileiros que moram no Japão. A partir dessa situação foi possível analisar a produção de sentido de identidade que a narrativa ficcional suscita nesses telespectadores. Esse campo teórico dos Estudos Culturais surge na Inglaterra do pós-guerra de forma organizada pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), fundada por Richard Hoggart em 1964, ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham como um campo de estudo no centro de pesquisa de pós-graduação. Na sua forma contemporânea, os Estudos Culturais foram além do seu território de origem e "transformaram-se num fenômeno internacional". (ESCOSTEGUY, 2010, p. 136). Esse movimento teórico-político ressaltou "os nexos existentes entre a investigação e as formações sociais onde aquela se desenvolve, isto é, o contexto cultural onde nos encontramos". (ESCOSTEGUY, 2010, p. 136). Stuart Hall, que assume a direção do Centro de Estudos Culturais entre 1969 a 1979, incentivou os estudos etnográficos, as análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro das subculturas.

> A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem. [...] O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 143).

Nos anos 1970, os Estudos feministas e mais tarde as questões de raça e etnia entraram em pauta. Já nos anos 1980, os estudos de recepção dos meios massivos, principalmente a televisão, torna-se o foco com a investigação de trabalhos etnográficos. "Algumas das pesquisas empíricas dessa época apontavam para a importância do ambiente doméstico e das relações dentro da família na formação das leituras diferenciadas" (ESCOSTEGUY, 2010, p. 153). Nos anos 1990, as questões individuais dos receptores são valorizadas em vez dos efeitos de ordem social. Marca essa época o deslocamento para "questões de subjetividade e identidade e para esses textos culturais e mediáticos que ocupam os domínios privado e doméstico e aos quais se dirigem". (ESCOSTEGUY, 2010, p. 154).

Atualmente questões como globalização, migrações, o papel das instituições de Estado e da cultura nacional e o processo de construção dessas identidades estão na pauta dos Estudos Culturais. Segundo Hall (2006), com as modificações da sociedade moderna

abalando as estruturas centrais da sociedade e os seus referenciais, a identidade do ser está representada como uma confluência de partidas e chegadas, em que parte dela se divide, se amolda e se reagrupam em um vai e vem que finalmente se unifica ao longo do tempo. Trata-se de um processo contínuo em que o sujeito está deslocado de si mesmo e, parte desse não preenchimento causado pelo deslocamento, é instituída pelo olhar exterior, ou seja, pelas formas imaginadas por nós, de como o outro nos vê. O autor explica ainda a identidade nacional como parte de nossa identidade cultural e formadora dos sentidos que organizam nossa consciência no mundo e no referencial de pertencimento a uma nação.

> Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. (HALL, 2006, p. 50-51)

Desse modo, a telenovela brasileira e suas tramas produzem sentidos identitários na medida em que colocam em marcha processos de produção de sentido a partir de temas sociais que se ancoram no cotidiano e, portanto, na cultura brasileira compreendida aqui em sentido amplo. Cabe ressaltar ainda que essa produção de sentidos ocorre a partir de uma estética ocidental que privilegia costumes e valores brasileiros.

Nesse sentido, nosso problema de pesquisa se articula a partir do objetivo de se compreender como os brasileiros emigrados para o Japão produzem sentidos com base nos temas e tramas apresentados na telenovela brasileira e em que medida os sentidos produzidos se configuram como representativos de uma identidade brasileira que se constrói no território e no espaço social japonês. Para Bauman (1999, 2001, 2005), a questão da identidade deve ser considerada a partir das relações complexas da Modernidade e de sua concepção e "uso" de identidades sob a égide da globalização, ressaltando sua redistribuição e realocação conforme a dinâmica das relações sociais e econômicas. Bhabha (1998) propõe a constituição da cultura entremeada pelas relações de poder do pós-imperialismo colonial, sugerindo novas fronteiras de cultura. Hall (2009) e Bhabha (1998) discutem essa relação da identidade que se torna múltipla na situação da diáspora. Enquanto Anderson (2005) propõe as "comunidades imaginadas" pensando na formação das comunidades a partir dos pressupostos nacionalistas. Já Canclini (2008) discute a formação das culturas híbridas a partir da América Latina e Said (2007) discute a crise da representação do Oriente pelo olhar Ocidental.

2.3 As Mediações de Martín-Barbero

A abordagem das Mediações de Martín-Barbero (2008) possibilita uma aproximação entre cultura, cultura popular e comunicação de massa. Ela propõe uma relação interdisciplinar entre essas duas culturas: de massa e popular, estabelecendo ambas como espaços de criação e, ao mesmo tempo, de resistência e não apenas de passividade frente aos grandes meios de comunicação. Dessa forma, a recepção é pensada numa complexidade maior, como um todo formado não apenas pelo conjunto envolvendo emissão, mensagem, meio ou recepção, mas também pelas injunções (sociais, econômicas, tecnológicas, culturais) entre todos os envolvidos no processo de comunicação, sejam eles indivíduos, coletividades (populações, indústrias, estados) e suas formas de estabelecer mediações. O autor propõe se considere o espaço das mediações como um "lugar" de interação simbólica em que a produção e a recepção também se interseccionam em relação à cultura da audiência. Segundo o autor, as condições sociais da América Latina estão proporcionando novos olhares para o estudo da comunicação. "Algo radicalmente diferente acontece quando o cultural assinala a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos – regionais, religiosos, sexuais, geracionais – e formas de rebeldia e resistência." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 287). Com a internacionalização e os novos arranjos transnacionais das tecnologias, todo o campo da comunicação está em disputa, ainda que a formação social e o sistema econômico e simbólico instituam as relações de poder. Nessa nova ordem, o papel fundamental da cultura como elemento definidor no processo de significação tira do receptor a função simples de decodificador da mensagem (algo que nunca foi na realidade, como já destacava Williams (2016)) e faz dele também um produtor no processo de produção dessa mensagem. "O receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor" (MARTÍN-BAREBERO, 2008, p. 289). Então, no que diz respeito à recepção, o sujeito não recebe passivamente o conteúdo, mas entre a emissão e a recepção há um campo aberto – arena de tensões e conflitos internos – em que são negociados, para se concordar ou não com a visão proposta pelo emissor. "A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear." (HALL, 2009, p. 334).

Dessa forma, existe uma interação ou um terreno que não é estanque e onde se conjuga o repertório e a história individual do receptor. Mas, de um modo que, também isso, pode ocorrer de forma coletiva, pois esse norte é proporcionado pela cultura em que se insere o receptor. Segundo Dantas (2008), a abordagem das Mediações propõe um "sujeito do

processo de comunicação que interpreta o conteúdo da mensagem conforme os valores sociais que defende". (DANTAS, 2008, p. 7).

> A problemática da comunicação é deslocada para a cultura; para o processo de produção de significados; para o complexo e ambíguo espaço da experiência dos sujeitos. Assim, o receptor não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das mensagens impostas pelo emissor, mas também produtor de novos significados. Embora designado como dominado, em nível econômico, mantém um espaço interior de resistência que lhe permite rechaçar conteúdos discursivos que culturalmente não são reconhecidos por ele. (DANTAS, 2008, p. 6-7).

Segundo Martín-Barbero (2008) no mercado simbólico não é somente a voz dos dominantes que prevalece, mas ocorre uma dinâmica com o universo dos dominados por conta das matrizes culturais. Então, existe uma troca ou interação que precisa ser levada em consideração. Porque através da cultura do sujeito, acontece uma intermediação sobre aquilo que se recebe, e isso não é uma recepção passiva como se considerava.

> A cultura massiva não ocupa uma e somente uma posição no sistema das classes sociais, mas que no próprio interior dessa cultura coexistem produtos heterogêneos, alguns correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outro que corresponde a demandas simbólicas do espaço cultural dominado. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 312).

Os estudos brasileiros de recepção de telenovela apresentam contribuições importantes para o campo da Comunicação e se constituem como pontos de apoio para este trabalho. Podemos citar, entre outros, os estudos de Baccega (2006, 2012) sobre a recepção da teleficção e a produção de sentido, os trabalhos de Ronsini (1996) sobre a investigação da recepção televisiva em Santa Maria, além de outros trabalhos que também contribuem para pensar a questão da recepção na comunicação. Jacks (2008) analisa os processos de recepção e audiência da comunicação e, constata a ausência de pesquisas de pós-graduação de estudos da recepção de telenovelas em outros países. Jacks e Caparelli (2006) apresentam o comportamento da audiência em Porto Alegre, a partir do surgimento da TV por assinatura. Destaca-se, também, a pesquisa de Lopes, Borelli e Resende (2002) que acompanhou diariamente durante oito meses quatro famílias na convivência de assistir à telenovela *A indomada* em 1997. Por outro lado, há poucos estudos sobre a mediação da telenovela na relação intergeracional em comunidades desterritorializadas, que efetivamente considerem a produção de sentidos por meio dos discursos relacionando-a ao pós-colonialismo, aos movimentos migratórios e às questões identitárias vivenciadas por brasileiros na condição de estrangeiros. A partir dessa dupla ancoragem, pode-se dizer que essas comunidades brasileiras no Japão se equilibram sobre o instável terreno da "dupla identidade" ou da identidade

múltipla encontrada na situação de diásporas, conforme discutem Hall (2009) e Bhabha (1998).

2.4 Análise do Discurso e Estudos de Linguagem

Em termos de Análise do Discurso, destacamos, entre os autores que estudam o assunto, Brandão (2004), Orlandi (2007), Gregolin (2006), Maingueneau (1997 e 2008) e Charaudeau (2010) a partir dos fundamentos legados por Benveniste (2006) e Pêcheux (2009).

Para entendermos essa abordagem, pensaremos em alguns norteadores gerais da análise do discurso conforme cita Brandão (2013, p. 19), temos: a) o nível discursivo ultrapassa o nível gramatical; b) o discurso diz respeito a enunciados concretos do funcionamento da língua enquanto uso; c) os atores envolvidos devem dominar a língua e os elementos extralinguísticos para a produção dos discursos.

> Ela [Análise do Discurso] leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. (BRANDÃO, 2013, p. 21)

Conforme explica Brandão (2013), a análise do discurso de linha francesa surgiu em meados da década de 1960 na França para entender o momento social e político por meio da análise dos discursos e considerando as condições extralinguísticas desses discursos. Essa linha teórica analisa os discursos com base em: condições de produção – o momento em que o discurso é produzido; formação ideológica – levando em consideração as posições de classe, social, política e econômica; e a formação discursiva – que considera o discurso como produto da formação histórica e social.

Já com os estudos de linguagem de Bakhtin, buscaremos a natureza social do ato da enunciação. "*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida." (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 99, grifo do autor).

A identidade cultural discutida no trabalho a partir do dispositivo da telenovela brasileira ganha corpo por meio dos discursos que compõem as tramas, do tema, imbricando-se de maneira complexa na cultura; compondo uma visão sobre o Brasil e sobre os brasileiros. Essa visão reflete e refrata signos ideológicos (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010) e discursos ancorados em sentidos que nos permitem olhar para nós mesmos, produzindo sentidos de

identificação, rejeição ou até mesmo de indiferença. Nesta pesquisa, consideramos a telenovela como um dispositivo para a tessitura de discursos que dimensionam a produção de significados que dialogam com a realidade dos sujeitos da pesquisa, pois, nesse sentido, "[...] as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece." (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 45).

A pergunta que permeia nossa pesquisa configura-se no espaço de produção de sentido constituído entre três olhares: o olhar sobre o Brasil e os problemas brasileiros retratados na telenovela; o olhar dos brasileiros imigrantes no Japão e; o olhar da segunda geração, que são os filhos desses imigrantes. Analisamos esses olhares marcados pela alteridade e pela exotopia[20] (BAKHTIN, 2003), então, é por meio da alteridade que se pretendeu enxergar a identidade[21] "adquirida ou emprestada" para essa nova situação dos brasileiros que vivem no Japão entre as duas culturas. Bakthin (2003) discute a questão do outro, do exterior, quando ele discute a relação do autor e a personagem.

> Ele deve-se tornar outro em relação a sim mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro; é verdade que até na vida procedemos assim a torto e a direito, avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos trasgradientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro. (BAKHTIN, 2003, p. 13 e 14).

Sacramento (2013) explica que a relação do autor com a personagem, em Bakhtin, é uma atividade estética interior, mas também exterior e, a autoria já pressupõe a exotopia. "Pelo fato do autor se colocar *fora* da obra, partindo de um ponto de observação externo aos eventos relatados, ele dialoga com a exterioridade observada para compreender aquilo que desconhecia e passa a conhecer" (SACRAMENTO, 2013, p. 38, grifo do autor).

Alguns trabalhos tratam o assunto da identidade das comunidades de brasileiros que moram no Japão, porém, não o tratam sob o prisma da comunicação. Cherrier (2008) ressalta a questão do imaginário construído versus a real situação dos imigrantes brasileiros que moram no Japão; Litvin (2008) analisa um estudo de campo realizado na província de Shizuoka, Gunma e Yamanashi sobre a adaptação social e econômica dos imigrantes

---

[20] O conceito de exotopia trabalhado por Bakhtin encontra-se principalmente no texto *O autor e a personagem na atividade estética* no livro Estética da criação verbal, edição de 2003, traduzido do russo por Paulo Bezerra.

[21] Bruner (2014) trata da questão da construção discursiva da identidade a partir da criação narrativa do eu. Para o autor "muito da autoconstrução vem de fora para dentro – baseia-se na estima aparente dos outros e na miríade de expectativas que nós, desde cedo, até mesmo sem pensar, recolhemos da cultura em que estamos imersos" (BRUNER, 20104, p. 75). Além disso, o autor sinaliza que essas construções discursivas de identidades são guiados por modelos culturais implícitos, não verbalizados, do que deveria ser ou do que não deveria ser, atentando para o fato de que o exterior nos molda de nos oferece grande parte das referências que nem sempre percebemos, mas que nos constitui.

brasileiros no Japão; Maxwell (2008) analisa a presença de brasileiros na cidade de Yaizu em seu perfil sócio-econômico; Inuzuka (2009) trata das características da identidade psicológica decorrente do processo de migração de brasileiros ao Japão; Yamamoto (2008) discute as estratégias de vida na estrutura familiar de brasileiros que se movimentam em espaços transacionais; Sasaki (2010) faz uma revisão do movimento de migração de brasileiros ao Japão sob a luz do centenário da imigração japonesa no Brasil comemorado em 2008 e Miyazaki (2010) analisa os efeitos benéficos da economia brasileira com a emigração de brasileiros para o Japão. Esses trabalhos contribuem para entender o contexto social, as abordagens familiares e as condições econômicas e legais em que se encontram os migrantes brasileiros no Japão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o fato de o objeto desta pesquisa ser construído na interação entre a construção de sentido a partir da telenovela e o seu papel na relação intergeracional dos imigrantes brasileiros e seus filhos no Japão, procuramos entrever por meio das mediações, isto é, "dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão" (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 294) como os discursos da/sobre telenovela medeiam ou não tais as relações. E, também concordando com Lopes (2005) no que diz respeito à percepção de que a "ciência não lida com o objeto percebido, mas com o objeto construído", a telenovela se constitui como um objeto empírico dessa pesquisa. Mais especificamente trabalhamos com a telenovela *A força do Querer* (Globo, 2017), conforme explicaremos mais adiante, seus temas e personagens como pontos de partida e de chegada de nossa pesquisa de campo. O *corpus* se constitui pelo material discursivo coletado durante a pesquisa de campo realizada no Japão, nas cidades de Oizumi e Ota (Província de Gunma) e, Hamatsu (na Província de Shizuoka).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa com a técnica de estudo de caso que adota como ferramentas a entrevista em profundidade, o grupo de discussão e a história de vida realizada com os imigrantes brasileiros e seus filhos que moram no Japão. Esclarecemos que as escolhas são específicas para esse estudo, mas que se tornam possibilidades mapeadas em campos de trabalhos para o objetivo pretendido.

Conforme enfatiza Lopes (2005), há uma diferença entre metodologia *da* pesquisa e metodologia *na* pesquisa. Enquanto a primeira "indica a investigação da teorização da prática da pesquisa", a segunda, metodologia na pesquisa serve "para indicar o trabalho com os métodos empregados".

> A metodologia na pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa. Aqui, método é entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação. Os métodos constituem uma das instâncias da prática metodológica. (LOPES, 2005, p. 94).

Chamamos atenção para o fato de o objeto desta pesquisa estar construído no terreno da recepção de telenovelas brasileiras por imigrantes brasileiros que moram no Japão e assistem à telenovela através da grade de programação da TV Globo Internacional (TVGI). A telenovela se constituiu como um objeto deste estudo - por meio do qual foi possível compreender a produção de sentidos de identidade a partir dos discursos dos telespectadores

de telenovela brasileira no Japão. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar e descrever, o mais complexamente possível, casos concretos, sem a intenção de obtermos, a partir dele, um retrato do geral. Já a análise do *corpus* - que se constitui por meio dos discursos dos sujeitos da pesquisa -, se dará por meio da análise do discurso e ancorada nos estudos de linguagem de Bakhtin (2003, 2010). Pois, "a palavra, como sabemos, reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social". (BAKHTIN, 2010). Dessa maneira, a delimitação do *corpus* seguirá critérios teóricos para o objetivo do nosso problema de pesquisa.

> Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes. (ORLANDI, 2007, p. 62).

Destacamos que o foco principal da pesquisa foi compreender a produção de sentidos e a mediação da telenovela brasileira na vida de imigrantes brasileiros, pais e filhos, no Japão. A pesquisa dividiu-se em cinco fases: 1) estudo bibliográfico e cursos complementares necessários para realização da pesquisa; 2) elaboração de um protocolo metodológico que incluiu: (a) construção de questionário preliminar para seleção dos jovens, filhos de imigrantes brasileiros no Japão; (b) elaboração de formulário de questionário para os brasileiros adultos (possíveis pais ou para contatos futuros) através de site próprio; 3) realização da pesquisa de campo envolvendo: (a) coleta de dados com entrevista em profundidade; (b) grupos de discussão; (c) relatos de histórias de vida; 4) análise e interpretação dos dados coletados: (a) transcrição do material coletado; (b) delimitação do *corpus* de análise; (c) interpretação dos dados coletados e análise confrontando com as teorias estudadas durante todo o processo; 5) redação e finalização da dissertação: (a) verificação dos dados e redação final.

3.1 Estratégias de pesquisa

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - código de financiamento 001. Para a fase de coleta de dados, a pesquisa foi aprovada no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior CAPES (PDSE - Edital nº 19 / Processo nº 88881.1356620/2016-01) e a pesquisadora esteve matriculada na Pós-Graduação da Universidade Shizuoka (静岡大学 - Shizuoka University)

sob a coorientação da Profa. Dra. Lucia Emiko Yamamoto, realizando a coleta de dados no Japão entre maio e novembro de 2017.

Contando com o apoio de comerciantes[22] que possuem lojas especializadas em produtos brasileiros, restaurantes e pequenos estabelecimentos comerciais diversos, uma das ações para localizar os sujeitos da pesquisa foi visitar esses estabelecimentos e estabelecer contato com as pessoas, distribuindo panfletos sobre a pesquisa. Essa ação foi realizada pela própria pesquisadora durante todo o tempo em que esteve no Japão. Conforme mencionamos anteriormente, é importante ressaltar que a pesquisa do mestrado foi realizada no Japão e, embora naquela época a Instituição apoiadora assim como o local de estabelecimento de moradia da pesquisadora tenha sido diferente (em Kyoto), algumas das relações com os imigrantes brasileiros daquela época ajudaram na localização e seleção dos novos entrevistados para a pesquisa do doutorado. Todos os entrevistados foram selecionados a partir dessa rede de contatos constituída no Japão. Se por um lado essa rede demorou certo tempo para se formar, ela foi construída de forma sólida e satisfatória - no sentido de conseguir ter o apoio e a confiança dos colaboradores, quer indicando pessoas, quer contribuindo, eles próprios, com o seu testemunho e entrevista.

Os panfletos foram distribuídos para o maior número de estabelecimentos comerciais e pessoas brasileiras ou ligadas a brasileiros, que foram encontradas. Aleatoriamente, em casas de comércio de produtos brasileiros, principalmente nas imediações da cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka, mas também em outras províncias (Aichi, Mie e Tokyo). As distribuições também aconteceram entre os contatos pessoais que a pesquisadora foi conhecendo no Japão; em sua maioria, trabalhadores brasileiros ou simpatizantes que falavam a língua portuguesa e amizades novas relacionadas com brasileiros - filhos de brasileiros que estudavam em Universidades cujos professores, a pesquisadora conheceu no Japão; pais trabalhadores em fábricas, cujo escritório central permitiu a distribuição; japoneses que trabalhavam em restaurantes brasileiros; amigos japoneses que eram filiados a ONGs para auxiliar filhos de brasileiros nas questões da educação. Depois, a partir desses contatos, a pesquisadora frequentou festas, encontros, eventos, visitas e cursos voltados aos brasileiros ou simpatizantes. Entre os eventos e cursos que frequentamos, destacamos a *XIX Festa Junina da Igreja Católica de Hamamatsu* (25 jun. 2017); Encontro de intercâmbio cultural *Nihongo-Mura* (29 jun. 2017); Curso de Língua Japonesa na HICE (jul./2017); *II Feira da Educação*

[22] Muitas dessas lojas já possuem um espaço próprio para a distribuição de revistas gratuitas da comunidade e, também, um local em que é possível deixar panfletos e avisos para os clientes, isso porque há uma grande concentração de brasileiros nesses estabelecimentos.

em Hamamatsu (13 ago. 2017); *4º Reunião do Conselho de Cidadãos no Consulado Geral do Brasil* (20 out. 2017); Encontro dos *Amigos do Português* (27 ago. 2017); Palestra *Autismo: Entender, Respeitar e Apoiar* (20 mai. 2017); Palestra *Mulheres, Empreendedorismo e Empoderamento Feminino* (03 set. 2017); *VII Concurso de Oratória em Português* (24 set. 2017); *Treinamento Parental* (30 set. e 11 nov. 2017); entrevistas para mídia local, como no caso da *Rádio Nikkey* em Toyohashi (06 out. 2017) e Revista *Boa Dica* (out. 2017); visitas às escolas brasileiras e universidades japonsesas, como no caso da *Escola Nikken* (Mie, 26 out. 2017), da *Escola Alegria de Saber* (Hamamatsu, 08 e 09 nov. 2017) e *Hamamatsu Gakuin University* (17 nov. 2017); além da participação em *Colóquio da Associação Japonesa de Estudos Luso Brasileiro na Universidade de Sophia* (Tokyo, 14 e 15 out. 2017), organização de *Visita dos alunos da Tokoha Universty ao Consulado Geral do Brasil* (18 out. 2017) e do *Workshop ministrado na Osaka University* (Handai, 15 nov. 2017) etc. A distribuição também acontecia em locais ou situações em que era possível o encontro com brasileiros, por exemplo, durante um chá de amigas, passeios ou jantares de comemoração em que a pesquisadora era convidada. A seguir as províncias cujas cidades foram citadas acima: Tokyo, Shizuoka (cidade de Hamamatsu), Aichi (cidade de Toyohashi), Mie (cidade de Yokaichi) e Osaka (cidade de Minoo).

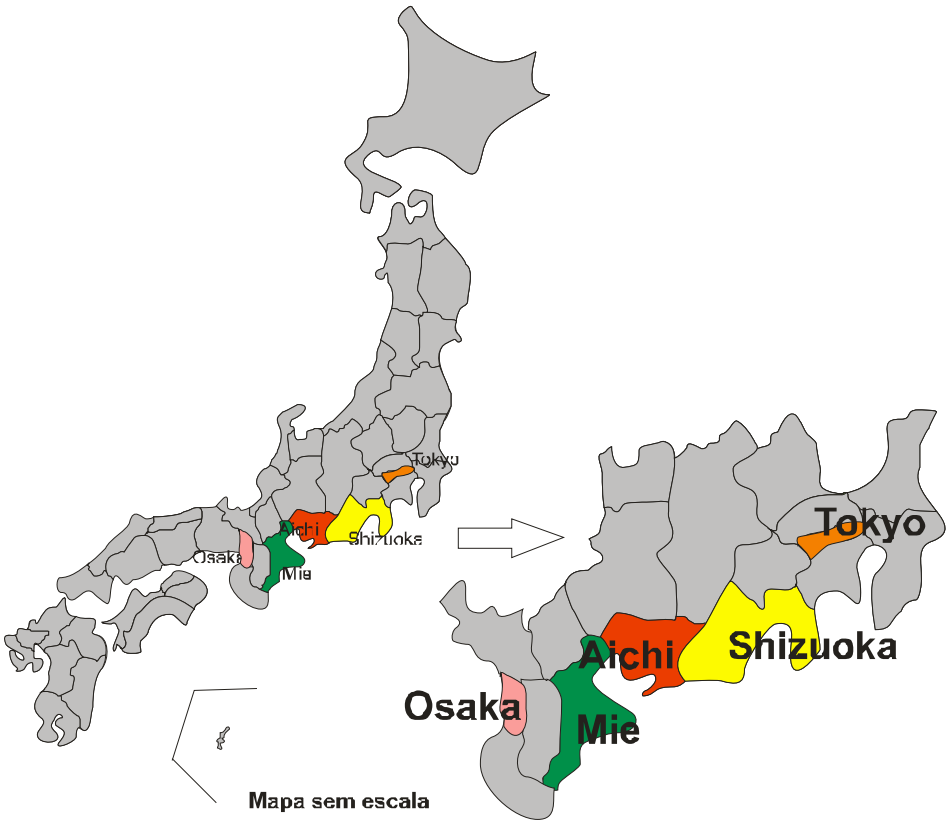


Fig. 01 – Cidades visitadas

Fig. 02 – Panfleto. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Para selecionar os participantes da pesquisa, não sabendo de antemão como seriam os contatos com os imigrantes brasileiros no Japão, também providenciamos um questionário preliminar virtual num site próprio com objetivo de contatar imigrantes brasileiros no Japão. Essas pessoas poderiam ser contatos para outras indicações ou, encaixando no perfil desejado, poderiam contribuir para a pesquisa propriamente dita. Na página do site[23], o usuário poderia responder ao questionário para que assim fosse possível encontrar os possíveis sujeitos da pesquisa, ou seja, a amostra com a qual trabalharíamos. Preparado em três idiomas (português, japonês e inglês), o site também serviu para explicitar melhor as intenções da pesquisa, assim como, apresentar a pesquisadora.

Constatamos que para essa pesquisa do doutorado, o contato pessoal foi mais eficiente, uma vez que a pesquisadora já conhecia a cidade e possuía alguns contatos no local. Com o tempo, a rede de pessoas foi se estendendo e ficando mais sólida. O site[24], que a princípio foi pensado como principal meio de contatar as pessoas, foi importante, mas não foi tão significativo quanto o contato pessoal e a indicação direta de pessoas no Japão.

[23] Endereço do site: www.helensuzuki.com. Este é o mesmo endereço de site utilizado no mestrado, porém para essa pesquisa de doutorado, a página foi totalmente modificada e remodelada para os objetivos dessa proposta. A realização dessa pesquisa do doutorado durou entre maio e novembro de 2017 e o site para localizar os possíveis sujeitos da pesquisa continua ativo.

[24] Na pesquisa de mestrado realizada no Japão entre setembro de dezembro de 2013, o site representou um fator muito relevante e muito importante na seleção dos entrevistados.

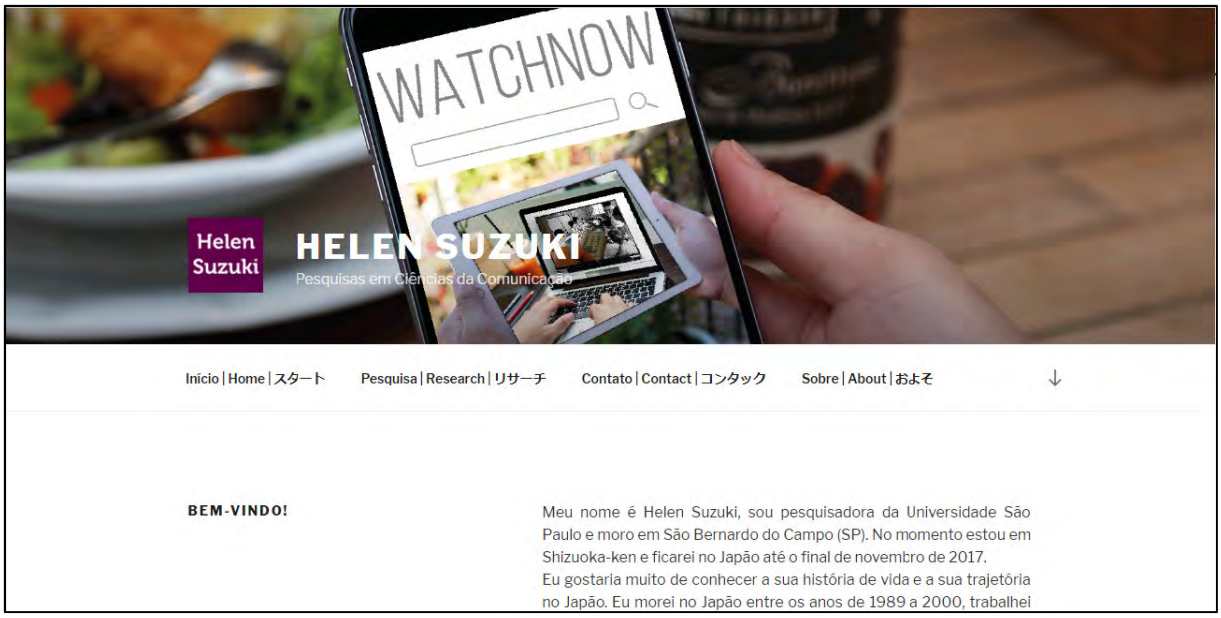


Fig. 03 – Home. Fonte: http://helensuzuki.com/

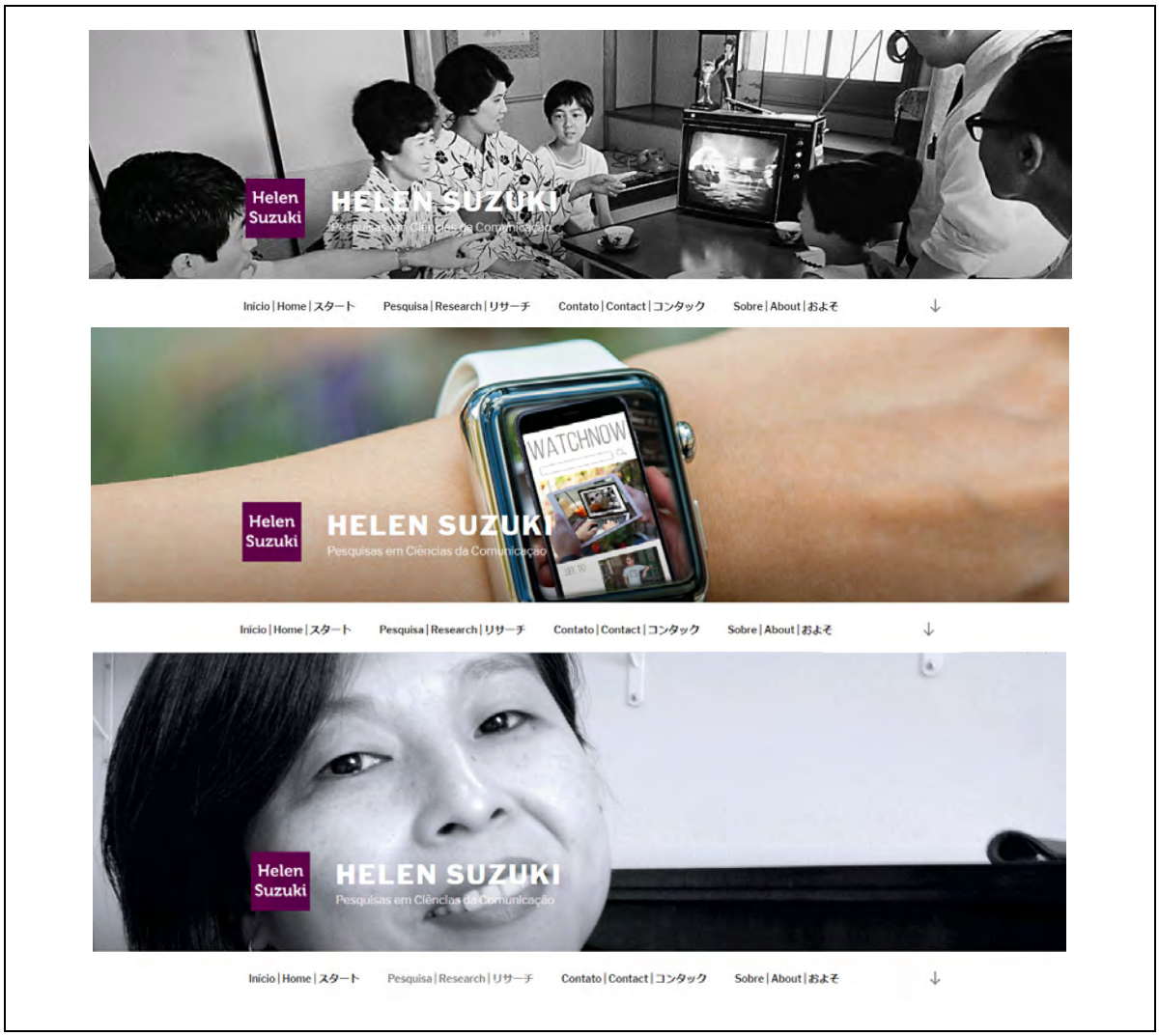


Fig. 04 – Home/Frames randômicos do site. Fonte: http://helensuzuki.com/

Fig. 05 - Página do formulário da pesquisa. Fonte: http://helensuzuki.com/

Achamos que era importante a pesquisadora se apresentar para que suscitasse confiança entre os possíveis entrevistados, como também, criar uma interface mais moderna para que os filhos de brasileiros pudessem acessar o site, caso quisessem conhecer a pesquisa. O site foi concebido em três línguas: português, inglês e japonês. A parte inicial (*homepage*) apresenta a pesquisadora e a pesquisa brevemente, incentivando para que se responda ao questionário na aba "Pesquisa". Na aba da pesquisa, o questionário está no formato de um formulário de pesquisa intitulado "O impacto dos Meios de Comunicação nas relações entre pais e filhos de brasileiros que moram no Japão". Foram 15 respondentes entre 25 de julho e 22 de outubro de 2017. Ainda temos duas outras abas: "Contato" – para envio de mensagens pontuais e; "Sobre" – com informações mais detalhadas sobre a pesquisadora e a pesquisa. O intuito do formulário foi encontrar pessoas e fazer os contatos iniciais para se trabalhar uma aproximação ou abordagem seja por telefone, seja por e-mail. Os resultados das respostas no questionário direcionam para uma visão geral desse potencial respondente como um indicador de pessoas ou colaborador da pesquisa propriamente dito. Portanto, nesse escopo, o formulário faz parte da fase de seleção de pessoas que poderiam participar da pesquisa, muito mais do que da apuração de informações para a pesquisa. Temos perguntas abertas e fechadas no questionário, que estão estruturados em 43 perguntas, algumas obrigatórias e outras não. Para esse momento da pesquisa, consideramos o uso do questionário estruturado, pois, segundo Duarte (2009), o questionário estruturado é prático, autoaplicável e cumpre a função de obter respostas para as questões propostas, permitindo fazer análises rapidamente, replicar

com facilidade, limitar as possibilidades de interpretação e de erro do entrevistado e comparar com outras entrevistas similares.

> O questionário estruturado, muitas vezes, é utilizado para dar subsídio inicial ou para aprofundar resultados obtidos em entrevistas em profundidade. Pode ser empregado como item complementar de uma entrevista semi-estruturada, por exemplo, buscando traçar o perfil dos respondentes. (DUARTE, 2009, p. 67).

Os dados colhidos nos forneceram outras informações acerca do hábito dos pais em assistir às telenovelas com seus filhos. Portanto, o questionário preliminar ajudou a investigar, também, num recorte mais abrangente algumas questões sobre os moradores brasileiros no Japão que responderam às perguntas. Também é importante reafirmar que não pretendemos abrangências quantitativas para esta pesquisa.

3.2 Pesquisa de campo: coleta de dados no Japão

Como essa pesquisa de doutorado se configura como um desdobramento do estudo realizado durante o Mestrado (SUZUKI, 2014), já possuíamos um conhecimento prévio da organização dos grupos de brasileiros no Japão. Além disso, desta vez, foi possível contar com a coorientação, no Japão, da Profa. Lúcia Emiko Yamamoto, pesquisadora doutora em Ciências Humanas pela *Tohoku University* e professora associada na *Shizuoka University*. A professora tem como temas centrais de pesquisa: migração, gênero e educação. Uma vez que estivemos vinculadas na Pós-Graduação da Universidade Shizuoka, é importante observar que o local revelou-se muito adequado para o estudo, pois a província[25] de Shizuoka possui a segunda maior concentração de brasileiros no Japão (27.993)[26], em primeiro lugar está a província de Aichi (54.566) e, em terceiro a província de Mie (13.887). E, se considerarmos a população por cidades, Hamamatsu[27], que fica na província de Shizuoka, é a cidade com a maior concentração de brasileiros (9.537). As outras duas cidades ficam na província de Aichi: a cidade de Toyohashi (7.363) e a cidade de Toyota (6.262).

O foco principal da pesquisa foi entender a mediação da telenovela nas relações intergeracionais entre pais e filhos de imigrantes brasileiros no Japão. Realizamos entrevistas em profundidade com pais e filhos de imigrantes brasileiros, grupos de discussão e também

---

[25] O Japão está divido em 47 províncias, que seria o equivalente à divisão de Estado no Brasil. As províncias por sua vez subdividem-se em cidades, distritos e subdistritos.

[26] Dados publicado em junho de 2018, referente ao ano de 2017. Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2018a. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em 10 dez. 2018.

[27] Hamamatsu (1.558,06 Km^2) é a maior cidade da província de Shizuoka e possui uma área similar a de São Paulo, Capital (1523 Km^2). Fonte: Wikipédia. Hamamatsu. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hamamatsu. Acesso em: 10 dez.2018.

escutamos as histórias de vida desses sujeitos. Assim, coletamos dados, informações e, principalmente, os discursos produzidos a partir e sobre as tramas da telenovela e seus relacionamentos familiares. As entrevistas em profundidade abarcaram também as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa e, nesse sentido, trabalhamos com Bakhtin-Volochínov (2010) para entender a palavra como *signo social* e instrumento de consciência, compondo uma visão sobre o Brasil e sobre os brasileiros. Essa visão reflete e refrata (BAKHTIN-VOLOVHÍNOV, 2010) discursos ancorados em sentidos que nos permitem olhar para nós mesmos, produzindo sentidos de identificação, rejeição ou até mesmo indiferença. Conforme constatamos na pesquisa de Mestrado, em muitos casos, as famílias brasileiras que moram no Japão continuam a cultivar o hábito de assistir às telenovelas. Seus filhos geralmente acompanham os pais nesse hábito ou, se não o fazem, sabem bem do que se trata.

3.3 Técnica de grupo de discussão

Na formação dos grupos de discussão, um dos métodos utilizados foi a pesquisa preliminar exploratória através de questionário impresso, por meio do qual foi possível selecionar os adolescentes que participariam. Fizemos o trabalho com alunos do Ensino Médio de uma Escola de Hamamatsu. Aplicamos o questionário impresso (Anexo II) para os alunos do Ensino Médio, do segundo e terceiro anos, ou seja, adolescentes na faixa etária entre 15 a 19 anos. Ao todo foram 50 alunos que responderam ao questionário e, montamos dois grupos de alunos que assistem ou já assistiram às telenovelas brasileiras.

a) De 24 alunos do 2º ano – 8 alunos foram selecionados para o grupo discussão;
b) De 26 alunos do 3º ano – 6 alunos foram selecionados para o grupo de discussão.

Foram dois grupos de discussão com duração aproximada de uma hora e meia a duas horas cada. Não foi possível ouvir todos os alunos, tampouco esse é o intuito do método. Em alguns casos, os alunos declaravam que não assistiam à telenovela, mas comentavam claramente sobre cenas ou opiniões das tramas, o que indicava que já tinham visto a telenovela brasileira em algum momento de suas vidas e se lembravam dela.

Sobre esse método de pesquisa escolhido, o grupo de discussão, precisamos esclarecer algumas diferenciações quanto à aplicação e a questão de sua escolha como técnica de pesquisa. Algumas vezes, esse método é confundido com a técnica de pesquisa denominada de grupo focal, pela semelhança no formato e na aplicação. Mas, entenderemos aqui, o grupo de discussão como uma maneira distinta e consciente de escolha, já que ela representaria nessa pesquisa, muito mais que a coleta de opiniões a respeito de algum produto ou situação,

que é o caso do grupo focal, muito usado nas investigações de mídia. Escolhemos o grupo de discussão, pois é importante perceber que essa análise considera o meio social dos entrevistados, suas visões de mundo e a interação do que eles pensam sobre determinado assunto ou situação. Temos que considerar que este grupo, de filhos de brasileiros que moram no Japão, estudam em escola brasileira e diferente dos outros jovens japoneses da sua idade, embora estejam/sejam forçados a conviver com a cultura local, são, além disso, filhos com experiências de vida particulares, pois sua nacionalidade brasileira – mesmo nascendo em solo japonês, são considerados estrangeiros – e seu contato com a língua, costumes, comida e a cultura brasileira de seus pais ou avós, os diferencia na sociedade local japonesa.

Dessa forma, utilizaremos a denominação de grupo de discussão segundo os estudos de Weller (2006, p. 244), "uma vez que o objetivo principal desse tipo de entrevista é a obtenção de dados que permitam a análise do meio social dos entrevistados, bem como de suas visões de mundo ou representações coletivas". O autor esclarece ainda que as opiniões no momento da entrevista "refletem acima de tudo as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence". (WELLER, 2006, p. 245). Segundo o autor, esse método de pesquisa passou a ser utilizado a partir da década de 80 nos estudos sobre juventude, pois é uma pesquisa que simula uma situação que favorece ao jovem, o compartilhamento de suas experiências vividas. Weller recomenda essa abordagem com adolescentes, pois é principalmente na forma de grupo que o "jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, as experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações. (WELLER, 2006, p. 246).

> Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionado ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. (WELLER, 2006, p. 247, grifo do autor).

Para os objetivos desta pesquisa, a escolha do método favorece o esclarecimento da nossa investigação, ou seja, os sentidos construídos pelo discurso verbo-visual a partir da telenovela que possibilita um espaço da mediação na relação entre pais e filhos que moram no Japão. O formato em grupo favoreceu o acolhimento de uma questão que é ao mesmo tempo delicada, mas comum aos participantes, já que tratamos com adolescentes: a relação com seus pais, seu cotidiano em família e na sociedade, sua relação com a telenovela e com o Brasil ou a imagem que eles possuem do Brasil. Então, a escolha do grupo homogêneo, em que todos já se conheciam e faziam parte de um mesmo grupo social, com faixas etárias aproximadas,

facilitou a interação. Flick (2009, p. 182) também esclarece sobre o método afirmando que "a discussão em grupo estimula um debate e utiliza a dinâmica nele desenvolvida como fontes centrais de conhecimento". Segundo o autor, a dinâmica de grupo reforça a construção de opiniões individuais de forma mais apropriada, além disso, em grupos homogêneos "os membros são passíveis de comparação nas dimensões essenciais relativas à questão de pesquisa e possuem uma formação semelhante". (FLICK, 2009, p. 184).

Para a seleção dos participantes do grupo de discussão, um questionário estruturado com perguntas iguais para todos os participantes foi adotado para uma quantidade maior de informantes e sem uma abordagem especial, em seguida, selecionamos os adolescentes que participariam dos grupos de discussão. Os dados do questionário nos forneceram condições para selecionarmos os adolescentes que comporiam a amostra; filhos de imigrantes brasileiros que moram com seus pais e assistem ou já assistiram à telenovela brasileira no Japão. Vale ressaltar que essa escola é de ensino "brasileiro", ou seja, uma escola cujo currículo segue as normas brasileiras e as aulas são ministradas na língua portuguesa. Esse questionário preliminar também ajudou a investigar, num recorte mais abrangente algumas proposições sobre esses moradores brasileiros no Japão e suas relações familiares. Os critérios de seleção utilizados foram respectivamente: 1) assistência à telenovela; 2) tempo/frequência dedicado a essa assistência.

Quadro 01. Roteiro-guia para o grupo de discussão

Temas	Pergunta	Objetivo
Lembranças	- Nomes de novelas? - Cenas que marcaram?	Iniciar o pensamento no tema, focar e relembrar relações com a telenovela.
Opiniões sobre a telenovela	- O que vocês acham da telenovela brasileira?	Verificar a importância da telenovela brasileira.
Influência da telenovela	- As novelas influenciam as pessoas de modo geral (no Brasil ou no Japão)? - Influenciam as pessoas no Japão? - Você acha que a telenovela influencia a sua relação com os amigos, pais etc.?	Entender a visão dos participantes sobre telenovela brasileira. Verificar o entendimento sobre o poder midiático ou não, da telenovela em suas vidas.
Relação com os pais	- Como é a sua relação com seus pais? - Quais são as conversas/conflitos com seus pais?	Conhecer o contexto familiar, entender como é a vida cotidiana deles com os pais e como é essa relação intergeracional.

Conflito de gerações	- Como é/era a relação dos seus pais com os seus avós?	Entender a criação dos pais e entender a visão deles sobre as divergências de geração.
Assuntos a partir da telenovela	- Alguma coisa que passou na novela já foi motivo de conversa/discussão com seus pais?	Verificar os temas que a telenovela suscita nas discussões da família.
Imáginário de Brasil	- Você gostaria de morar no Brasil? - O que, ou como você acha que é morar no Brasil?	Compreender a imagem que eles constroem do Brasil.
Outras conversas	- Outras coisas que vocês gostariam de acrescentar?	Abrir espaço para outros temas e encerrar o assunto.

Quadro criado pela pesquisadora a partir do modelo metodológico discutido em Weller (2006).

O roteiro-guia é apenas uma orientação para manter o foco da pesquisa nos objetivos propostos. Durante o grupo de discussão, dependendo das interações entre os participantes ou do tipo de respostas, foi possível um aprofundamento maior em alguns temas. Algumas vezes, no decorrer da discussão um depoente foi complementando o outro, reafirmando assim as opiniões do grupo ou demonstrando a concordância sobre o assunto. Em outras vezes, após a explicação do assunto, foi percebido que, outro depoente discordava ou complementava com opiniões diferentes. Então, o grupo de discussão não representa a somatória das falas individuais, mas o produto dessas interações.

3.4 Técnica de entrevista em profundidade e história de vida

As entrevistas em profundidade foram realizadas com pais e filhos de imigrantes brasileiros no Japão. Não necessariamente conversamos com todos os pais e seus filhos, às vezes, conseguíamos falar com pais e filhos da mesma família, outras vezes eram alguns pais, imigrantes brasileiros e alguns filhos de outros brasileiros. Contamos com a rede de contatos que foi se formando para encontrar os sujeitos da pesquisa. Procuramos entrevistar o maior número de pessoas, sem restringir muito, num primeiro momento, por perfil. Procuramos pais brasileiros que trabalhavam no Japão e filhos de brasileiros, nascidos ou criados no Japão. Geralmente os filhos eram jovens entre 16 e 25 anos e a entrevista acontecia individualmente. Foram 37 entrevistas em profundidade sobre o tema principal e 12 entrevistas com informantes sobre assuntos relacionados ao tema de pesquisa, totalizando 49 entrevistas. As entrevistas duravam cerca de duas horas, e os 12 informantes eram pessoas relacionadas com o tema da imigração de brasileiros – jornalistas, psicólogos, professores, funcionários de

instituição pública nas Prefeituras, no Ministério da Justiça, no setor de Cultura e Educação e no Consulado.

A entrevista em profundidade seguiu um roteiro de perguntas semiestruturada, mas com liberdade para aprofundamentos que se fizessem necessária. Escolhemos esse método por permitir à coleta de dados certa subjetividade do entrevistado. O roteiro começa pelas perguntas de referência que identificam o sujeito e vão se aprofundando em relação ao objetivo pretendido e, assim, permitem certas liberdades e narrativas subjetivas por parte do entrevistado. E, exatamente a partir da experiência de vida narrada pelos sujeitos da pesquisa e pensando no objetivo do estudo é que foi possível o aprofundamento. Duarte (2009) define a técnica como um recurso metodológico.

> A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE, 2009, p. 62).

Outra técnica utilizada foi a história de vida. Diferentemente da técnica de narrativa biográfica, a história oral de vida "está atenta ao valor moral da experiência pessoal" enquanto a narrativa biográfica vai cuidar "mais do roteiro cronológico e factual das pessoas, o que deve ser aliado a particularidades que remetem a acontecimentos materiais e concretos julgados importantes". (MEIHY, 2005, p. 150). As histórias de vida foram ouvidas junto com as entrevistas em profundidade, servindo principalmente para os pais. A pergunta inicial era sobre a ida deles ao Japão; os motivos que os levaram a escolher a vida no Japão, geralmente essa história começava contextualizando a vida deles no Brasil. Esse recurso foi útil para ajudar na análise e interpretação dos resultados. Também foi um método que enriqueceu a entrevista, pois ao narrar a sua escolha de vida no Japão, já era possível compreender e conhecer outras histórias, às vezes relacionada com seus filhos, sua visão de mundo e até mesmo com a telenovela.

A história de vida é uma técnica subjetiva e, por isso mesmo muito rica de se investigar. Segundo MEIHY (2005, 149) "a história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesse sentido, a 'verdade' está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas". No caso da nossa pesquisa, o método serviu não só para entender as escolhas dos pais pelo Japão, mas também serviu para desvelar seus modos e hábitos desde o Brasil, além de descortinar seu jeito de pensar e enfrentar o mundo. Essa visão de mundo dos depoentes auxilia no entendimento dos seus discursos e diálogos sobre a telenovela e a relação com seus filhos. É um método que possui mais

liberdade e, deve ser orientado para os objetivos da pesquisa, então, em nosso caso, representou uma técnica auxiliar para a interpretação dos dados.

> O sujeito primordial dessa espécie de história oral é o colaborador, que tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve ser dado ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade e suas condições. (MEIHY, 2005, p. 148)

É importante ressaltar que os grupos de discussão com os jovens nortearam as pesquisas, que foram confirmadas, complementadas e confrontadas com as técnicas de entrevista em profundidade e as histórias de vida. Dessa forma, apesar dessas técnicas serem importantes para se entender o contexto dos imigrantes brasileiros no Japão e também se entender o ponto de vista dos pais na relação intergeracional, foi no grupo de discussão que encontramos as fontes para elucidar a questão da mediação da telenovela na relação entre pais e filhos de imigrantes brasileiros no Japão.

> Dessa forma, será possível ao pesquisador justificar a estratégia metodológica adotada a partir do que ela realmente é: uma opção específica para uma particular pesquisa em ato. Abre-se com isso a possibilidade de combinar diferentes metodologias, sem abandonar determinado marco teórico e sem que isso redunde num ecletismo infundado. A teoria é que dota de rigor lógico a seleção e a combinação dos métodos. (LOPES, 2005, p. 104).

3.5 Forma de análise dos resultados

A partir do material coletado, teremos significativos instrumentos para análise: o material discursivo composto ao longo das entrevistas em profundidade, as discussões dos grupos de discussão e os apontamentos preliminares com as histórias de vida[28]. Com base nesse vasto material, o que se pretendeu foi aprofundar a análise dos dados e a interpretação significativa desses resultados através de algumas técnicas sugeridas por YIN (2010) e Duarte e Barros (2009). Utilizamos a estratégia analítica com a transcrição e descrição do caso, que contou com uma estrutura teórica para organização do estudo; a análise dos dados para construção de uma explanação do caso; e a interpretação das anotações do que foi dito, observado e sentido durante todo o processo. Mas sempre considerando os pressupostos de rigor e conclusões analíticas sobre o assunto.

---

[28] Sobre a utilização dessa técnica, Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 59) afirmam: Normalmente, a história de vida de uma pessoa implica uma série sucessiva de entrevistas, em que o papel do entrevistador é apenas orientar a narração em termos cronológicos (família de origem, infância, adolescência, maturidade) e ajudar no trabalho de memorização voluntária. Outro ponto a destacar é que o tom confidencial da narração leva o entrevistado a pontuar *marcas e marcos* de sua vida.

> Todos os estudos de pesquisa empírica, inclusive os estudos de caso, têm uma história para contar. A história difere da narrativa ficcional porque engloba seus dados, mas permanece uma história, porque deve ter princípio, meio e fim. [...] A estratégia o ajudará a tratar da evidência imparcialmente, produzir conclusões analíticas vigorosas e eliminar interpretações alternativas. (YIN, 2010, p. 158).

Além do apoio na investigação bibliográfica, verificamos algumas questões atinentes à construção da narrativa televisual, a análise dos temas propostos ao longo da trama na telenovela e algumas condições de produção específicas. Analisamos os discursos produzidos pelo grupo de discussão, enfocando as explicações e respostas do grupo para os pontos cruciais da pesquisa. Amparamos algumas inferências das histórias de vida e contamos com a entrevista em profundidade para compararmos respostas e sentidos verificados no grupo de discussão. Essa perspectiva permitiu articular ou mesmo contrapor modos de interpretar, de atribuir sentidos às tramas brasileiras a partir de brasileiros inseridos em contextos histórico-culturais diferenciados.

A metodologia de análise dos resultados também foi ancorada nas teorias de amostragem e pesquisa qualitativa de Pires (2008). Segundo o autor, é preciso trabalhar dentro dos resultados coletados e a partir deles inferir dados importantes para o problema de pesquisa. "A arte do pesquisador consiste, assim, em saber tirar partido de seus dados; isto é, em construir satisfatoriamente seu problema de pesquisa e sua análise, a partir dos dados de que dispõe." (PIRES, 2008, p. 155). Para o autor, o universo geral compreende o universo do fenômeno em que se aplica a teoria, no nosso caso, então, refere-se ao universo dos filhos de brasileiros que moram no Japão, a relação com seus pais, e a mediação da telenovela nessa relação intergeracional. Para tal, os sujeitos selecionados são pessoas que assistem ou já assistiram às telenovelas brasileiras no Japão. O universo de análise corresponde ao nível empírico, que constitui o "*corpus empírico*" da pesquisa, ou seja, "o universo sobre o qual o pesquisador trabalha ou que ele tem ao seu alcance." (PIRES 2008, p. 166). Então, a construção da amostra será caracterizada como intencional. Logo, do universo geral, construiremos um universo de análise que atenda aos objetivos pretendidos.

Dentro do universo de análise, selecionamos os sujeitos que serão a nossa "*amostra operacional*", ou seja, foram consideradas as situações de todos os entrevistados para contextualizar as análises e a interpretação dos dados, porém, o foco recairá sobre a amostra operacional. "O objetivo da amostra (no sentido amplo) consiste, portanto, em dar base a um conhecimento ou um questionamento, que ultrapassa os limites das unidades, e mesmo do universo de análise, servindo para produzi-lo." (PIRES, 2008, p. 163). O método para a escolha dos sujeitos da pesquisa dentre o universo de análise foi selecionar uma "*amostra*

modelada" ao objetivo da pesquisa, ou seja, sujeitos que pudessem ajudar a responder o problema da pesquisa. Em seguida, utilizamos a indução analítica para obter a generalização teórica que permitiu elaborar as considerações finais da pesquisa. "A indução analítica procura em um caso concreto (ou em um pequeno número de casos concretos) as características que lhe (ou lhes) são essenciais (ou as propriedades constitutivas) e as generaliza". (PIRES, 2008, p. 192).

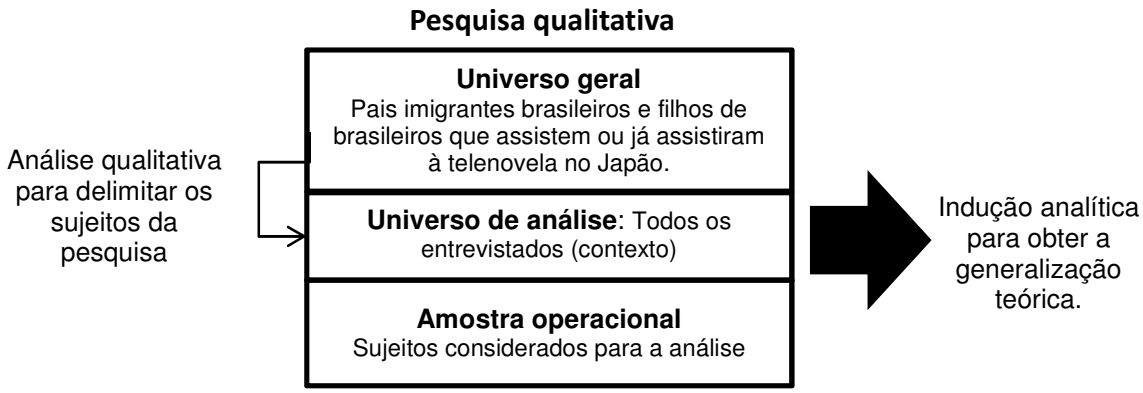


Fig. 06 - Diagrama de pesquisa. Fonte: Criada com base nas sugestões dos estudos de Pires (2008).

O universo de análise dos selecionados obedecerá ao princípio denominado *diversificação interna (intragrupo)* (PIRES, 2008). Ou seja, dentre todos os entrevistados com a técnica de entrevista em profundidade, selecionamos os sujeitos da pesquisa considerando a variação entre eles, conforme os objetivos da pesquisa. Dessa forma, obtivemos os discursos sobre a telenovela. Assim, foi possível construir a partir de uma homogeneidade da amostra (entre todos os que assistem à telenovela brasileira, pais e filhos de imigrantes brasileiros que assistem ou conhecem a telenovela) *uma amostragem por casos múltiplos* em que prevalece a diversidade interna do grupo. Então, de todos que assistem à telenovela brasileira, sejam os pais ou os filhos, selecionamos casos diversos.

No caso da seleção para o grupo de discussão, como já observado, a homogeneidade interna do grupo foi importante para entendermos os diversos enunciados desse grupo social (jovens, filhos de imigrantes brasileiros que moram no Japão que assistem ou já assistiram à telenovela). Foram dois grupos de discussão de oito e seis integrantes. Já no caso das entrevistas em profundidade foram 37 entrevistas das quais identificamos 17 em potencial e selecionamos oito para compor nosso *corpus* de análise. Portanto, temos oito entrevistas em profundidade e quatorze integrantes do grupo de discussão totalizando uma amostra operacional de 22 sujeitos da pesquisa.

4 IMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O JAPÃO

O Japão possui uma área de 377.899 km^2, um pouco maior do que o Estado do Mato Grosso do Sul e possui população com pouco mais de 128 milhões de habitantes[29]. Seu sistema político é a monarquia Constitucional Parlamentar, governada pelo chefe de governo na figura do Primeiro Ministro e, com um chefe de Estado que é o Imperador Akihito. O arquipélago é dividido em grandes regiões: Hokkaido, Tohoku, Kantô, Chubu, Kansai, Chugoku, Shikoku e Kyushu & Okinawa. Cada uma dessas regiões está separada por províncias que são constituídas por cidades/prefeituras.

Regiões do Japão

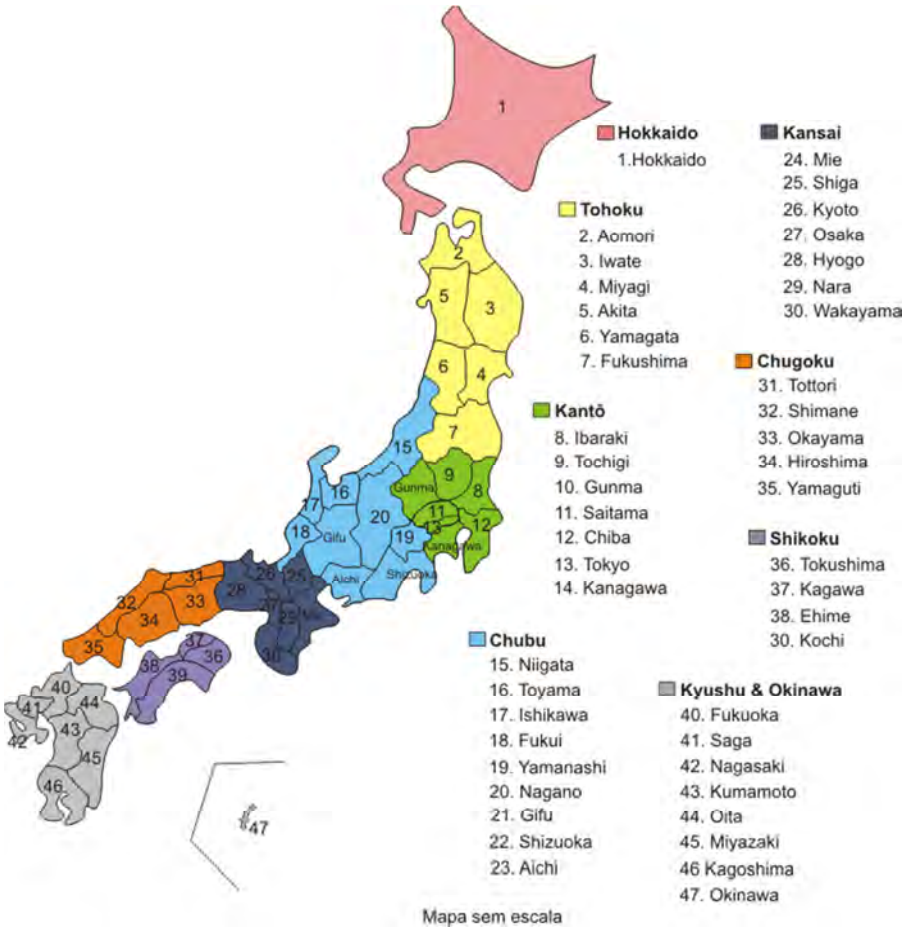


Fig. 07 - Mapa político do Japão.

[29] Fonte: Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *Japão*, 2010. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br /temas/temas-politicos-e-relacoes-bilaterais/asia-e-oceania/japao/pdf. Acesso em: 14 fev. 2013.

4.1 A busca por uma vida melhor

Em meados dos anos 1980, o Brasil enfrentava o processo de redemocratização com o fim da ditadura militar e no plano econômico passava por uma grande crise dada a recessão econômica, a inflação e o desemprego. Segundo Fausto (2012), com a política recessiva do então ministro Delfim Netto, a expansão da moeda foi severamente limitada; os investimentos foram cortados e as taxas de juros subiram. O resultado do PIB em 1980 foi negativo, com queda de 3,1%. A inflação alcançou o índice anual de 110,2% em 1980, caiu para 95,2% em 1981, mas voltou a subir para 99,7% em 1982. Esse período ficou conhecido como o período de "estagflação", combinação de estagnação econômica e inflação.

No cenário internacional, com a queda do muro de Berlim e a abertura de novos mercados, alguns países como o Japão, cuja tecnologia avançada competia no mercado internacional, necessitava urgentemente de mão de obra para suprir as necessidades da indústria. O Japão necessitava de mão de obra estrangeira, sobretudo para conseguir cumprir as encomendas das grandes empresas montadoras que subcontratavam empresas menores para entregar parte dos produtos da cadeia produtiva. As pequenas empresas japonesas que trabalhavam sob demanda para as grandes corporações, não conseguiam atrair a mão de obra dos jovens recém-formados, pois não ofereciam estrutura de ascensão profissional como as grandes companhias, logo, a faixa etária de trabalhadores nesses locais era mais idosa conquanto o trabalho fosse por vezes pesado ou necessitasse de agilidade para que fosse competitivo em termos de produtividade. Esse conjunto de fatores culminou com a criação, no Japão, da legislação regulamentando a contratação de trabalhadores estrangeiros o que levou ao aumento da população de brasileiros no Japão.

> O período do final da década de 80 e início da de 90, foi marcado pela massificação do deslocamento populacional de brasileiros descendentes de japoneses, apresentando uma das maiores taxas de crescimento da população brasileira registrada no Japão. De 1987 a 1988, verificamos um crescimento de 84,84%. Em 1988/1989, foi de 249,31% e, maior ainda em 1989/1990: 288,42%[30]. (SASAKI, 2005, p. 105).

No final da década de 1980, o movimento migratório de brasileiros para o Japão, então designado como movimento dekassegui[31], intensifica as relações entre Brasil e Japão. O termo dekassegui em questão refere-se ao descendente de japonês, portanto, trabalhador

[30] Dados do Ministério da Justiça do Japão, 1995 a 2001.

[31] O termo "dekassegui" muito utilizado desde o início do fenômeno das migrações de brasileiros ao Japão tornou-se datado. Com a permanência de brasileiros como residentes fixos no Japão, passou-se a utilizar a denominação "imigrante". Portanto, parte das citações da época tratarão esses brasileiros com o termo "dekassegui", enquanto nas análises mais atuais utilizaremos o termo "imigrante".

brasileiro que se dirige ao Japão com intuito de trabalhar buscando maiores recompensas financeiras que aquelas encontradas no Brasil. Trata-se, portanto de um projeto de permanência temporária no Japão.

> Os dekasseguis nipo-brasileiros têm um acesso facilitado ao Japão, dada a sua consanguinidade, a possibilidade de exercer atividades no Japão sem restrições, a possibilidade de renovar o visto quantas vezes quiser e de vir a ser um residente permanente. (SASAKI, 2001, p. 17).

Outros fatores importantes para esse crescimento foram o fraco desempenho da economia brasileira na década de 1980 e, já em 1990 a adoção de medidas econômicas pelo Presidente Fernando Collor de Mello que impuseram, entre outros, o confisco dos depósitos da poupança, causando grande descontentamento entre a população.

> Quando Collor tomou posse, em março de 1990, a inflação chegara a 80% e ameaçava escalar ainda mais. Collor anunciou um plano econômico radical que bloqueou todos os depósitos bancários existentes, por dezoito meses, permitindo apenas saques até um limite de 50 mil cruzeiros. O plano estabelecia também o congelamento de preços, o corte de despesas públicas e a elevação de alguns impostos. (FAUSTO, 2012, p. 291).

Fausto (2012) afirma ainda que as condições de insatisfação e mobilização social em relação à política do Presidente culminaram em graves denúncias de corrupção e pedido de impeachment. "De outro lado, o inesperado ímpeto da mobilização da juventude de classe média – indicador de repulsa ao grau de corrupção nos círculos do poder – sensibilizou o Congresso e foi um elemento importante na queda do presidente." (FAUSTO, 2012, p. 292). As medidas adotadas aumentaram a instabilidade econômica fato que contribuiu consideravelmente para reforçar a emigração de brasileiros. Entretanto, com o passar do tempo, o perfil desses dekasseguis foi se alterando.

Ishi (2010) explica o movimento migratório dekasseguis em quatro fases: (1) Pré 1990: retorno ao Japão dos japoneses que haviam emigrado para o Brasil fazendo a rota inversa; (2) Década 1990: grande aumento no número de brasileiros no Japão; abertura do primeiro shopping brasileiro; lançamento do canal de televisão com transmissão da programação da Rede Globo; inauguração da primeira escola brasileira (1999) e mudanças de vida e estilo dos brasileiros; (4) Década 2000: admissão da sua condição de permanente e, portanto, imigrante brasileiro membro da "comunidade local"; (a partir de 2010), pois, cada vez mais, os brasileiros no Japão se identificam como parte integrante do gigantesco e heterogêneo grupo de "brasileiros no mundo".

Esse processo de consolidação da presença dos brasileiros no Japão ocorreu sob variáveis no espectro das situações político-econômica e social do Brasil e do Japão, além das questões pessoais inerentes nos processos migratórios. Cabe ressaltar que além da crise financeira internacional de 2008, o Japão sofreu o pior terremoto de sua história seguido de um tsunami e de uma crise nuclear. Tais fatos levaram à diminuição drástica do número de brasileiros naquele país. No entanto, mesmo com esse decréscimo, as estimativas atualizadas em novembro de 2016 referentes ao ano de 2015, informa que o Japão é o terceiro destino mais procurado pelos brasileiros, conforme mostra tabela a seguir com o número de brasileiros no exterior.

Tabela 01. Distribuição de brasileiros no Mundo

País	Número de pessoas
Estados Unidos	1.410.000
Paraguai	332.042
Japão	**170.229**
Reino Unido	120.000
Portugal	116.271

Fonte: Ministério das Relações Exteriores do Brasil, atualizado em 2016[32].

4.2 Os brasileiros no Japão

De acordo com a evolução da presença dos brasileiros no Japão, podemos perceber que a partir de 2008 o número de residentes brasileiros estrangeiros começa a diminuir. Essa queda coincide com a crise financeira desencadeada pela falência do banco de investimentos Lehman Brothers que afetou a bolsa de valores da maioria dos países.

Conforme os novos dados atualizados em 2018 do Ministério da Justiça do Japão, até o ano de 2011, os brasileiros eram o terceiro contingente de imigrantes no Japão, atrás apenas dos chineses e coreanos. A partir do ano de 2011 em diante, a permanência dos brasileiros no Japão decresce, fato considerado relevante devido ao Tsunami que atingiu a costa japonesa e que também provocou o acidente usina nuclear de Fukushima. Já em 2012, a situação muda e os brasileiros passam ao quarto lugar, atrás das Filipinas e, desde 2016, com o aumento vertiginoso de Vietnamitas no Japão, os brasileiros passaram a figurar em quinto lugar em contingente de imigrantes no Japão.

[32] Informação disponível no site do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2016. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015 (números atualizados em 29/11/2016)*. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidaades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

Tabela 02. Residentes estrangeiros no Japão 2004 a 2007

	2004	2005	2006	2007
China	470.940	501.960	546.752	593.993
Coreia	594.117	586.400	586.782	582.754
Brasil	**281.413**	**298.392**	**308.703**	**313.791**
Filipinas	178.098	163.890	171.091	182.910
Peru	49.483	52.217	53.655	55.487
Total	1.574.051	1.602.859	1.666.983	1.728.935

Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2013[33].

Tabela 03. Residentes estrangeiros no Japão 2008 a 2012

	2008	2009	2010	2011	2012
China	644.265	670.683	678.391	668.644	652.595
Coreia	580.760	571.598	560.799	542.182	489.431
Brasil	**309.448**	**264.649**	**228.702**	**209.265**	190.609
Vietnã	40.524	40.493	41.354	44.444	52.367
Filipinas	193.426	197.971	200.208	203.294	**202.975**
Total	1.768.423	1.745.394	1.709.454	1.667.829	1.587.977

Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2018c

Tabela 04. Residentes estrangeiros no Japão 2013 a 2017

	2013	2014	2015	2016	2017
China	649.078	654.777	665.847	695.552	730.890
Coreia	481.249	465.477	457.772	453.096	450.663
Brasil	181.317	175.410	173.437	180.923	191.362
Vietnã	72.256	99.658	146.956	199.990	**265.405**
Filipinas	**209.183**	**217.585**	**229.595**	**243.662**	260.553
Total	1.593.083	1.612.907	1.673.607	1.773.223	1.898.873

Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2018c[34].

Se observarmos a presença dos residentes brasileiros no Japão, no ano de 2007 temos o seu ápice. Os decréscimos dos anos seguintes são explicados pela crise de 2008 no Japão, quando muitos brasileiros perderam o emprego e o país entrou em crise, e também, pela

[33] Os números não incluem os próprios "isseis" (imigrantes japoneses que estavam morando no Brasil) nem os "nijukokuseki" (brasileiros que possuem dupla nacionalidade), pois essas pessoas entram no Japão com passaporte japonês. A tabela foi traduzida pela pesquisadora baseada nas informações do site do Ministério da Justiça do Japão, 2013. Disponível em: http://www.moj.go.jp/ENGLISH/m_hisho06_00044.html. Acesso em 10 jan. 2016.

[34] Informação disponível no site do Ministério da Justiça do Japão. *[Número de residentes estrangeiros por nacionalidade], 2018c*. Disponível em: http://www.moj.go.jp/content/001271378.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

tragédia de 11 de março de 2011, com o tsunami e o acidente nuclear em Fukushima. Concomitantemente o Brasil dos anos 2000 vinha apresentando crescimento econômico e recuperação da renda da população, refletindo numa melhoria da qualidade de vida e na inserção de milhares de pessoas no mercado consumidor.

> Em termos de resultados imediatos, a década foi um sucesso. As reformas microeconômicas aliadas ao cenário externo de forte crescimento global e elevação do preço das commodities entre 2003 e 2010 marcaram fortemente o desempenho da economia brasileira. [...] Esse sucesso na redistribuição da renda e na queda da pobreza se deveu ao forte crescimento do salário real e do emprego na década. Mas se deveu também, à rede de proteção social, com a criação do Bolsa Família, em 2003, que colocou sob um mesmo arcabouço várias iniciativas que haviam sido testadas nos anos anteriores. O consequente crescimento de renda da população deu suporte à entrada no mercado de consumo de milhões de brasileiros. (GOLDFAJN, 2018, p. 12-13).

No Brasil, em meados dos anos 2000 começou a ser percebido um movimento significativo do acesso ao consumo e ao surgimento do que seria denominado por alguns como a "nova classe média"[35], ressaltando uma sensível melhora na qualidade de vida da população brasileira. Entretanto, outras fontes discordam[36] que o acesso ao consumo seja um indicativo do surgimento dessa nova camada social. Já segundo os estudos sobre a nova classe média realizado pela Fundação Getúlio Vargas "os indicadores indicam a ocorrência de um *boom* da classe C" (NERI, 2010, p. 29). De qualquer forma, fica evidente, no Brasil, um período de melhoria da qualidade de vida de parte da população brasileira.

> Na "nova classe média" brasileira, percebe-se a predominância de pessoas empregadas com carteira, com um alto e recorde acesso a bens de consumo tais como celular, computador com internet e eletrodomésticos. O mesmo acontece com o acesso a serviços: 57,78% tem acesso à rede de esgoto e 87,46% à coleta de lixo. Outro dado que chama atenção diz respeito ao aumento crescente dos anos de estudo de chefes de família e seus cônjuges, bem como o acesso ao ensino superior, já frequentado por 10,47% de seus membros. (SARAIVA et al., 2015, p. 53).

De qualquer forma, parece que a melhoria das condições de vida no Brasil aliado às dificuldades econômicas e os desastres naturais no Japão aceleraram o retorno de parte dos imigrantes brasileiros ao seu país natal. Mesmo assim, ainda é significativo pensar que muitos desses imigrantes que deixam o Brasil escolhem o Japão como destino.

---

[35] Podemos perceber esse surgimento da "nova classe média" nas mídias e discussões acerca do assunto. Fonte: ISTOÉ Dinheiro. Economia. *A nova classe média brasileira. 26/07/2007*, atualizado em 01/12/2016. Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20070926/nova-classe-media-brasileira/16161. Acesso em: 10 nov. 2018.

[36] Fonte: Sociologia. A "nova classe média". 28/07/2017. Disponível em: http://sociologiacienciaevida.com.br/a-nova-classe-media/. Acesso em: 10 nov. 2018.

Se analisarmos os dados recentes por faixa etária dos brasileiros residentes no Japão segundo levantamento realizado pelo Ministério da Justiça em junho de 2018, temos um contingente total de brasileiros no Japão em 2017 de 191.362 pessoas, das quais 104.109 são homens e 87.253 são de mulheres.

Tabela 05. Dados sobre brasileiros no Japão por faixa etária em 2017[37]

Faixa etária	Número de pessoas		Total de pessoas em porcentagem (hmems e mulhres)	Total de pessoas (homens e mulheres
	Homens	Mulheres		
0 a 7 anos	8.581	8.078	8,70%	16.659
8 a 14 anos	7.924	7.363	7,98%	15.287
15 a 19 anos	6.130	5.618	6,13%	11.748
20 a 29 anos	13.959	12.316	13,73%	26.275
30 a 49 anos	**42.814**	**33.584**	**39,92%**	**76.398**
50 a 59 anos	16.191	13.063	15,28%	29.254
60 a 79 anos	8.417	7.078	8,09%	15.495
Acima de 80 anos	93	153	0,12%	246
Total	104.109	87.253	100%*	**191.362**

(*) A somatória da porcentagem resulta em 99,95%, pois os números estão apenas com duas casas decimais depois da vírgula. Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2018b.

Podemos observar que o perfil dos imigrantes brasileiros no Japão na faixa etária entre 30 a 49 anos é predominante. A maioria dos brasileiros possui o status de "residentes permanentes", considerando que pela regulamentação japonesa há outras duas condições de permanência possível aos brasileiros: status de "cônjuge ou filhos de japoneses" e "residentes por longo período". Há pouca diferença entre homens (104.109) e mulheres (87.253), sendo que os homens são predominantemente a maioria em todas as faixas etárias, com exceção dos idosos acima de 80 anos em que as mulheres são maioria.

Os filhos de brasileiros ou filhos de descendentes de japoneses que moram no Japão e compõem a população jovem, até os 14 anos é quase igual entre homens e mulheres. A população economicamente ativa dos 20 aos 59 é a faixa etária que representa a maior parcela da população de brasileiros no Japão com 68,93%, ou 131.927 brasileiros, enquanto a faixa acima de 60 anos representa 8,21%, ou 15.741 brasileiros. Vale notar que somente a faixa dos 30 a 49 anos compreende 39,92% do total de brasileiros com 76.398 pessoas enquanto 50 a 59 anos representam apenas 15,28% com 29.254 brasileiros.

[37] Tabela traduzida e organizada pela pesquisadora com base nas informações do site do Ministério da Justiça do Japão. *[Nacionalidade de estrangeiros por idade e gênero]*, 2018b. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em 10 nov. 2018.

Tabela 06. Dados sobre brasileiros no Japão em 2016[38]

Faixa etária	Em porcentagem	Número absoluto
0 a 14 anos	17,04%	30.069
15 a 19 anos	6,24%	11.008
20 a 59 anos	69,24%	122.093
Acima de 60 anos	7,43%	13.114

Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2016.

Tabela 07. Dados sobre brasileiros no Japão em 2017[39]

Faixa etária	Em porcentagem	Número absoluto
0 a 14 anos	16,68%	31.946
15 a 19 anos	6,13%	11.748
20 a 59 anos	68,93%	131.927
Acima de 60 anos	8,21%	15.741

Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério da Justiça do Japão, 2018b.

Se compararmos os dados de 2016 (176.284[40] brasileiros no Japão) com 2017 (191.362 brasileiros no Japão) percebemos que houve um aumento de 8,55% no contingente de brasileiros residentes no Japão. Isso significa em números absolutos que 15.078 pessoas brasileiras foram morar no Japão.

A seguir temos a tabela de brasileiros no Japão por localidade de província e separadas por sexo.

[38] Tabela traduzida e organizada com base nas informações do site do Ministério da Justiça do Japão, *[Naciona lidade de estrangeiros por idade e gênero],* 2016. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20160&month=12040606&tclass1=000001060399. Acesso em: 10 nov. 2018.

[39] Tabela traduzida e organizada com base nas informações do site do Ministério da Justiça do Japão. *[Naciona lidade de estrangeiros por idade e gênero]*, 2018b. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em 10 nov. 2018.

[40] Esse dado é da tabela em 2016 (176.284 brasileiros no Japão). Esse número não coincide com a tabela atualizada em 2018 (180.923 brasileiros no Japão), pois as publicações em datas diferentes indicam que as tabelas consideram períodos diferentes de apuração dos dados.

Tabela 08. Brasileiros no Japão em 2017 (por Província com até mil brasileiros)

	都道府県 (Estado)		総　数 (Total em 2011)		
				男(Homem)	女 (Mulher)
	総数 (n. total)		**191.362**	**104.109**	**87.253**
1º	Aichi	愛知	54.566	29.501	25.065
2º	Shizuoka	静岡	27.993	15.096	12.897
3º	Mie	三重	13.887	7.598	6.289
4º	Gunma	群馬	12.458	6.617	5.841
5º	Gifu	岐阜	10.703	5.831	4.872
6º	Kanagawa	神奈川	8.724	4.870	3.854
7º	Shiga	滋賀	8.436	4.551	3.885
8º	Saitama	埼玉	7.300	3.970	3.330
9º	Ibaraki	茨城	5.859	3.182	2.677
10º	Nagano	長野	5.208	2.760	2.448
11º	Tochigi	栃木	4.324	2.305	2.019
12º	Fukui	福井	3.546	1.971	1.575
13º	Chiba	千葉	3.494	1.909	1.585
14º	Tóquio	東京	3.454	1.818	1.636
15º	Shimane	島根	3.145	2.070	1.075
16º	Yamanashi	山梨	2.711	1.443	1.268
17º	Toyama	富山	2.582	1.433	1.149
18º	Osaka	大阪	2.531	1.423	1.108
19º	Hyogo	兵庫	2.483	1.337	1.146
20º	Hiroshima	広島	2.281	1.253	1.028
21º	Ishikawa	石川	1.249	709	540

Tradução e organização da pesquisadora a partir de informações do Ministério da Justiça do Japão, *[Nacionalida de estrangeiros por idade e gênero]*, 2018b. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em: 10 nov. 2018.

A província de *Aichi* (54.566), *Shizuoka* (27.993), *Mie* (13.887), *Gunma* (12.458), *Gifu* (10.703), *Kanagawa* (8.724), *Shiga* (8.436), *Saitama* (7.300), *Ibaraki* (5.859) e *Nagano* (5.208) são respectivamente as dez províncias com maior concentração de brasileiros no Japão. Somente as cinco primeiras províncias com maior contingente de brasileiros totalizam 119.607 imigrantes no Japão, ou seja, nas cinco províncias estão concentrados 62,50% dos brasileiros. Já considerando as dez províncias, temos um total de 455.134 brasileiros, ou seja, 81,06% dos brasileiros que estão no Japão moram nessas dez províncias.

Os brasileiros, já relativamente acomodados na permanência no Japão, carregam consigo marcas do caminho trilhado e, certamente, possuem outro olhar sobre suas identidades e compreendem sob outro ângulo assuntos relativos ao seu país de origem. Em 2013, ocasião da primeira investigação, no Mestrado, que tratou do olhar dos imigrantes brasileiros no Japão em relação à produção de sentidos de identidade brasileira a partir da telenovela brasileira, pudemos constatar alguns resultados importantes que nos auxiliaram na pesquisa desse Doutorado. Foi possível identificar nos discursos produzidos pelos entrevistados como foram negociados diversos aspectos que envolvem as grandes diferenças que marcam a cultura japonesa e a cultura brasileira. Em muitas ocasiões constatamos que o processo de vivência em território japonês necessitou de uma *adequação,* fato que é comum a todo estrangeiro em terras que não são as suas. Essa adaptação é um processo de "ganhos e perdas", um jogo de negociações para se acomodar à nova cultura local. Então, a telenovela passa a ser vista como uma espécie de espelho, de reflexo da sociedade brasileira na atualidade; enfim, um retrato do Brasil atualizado. A imagem atualizada de um País que alguns desses brasileiros não veem há anos ou há décadas.

A pesquisa também constatou que os sujeitos da pesquisa encontram na telenovela ecos de sua própria história ao relembrarem do seu passado no Brasil. Isso demonstra a força da telenovela como ancoradouro de sentimentos de identidade e de brasilidade revelando um lugar de espaço simbólico importante de mediação de relatos e lembranças para os sujeitos da pesquisa. A partir disso, investigaremos os indícios sobre a mediação da telenovela brasileira n a relação entre pais e filhos brasileiros que moram no Japão numa forma de aprofundamento do tema.

4.3 Os trabalhadores brasileiros no Japão

Em províncias com grande concentração de brasileiros como em Aichi[41] (cidade de Toyota) e Shizuoka (cidade de Hamamatsu), encontramos placas de orientação já traduzidas na língua portuguesa. A própria existência desses cartazes desvela uma situação ainda encontrada entre os brasileiros no Japão: o não domínio da língua japonesa. Muitos brasileiros que moram há muito tempo no país ainda não dominam o idioma japonês. Para muitos, existe a dificuldade de se aprender a língua japonesa, pois seu modo de escrita e seus fonemas estruturais são bem diferentes da língua portuguesa. Porém, também há outros fatores que podem ser considerados, como o apoio dado pelas cidades aos imigrantes com tradutores em hospitais e prefeituras que, ao mesmo tempo em que facilita a vida dos estrangeiros, também evita a necessidade da utilização da língua japonesa, o que dificulta no desenvolvimento da fluência no idioma. Hamamatsu[42], na província de Shizuoka, por ser uma cidade com grande concentração de brasileiros mantém um sistema de apoio ao brasileiro com tradutores e facilitadores nos órgãos públicos e nos locais de trabalho desses estrangeiros.

Muitos brasileiros que chegaram ao Japão tinham a intenção de retornar ao Brasil, então, aprender a língua japonesa, não era, pelo menos no início, um imperativo para aqueles que ficariam apenas um curto espaço de tempo no estrangeiro. Na verdade suas vidas eram pautadas pela ideia de trabalhar e retornar ao Brasil. A antropóloga Lili Kawamura (2003) explica essa dinâmica de vida baseada no trabalho, pois, como a maioria dos brasileiros trabalhadores no Japão mantém-se ligados à ideia do retorno ao Brasil depois de alcançar o sucesso financeiro no exterior, é a dedicação ao trabalho que acaba por pontuar o âmbito da vida privada desses imigrantes.

> A maior parte da vida dos imigrantes brasileiros é dedicada ao trabalho, situação que se acentua em épocas de abundância de horas extras. No entanto, a mudança espacial para um país estrangeiro (migração internacional) requer a inserção dos trabalhadores em outros setores da vida social, a fim de suprir sua necessidade de moradia, alimentação, educação, saúde, lazer etc. O tempo livre, reduzido, é usado para cuidar da sobrevivência (comer, fazer compras, dormir, cuidar dos afazeres domésticos, cuidar dos filhos etc.), e restam poucas horas diárias para o lazer, principalmente considerando-se o sábado como um dia de trabalho normal. (KAWAMURA, 2003, p. 156).

Tal situação é diferente nos grandes centros urbanos como Tokyo. A necessidade de domínio da língua japonesa é mais urgente para os que moram em regiões centrais nas quais

---

[41] A província (tipo de Estado) de Shizuoka possui a segunda maior concentração de brasileiros registrados no Japão. Com um total de 27.993 brasileiros sendo 15.096 homens e 12.897 mulheres. A primeira colocada é a Província de Aichi com 54.566 brasileiros (29.501 homenes e 25.065 mulheres). Fonte: Ministério da Justiça do Japão *[Nacionalidade de estrangeiros por idade e gênero]*, 2018b.

[42] Hamamatsu é a cidade com maior concentração de brasileiros no Japão e fica na província de Shizuoka.

há mais ofertas de trabalho para uma mão de obra especializada. Em tais regiões, saber a língua é um diferencial importante para sobreviver no competitivo mercado de trabalho. Talvez por isso, na cidade de Tokyo e arredores, particularmente, encontremos mutirões de ensino da língua japonesa, bem como professores especializados no ensino da língua tanto portuguesa para japoneses como da língua japonesa para brasileiros. A cidade de Hamamatsu, considerada por muitos como uma das mais brasileiras do Japão, concentra também escolas de língua japonesa como o oferecido pela JICE - *Japan Internacional Cooperation Center*, que mantém convênio com o governo japonês por meio do Ministério da Saúde, Bem Estar Social e do Trabalho com o objetivo de inserir no mercado trabalhadores mais qualificados, o que também resultaria em melhores salários para os trabalhadores. Há provas de admissão em que, dependendo da nota do candidato e da sua situação financeira comprovada, o aluno recebe uma quantia em dinheiro até a conclusão do curso. O curso de ensino profissionalizante da língua japonesa é gratuito e também visa a treinar o candidato sobre o comportamento adequado no campo profissional. Esse sistema tem beneficiado muitos brasileiros e estrangeiros em busca de inserção no mercado de trabalho japonês.

Constatamos que as famílias brasileiras que vivem no Japão acabam por misturar a sua cultura e seu modo de viver com o modo local, pois, segundo Kawamura (2003), essas vivências partilhadas, no estilo da cultura ocidental brasileira e no estilo da cultura oriental japonesa, configuram um processo de concepção das relações sociais de um lado e de outro, ou seja, do estrangeiro e do nativo, em que a base cultural do ser, seu *background* cultural se cruza e se mescla.

> A partir de encontros e desencontros culturais nas comunicações informais entre japoneses e brasileiros, ocorre um processo de apreensão das diferenças culturais pelos interlocutores que, devido à repetição de situações similares em vários contextos sociais, formam um imaginário sobre o outro, baseando em ideias preconcebidas. Esse imaginário vai se difundindo entre as demais pessoas, passando por reformulações, segundo o *background* cultural dos participantes do processo, facilitando ou dificultando as relações sociais entre os que pertencem a uma categoria (estrangeiros) e os que pertencem a outra (japoneses). Por outro lado, o imaginário passa a compor um novo elemento na formação do imigrante brasileiro. (KAWAMURA, 2003, p. 173).

No caso da comparação com as famílias de japoneses e brasileiros, deve-se frisar ainda que, nas famílias japonesas do Japão, a mulher tem um papel importante na estrutura da vida familiar, pois ela fica em contato com o "interior" da família, deve estar sempre presente e é a responsável pelo andamento da casa, inclusive pelo controle financeiro dela. Enquanto o homem é responsável pelo suprimento financeiro através do trabalho. Nesse sentido, nas famílias japonesas, "o papel doméstico das mulheres é valorizado por sua elevada influência

na educação dos filhos, sendo frequentemente chamada a participar da orientação deles nas atividades extracurriculares." (KAWAMURA, 2003, p. 160). Porém, em famílias de brasileiros que moram no Japão, a dinâmica é diferente:

> A família *nikkey*[43] brasileira, no Japão, diferentemente da japonesa, não se sente responsável pela *performance* do marido na empresa; tanto a mulher quanto o marido trabalham em tempo integral, restando pouco tempo para o cuidado com a educação dos filhos e os afazeres domésticos. (KAWAMURA, 2003, p. 160).

Investigar e entender a segunda geração de brasileiros dentro dessa dinâmica familiar, pautada no objetivo do trabalho, é um dos desafios a qual nos propomos nessa fase da pesquisa. Pois, em contato com essas famílias já foi possível observar que há muitas outras questões envolvidas quando se trata da segunda geração, dos filhos dos imigrantes brasileiros que moram no Japão. Além da questão da língua, essas crianças, geralmente nasceram no Japão ou foram muito pequenas, com seus pais para o estrangeiro. Isso quer dizer que ela cresceu envolvida em duas situações: a) convívio com o local – com a língua dominante japonesa, com o modo social da vivência local e, principalmente acostumada com a cultura local japonesa ou; b) em contato com o mundo brasileiro – com a língua dominante em português, principalmente quando estuda em escola brasileira no Japão, conversa em casa fluentemente com os pais e amigos brasileiros, mas não compartilha muito do universo japonês, mantendo suas amizades e seu círculo social mais ligado à cultura brasileira dos seus pais.

Há outra condição que se descortinou para mim, quando conheci de perto pessoas que são filhos de imigrantes brasileiros: eles não compreendem muito bem seu lugar no mundo, pois, não entendem bem a língua dos pais e avós, e por muitos motivos, são considerados estrangeiros no Japão[44], apesar de terem nascido no país e, principalmente, eles não compreendem por que são brasileiros quando sentem mais identificação com o mundo japonês no qual estão inseridos. A seguir um pequeno trecho da redação de uma pessoa nessa situação.

Mesmo com esta aparência de japonesa, sou brasileira. Desde pequena sempre questionava o fato de ser brasileira, pois na minha casa comíamos pratos típicos brasileiros e meus pais conversavam em português.

[43] *Nikkey* significa o indivíduo descendente de japoneses que nasceu fora do Japão. No Brasil usa-se essa denominação para filhos ou netos de japoneses que mantém as características fenotípicas dos japoneses.

[44] No Japão o sistema de reconhecimento ocorre via *jus sanguinis*, ou seja, de acordo com a nacionalidade dos pais. No Brasil o sistema adotado é *jus soli* que reconhece como cidadão, a pessoa que nasce em seu território. Dessa forma, os brasileiros que nascem no Japão são considerados estrangeiros, e possuem cidadania brasileira.

Na escola primária e secundária falava somente a língua japonesa e não entendia o porquê de ser brasileira. Até ingressar na faculdade e estudar a língua portuguesa, pensava desta forma. Através destas experiências que obtive desde pequena, ser brasileira e não falar o português era um fato muito estranho.
Até a algum tempo atrás, por não saber qual era a minha identidade, não aceitava o meu nome [Camila[45]]. Estava perdida e não me identificava com o Brasil. Ingressando na faculdade, participando de várias atividades, estudando o português, estudando a cultura brasileira, pude entender e compreender o significado do meu nome, a minha identidade e hoje tenho muito orgulho de ser brasileira. Agora sei o quanto o Brasil é importante para mim e adoro o Brasil, mesmo sem conhecer pessoalmente.

Camila não compreendia bem seu lugar no mundo. Esse é apenas um pequeno trecho dos questionamentos e conflitos pelos quais passam os filhos de imigrantes brasileiros. Há muitos outros pontos inusitados que se mesclam nessa situação de viver entre/em dois mundos. E, compreender o papel da telenovela, que já funciona como um dispositivo de ativar a língua portuguesa, formar consumidores para a moda e os costumes brasileiros, assim como reconhecer-se como brasileiro a partir das tramas mostradas na telenovela - essas foram algumas constatações no Mestrado - é o que pretendemos continuar a perscrutar nesta nova investigação, dessa vez, pensando na segunda geração.

[45] Nome fictício. Esse depoimento foi registrado em novembro de 2014.

5 A SEGUNDA GERAÇÃO

A seguir, discutiremos as questões intergeracionais familiares em relação aos valores dos pais e dos filhos sob a perspectiva da vida cotidiana. E, quando pensamos nas relações entre pais e filhos de uma família em sua vida cotidiana, precisamos considerar também a questão da transmissão cultural de geração a geração e as diferenças que isso significa para o cotidiano de pais e filhos de uma mesma família. Faremos aqui uma discussão do ponto de vista da geração, considerando não a questão da idade geracional, mas a geração em função da transmissão da cultura, dos valores e marcadores que diferenciam a geração dos pais da geração dos filhos. Para tal, não será o recorte temporal, da idade, que estará em questão, e sim, as considerações sobre a posição pai/mãe e filho/filha dentro da família. Trata-se, portanto, de uma discussão de conceitos e implicações sobre a questão das relações intergeracionais familiares dentro do âmbito da vida cotidiana.

Trataremos a realidade da vida cotidiana, considerando a visão de Berger e Luckmann (2012), segundo a qual a realidade da vida cotidiana é um conhecimento que dirige a conduta, também pensaremos na instância da vida cotidiana como substância social da história com Agnes Heller (2008) e na interação dialética das mudanças na natureza da vida cotidiana com Anthony Giddens (1991). Dessa forma, é a vida entendida pelo homem no sentido de um ser social imerso dentro de padrões, normas, formas de conduta e pensamento já existente e que conduzem sua ação e seu jeito de estruturar e pensar a vida.

Mas, o que significa isso para a nossa pesquisa? Essa vida cotidiana descrita por Berger e Luckmann irá considerar que já existem "coisas" prontas para o ser social que está inserido nessa "maneira" de pensar e ver a vida. Disso decorre que a vida cotidiana na interação com a vida social do ser humano buscará nas bases já construídas - aqui chamadas de "tipificações[46]" de conduta, comportamento, jeito de falar etc. - formas para tratar com o outro. Então, a interação social passa pelo aqui/agora da vida cotidiana do sujeito, e na medida em que essas novas "tipificações" são incorporadas, um novo jeito de falar, pensar ou agir, que é resultado da interação com o outro, essas novas "tipificações" se tornam

[46] O termo é utilizado pelos autores no sentido das propriedades/características que já estão inseridas socialmente no ser, ou que são inerentes à identidade do ser. É possível apreender esse sentido no trecho: "A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como 'lidamos' com eles nos encontros face a face. Assim, apreendo o outro como 'homem', 'europeu', 'comprador', 'tipo jovial', etc. Todas estas tipificações afetam continuamente minha interação com o outro, por exemplo, quando decido divertir-me com ele na cidade antes de tentar vender-lhe meu produto. Nossa interação face a face será modelada por estas tipificações". (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 48).

progressivamente anônimas, pois são progressivamente incorporadas ao sujeito. Então, as estruturas sociais são construídas a partir da realidade da vida cotidiana desses sujeitos.

> A estrutura social é a soma das tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meios delas. Assim, sendo a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.51).

Se o indivíduo e o mundo que o cerca atuam para a construção de uma realidade social, então ela é construída a partir dessa interação do ser individual e do ser social. Exatamente nessa construção social que se firmam os hábitos, as formas culturais, os significados etc. que serão transmitidos de geração para geração. Com isso, consideramos que a realidade social do ser no seu tempo, na sua geração – com seus hábitos, culturas e significados - serão os norteadores das decisões e valores que esses pais (essa geração de pessoas) discutirão/transmitirão a seus filhos.

Neste sentido, gostaríamos de enfatizar a importância da linguagem e dos discursos no cotidiano. Conforme Bakhtin "Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem." (BAKHTIN, 2003, p. 268).

> Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes [...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Motter (1998) trabalha a questão da telenovela no cotidiano das pessoas e dimensiona a ficção e a realidade no espaço social a partir das tramas apresentadas. "Uma das características da telenovela é o seu caráter polêmico, o que a inclui entre os discursos democráticos" (MOTTER, 1998, p. 100).

No caso dos brasileiros no Japão, em essência, é a realidade em construção dos pais que será confrontada com a realidade em construção dos filhos. E, exatamente porque a realidade dos filhos e dos pais está em constante construção/definição/aceitação ou não, é que ocorrem os embates de valores, comportamentos, pensamentos, ideologias etc.

5.1 Indivíduo como parte da sociedade

A sociedade está em constante processo de formação e acomodação, instituindo-se ao mesmo tempo como base e também contribuindo para as mudanças que ocorrem dentro do corpo social de quem participa dela, nesse sentido Bauman (2001, p. 19) reflete sobre a

sociedade na modernidade em que "está em jogo um novo tipo de guerra na era da modernidade líquida: não a conquista de um novo território, mas a destruição das muralhas que impedem o fluxo dos novos e fluídos poderes globais". Já Berger e Luckmann (2012) consideram a sociedade constituída por uma realidade ao mesmo tempo subjetiva e objetiva em que o indivíduo não nasce parte integrante, mas necessita tornar-se membro dessa sociedade. Nesse sentido, existe um mundo objetivo na realidade social, mas o indivíduo precisa a partir da sua interiorização compreender os significados subjacentes do outro e apreender esse mundo como uma realidade social dotada de sentido.

> Na forma complexa da interiorização, não somente 'compreendo' os processos subjetivos momentâneos do outro mas 'compreendo' o mundo em que vive e esse mundo torna-se o meu próprio. Isto pressupõe que ele e eu participamos do tempo de um modo que não é apenas efêmero e numa perspectiva ampla, que liga intersubjetivamente as sequências de situações. Agora, cada um de nós não somente compreende as definições das situações partilhadas mas somos capazes de defini-las reciprocamente. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 168).

Os autores pressupõem que, em um primeiro momento o indivíduo interiorize aquilo que observa e, num segundo momento ele compreenda e partilhe as suas significações. Somente depois desse processo é que o indivíduo torna-se membro da sociedade. Observando o raciocínio de Berger e Luckmann (2012), uma vez membro da sociedade e do que significa esse mundo objetivo social, o indivíduo será exposto aos aspectos que o cercam, sua condição social, cultural, de classe, financeira, geográfica etc. Dessa forma a realidade social desse membro será a construção do embate individual objetivo (daquilo a que é exposto) com o embate subjetivo (daquilo que ele interioriza e significa) e a relação de mediação com o que o cerca. Essa primeira mediação é chamada pelos autores como a primeira socialização, ou a socialização primária[47], que ocorre carregada de alto grau de emoção e se realiza frente a um processo de identificação. "Assim, a criança das classes inferiores não somente absorve uma perspectiva própria da classe inferior a respeito do mundo social, mas absorve esta percepção com a coloração particular que lhe é dada por seus pais". (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 170). Então, o processo de pertencer e identificar-se no mundo também é, em grande parte, uma extensão objetiva transmitida pelos seus pais. É importante observar que a transmissão feita pelos pais é uma mediação geracional. Já em relação ao indivíduo, o que vem antes, o que já está estabelecido anteriormente à sua própria existência será a mediação objetiva da

[47] Para os autores, o processo de tornar-se membro da sociedade é a primeira socialização que se experimenta na infância. "A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade." (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 169).

realidade cotidiana. E, essa mediação depende da interiorização do ser, da sua aceitação ou não naquilo que lhe é apresentado.

5.2 Família e sociedade

A definição da família na sociedade pode não ser uma coisa simples, pois a constituição da família, ou o que a sociedade considera como laços de família podem depender das estruturas do que cada sociedade entende ou mantém como regra socialmente aceita. Se pensarmos nos dias atuais, em que a constituição familiar aceita socialmente está em plena transformação (GIDDENS, 1993, 2002), com os novos arranjos familiares, fica mais complexo ainda. Consideramos, de início, o pensamento da família nuclear patriarcal para verificarmos que, na prática, cada sociedade está construindo ou solidificando sua própria aceitação sobre o que é a família. Fica ainda mais complexo se considerarmos que não se trata de um estado de "boa vontade", mas que a família como instituição social é um dos pilares que sustentam a sociedade. Família significa descendência de nome (questão de identidade do ser), partilha de bens (questões de divisões de herança, que mexe com as estruturas da sociedade civil), aceitação de novos formatos de família (formas de união estável entre pessoas do mesmo sexo, adoção, agregados etc.), além das questões internas de autoridade (sistema funcional nuclear patriarcal, por exemplo). Tudo isso reflete e refrata na constituição social de um povo. Segundo Casey (1992), ajuda-nos a entender essa noção, quando considerarmos que não é um conceito a partir do individual, mas sim do modo como se opera uma cultura local, as normas que são aceitas, as negociações individuais partilhadas com a aceitação social.

> As estruturas familiares não constituem instituições isoladas; na verdade, são adaptações imperfeitas da psique humana à cultura e ecologia de uma área particular. O interessante não são as "estruturas", que realmente não nos ajudam a compreender a complexidade de uma sociedade local, porém o modo como as normas de conduta se desenvolvem e podem ser adaptadas às necessidades individuais. (CASEY, 1992, p. 23).

Neste trabalho, estamos discutindo o conceito de família, pois ela é a tessitura sob a qual faremos as nossas discussões intergeracionais. Porque o nosso foco principal é a discussão sobre a relação entre pais e filhos que se estruturam dentro de uma "instituição social" conhecida como família. Mas, de fato, definir essa "instituição social" não é tarefa fácil. Segundo Sarti (1995), a dificuldade de se entender essa definição talvez seja porque ela é algo muito próximo a nós e que se mistura com a nossa própria identidade. Devemos considerar também que "a família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de

relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação". (SARTI, 1995, p. 39).

Nos tempos atuais, a individualidade do ser adquire cada vez mais uma importância social e as relações estruturais da sociedade estão em pleno processo de rearranjo, tanto intrafamiliares (relações dos indivíduos que compõe a família) quanto interfamiliares (relações entre as famílias na sociedade), ambas em "rearranjo ou remodelação" social. Sarti (1995) aponta a afirmação da individualidade como um dos propulsores para as mudanças que atingiram as relações familiares e sociais. Para a autora, a constituição da estrutura familiar interna está diretamente ligada à lógica das relações sociais a qual pertence.

> A família é uma esfera social marcada pela diferença complementar, tanto na relação entre marido e mulher quanto entre os pais e os filhos. O caráter relacional da família corresponde à lógica de sua própria constituição. Embora comporte relações de tipo igualitário, a família implica autoridade, pela sua função de socialização dos menores como instituinte da regra. O que se põe em questão, na família, com a introdução da individualidade, não é a autoridade em si, mas o princípio da hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional. (SARTI, 1995, p. 43).

Quando tratamos a questão da autoridade familiar, dentro da família, qualquer que seja a estrutura de "mando familiar social interno" – patriarcal, matriarcal ou partilhado - o que ocorre é que a geração posterior de filhos ou descendentes questionam, negociam e criam embates em relação à autoridade dos pais. Os filhos, principalmente na adolescência, começam a descobrir o seu próprio mundo social, necessitam de espaço e também de afirmação de sua identidade. Talvez, a forma primeira dessa afirmação seja um período conhecido como "rebeldia", que em relação aos pais, se traduz em contestar a autoridade familiar na tentativa de desvelar sua própria identidade e conquistar o "seu lugar no mundo". John e Santos (2010, p. 2), discutem o conceito de família ao analisar as composições familiares a partir da telenovela. Os autores reafirmam a dificuldade de trabalhar com tema amplo e ao mesmo tempo conhecido de todos. "O conceito de família está diretamente ligado aos valores sociais que regem cada sociedade e ao período histórico em que estas se encontram. Não há, portanto, um modelo ou conceito definitivo do que é família". Segundo os autores o modelo nuclear patriarcal ainda é predominante e considerado como o "normal". Jacks e Caparrelli (2006) investigaram a questão da recepção relacionando com o tripé: televisão, família e identidade e verificaram que a vida das famílias está intimamente ligada ao meio social local em que vivem, então, "os espaços simbólicos de identidade referem-se em grande parte aos mundos aos quais as famílias têm tido acesso através das novas tecnologias, especialmente da TV a cabo e da internet" (JACKS; CAPARRELLI, 2006, p.

238). Nesse trabalho, precisamos considerar que a partir da família, do meio social e todas as transformações a que o sujeito está exposto, o lugar que o sujeito constrói, ou seja, esse "lugar no mundo" se refere ao mundo social construído conforme Berger e Luckmann (2012).

Esse espaço de "lugar no mundo" é uma construção social da realidade que esses adolescentes almejam conquistar, um cotidiano social familiar em que sua identidade, posição e realidade estão em construção. Logicamente é uma negociação interna, um embate subjetivo do ser para se aceitar e para se sentir parte do mundo social objetivo.

Portanto, apesar das dificuldades, e após estabelecermos alguns parâmetros para a discussão acerca da definição de família, entenderemos a família, neste trabalho a partir de Giddens (2017, p. 195), "família é um grupo de pessoas diretamente ligadas por laços de parentesco, em que os membros adultos assumem a responsabilidade pelo cuidado das crianças". Mas, conscientes de que, ainda segundo o autor, "hoje existe uma diversidade de formatos familiares em diferentes sociedades no mundo" (2017, p. 195). Giddens (2017) corrobora com a ideia da constituição da família ser estruturada no sistema social a qual pertence. Isso quer dizer que são muitas as variáveis a considerar quando pretendemos entender a definição de família. Como exemplo, Giddens (2017) explicita: o sistema político nacional e os governos, a migração do homem do campo para a cidade, as oportunidade de emprego longe da terra, as persistentes divisões de classe e o próprio curso da vida.

Giddens (2017) concorda com a análise de Pahl (1989) sobre as relações de poder, pois nem sempre a família se constitui de forma cooperativa com apoio mútuo. Em alguns casos, "as famílias possuem relações de poder extremamente desiguais que beneficiam alguns membros da família e colocam outros em desvantagens". (PAHL apud GIDDENS, 2017, p. 196). Outra percepção de Giddens (2017) são as relações de gênero: o sistema capitalista inicial separou o doméstico (esfera da mulher) do profissional (esfera do homem), criando a divisão do mundo privado e particular. Isso, de certa maneira, possibilitou que no foro íntimo e privado da família ocorressem casos de opressão de gênero e abusos físicos e emocionais. Assim, finalmente, o autor assinala que na contemporaneidade, o fenômeno da globalização possibilitou o surgimento de novos padrões familiares "uma vez que a globalização aproximou as culturas" (GIDDENS, 2017, p. 1967).

Dessa forma, é inegável considerar as novas formações de família, pois a contemporaneidade trouxe novas estruturas de viver - novas estruturas sociais e econômicas da modernidade (GIDDENS, 2002) e, isso mexeu amplamente com os vários setores individuais do homem. Por exemplo, nas relações de trabalho, nas relações sociais, nas relações familiares etc. Numa visão macro, essas mudanças causaram e ainda estão causando

os ajustes sociais, culturais e econômicos das sociedades. A família nuclear ainda continua sendo um ponto de partida histórico e social, mas outros arranjos foram sendo instituídos. Giddens (2017) aponta para o reconhecimento progressista cada vez mais amplo do direito das mulheres, das crianças, da aceitação de união entre pessoas de mesmo sexo, assim como, mudanças na forma da família nuclear "considerando os índices relativamente altos de rompimentos e divórcios que resultam em um maior número de famílias com um pai só e com uma pessoa só" (GIDDENS, 2017, p. 198).

5.3 Relações intergeracionais

Este trabalho discute a questão da relação intergeracional, ou seja, a relação entre as gerações. Para definirmos o conceito que utilizamos ao longo da pesquisa, buscamos apoio nas cinco definições discutidas por FERRIGNO[48] (2013):

1) Geração como um grupo de pessoas nascidas na mesma época;
2) Geração relacionada com o universo da família: avós, pais e filhos;
3) Geração como número de anos entre a idade dos pais e a dos filhos;
4) Geração como política social das fases escolar, de trabalho e de aposentadoria;
5) Ou segundo Karl Mannheim, com a geração relacionada às mudanças sociais, identidade coletiva através da experiência social histórica.

Cada uma das definições acima trabalha a geração sob uma perspectiva diferente, temos: (1) por terem nascido na mesma época, independente de outras semelhanças ou diferenças; (2) pelo universo familiar, assim pais não precisam necessariamente possuir a mesma idade, eles serão da mesma geração porque o que aos une é o fato em comum de serem pais; (3) pela contagem de anos que separa os pais dos filhos, então temos a geração dos pais e a dos filhos, não importando em qual época esteja; (4) pelas fases sociais, podemos ter a geração de universitários, por exemplo; (5) relacionada aos fatos históricos sociais que identificam os sujeitos.

Cabe ressaltar que trabalhamos com a noção intergeracional no sentido da relação entre as gerações no universo familiar (2) – geração relacionada com o universo da família, pais e filhos - que considera os papéis de pais e filhos, e não propriamente a idade deles ou entre eles. É claro que as análises e comparações estarão ancoradas num tempo determinado, mas o número de anos entre pais e filhos não nos importará, e sim, o papel pai/mãe e filho/filha num determinado espaço social e tempo histórico.

[48] Ferrigno (2013) baseia-se nos estudos de Sara Aber e Claudine Attias-Donfut, no livro *The Myth of generational conflict: the Family and state in ageing societies*, Nova York: Routledge, 2000. p. 2-4.

5.4 Geração e transmissão

Em termos discursivos Homi Bhabha (1998) estuda os discursos que se reproduzem consolidando uma espécie de representação de uma mínima diferença que ele vai chamar por "mímica". Então, o discurso colonial se perpetua, como uma espécie de memória discursiva que vai produzindo deslizamentos pela "*ambivalência*" da mímica. "O que vale dizer que o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência; para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença." (BHABHA, 1998, p. 130, grifo do autor). Suzuki e Mungioli (2017) discutem a construção cultural de nacionalidade a partir de formas discursivas demonstrando como é possível perceber as estratégias de compreensão da identidade cultural e social em um estudo de caso entre marido e mulher, imersos em uma situação em que a cultura do esposo é diferente da cultura de sua esposa. Nesse sentido as memórias discursivas são "transmitidas" e "repetidas" pelos sujeitos por meio de sua cultura. E, a partir disso Orlandi (2007) analisa a memória discursiva que ocasiona o mimetismo na maneira específica de se dizer algo que reproduz "o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas". (ORLANDI, 2007, 65).

Em nosso trabalho, como analisamos a produção dos enunciados numa formação discursiva, então também, consideramos a questão da transmissão em termos discursivos. E, para discutirmos as relações intergeracionais precisamos considerar alguns elementos essenciais interligados entre si: a família, a geração e a transmissão. A família é um ponto inicial e um elemento importantíssimo para o desenvolvimento do ser humano, pois é a sua primeira estrutura social organizada, que o contém e em que ele está contido simultaneamente. É um tema muito abarcante e ao mesmo tempo comum, quer dizer, todos nós passamos pela experiência da família mesmo que seja pela experiência de sua ausência. A família é a estrutura social que nos deparamos ao nascer, e que influenciará nossas ações, comportamentos, pensamentos e será nosso modelo básico inicial para a vida. É a partir dela que faremos a "socialização primária" (BERGER; LUCKMANN, 2012) na qual o processo de interiorização se efetivará para a aceitação e o entendimento social de mundo[49].

> Todos nós, em nosso percurso de vida, estamos repetidamente nos confrontando com situações, encontros e acontecimentos que se tornam fonte de transmissão e de

[49] Vitale (1995) explica o processo da socialização primária de Berger e Luckmann da seguinte forma: "A socialização primária é entendida como interiorização da realidade a partir da relação entre a criança e os outros significados. [...] A criança vai se identificando com os outros significativos através de inúmeros mecanismos emocionais, absorvendo os papéis e as atitudes destes 'outros', isto é, por meio desta identificação vai se desenvolvendo o processo de construção da identidade". (VITALE, 1995, p. 90).

> transformação daquela realidade que foi interiorizada pelo processo de socialização primária. (VITALE, 1995, p. 90).

Então a família é o pano de fundo sobre o qual o indivíduo nasce já contido/inserido, e que lhe proporcionará alguns marcadores sociais, culturais e econômicos prontos. É a partir desse *background*[50] individual (recebido no nascimento) e social (contexto de época em que se nasce), que as relações intergeracionais, entre pais e filhos, vão se construindo e, assim, ocorrem as transmissões de cultura, de ideias, de valores, comportamentos etc. Também vamos lembrar que aqui estamos lidando com o cotidiano, com o homem social que nasce nesse cotidiano pronto e que se orienta segundo seus usos.

> Em todos os estágios do desenvolvimento social, o homem nasce num mundo já "feito", numa estrutura consuetudinária já "feita". Deve então assimilar esses usos, do mesmo modo como assimila as experiências de trabalho. Desse modo, toma posse da história humana, "ingressa" na história, e esse é o marco em que o homem consegue se orientar. (HELLER, 2008, p. 116, grifo da autora).

Quando pensamos nessa transmissão intergeracional, temos que considerar a cultura na qual estão inseridos esses indivíduos. Martín-Barbero (2008) discorre sobre a questão da cultura com seus embates e processos de reconhecimento discutindo desde a questão da hegemonia com Gramsci, passando por Canclini, a indústria cultural e chega nas questões dos usos do cotidiano de Certeau. Nesse percurso, o autor vai pontuando historicamente as camadas de entendimento sobre a cultura relacionada à cultura popular, de massa e erudita e, apresenta um olhar da *cultura comum* ligado à tradição democrática no eixo da cultura da classe trabalhadora reafirmando a complexa dinâmica dos processos culturais contemporâneos.

A cultura que pensamos aqui é a cultura formadora do indivíduo que será herdada da cultura do grupo; concordando com Eliot (2011, p. 26) temos que "a cultura de um indivíduo não pode ser isolada daquela do grupo, e que a cultura do grupo não pode ser abstraída daquela do conjunto da sociedade". Neste trabalho, consideramos a cultura de acordo com Eliot (2011), para quem os termos *indivíduo*, *grupo* ou *classe* e *conjunto da sociedade* devem ser considerados para se entender a cultura. Pois, "a cultura de um indivíduo é dependente da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura de um grupo ou classe é dependente da cultura do conjunto da sociedade à qual pertence aquele grupo ou classe." (ELIOT, 2011, p. 23). A cultura do indivíduo é contrastada com o *background* da cultura do grupo e da sociedade, logo, a formação individual do ser é um composto do conjunto social em que ele está inserido.

---

[50] Entenderemos *background* aqui como o plano de fundo, o antecedente, ou o contexto que cerca o ser.

> As relações intergeracionais compõe o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo. As gerações, no entanto, estão construídas umas em relação às outras. (VITALE, 1995, p. 91).

Existe uma estrutura interna dentro da formação da família em que cada um desempenha uma função/papel. Isso significa que existem deveres e obrigações, que implicam alguma forma de hierarquia e que garante o funcionamento dessa estrutura.

> As famílias hierárquicas são claramente definidas em termos de papéis, de posições por idade e por sexo. Dessa forma, há uma caracterização bastante distinta dos papéis de adulto-criança, homem-mulher. Essas definições se traduzem em indicadores visíveis e reconhecidos por todos os componentes do sistema. (VITALE, 1995, p. 91)

Heller (2008) vai discutir a função do "papel social" num sentido amplo que norteia as categorias elementares da vida social. Para a autora é aceitável certa imitação, pois a vida social não conseguiria organizar-se sem a mímese humana. "O caráter estruturado do uso, a presença simultânea de várias reações consuetudinárias é um dos pressupostos da função 'papel'". (HELLER, 2008, p. 117). Então, é preciso um sistema a que todos reconheçam minimamente por costume ou tradição aceitando estereotipias necessárias para que o sistema social possa ser entendido por todos, logo, a função ou o papel ajudaria, num primeiro momento a categorizar, mesmo que mentalmente alguns entendimentos sociais.

> A sociedade não poderia funcionar se não contasse com sistemas consuetudinários de certo modo estereotipados. Esses sistemas constituem o fundamento do sistema de "reflexos condicionados" do homem, sistema que permite aos membros de uma sociedade mecanizar a maior parte de suas ações, praticá-las de, um modo instintivo (mas instintivo por aquisição, não como resíduo de uma estrutura biológica), ou seja, concentrar o pensamento, a força moral etc., nos pontos concretos exigidos pela realização de novas tarefas. (HELLER, 2008, p. 116, grifo da autora).

O trabalho de pesquisa de Dantas (2018) utiliza a o papel social para identificar como cada geração de mulheres da mesma família lida com os "lugares, posição, deveres" designados pela cultura quando faz a análise desses papéis em série televisiva.

> O "papel" pode ser indicativo para perceber (e questionar) o que seria esperado de cada sujeito, considerando as intersecções etárias e familiares, nas suas relações interpessoais. Assim, as posições dos sujeitos (filha, mãe, avó) devem ser pensadas de forma relacional e estão indissociavelmente ligadas a uma expectativa em relação a determinados modos de ser e de viver, produzidos culturalmente. (DANTAS, 2018, p. 43, grifo da autora).

Portanto é preciso considerar a relação entre os sujeitos da pesquisa levando em consideração o seu espaço social e o seu lugar dentro da família. E, quando esses papéis

começam a chegar a seus limítrofes, e em termos de relação intergeracional isso se traduz na criança tornando-se adulto; os momentos de rebeldia, contestação e afirmação começam a ser negociadas socialmente. “De um lado, certos valores transmitidos pelas gerações parentais podem se tornar inoperantes, mas de outro lado nem tudo aquilo que foi transmitido pode ser re-significado pelas novas gerações.” (VITALE, 1995, p.92). A psicologia também entende essa fase da construção dos papéis familiares a despeito das relações que vão se estabelecendo dentro da família. Fica claro, também que o contexto social vai moldando tanto as relações internas dentro da família como também a relação dessa família na sociedade. Marlene Marra (2008) observa essas relações da família “como um sistema relacional, no qual são transmitidas as necessidades individuais e as exigências sociais, um sistema que funciona imbricado numa teia relacional, em constante transformação”. (MARRA, 2008, p. 63).

Existe também outro fator importante a se considerar quando pensamos em construção social do indivíduo. Como o indivíduo está inserido em uma família e esta família na sociedade, então, o contexto ideológico, social, econômico, histórico da época também influencia na relação intergeracional. De modo que o indivíduo está atrelado à família e a um grupo social concreto e, nesse sentido “é perpassado também pelos discursos sociais e construções ideológicas vigentes no meio cultural mais amplo em que esse grupo se insere” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 96). Porém ao mesmo tempo em que o indivíduo pertence a uma família, que pertence a um grupo social, também essa relação da família com a sociedade ocorre como uma via de mão dupla: tanto uma é influenciada pela outra, como a influencia. A transmissão de identidades, culturas, comportamentos etc. transforma a sociedade e é também transformada por elas, pois segundo Rocha-Coutinho (2006, p. 97) “é na vida em família que são trabalhadas novas ideias, novos hábitos, levando ao questionamento da ideologia dominante” questionando e interferindo na formação social de um grupo.

Podemos perceber então que as mudanças sociais drásticas ocorridas principalmente na contemporaneidade, “o que está ocorrendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade (BAUMAN, 2001, p. 13), acabam por influenciar os hábitos, costumes e comportamentos da família atingindo de maneira diferente a geração dos pais e dos filhos, pois cada um possui uma experiência subjetiva diferente daquilo que vivencia. Concordando com Borges e Magalhães (2011), ressaltamos que “quanto maior o fluxo das mudanças sociais, maior é a discrepância entre as experiências de cada geração. Consequentemente, maior é a acentuação das diferenças intergeracionais” (BORGES; MAGALHÃES, 2011, p. 174).

Partindo do ponto inicial como referência, que é a família e, inserido no contexto social, o sujeito vai construindo a sua própria realidade social, e esse mundo social que está em transformação constante também vai influenciar a segunda geração de filhos ou a terceira de netos. Isso quer dizer que, cada um no seu tempo vai construindo a sua própria realidade social, só que esse tempo é diferente para cada sujeito. Por exemplo, quando os filhos estão construindo a sua realidade social, os pais já estão inseridos em uma que também está em construção, readequação e moldagem, porém em estágio diferente da dos filhos. Apesar de estarmos convivendo numa mesma sociedade em transformação, as bases que um considera na sua formação é diferente para outro. E, a velocidade dessas transformações têm se intensificado cada vez mais. Nesse sentido podemos entender que os valores e padrões que norteiam o indivíduo e que antes eram mais "estáveis" vão sendo transformados e, ao mesmo tempo transmitidos para as novas gerações. Disso decorre que essas novas transformações sociais que apoiam os pilares da formação subjetiva do indivíduo vão se tornando conflituosas em relação aos padrões e valores da geração passada. E, mesmo considerando que a geração dos pais ou avós também se encontre passível dos mesmos fatores transformadores que os filhos ou netos, essa geração de pais ou avós já possuem sua subjetividade consolidada, então, mesmo percebendo as mudanças, eles não as absorvem ao ponto de abandonar radicalmente suas construções efetivadas. Dessa forma, considerando as transformações da contemporaneidade, ou da pós-modernidade, é que convivem as diferenças geracionais.

> Estamos assistindo agora a um momento de indefinição e ausência de modelos fixos e imutáveis. Valores e padrões de comportamento tradicionais parecem coexistir, muitas vezes em conflito, com novos valores e padrões de comportamento no interior das famílias. Isto porque, apesar de a família desempenhar importante papel na transmissão e perpetuação de valores e comportamentos, esses não podem ser dissociados da realidade social mais ampla na qual a família está inserida. (BORGES; MAGALHÃES, 2011, p. 100-101).

Para essa reflexão sobre a relação intergeracional pensamos na questão da cultura e transmissão de valores entre pais e filhos de uma família. Para tanto, salientamos as questões do indivíduo inserido na sua realidade social e consideramos seu cotidiano familiar e social. Ao analisarmos as relações intergeracionais - entendidas aqui como a relação entre pais e filhos - procuramos compreender de que maneira a construção social do indivíduo se adequa e ajuda na formação da sua subjetividade. Como também essa discussão considera as mudanças sociais e as transformações históricas da sociedade, percebemos que tanto a família quanto a realidade social do indivíduo em construção contribuem para o processo de readequação e moldagem da sua subjetividade. Portanto, se é a partir da família que o indivíduo recebe e

percebe o mundo social, também é possível perceber que as transformações históricas, sociais, culturais dentro da sua realidade social constituirão os conflitos e as diferenças que serão salientadas no embate entre uma geração e outra. Isso não quer dizer que sejam embates no sentido negativo, mas apenas diferenças de pensamentos, valores e comportamentos que sutilmente podem caracterizar o jeito de uma geração pensar em relação a outra.

6 TELEVISÃO BRASILEIRA NO JAPÃO

Os conteúdos televisivos são veiculados no Japão com grade de programação própria da afiliada da Rede Globo no País, IPCTV. Os brasileiros que moram no Japão podem assistir às telenovelas em dois períodos: de manhã ou de noite. Algumas telenovelas e programas são reprisados de manhã, pois muitos brasileiros trabalham em turnos no Japão. Alguns trabalham de noite e podem assistir à telenovela somente de manhã, quando chegam do trabalho, antes de dormirem; enquanto outros que trabalham durante o dia assistem à telenovela de noite.

6.1 Análise da programação

O canal Globo Internacional (doravante TVGI) foi lançado em 1999 e está presente em 118 países. A programação do canal internacional é direcionada para brasileiros, portugueses e lusófonos espalhados pelo mundo. Sua transmissão acontece via satélite, cabo e IPTV[51], com qualidade digital que abrange os cinco continentes: África, América, Ásia, Europa e Oceania, atingindo no total 620 mil assinantes[52]. No Japão, a Globo Internacional está presente através da IPCTV, uma afiliada[53] da Rede Globo cuja programação pode ser acessada através da operadora SKY Perfect TV! (via satélite) ou através da operadora FiberTV (via IPTV).

A operadora FiberTV oferece também os canais brasileiros de Futebol da Globosat, a TV Mundial Internacional, a Rede Record além da programação da afiliada local da Globo, a IPCTV. Já a assinatura Sky Perfect TV! abrange 200 canais de televisão e 100 de rádios sendo que a TV Globo (através da IPCTV) e a TV Record são os dois canais brasileiros participantes. A taxa mensal varia de acordo com o pacote de canais escolhidos. No caso da programação da TVGI, as condições de acesso ao canal por assinatura estão disponíveis no site do IPCTV em língua portuguesa. O assinante pode dispor do serviço pelo valor mensal de ¥ 2.500,00 ienes (cerca de R$ 68,50 reais[54]) com opções de pagamento por débito automático em conta bancária, boleto ou cartão de crédito. Também é possível ao assinante assistir à

[51] IPTV (*Internet Protocol Television*) é uma forma de transmissão do sinal da Televisão via Protocolo IP cuja recepção é feita por set-top box (*decoder* do tipo da televisão por assinatura) transmitido na televisão ou em alguns casos por receptores de videogames conectados. É diferente da WEBTV cujo conteúdo é via *streaming* por internet e utiliza a rede Web. Na transmissão via IPTV, a distribuição do conteúdo é fechada como se fosse a uma intranet corporativa. É, portanto, uma conectividade da televisão usando a internet com garantia de qualidade na entrega do sinal.

[52] Fonte: Globo Internacional. Sobre. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/GloboInternacional/about/?ref=page_internal. Acesso em 10. Jan. 2017.

[53] A afiliada é uma empresa independente que se associa a uma emissora de televisão e distribui o seu conteúdo. A afiliada repassa o sinal da emissora geradora do conteúdo, mas também acrescenta seu conteúdo local.

[54] Conversão em 21 de janeiro de 2017, cotação de um iene por R$ 0,0274 real ou um real por ¥ 36,49 ienes.

programação da Globo no computador ou em redes móveis, e acessar os programas gravados em arquivo que ficam disponíveis por até 48h depois da sua exibição.

A IPCTV, uma afiliada no Japão da TV Globo Internacional (TVGI), oferece uma grade majoritariamente com conteúdos da programação da TV Globo internacional, que incluem as telenovelas e telejornais brasileiros, mas com uma grade própria com pequenas diferenças de horário da TVGI, pois é direcionado para os brasileiros moradores no Japão[55]. A grade de programação do canal TVGI transmitido pela IPCTV, leva em consideração a diferença de fuso horário entre os dois países, que é 12 horas adiantadas em relação ao horário de Brasília. Por isso, as telenovelas da Globo são veiculadas no Japão, no dia seguinte à veiculação no Brasil. Já os programas como *Vale a Pena Ver de Novo* que exibe reprises de telenovelas da Globo, não apresentam necessariamente as mesmas telenovelas que são exibidas no Brasil. Por exemplo, em janeiro de 2017, no Japão estava sendo exibida a telenovela *Caminho das Índias*, enquanto no Brasil estava sendo exibida a telenovela *Cheias de Charme*. Outra peculiaridade são as reprises que proporcionam maior flexibilidade para o público assistir a seus programas favoritos. As telenovelas das seis e das sete são veiculadas de manhã e de noite, já a telenovela das seis é veiculada somente de noite. Alguns programas tradicionais como, por exemplo, *Fantástico*, *Caldeirão do Huck*, também são exibidos. Os principais telejornais da emissora no Brasil também estão na grade de programação no Japão: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*.

Analisando a grade de programação do canal Globo Internacional veiculada através da afiliada IPCTV, temos algumas considerações. De terça a sábado a programação muda pouco em relação à exibição no Brasil, enquanto no domingo e na segunda-feira há alterações, pois a grade apresenta parte da programação com atraso de um dia. A grade de programação de segunda-feira no Brasil é relativamente veiculada a partir de terça-feira no Japão. A seguir apresentamos a grade de programação que foi exibida em 31 de janeiro de 2017 com a grade de programação exibida em 17 de julho de 2013.

Se considerarmos os programas classificados por gêneros, teremos um total de 1000 minutos de programação, contando até o início do último programa do dia 31de janeiro de 2017, pois a grade não informa o horário do término do programa. Portanto para efeito da contagem dos minutos na análise por categorias, o último programa *Vai que Cola* não será contabilizado. Já na tabela com a grade de programação de 17 de julho de 2013, separada por

[55] Fonte: Site IPCTV. Disponível em: http://ipctv.jp. Os horários dos programas citados foram atualizados segundo a grade vigente no site IPC+TV. Disponível em: http://ipctv.jp/tv/. Acesso em: 29 jan. 2017.

gêneros, o total de minutos contabilizado é de 1025, também contando até o horário de início do último programa do dia, *Estúdio I*.

Tabela 09. Grade de Programação da IPCTV em 31 de janeiro de 2017 (terça-feira)

Horário	Programa	Descritivo
00:00h	Hora Um	Telejornal com notícias do Brasil e do Mundo
01:10h	Estrelas	Programa de variedades
01:50	Caldeirão do Huck	Programa de auditório
04:10	Cidades e Soluções	Programa sobre Sustentabilidade
04:30h	Mais Você	Programa de variedades
05:40h	Terra da Gente	Programa sobre a natureza
06:20h	Globo Esporte	Telejornal esportivo
06:45h	Bom dia Brasil	Telejornal matutino brasileiro.
08:00h	Mundo S/A	Programa sobre o mundo corporativo
08:20h	Bem Estar	Programa que trata da saúde e bem estar
08:50	Encontro com Fátima Bernardes (reprise)	Programa de auditório
09:50h	Rock Story	Telenovela.
10:30h	Jornal Nacional	Telejornal nacional
11:15h	A Lei do Amor	Telenovela
12:05h	Globo Esporte (reprise)	Telejornal esportivo
12:30h	SPTV	Telejornal
13:10h	Jornal Hoje	Telejornal da tarde
13:50h	Vídeo Show	Programa de variedades
15:00h	Vale a Pena Ver de Novo (Caminho das Índias)	Programa de reprise de telenovela
16:00h	Encontro com Fátima Bernardes	Programa de auditório
17:00h	Jornal da Globo	Telejornal noturno
17:35h	Mais Você (reprise)	Programa de variedades
18:45h	Malhação	Soap Opera
19:15h	Sol Nascente	Telenovela
19:55h	Rock Story (reprise)	Telenovela
20:30h	Jornal Nacional (reprise)	Telejornal nacional
21:05h	A Lei do Amor (reprise)	Telenovela.
22:00h	Big Brother Brasil 2017	Programa de Reality Show
22:20h	Vai que Cola	Sitcom comédia

Fonte: Site IPC+TV. Disponível em: httphttp://ipctv.jp/tv/.

Tabela 10. Grade de Programação da IPCTV em 17 de julho de 2013 (quarta-feira)

Horário	Programa	Descritivo
05:30h	Telecursos	Programa educativo
06:30h	Bom dia Brasil	Telejornal matutino brasileiro
07:25h	Globo Rural	Programa sobre agropecuária brasileira
07:55h	Aprendendo Japonês	Ensino da língua japonesa para brasileiros
08:10	JPTV (reprise terça a sexta)	Telejornal local exclusivo para brasileiros
08:25h	Jornal Nacional	Telejornal nacional
09:05h	Sangue Bom	Telenovela
10:00h	Amor à Vida	Telenovela
11:05h	Encontro com Fátima Bernardes	Programa de variedades
12:20h	Globo Esporte SP	Telejornal esportivo
12:45h	Jornal Hoje	Telejornal da tarde
13:15h	Vídeo Show	Programa de variedades
14:00h	Vale a Pena Ver de Novo (Da Cor do Pecado)	Programa de reprise de Telenovela
14:50h	Mundo da Xuxa	Programa infantil
15:20h	Sítio do Pica Pau Amarelo	Programa infantil
15:45h	Jornal da Globo	Telejornal noturno
16:20h	Bem Estar	Programa que trata da saúde e bem estar
16:55h	Mais Você	Programa de variedades
18:10h	Malhação	Soap Opera
18:35h	Flor do Caribe	Telenovela
19:20h	Sangue Bom (reprise)	Telenovela
20:15h	JPTV (matriz segunda a quinta)	Telejornal local exclusivo para brasileiros
20:30h	Jornal Nacional (reprise)	Telejornal nacional
21:10h	Amor à Vida (reprise)	Telenovela
22:15h	Tapas e Beijos	Série de ficção televisiva
22:50h	Saramandaia	Telenovela
23:30h	Bom Dia Brasil (reprise)	Telejornal matutino brasileiro
00:25h	Programa do Jô	Programa de auditório
01:40h	Globo Esporte (reprise)	Telejornal esportivo
02:05h	Jornal Hoje (reprise)	Telejornal da tarde
02:35h	JPTV (reprise terça a sexta)	Telejornal local exclusivo para brasileiros
02:50h	Tapas e Beijos (reprise)	Série de ficção televisiva
03:25h	Sarau	Chico Pinheiros recebe músicos da MPB
03:45h	Cidades e Soluções	Programa sobre Sustentabilidade
04:10h	Estúdio I	Informação e notícias com as principais manchetes nacionais e internacionais

Fonte: IPCTV disponível em: http://www.ipctv.jp/programacao.html.

Tabela 11. Gêneros na programação da IPCTV- Japão em 31/01/2017 (terça-feira)

Classificação	Em minutos[56]	Porcentagem	Programas classificados
Programa temático	110	11%	Cidades e Soluções, Terra da Gente, Mundo S/A, Bem Estar
Telejornal - notícia	245	24,5%	Hora Um, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, SPTV, Jornal Nacional, Jornal da Globo
Programa de variedades	180	18%	Mais Você, Vídeo Show, Estrelas
Programa de auditório	200	20%	Caldeirão do Huck, Encontro com Fátima Bernardes
Esporte	25	2,5%	Globo Esporte
Soap Opera	30	3%	Malhação
Reality Show	20	2%	Big Brothrer Brasil 2017
Telenovelas (inéditas)	190	19%	Vale a Pena Ver de Novo, Sol Nascente, Rocky Story, A Lei do Amor
Total	**1000**		

O total de horas foi calculado sem as reprises. Classificação a partir do conteúdo do programa foi feita a partir dos dados obtidos no site da IPC+TV. Disponível em: httphttp://ipctv.jp/tv/.

Tabela 12. Gêneros na programação da IPCTV- Japão em 17/07/2013 (quarta-feira)

Classificação	Em minutos[57]	Em porcentagem	Programas classificados
Telecurso - Educativo	60	5,85%	Telecursos
Programa temático	110	10,73%	Globo Rural, Bem Estar, Sarau, Cidade e Soluções
Telejornal - notícia	175	17,07%	Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, JPTV, Jornal Nacional, Jornal da Globo
Programa de variedades	120	11,70%	Mais Você, Video Show
Programa de auditório	150	14,63%	Encontro com Fátima Bernardes, Jô Soares
Esporte	25	2,43%	Globo Esporte
Infantil	55	5,36%	Mundo da Xuxa, Sítio do Picapau Amarelo
Soap Opera	25	2,43%	Malhação
Série	35	3,41%	Tapas e Beijos
Programa exclusivo	15	1,46%	Aprendendo Japonês
Telenovelas (inéditas)	255	24,87%	Vale a Pena Ver de Novo, Flor do Caribe, Sangue Bom, Amor à Vida, Saramandaia
Total	**1025**		

O total de horas foi calculado sem as reprises. Classificação a partir do conteúdo do programa foi feita a partir dos dados obtidos no site da IPCTV em: http://www.ipctv.jp/programacao.html.

[56] A contagem foi considerada até o início do *Vai que Cola* (último programa do dia), pois não há marcação do término do programa na grade.

[57] A contagem foi considerada até o início do Estúdio I (último programa do dia), pois não há marcação do término do programa na grade.

Observando a grade de programação de 2017, os telejornais estão em primeiro lugar em horas de exibição, seguidos dos programas de auditórios e das telenovelas (em terceiro lugar). Precisamos considerar também que devido ao período de férias, a programação está alterada. Não há exibição da telenovela das onze horas e, entra o programa de entretenimento, o reality show *Big Brother Brasil*.

Em relação à grade de programação de 2013, não existe mais a programação específica – caso do noticiário local *JPTV* e do programa de ensino de língua japonesa *Aprendendo Japonês*. Os programas infantis e de telecurso educativo também não são mais exibidos no canal IPCTV. Em 2013, o valor da assinatura era de ¥ 4.200 ienes (cerca de R$ 93,25 reais[58]) e agora esse valor baixou para ¥ 2.500 ienes (cerca de R$ 68,50 reais[59]), o que nos faz presumir também um corte de gastos quanto aos investimentos em programas específicos produzidos no Japão. A última exibição do noticiário local *JPTV* foi em 30 de junho de 2015. A grade de programação de 2017 da IPCTV apresenta em sua composição 20,68% de programas que são reprisados, ou seja, dos 29 programas exibidos no dia 31 de janeiro de 2017, 06 são reprisados na programação: *Encontro com Fátima Bernardes*, *Mais Você*, *Globo Esporte*, *Jornal Nacional*, *Rocky Story* e *A Lei do Amor*.

As reprises nos indicam muito sobre os hábitos dos telespectadores brasileiros no Japão. Uma vez que suas vidas são pautadas pelo trabalho, a grade de programação direcionada para esse público também acompanha a realidade desses brasileiros. Ocorre que no Japão e, principalmente entre os brasileiros é muito comum postos de trabalho que funcionam em turnos, principalmente nas fábricas. Se por um lado o trabalhador japonês prefere o horário diurno, por outro, o trabalhador imigrante, visando um ganho maior com as horas extras, muitas vezes prefere trabalhar no turno da noite. Também é preciso pontuar que os postos de trabalho no período noturno sejam menos procurados pelos japoneses, sendo preenchidos na maioria pelos estrangeiros.

[58] Conversão em 17 de junho de 2014, cotação de um iene por R$ 0,0222 real ou um real por ¥ 45,04 ienes.
[59] Conversão em 21 de janeiro de 2017, cotação de um iene por R$ 0,0274 real ou um real por ¥ 36,49 ienes.

7 TELENOVELA BRASILEIRA

Esse capítulo discute a telenovela no Brasil, os sentidos de memória e identidade em um mundo globalizado. Também apresentamos a telenovela das nove que estava sendo exibida na época da coleta de dados no Japão, seus temas e algumas de suas tramas principais.

7.1 Televisão e telenovela

Entendemos a televisão e seus programas como mediações das relações familiares, concordando com MARTÍN-BARBERO (2008). Para o autor, a televisão não é somente um dispositivo da Indústria Cultural que carrega sua força a partir da ideologia, mas também provém da cultura e da dinâmica profunda da memória e do imaginário. A televisão "gostemos ou não, para o bem ou para o mal - é a própria noção de cultura, sua significação social, o que está sendo transformado pelo que a televisão produz e em seu modo de reprodução." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 300). Também é importante entender a televisão como reprodutora de conteúdos, narrativas, programas, publicidades etc. Entendidas a partir de uma perspectiva cultural, pode-se dizer que as narrativas ficcionais televisivas mudam, auxiliam na mudança ou representam a própria mudança cultural, social e familiar que estão explicitadas em seus discursos e tramas, em sua nova lógica de funcionamento, nos temas para discussões e até mesmo na tentativa de retratar a realidade social. Elas demonstram uma dinamicidade e transformações de costumes da sociedade brasileira que é mostrada nas tramas e narrativas da telenovela, e nesse sentido, criando uma conexão com o público telespectador. Mas também "a televisão está implicada na reprodução de representações que perpetuam diversos matizes de desigualdade e discriminação. Entretanto, também é necessário reconhecer que ela possui uma penetração intensa na sociedade brasileira devido à sua peculiar capacidade de criar e de alimentar um *repertório comum*". (LOPES, 2009, p. 22). Então a telenovela também é um ponto de referência visto pelas pessoas que se identificam, comentam, discordam e compartilham seus temas.

> Esses modos de reiteração apontam a telenovela como um referente - a partir do qual uma coleção de temas é posta a circular no universo da população e, por isso mesmo, já se tornaram familiares – o que favorece sua retomada em outros universos do discurso além do ficcional. A telenovela instaura referentes figurativos a partir dos quais, teoricamente, milhões de telespectadores estariam em condições mínimas para se interessarem por assuntos relacionados a esses universos ou pelos desdobramentos desses assuntos, quando tratados tematicamente. (MOTTER, 1998, p. 99).

Existe, segundo Martín-Barbero (2008), uma noção de *reconhecimento* quando assistimos a um melodrama. É um processo de se constituir. "E não só os sujeitos individuais, mas também os coletivos, os sociais, e inclusive os sujeitos políticos. Todos se fazem e refazem na trama simbólica das interpelações, dos reconhecimentos." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 306).

No Brasil, o Padrão de Qualidade da Globo nascido nos anos 1970, transformou a imagem dessa emissora e operou mudanças tanto no conteúdo dos programas quanto na grade de programação. A grade de programação determina horários que se tornam hábitos dos telespectadores. Segundo Balogh (2002), a instauração de uma a Grade de Programação como elemento fixador de horário e estratégia de mercado ajudaram nessa consolidação do Padrão Globo de Qualidade. A partir desse padrão, constrói-se um discurso sobre a qualidade que opera na sua imagem e nos seus produtos, logo, tanto seus produtos quanto sua marca ajudam a fundar um discurso novo.

> O enunciado [Padrão Globo de Qualidade] se expande e ganha corpo no cenário audiovisual brasileiro como discurso fundador de uma nova organização empresarial e artística, que abandona o amadorismo e o improviso e investe pesadamente – e faz publicidade disso – no planejamento e na qualidade de seus produtos. Assim, uma emissora transforma sua imagem operando uma mudança radical tanto em sua programação quanto no discurso por meio do qual se faz ouvir. (MOTTER; MUNGIOLI, 2007-2008, p. 160).

Por outro lado, cabe ainda ressaltar, como o fez Wolton (1996, p. 154) que a consolidação da televisão brasileira como meio de comunicação de massa tem lugar por meio de um processo em que a televisão privada assume para si um "papel social, nacional e cultural" e passa a ser "a vitrina" do país. Para o pesquisador francês, a televisão no Brasil serviu como "[...] fio condutor para uma sociedade confrontada com o problema da modernização." (WOLTON 1996, p. 156) fortaleceu o laço social na medida em que atingiu todas as classes sociais que, de alguma forma, viram-se representadas em uma televisão de caráter geralista.

Pensando, mais especificamente, sobre a relação entre televisão, gênero teledramtúrgico e sentidos de nacionalidade. Motter e Mungioli (2007-2008) afirmam:

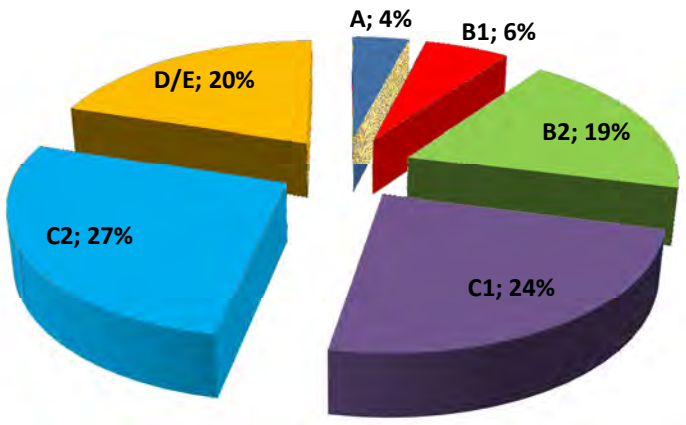
> A televisão, a exemplo do que ocorreu na literatura, legitima-se em sua nacionalidade por meio do uso de um tom patriótico-sentimental que se manifesta nas diversas formas de enunciação presentes ao longo da programação diária de uma emissora e nas relações que esta mantém com a sociedade, (MOTTER; MUNGIOLI, 2007-2008, p. 158).

Nesse sentido, em cada um dos horários há algumas características específicas, como por exemplo, na telenovela do horário nobre, após o telejornal. “Os conflitos dramáticos tendem a ser exacerbados, sobretudo nos triângulos amorosos [...] O amor e o sexo são abordados de forma mais frontal e declarada que nos horários anteriores do tripé de novelas da Globo.” (BALOGH, 2002, p. 162). É possível dizer que através da telenovela o grande público se vê; nas tramas do cotidiano, na maneira como são apresentados os personagens, nas suas reações e intenções.

> Assim, com a adoção da matriz genérica telenovela como elemento definidor de toda sua grade de programação, a Rede Globo consegue se aproximar do público. O gênero atua não apenas como mapa ou como modelo prescritivo, mas também como modelo interpretativo de um mundo construído à semelhança da realidade. (MOTTER; MUNGIOLI, 2007-2008, p. 161).

Pensando um pouco no crescimento da televisão no Brasil, a evolução dos domicílios com televisão passa de 24,1%, em 1970 para 97,1% em 2017[60]. O perfil do consumidor de televisão aberta é constituído de 53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino predominantemente concentrado na classe C, com 51% e com faixa etária entre 20 a 39 anos, representando 39%, conforme gráficos a seguir.

Gráfico 01. Perfil de público da TV aberta por classe econômica[61]

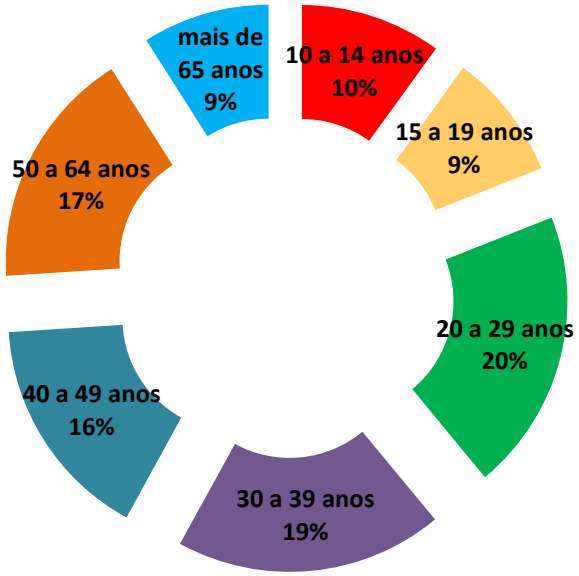


Fonte: Mídia Dados Brasil 2018

[60] Fonte: Mídia dados Brasil 2018. (2018, p. 158). Guia organizado pelo Grupo de Mídia São Paulo que considerou os dados das seguintes fontes do Censo IBGE 1970; Kantar Ibope Media 2011 a 2018 - 15 mercados. O guia completo está disponível em: https://www.gm.org.br/midia-dados-2018. Acesso em 10 nov. 2018.

[61] Fonte: Mídia dados Brasil 2018. (2018, p. 154). Dados gerados a partir das informações de Ipsos Connect: EGM Multimídia junho 2016 a julho 2017 – 9 mercados: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, DF, Recife, Salvador, Fortaleza.

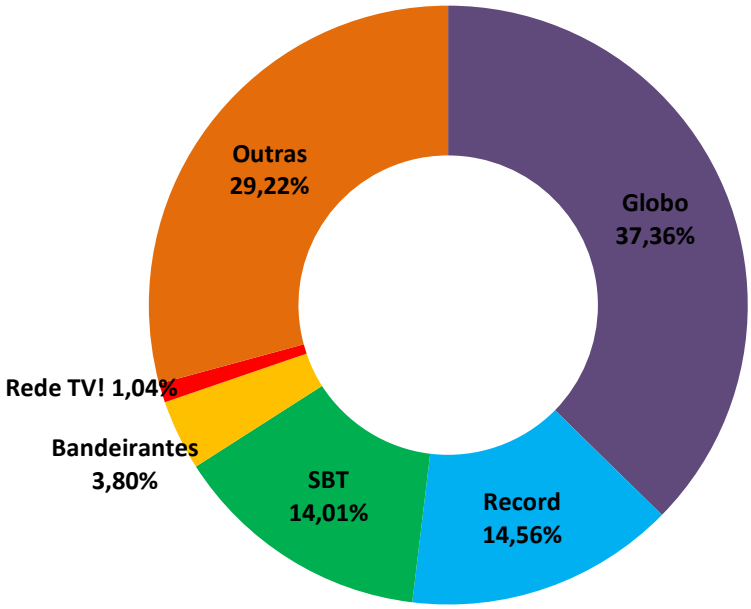
Gráfico 02. Perfil de público da TV aberta por faixa etária



Fonte: Mídia Dados Brasil 2018.

A Rede Globo, em 2017, continuou como líder de audiência, considerando o *share*[62] nacional de televisores ligados, com a preferência de 37,36%, conforme indicado no gráfico.

Gráfico 03. *Share* nacional das redes de televisão[63]



Fonte: Mídia Dados Brasil 2018.

[62] Medição que considera o valor de referência como o total de pessoas que estão com o televisor ligado no momento da medição.
[63] Fonte: Mídia dados BRASIL 2018. (2018, p. 161). Outras redes são: Record News, RPTV (TV Brasil), TV Câmara, TV Jsutiça, TV Senado, OCA (outros canais abertos- emissoras abertas que não possuem audiência publicada individualmente), Canais Pagos e Não identificado/Cadastro.

Em se tratando dos tipos de programação na televisão brasileira, informação (29%), entretenimento (23,3%) e ficção (13,9%) aparecem, nessa ordem, entre os três primeiros em horas de exibição[64]. E, dos dez títulos de ficção televisiva brasileira que foram os mais vistos, sete são de telenovelas, sendo que quatro telenovelas são da faixa horária das nove[65].

> As telenovelas foram destaque da audiência em 2017. Duas produções das 21h registraram recordes. *A Força do Querer* (Globo, 2017), com maior audiência desde *Amor à Vida* (Globo 2013), teve média de 35,4 pontos e 49 pontos no último capítulo (corresponde a 34.410 milhões de pessoas). (OBITEL, 2018, p. 106).

A coleta de dados foi realizada no Japão entre maio e novembro de 2017. As telenovelas variam nas suas datas de exibição, portanto, vamos considerar as telenovelas da Rede Globo que, na sua maior parte, estavam sendo exibidas nesse período.

Tabela 13. Exibição de telenovelas brasileiras

Horário	Título	Exibição	Autor	Direção	Episódios
Telenovela das seis	*Novo Mundo*	22/03/2017 até 25/09/2017	Thereza Falcão e Alessandro Marson	Vinícius Coimbra	160
Telenovela das sete	*Pega Pega*	06/06/2017 até 08/01/2018	Claudia Souto	Marcos Figueiredo e Luiz Henrique Rios	184
Telenovela das nove	*A Força do Querer*	03/04/2017 até 20/10/2017	Glória Perez	Pedro Vasconcelos	172

Fonte: Site Wikipédia. Lista de telenovelas da Globo, 2018.[66]

A telenovela de maior audiência da televisão costuma ser predominantemente a telenovela das nove da Rede Globo. Logo, trataremos mais detalhadamente dessa telenovela. Embora, em algumas entrevistas, outras telenovelas ou programas foram citados também.

7.2 Telenovela no Brasil

A telenovela por seu grande alcance de audiência e por se constituir como um hábito entre os telespectadores brasileiros, entre outras particularidades, será considerada nesse

---

[64] Fonte: OBITEL, 2018, p. 106. Segundo dados da Kantar Ibope Media – Media Workstation - 15 mercados.

[65] As sete telenovelas mais vistas são: *A Força do Querer*, *O Outro Lado do Paraíso*, *A Lei do Amor*, *Pega Pega*, *Rocky Story*, *Sol Nascente* e *Novo Mundo*. Fonte: OBITEL, 2018, p. 119-120.

[66] As informações foram localizadas no site Wikipédia e conferidas em notícias do site da Globo.com. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_telenovelas_das_seis_da_Rede_Globo; https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_telenovelas_das_sete_da_Rede_Globo; https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_telenovelas_das_nove_da_Rede_Globo; https://gshow.globo.com/novelas/. Acesso em: 10 nov. 2018.

trabalho como uma "narrativa da nação e como um "recurso comunicativo" (Lopes, 2009). A autora aponta a importância da telenovela afirmando que:

> A telenovela conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do País. Ela também pode ser considerada um dos fenômenos mais representativos da modernidade brasileira, por combinar o arcaico e o moderno, por fundir dispositivos narrativos anacrônicos e imaginários modernos e por ter a sua história fortemente marcada pela dialética nacionalidade-midiatização. Essa situação alcançada pela telenovela é responsável pelo caráter, senão único, pelo menos peculiar, de ser "uma narrativa nacional" que se tornou um "recurso comunicativo" que consegue comunicar representações culturais que atuam, ou ao menos tendem a atuar, para a inclusão social, a responsabilidade ambiental, o respeito à diferença, a construção da cidadania. (LOPES, 2009, p. 22).

Os temas mobilizados pela telenovela entram em pauta na sociedade brasileira e se constituem como articuladores de discussões que proporcionam, segundo Tufte (2004), um aprendizado social.

> Conversas sobre telenovelas articulam ou resultam num processo de aprendizado social, ensinando sobre família, relações, características de gêneros, vida urbana etc., tornando-se então uma fonte útil, enriquecendo e frequentemente proporcionando crescimento e instigando a audiência. (TUFTE, 2004, p. 301).

Segundo Martín-Barbero (2004) a telenovela que ocupa um lugar determinante na capacidade de produção televisiva, representa arena de redefinições político-culturais que nos seus momentos mais criativos testemunhou as dinâmicas internas de uma identidade cultural e plural. A telenovela brasileira, "sem romper de todo o esquema melodramático, irá incorporar um realismo que possibilita a cotidianização da narrativa e o encontro do gênero com a história e com algumas matrizes culturais no Brasil." (Martín-Barbero, 2004, p. 120).

Mas pensar a telenovela como um "recurso comunicativo" não é apenas o resultado da grande audiência que alcança, o próprio gênero foi se adequando à realidade brasileira. Segundo Lopes (2009), o "recurso comunicativo" da telenovela brasileira foi algo construído a partir de um projeto que integrou e "sintonizou as ansiedades liberalizantes de um público jovem, tanto masculino como feminino, recém-chegado à metrópole, em busca de instrução e integração nos polos de modernização". Assim, segundo Lopes (2009), a telenovela possibilitou um repertório compartilhado pelas referências brasileiras a partir da telenovela *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968) que "trouxe a trama para o universo contemporâneo das grandes cidades brasileiras". (LOPES, 2009, p. 25).

> Abordar a telenovela como recurso comunicativo é identificá-la como narrativa na qual se conjugam ações pedagógicas tanto implícitas quanto deliberadas que passam a institucionalizar-se em políticas de comunicação e cultura no país. Em outros

> termos, é reconhecer a telenovela como componente de políticas de comunicação/cultura que perseguem o desenvolvimento da cidadania e dos direitos humanos na sociedade. (LOPES, 2009, p. 32).

Tufte (2004) também concorda que a telenovela, através do envolvimento diário emocional nas tramas urdidas pela ficção, possibilita o debate público e serve como mediação para o poder político.

> O processo de envolvimento emocional, a identificação, o diálogo e a ação social articulada através do uso de telenovelas no cotidiano constituem o "material" psicossocial que se alimenta dentro da configuração de tempo, espaço e interação social da esfera híbrida de significação e, em última instância, dentro da configuração da modernidade latino-americana. [...] No caso do Brasil, essas condições, ligadas à popularidade das telenovelas, têm favorecido que sejam uma plataforma de mediação acessível com um papel crescente no debate público e finalmente no exercício do poder político. (TUFTE, 2004, p. 302).

A telenovela enquanto gênero organiza o tempo da programação, o que vem antes, o que virá depois, e instituí o hábito dentro do horário programado que se repete e valida sua exibição. Nesse sentido Martín-Barbero (2008) discute a relação dos gêneros televisivos dentro da grade de programação que se repete.

> Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos. Enquanto *gênero*, pertence a uma família de textos que se replicam e reenviam uns aos outros nos diferentes horários do dia e da semana. Enquanto *tempo* "ocupado", cada texto remete à sequência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsesto nos outros dias, no mesmo horário. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 298).

O autor propõe uma discussão sobre as mídias pensando na recepção a partir da mediação. Para o autor, a família representa um espaço de leitura e codificação da televisão. Ele analisa a televisão como repetição e fragmento, em que a temporalidade social remete ao cotidiano. "Na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação da *imediatez*, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 297).

> Enquanto em nossa sociedade o tempo produtivo, valorizado pelo capital, é o tempo que 'transcorre' e é medido, o outro, constituinte da cotidianidade, é um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar, um tempo feito não de unidades contáveis, mas sim de fragmentos. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 297).

Segundo Martín-Barbero (2008), o gênero apresenta-se como uma chave para entender o "mundo". Além das suas especificidades internas, o horário na grade de programação indica alguns propósitos do produtor que, conhecendo a cultura de quem assiste aos programas, propõe o sistema de horários, permitindo a adesão e tornando o ato de ver televisão numa motivação por hábitos.

> Mais ainda no caso da televisão, onde cada gênero se define tanto por sua arquitetura interna quanto por seu lugar na programação: na grade de horários e na trama do palimpsesto. Daí a necessidade de construir seu sistema em cada país. Pois, em cada país, esse sistema responde a uma configuração cultural, a uma estrutura jurídica de funcionamento da televisão, a um grau de desenvolvimento da indústria televisiva nacional, e a alguns modos de articulação com a transnacional. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 303 - 304).

Dessa forma, o gênero é um importante fator para comunicação de massa. Definir o gênero é saciar vontades que, por vezes, representam visões culturais de um povo. Segundo Motter e Mungioli (2007-2008, p. 164), "pensar a telenovela como gênero significa analisá-la dentro da complexidade da teia discursiva que constitui os sujeitos da comunicação situados num contexto social e cultural marcado pela comunicação de massa". Já Martín-Barbero (2008) define o gênero como "a unidade mínima do conteúdo da comunicação de massa (pelo menos no nível da ficção, mas não apenas) e que a demanda de mercados por parte do público (e do meio) aos produtores se faz no nível de gênero." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 300).

> Assim como a maior parte das pessoas vai ao cinema para ver um filme, ou seja, um filme policial ou de ficção científica ou de aventuras, do mesmo modo a dinâmica cultural da televisão atual pelos seus gêneros. A partir deles, ela ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam. Os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 300 - 301).

Segundo Martín-Barbero (2008), o melodrama é o gênero preferido na América Latina. Talvez essa ligação com o melodrama tenha um pouco do que o autor apresenta como uma identidade que se reconhece pelo outro. É nesse sentido, de se reconhecer pelo outro, que o autor apresenta o "drama do reconhecimento" na narrativa melodramática. "O que move o enredo é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e se disfarça: uma *luta por se fazer reconhecer*." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 306).

Nessa linha Martín-Barbero (2008) afirma ainda, que nos conhecemos pelo que nos afeta e a nossa família. "Uma guerra é percebida como a época em que meu tio morreu.". Então, a família e a vizinhança também fazem parte da história da minha vida que está na história local, então, é o tempo da família que faz a mediação do tempo da vida (do indivíduo), com o tempo da história (tempo da nação e do mundo). O autor aponta que "começamos a suspeitar que o que faz a força da indústria cultural e o que dá sentido a essas narrativas não se encontra apenas na ideologia, mas na cultura, na dinâmica profunda da memória e do imaginário." Assim, "pensar o popular a partir do massivo não significa, ao

menos não automaticamente, alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta, um novo modo de funcionamento da hegemonia." (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 311).

As emoções que a telenovela suscita e que são vivenciadas dentro do cotidiano familiar, além de marcar as tramas da narrativa, também são associados ao momento preciso desse sujeito. Então, conforme coloca Martín-Barbero (2008), investigar a família em seus desdobramentos discursivos frente à narrativa da telenovela também demarca o universo real e particular do indivíduo.

Dentro de todas essas possibilidades da telenovela brasileira, e diante da sua forte influência na audiência, também temos o desafio da representação, que posto, não trata de uma realidade real vivida, mas construída. E, é emergencial entender o que essa ressignificação traz como agregador para a identidade dos indivíduos.

7.3 Telenovela, identidade e sentido

A telenovela que se funda no cotidiano dos telespectadores, "passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais." (LOPES, 2009, p. 26). Também nesse sentido Motter e Jakubazko (2006, p. 11) enfatizam o reconhecimento adquirido pela telenovela como produto cultural ao longo dos anos.

> Por ter se tornado um fenômeno da indústria cultural, passou a ser alvo de todos os demais discursos da sociedade. De moça pobre e desprezada – no início da televisão acreditava-se que ela não teria futuro, era feita apenas para mulheres, donas de casa, principalmente as de baixa renda, e profissionais do lar – à vilã, aliada aos interesses da elite, agora é vista como produto de indiscutível qualidade, que presta valiosos serviços, sendo a protagonista da mais poderosa emissora do país e uma das maiores do mundo e uma das musas do bom comportamento e da responsabilidade social. É assistida tanto por mulheres quanto por homens, de todas as idades, atravessando as fronteiras econômicas, sociais e culturais. (MOTTER; JAKUBAZKO, 2006, p. 11).

Nesse contexto, as histórias proporcionam processos de identificação e reconhecimento com as tramas narradas, que são comentadas, partilhadas, aplaudidas ou não pelos telespectadores, que formam assim, uma rede de discussões acerca dos temas e das polêmicas sugeridas nas telenovelas. Tufte (2004) observa nesse processo a construção do sentido de pertencimento da cidadania cultural.

> Esses processos de reconhecimento e identificação com pessoas, problemas e situações que os espectadores têm em comum, contribuem para e geram um senso comum de pertencimento, frequentemente um senso de pertencimento nacional. Com a produção desse senso de pertencimento, o uso das telenovelas é central na construção da cidadania cultural entre os brasileiros. (TUFTE, 2004, p. 303).

Segundo pesquisas do autor, as telenovelas na América Latina possibilitam ações sociais e mudanças legais porque instituem o debate social e articulam iniciativas que extrapolam a ficção e tornam-se debates do mundo real.

> Na América Latina, o impacto e o papel das telenovelas na sociedade vêm sendo vistos várias vezes articulando debates, movimentos sociais, direcionando as iniciativas dentro da legalidade e mudanças de leis e tendo também um impacto significativo sobre o desenvolvimento, exercendo um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade. (TUFTE, 2004, p. 296).

Por fim, Tufte (2004) afirma que a telenovela representa participação e pertencimento dos "membros de comunidades diversas, mesmo que nacional, local ou relacionadas a gêneros ou profissão, transformando seus usos de telenovelas em um processo que promove o 'pertencimento' ou até a cidadania." (TUFTE, 2004, p. 303).

Por outro lado, a telenovela permite compreender os dilemas e as situações vividas pelos personagens, criando significados e, o principal, a dimensão desses significados. "Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente." (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 137). Logo, a telenovela articula significados intrínsecos da narrativa e consegue justificar a moral, a ideologia, a coerência ou o raciocínio lógico por meio dos discursos de personagens, ou seja, a mensagem é compreendida, mesmo que não se concorde com ela. Isso só é possível porque a narrativa televisiva, como produção estética, nos faz vivenciar esteticamente a visão e a experiência do Outro (Bakhtin, 2003) e os valores da sociedade, ou seja, inserem-no em seu horizonte social (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010).

É nesse contexto que a produção de sentido e a compreensão das narrativas da telenovela transcendem sua exibição propriamente dita e contribuem para a constituição da emissora como instância da enunciação (JOST, 2004) e consequentemente para sua imagem de marca.

> A imagem de marca de uma emissora ou de uma rede de televisão é construída ao longo do tempo e é determinada pelo entrecruzamento de discursos presentes na sociedade, sejam da própria rede de televisão, sejam de outros veículos de comunicação (incluem-se aí gêneros publicitários ou de veículos ligados ao entretenimento e cultura: revistas, livros, pesquisas); ou seja, todo esse quadro é construído a partir das diversas formas de enunciação características de cada rede. (MOTTER; MUNGIOLI, 2007-2008, p. 159).

A identidade que é um elemento inerente ao ser humano, muitas vezes, nos é dada pela sociedade, pela família, pelas formas referenciais em que vivemos, e em muitos casos sem nosso consentimento, pois não temos consciência dessas referencialidades. Nascemos num

lugar que é algo que é, antes de nós sermos. Temos um estado de coisas, definições e referências prontas, mas que sob o argumento de Hall (2006), podemos considerar que "as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação." (HALL, 2006, p. 48). Para o autor, a nação é um sistema de representação cultural e esse sentido é construído. O autor aponta também para o problema da identidade que está em crise nessa era pós-moderna, causada pelo deslocamento do indivíduo, que em tempos modernos sofre o anseio de não ter uma identidade fixa e permanente, pois o homem moderno é confrontado com uma possibilidade de mundos sem fronteiras e, ao menos temporariamente, essa multiplicidade desconcertante indefine suas referencialidades. "Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida." (HALL, 2006, p. 21).

Outros estudiosos pensam a telenovela no contexto atual das migrações e globalização. Nesse sentido, a facilidade dos meios digitais proporciona ao público acesso facilitado a conteúdos mesmo estando longe de seu território de origem. Buonanno (2004) comenta o papel da alteridade como afirmador da identidade. A autora discute também o acesso mediado pela televisão que possibilita o encontro entre as culturas. Esses encontros mediados pelas mídias criam condições para que seja possível a construção de uma pluralidade que se torna parte de uma experiência cultural da vida cotidiana.

> Das mídias eletrônicas, em especial da televisão, oferecendo ao público o acesso mediado aos territórios longe dos contextos de experiências vividas por eles, alimentando a imaginação do outro, fazendo-os participar de encontros entre culturas. (BUONANNO, 2004, p. 336).

Já Lopes (2004) estuda a internacionalização da telenovela considerando a difusão dos meios de comunicação e os processos migratórios em tempos de globalização, "a narrativa ficcional televisiva surge como um valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma *narrativa popular sobre a nação*." (LOPES, 2004, p. 121). Pois, as tramas apresentadas pela televisão representam na sua essência a expressão cultural de um povo. "A ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão" (LOPES, 2004, p. 121). Para Lopes (2009), a comunicação possibilita a (re)construção das identidades em tempos de globalização em que existe uma situação de tensão e resistência.

> As identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na

> construção/reconstrução dessas identidades. Por outro lado, a relação conflitiva e enriquecedora com os 'outros' permite elaborar estratégias de resistência ao que de dominação disfarçada existe na ideia de desenvolvimento e modernização. (LOPES, 2004, p. 126).

Assim, a telenovela proporciona uma participação e um pertencimento que é partilhado com outros espectadores e possibilita também promover uma identidade e um reconhecimento do que se é, ou seja, através da telenovela, que apresenta as matrizes culturais de um povo, é possível se reconhecer. Nesse sentido pensar a identidade e o lugar em que se está é uma forma de articular algumas significações. O lugar ao qual pertencemos nos diz muitas coisas sobre nossa identidade. Estar em algum lugar, possuir uma infinidade de referências, que já existem presentes antes de nós, ajuda a construir e a solidificar dentro de nós, um lugar no mundo geográfico e, mais importante ainda, um lugar no mundo do pertencimento a uma cultura.

Portanto, o lugar a que estamos vinculados nos traz muitas construções e formas prontas de encarar e ver o mundo. Essa perspectiva torna o "eu" diferente do "outro" e, nesse sentido, para existir um "outro" é porque já existe um "eu". Silva (2012) discute a relação da produção social da identidade e da diferença. Para o autor, a identidade é o que se é; e ela produz a diferença a partir do momento em que tangencia o que não se é, ou seja, o que o outro é. Então, "a diferença é aquilo que o outro é [...] nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe". (SILVA, 2012, p. 74).

Quando não pertencemos a um lugar, por quaisquer que sejam as razões, uma parte da identidade também fica em suspenso, pois a identidade é uma forma de ser, é uma forma de afirmação do que se é, e de negação do que não se é. Nessa conjuntura de negociações - mostrar o que é, e ocultar o que não é – afirmam-se estratégias de ações e demarcam-se situações de convívio que instituem o que é aceito ou não socialmente. "Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre 'nós' e 'eles'". (SILVA, 2012, p. 82).

A identidade cultural, assim construída, é corroborada pelo lugar ao qual pertencemos e, esse lugar é o primeiro ponto de apoio para a construção do sentido do mundo que nos rodeia. Nesse sentido, Hall (2006) argumenta que:

> Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão "mundano", secular

> e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. (HALL, 2006, p. 28)

Mas, nas situações em que esse lugar de permanência não corresponde ao lugar de pertencimento, temos uma ruptura com as certezas que pareciam inicialmente solidificadas, então, a identidade não é mais a mesma. "Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas." (HALL, 2009, p. 26). Nessas diversas situações de identidades múltiplas, diferenciadas, emprestadas, adequadas para aquele momento e situação, algumas coisas necessitam continuar estabelecendo coerência, há uma necessidade de se agrupar, ou melhor, de se identificar para formar um grupo em que os laços sejam inaugurados para que seja possível a instauração de uma identidade comum e partilhada por essas pessoas.

> As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de "comunidades imaginadas". Na medida em que não existe nenhuma "comunidade natural" em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam "ligar" pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum "sentimento" de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2012, p. 85).

Dentro dessa realidade, e do estranhamento em relação à língua, aos costumes, e às tradições tão diferentes entre Brasil e Japão, há uma necessidade constante de identificação e diferenciação ao mesmo tempo em que surge a busca de adaptação e construção de uma identidade que possa "atender", mesmo que momentaneamente, esses brasileiros. Então uma "dupla identidade" surge como uma proposta de adequação para a situação em questão.

> A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. [...] A viagem obriga quem viaja a sentir-se "estrangeiro", posicionando-o ainda que temporariamente, como o "outro". A viagem proporciona a experiência do "não sentir-se em casa". (SILVA, 2012, p. 87–88).

7.4 Telenovela, memória e globalização

Os brasileiros em situação de estrangeiros no exterior "negociam e constroem" sua identidade num jogo de ganha e perde, adaptando-se à cultura local. Assim, a telenovela, como principal produto ficcional brasileiro e, como "narrativa da nação" (Lopes, 2009) veiculada no Japão com seus temas e propostas funciona como um dispositivo de reconhecer-se como parte, ainda que a distância, do seu povo de origem. Para os brasileiros no Japão e que assistem às telenovelas, assisti-las não é somente um ato de lazer ou uma referência social (SUZUKI, 2014). A maioria tem uma história de vida construída no Brasil, em que

compartilharam dos mesmos gostos e hábitos sociais. Partilharam a história econômica e social do país junto com as histórias fictícias da televisão brasileira. Então, assistir à telenovela também recupera uma memória afetiva e recria um laço antigo com sua língua e seu país de origem. A telenovela atua como um dispositivo de memória social, cujos temas tratados, tramas urdidas, e valores retratados revelam a identidade de uma nação e funciona como uma memória coletiva.

Segundo Motter (2000-2001), a telenovela atua como "forma de memória que registra, no curso do tempo, o processo de transformação da sociedade brasileira." (MOTTER, 2000-2001, p. 76). Dessa forma, fica evidente, segundo Mungioli (2010) "o importante papel das narrativas na formação de nossas memórias e de nosso conhecimento de mundo". A telenovela, a partir das tramas imbricadas na narrativa, e porque estabelece um paralelo com a vida cotidiana das pessoas, funciona como um repositório ficcional que retrata os anseios do público enquanto funciona também como um projeto de memória do cotidiano dessas pessoas. De acordo com Motter (2000-2001), a telenovela constrói uma memória, ao mesmo tempo documental – por sua permanência física como produto audiovisual gravado, mas, sobretudo por sua vinculação com o presente, que a impregna com suas marcas – e coletiva – pelo compartilhamento dos saberes que ela difunde para seu amplo público. Então, a telenovela reflete e refrata o momento "do qual ela participa enquanto ficção que se apropria do cotidiano e do qual participa inserida na vida diária do público telespectador" (MOTTER, 2000-2001, p. 76).

Por meio da telenovela é possível recordar e, também, "reconstruir o passado no presente, através de algum propósito social e/ou psicológico particular a partir da lembrança coletiva de acontecimentos pessoais e históricos" (NAIFF; NAIFF, 2010, p. 155). E, nesse sentido também o autor da ficção recorre ao que conhece, ao seu repertório particular, quando constrói uma história ficcional sobre determinado assunto. Então, "a telenovela atua como um produtor e uma fonte de armazenamento de dados do presente atuando na composição da memória coletiva como uma vertente de grande potência pelo seu poder de abrangência e reiteração." (MOTTER, 2000-2001, p. 18). De algum modo o telespectador registrará a história contada e vivida pelos personagens, as questões e assuntos tratados ao longo da narrativa, o que nos permite "afirmá-la como um centro de recuperação, reconstrução, produção, atualização, irradiação e manutenção de memória. (MOTTER, 2000-2001, p.80).

Na telenovela, o processo de narração sobre determinado assunto é recortado para o telespectador, e não tendo a intenção de descrição histórica, na ficção seu recorte perpassa pelo processo de seleção, do que se quer contar, ou seja, o autor pretende contar uma história

com determinado objetivo. E, esse registro, mesmo que em forma de narrativa ficcional, porque é ligado ao presente, contando com a verossimilhança e o enredo que torna a história crível, torna-se o que Ricoeur (2007) denomina "memória declarativa, narratividade, testemunho, representação figurada no passado histórico". Ricoeur (2007) atenta para o fato de que é impossível narrar tudo, então, os núcleos de ação, as personagens, o foro familiar, profissional etc. são escolhas do autor para contar determinada história. Mas, por outro lado, há um efetivo esquecimento do que não é narrado embora sempre se possa "narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, reconfigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela." (RICOEUR, 2007, p. 455). Logo, a ficção narrada é uma escolha de quem conta a história. Então, "a telenovela demarca no horizonte social de sua época, ou de seu momento, os temas que pontuam as preocupações e os valores dominantes naquele período." (MOTTER, 2000-2001, p. 80). A telenovela incorpora na sua trama o cotidiano das pessoas e pelo seu caráter de folhetim diário, com pitadas de acontecimentos que se desenrolam ao longo de meses, é possível constatar que ela acompanha os modismos e as práticas sociais da sua época. Nesse sentido, a telenovela se configura como um recurso de memória social dos acontecimentos percebidos e refletidos dentro da sua estrutura de narração. "É nesse aspecto que os elementos do cotidiano ganham importância, na medida em que os detalhes estabelecerão o clima de familiaridade, coerência, coesão, em analogia com os mundos conhecidos e/ou vividos pelo telespectador." (MOTTER, 2003, p. 164). Enfim, a ficção propõe uma interação com a visão do telespectador e vai construindo assim, uma memória social coletiva que juntamente com o telespectador vai "confirmando, negando ou instaurando o conflito entre essas visões, toda uma rede de tramas e significados se articula, operando a superação da dicotomia emissão/recepção e inserindo-se no cotidiano social de todo cidadão, independentemente de sua vontade." (MOTTER, 2003, p. 19). Essa memória social construída é a memória possível dentro da significação do contexto em que ela existe. O público compreende as tramas e as transformam numa memória social porque partilham das mesmas matrizes de significação e compartilham o entendimento social em relação a essa ficção. Então, a significação também depende do olhar do telespectador e, em como ele constrói esse significado.

Da mesma forma que uma narrativa fundadora funciona para dar um sentido à nação não importando se é verdadeira ou não, ela funciona como uma narrativa da nação que funda um começo e institui uma regra de pertencimento. "[...] a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia." (SILVA, 2012, p. 85). A

identidade e o pertencimento, aqui, não são colocados em relação ao lugar em que estão, pois, esses brasileiros estão afastados do seu "lugar local"[67] e, com a diluição das fronteiras nos espaços pós-modernos cada vez mais frequentes, as questões identitárias ficam salientes nas negociações do cotidiano. O que ocorre, é uma troca, um ganha e perde de cada lado para que se assentem as diferenças culturais e se torne possível o convívio social.

Em se tratando de uma localidade tão diversa da sua origem como o Japão, mesmo contando que esses brasileiros sejam descendentes ou possuam algum conhecimento sobre o local em que estão morando, o "estar estrangeiro", ou seja, o "não pertencer" ao local requer concessões emergenciais. Existe ainda uma fronteira sobre a qual repousa a questão do "olhar" que o Ocidente possui sobre o Oriente, e o quanto esse "olhar" é, ou não, desprovido de interesses políticos, econômicos e questões, até de colonialismos, dos fluxos das predominâncias – pensando no fluxo da migração dos que precisam mais para os que podem proporcionar mais. Mas a grande questão é que, não interessa o motivo desses deslocamentos, cada vez mais facilitados pela modernidade, o vínculo entre a cultura e a geografia é mapeado de outra forma, nem melhor, nem pior, mas diferente.

> A globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos, suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar". Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus "locais". Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. (HALL, 2006. p. 36).

Considerando as discussões sobre a telenovela como representação de um discurso da nação e percebendo a sua penetração nos lares e discussões da sociedade brasileira, entendemos a telenovela como disseminador de comportamentos, fonte de pautas de discussões, criador de modismos, impulsionador de produtos de consumo, além de seu espaço como divulgador de informações publicitárias ou de utilidade pública/social. A discussão sobre os sentidos que se constroem com a telenovela, passa pela questão da identidade. O telespectador se vê na telenovela, se reconhece em algum personagem, se emociona com a narrativa e, por vezes, mesmo tendo uma história distinta de sua trajetória, consegue se emocionar com os acontecimentos retratados na trama.

Na pesquisa de campo realizada no Japão, durante o Mestrado, algumas constatações foram feitas. Os entrevistados, por vezes, ficavam em dúvida quanto ao mundo "real" da sociedade brasileira e o acontecimento narrado/mostrado na telenovela. A dúvida era se o que estava sendo mostrado na telenovela realmente acontecia na sociedade brasileira. Dessa

[67] Lugar local refere-se ao seu lugar de origem, onde se considera a sua matriz cultural.

forma, assistir à telenovela brasileira fora da sua matriz cultural brasileira, ou seja, inseridos na sociedade local japonesa, mais do que uma fusão do real com o ficcional, talvez represente uma falta de alinhamento com o pensamento e a ideologia da sua matriz cultural brasileira. Pois, essa vivência do sujeito no exterior produz alteração na sua percepção sobre as histórias e atitudes das personagens da telenovela e, assim, ele não entende as atitudes dos personagens das tramas porque a sua cultura já está hibridizada com a cultura local japonesa para a qual migrou. Portanto, a falta de interação com o cotidiano brasileiro ocasiona uma percepção da sociedade brasileira datada na época em que esses sujeitos moravam no Brasil. Ou seja, é como se a falta de informação ou de vivência na sociedade e no cotidiano brasileiro fizesse com que o sujeito não soubesse diferenciar o que é a realidade ou o que é a ficção nos discursos e imagens da telenovela. Essas impressões percebidas durante a investigação em campo, em 2013, propõe um novo desafio para entender agora, o que significa a telenovela brasileira, o ato de assistir à telenovela do Japão e como esse hábito se mostra nas relações entre pais e filhos. Uma vez que a memória dos pais é ativada com a telenovela, como funciona para seus filhos - nascidos no Japão e que não conhecem o Brasil - como é esse processo de formação de um imaginário coletivo de Brasil a partir da ficção televisiva e, principalmente qual o papel dessa influência na relação intergeracional, entre pais e filhos no Japão.

7.5 Telenovela como matriz cultural

Concordando com Martín-Barbero (2008), consideramos a ancoragem da telenovela como uma matriz cultural. Martín-Barbero propõe analisar o melodrama a partir da cultura e não mais ancorado na ideologia da Indústria Cultural. Sendo assim, o autor afirma que, tendo a América Latina exportado a telenovela como um produto cultural para a Europa e os Estados Unidos, é necessário que se considere a força da cultura na memória e no imaginário social. Portanto, o melodrama representa uma ativação da memória, “um intercâmbio que é confusão entre narrativa e vida, entre o que faz o ator e o que se passa com o espectador, sinal de identidade de uma outra experiência literária que se mantém aberta a reações, desejos e motivações do público.” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 309).

A questão da identidade e da cultura são pontos importantes quando se trata das configurações sociais e, a telenovela participa com um papel fundamental, pois, “essas histórias narradas pela televisão são, antes de tudo, importantes por seu significado cultural” (LOPES, 2004, p. 125). Nesse, sentido também é importante pensar na difusão dos meios de comunicação vistos da perspectiva cada vez mais intensa dos processos de migrações. Pois, a

televisão leva o conteúdo da narrativa e com ela outras enunciações, que marcam intenções e estabelecem territórios no sentido de demarcar a cultura deste que é levada para o Outro. Dessa forma, falar de qualidade e de imagem de marca é uma forma de perceber os registros que estão presentes na sociedade, pois concordando com Lopes (2004, p. 125), "a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão".

Enfim, a telenovela, sendo constituída por elementos do verbal e não verbal e, ao retratar as narrativas através da verossimilhança da sociedade brasileira (a depender do tema da telenovela), permite compartilhar os sentimentos e acontecimentos comuns da sociedade brasileira. O que se distingue dentro da narrativa é a realidade do contexto brasileiro e as ações/comportamentos dos personagens frente aos problemas, e, é exatamente essa solução/escolha dos personagens, que nos faz refletir acerca do mundo em que vivemos. A considerar essas diferentes culturas, Ocidentais e Orientais, Brasil e Japão, temos a constatação de interferências que se constituem na tomada de decisão. E, essas interferências podem ser explicadas por fatores culturais diferentes, que desembocam na significação e compreensão dessas identidades culturais. Existe uma expectativa para a discussão sobre o ato de assistir/ver a televisão. De que modos se assistem às telenovelas, quais são as reações, discussões e como as tramas da ficção reverberam no cotidiano dos brasileiros que moram no Japão? A telenovela brasileira influencia, cria discussões e ressignifica o mundo em que estão inseridos esses telespectadores brasileiros, em situação de estrangeiros no Japão? São esses alguns questionamentos que também nos impulsionam a realizar essa pesquisa.

7.6 Telenovela das nove: *A Força do Querer*

Telenovela do horário nobre da Rede Globo de televisão, *A Força do Querer* (2017) foi exibida também no Japão, quase simultaneamente à sua exibição no Brasil[68]. Escrita por Gloria Perez e com direção de Pedro Vasconcelos, *A Força do Querer* (2017) foi exibida no horário das nove horas da noite entre 03 de abril e 20 de outubro de 2017.

> O querer é aquilo que está sempre nos impulsionando em qualquer aspecto de nossa vida. Para o bem ou para o mal! Seja no campo profissional, sentimental, familiar... É aquela voz que grita, mas ninguém, além de nós, consegue ouvir. Como diria Caetano, "o quereres estares sempre a fim". E é esse desejo latente que cada um

[68] No Japão, as telenovelas são editadas e exibidas no dia seguinte devido ao fuso horário de 12 horas adiantado em relação ao horário de Brasília.

> carrega dentro de si – e que acaba interferindo na vida do outro – que moverá os personagens de A Força do Querer, próxima novela das 9. (CARVALHO, 2017).[69]

Como a telenovela brasileira possui entre suas características uma estrutura que se organiza por meio de diversos subplots, ou subtramas, optamos por apresentar um resumo da trama principal da telenovela e alguns subplots que tiveram mais destaque. Porém, à medida que a análise avance, caso seja necessário, apresentaremos outros subplots.

A história gira em torno de Ritinha (Isis Valverde), uma moça sedutora como uma sereia, que namora Zeca (Marco Pigossi) em Parazinho, cidade fictícia, que ficaria em Belém do Pará. Ritinha acaba se envolvendo com Ruy (Fiuk) e foge no dia em que se casaria com Zeca. Ruy é um forasteiro que leva Ritinha para o Rio de Janeiro e a trama da telenovela, muda então para o Rio. Mas, Ruy está noivo de Cibele (Bruna Linzmeyer) que descobre a traição dele e não se conforma.

Zeca também acaba se mudando para o Rio de Janeiro, onde conhece Jeiza (Paolla Oliveira) e se apaixona por ela. Jeiza é uma policial linha dura e lutadora de MMA (*Mixed Martial Arts* ou artes marciais mistas).

Ruy é filho de Eugênio (Dan Stulbach) e Joyce (Maria Fernanda Cândido) e irmão de Ivana (Carol Duarte), que não se aceita em seu corpo de mulher. Joyce não concorda com a união de Ruy com Ritinha e tampouco aceita a falta de vaidade feminina de Ivana. Enquanto isso, Eugênio acaba se envolvendo com Irene (Débora Falabella), arquiteta manipuladora e amiga de Silvana (Lilia Cabral). Silvana é viciada em jogo e casada com Eurico (Humberto Martins), irmão de Eugênio. Silvana e Eurico têm uma filha, Simone (Juliana Paiva), que é prima e melhor amiga de Ivana.

Heleninha (Totia Meireles) é prima de Eugênio e Eurico e, é casada com Junqueira (João Camargo) que trabalha na empresa Garcia. Heleninha é irmã de Caio (Rodrigo Lombardi) que no passado foi abandonado por Bibi (Juliana Paes), seu grande amor. Bibi é uma mulher passional que ama demais e acabou trocando Caio por Rubinho (Emílio Dantas), um homem romântico que alimenta os anseios da esposa e chega ao limite, entrando na vida do crime e levando Bibi também para esse caminho.

Edinalva (Zezé Polessa) é mãe de Ritinha e diz que a filha é fruto de um amor proibido com o Boto[70]. Ela é inimiga de Abel (Tonico Pereira), o pai de Zeca, mas com o

---

[69] Chamada no site da Globo anunciando a próxima novela das nove, *A Força do Querer*. CARVALHO, Wallace. *"A Força do Querer": conheça os personagens da nova novela das 9*. Atualizado em 08/02/2017. Disponível em: https://gshow.globo.com/tv/noticia/a-forca-do-querer-conheca-os-personagens-da-nova-novela-das-9.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

tempo acaba enamorada por ele e compete pela sua atenção quando a mãe de Zeca, Almerinda (Fafá de Belém), reencontra com o filho. Zeca cresceu pensando que a mãe o havia abandonado, porém sua mãe reaparece e esclarece que foi Abel quem se mudou com o menino, por não aceitar que ela tivesse a carreira de cantora, usando o nome artístico de Mere Star.

A telenovela, através dos seus personagens e tramas, suscita muitos assuntos polêmicos e, assim, possibilita ao telespectador discutir e pensar questões retratadas na vida dos personagens. A contemporaneidade retratada na trama da telenovela, assim como os temas apresentados possibilitam identificações com a realidade e, apesar de ser uma ficção, apresenta fatos sociais do momento. Em alguns casos a ficção pode tratar de "problemas da nossa realidade cotidiana concreta, propiciando uma visão ampla de um real nem sempre percebido no seu conjunto". (MOTTER, 1998, p. 92). Por vezes, também, a telenovela pode construir uma ficção ancorada em outras realidades, épocas ou histórias, "trata-se de uma opção do autor e de sua liberdade de construir seu mundo ficcional sem compromissos que não sejam os ditados pelas próprias normas que regem a ficção". (MOTTER, 1998, p. 101).

O assunto do jogo "Baleia Azul" na trama da telenovela *A Força do Querer* estava em consonância com os fatos que aconteciam naquele momento. Na trama, Yuri (Adriano Alves), filho de Heleninha e Junqueira, acaba se envolvendo com esse jogo perigoso. Na vida real, um jogo intitulado "Baleia Azul" era manchete de notícias e indicava que os desafios tornavam-se cada vez mais perigosos, começando como uma brincadeira e terminando de forma trágica por vezes.

> O jogo Baleia Azul é praticado em comunidades fechadas de redes sociais como o facebook e o Whatsapp, e instiga os participantes, em sua maioria adolescentes, a cumprirem as 50 tarefas – escrever frases e fazer desenhos com lâminas nos braços, assistir filmes de terror de madrugada, escutar músicas depressivas, mutilar partes do corpo. A última fase do desafio é o suicídio. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

A autora de *A Força do Querer* (Globo 2017), Gloria Perez, é conhecida por abordar temas de interesse social em suas telenovelas[71]. Na telenovela em análise, a autora utilizou a

---

[70] A lenda do Boto cor-de-rosa faz parte do folclore brasileiro na região amazônica, no norte do país. Segundo a lenda, o boto se transforma em um homem muito belo e elegante nas noites de lua cheia e escolhe a solteira mais linda para engravidá-la e, depois a abandona, voltando para o Rio. Muitas vezes essa lenda é utilizada para justificar uma gravidez fora do casamento. Fonte: SOHISTORIA. *Lenda do Boto*. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/boto/. Acesso em 10 nov. 2018.

[71] Como ocorreu, por exemplo, nos casos das telenovelas: *Salve Jorge* (Globo, 2012) tratou do tráfico internacional de mulheres, *Caminho das Índias* (Globo, 200) tratou do multiculturalismo e da esquizofrenia, *América* (Globo, 2005) tratou da questão da imigração ilegal para os Estados Unidos, *O Clone* (Globo, 2001) tratou da questão da clonagem humana e dependência química, *De Corpo e Alma* (Globo, 1992), tratou da doação e transplante de órgãos, *Barriga de Aluguel* (Globo, 1990) tratou da questão da barriga de aluguel.

trama para alertar aos pais sobre os perigos desse jogo. “Muitos acham que é uma lenda, mas já fez várias vítimas. Espero que através dessa história com o Yuri, os pais fiquem mais atentos aos filhos, conversem mais com eles” explica a autora. (GSHOW, 2017).

Os temas sociais abordados nas telenovelas, quando são direcionados de forma educativa são consideradas como um *merchanding social*. Segundo esclarece Lopes (2009), essas ações podem ser definidas como um “recurso comunicativo” para serem entendidos intencionalmente ou não como mensagens “socioeducativas”.

> Entendendo-se por “mensagens socioeducativas” tanto as elaboradas de forma intencional, sistematizadas e com propósitos definidos, como aquelas assim percebidas pela audiência que, a partir das situações dramatúrgicas, extrai ensinamentos e ref1exões capazes de mudar positivamente seus conhecimentos, valores, atitudes e práticas. A mera ocorrência de um fato na trama (gravidez, consumo de álcool, agressão doméstica, discriminação racial, acidente etc.) não caracteriza merchandising social. Para que ocorra é necessário que haja, por exemplo, referência a medidas preventivas, protetoras, reparadoras ou punitivas; alerta para causas e consequências associadas ou quanto a hábitos e comportamentos inadequados; valorização da diversidade de opiniões e pontos de vista etc. (LOPES, 2009, p. 38).

Dessa forma, ao colocar na trama o desafio Baleia Azul vivenciado pelo personagem Yuri, buscando mostrar como ocorrem os envolvimentos e a forma manipulativa de manter o jovem seguindo os desafios, assim como o desfecho que traz uma alternativa de ação – como se fosse um conselho aos pais – pode ser entendida como um *merchandising social*[72]. Essa ação dentro da trama da telenovela, ao mesmo tempo em que é efetivo, pois ocorre no mesmo espaço de tempo na ficção e na realidade, também é uma ação ficcional que dialoga com os acontecimentos da vida real.

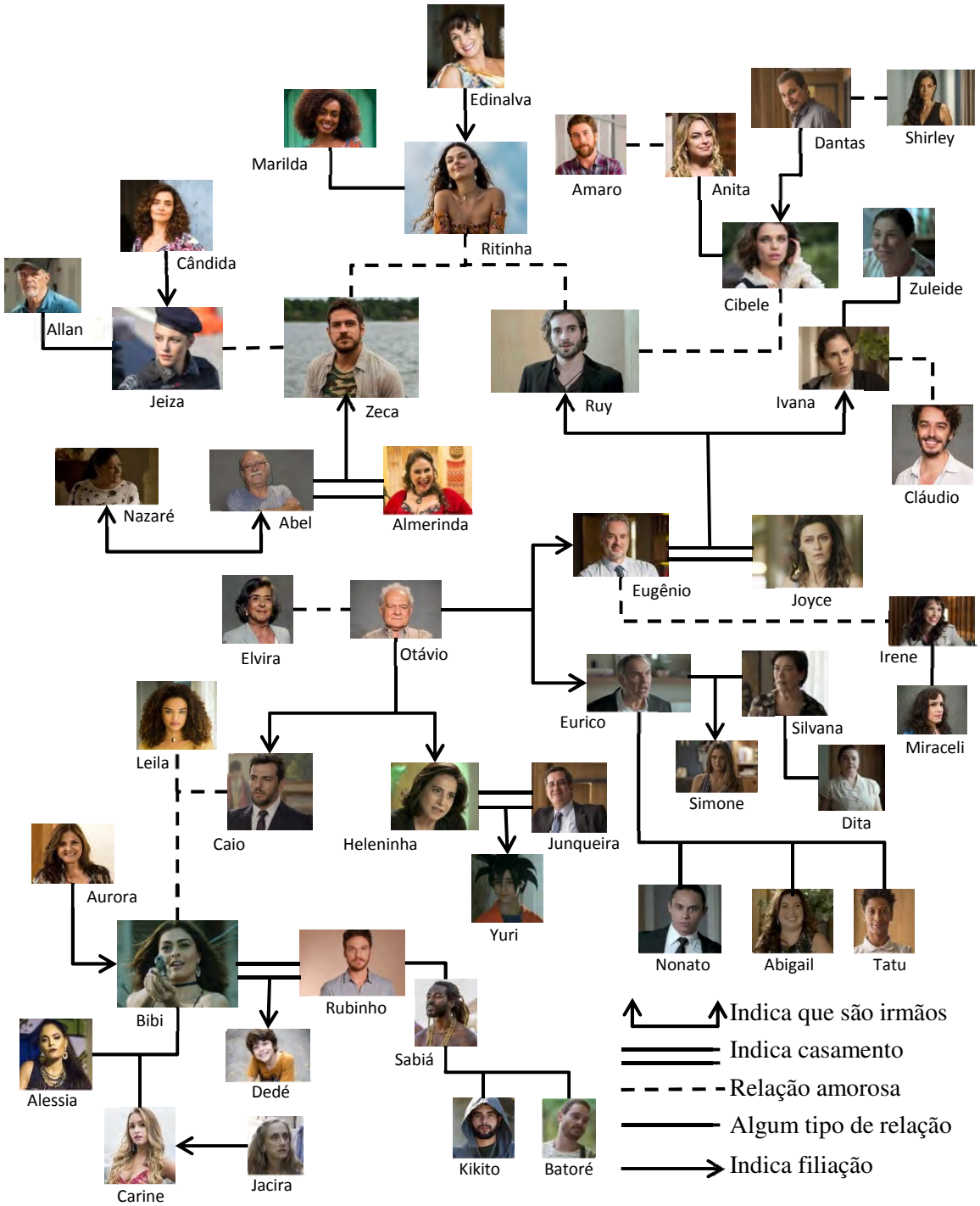
> Não resta dúvida de que a novela constitui um exemplo de narrativa que ultrapassou a dimensão do lazer e impregna a rotina cotidiana da nação. Construiu mecanismos de interatividade e uma dialética entre o tempo vivido e o tempo narrado e se configura como uma experiência comunicativa, cultural, estética e social. (LOPES, 2009, p. 29).

Veremos a seguir alguns núcleos dramáticos (que correspondem aos subplots) e os temas/discussões que aparecem no decorrer da ficção em *A Força do Querer* (Globo, 2017).

---

[72] Lopes especifica um esclarecimento sobre o conceito no rodapé da página 38: “O merchandising social tem por objetivos: difundir conhecimentos; promover valores e princípios éticos e universais. Ex.: defesa dos direitos humanos, voto consciente etc.; estimular a mudança de atitudes e a adoção de novos comportamentos (inovações sociais) frente a assuntos de interesse público, por exemplo, aleitamento materno, uso do preservativo, quebra de preconceitos etc.; promover a crítica social e pautar questões de relevância social, incentivando o debate pela sociedade, por exemplo, desarmamento, educação inclusiva etc.” (LOPES, 2009, p.38).

Infográfico 01. A relação entre os personagens



Fonte: Autora a partir das relações entre os personagens da telenovela *A Força do Querer* (Globo, 2017).

7.6.1 Personagens e tramas da telenovela

A telenovela apresenta uma estrutura em que a história principal geralmente se relaciona com outras pequenas histórias. Os personagens centrais estão geralmente envolvidos em um caso amoroso e, o contexto e as subtramas são histórias entrelaçadas ou em paralelo com a trama central. Conforme explica Baccega (2003, p. 10), a telenovela "atualiza os mitos do cotidiano dos fatos que estão ocorrendo. E, para atualizar tais mitos, utiliza-se sempre da história de um (ou vários, dependendo do número de subtramas) amor impossível".

Dessa forma levaremos em consideração, concordando com Baccega (2003), que as subtramas são as histórias dos personagens individualmente em seus pequenos conflitos mostrados no universo ficcional da telenovela. E, continuando na explicação de Baccega (2003), esse amor impossível, que seria a trama principal, e as demais subtramas se desenvolvem a partir de certo contexto social que possibilitará o aparecimento dos temas tratados no decorrer da telenovela. Portanto, os temas se relacionam com as histórias que estão sendo contadas na telenovela, mas também ela se "desenvolverá a partir do contexto social em que está inserida, respeitando-se tempo e espaço históricos da sociedade". (BACCEGA, 2003, p. 10). É assim que os temas permeiam as telenovelas brasileiras, os temas são "alçados à condição de elementos do universo ficcional. Sem eles não haveria como manter-se no ar uma telenovela, por exemplo, por seis ou oito meses, como é o caso brasileiro". (BACCEGA, 2003, p. 10).

Sobral (2011) explica alguns conceitos teóricos sobre gêneros, temas e estilos a partir de Bakhtin-Volochínov (2010) e Bakhtin (2008, 2003). Segundo Sobral (2011, p. 39), o tema é diferente de assunto, pois assunto seria aquilo que se comenta olhando a cena que acontece. Sobral (2011) analisa uma cena da tira de Calvin com o tópico ou assunto intitulado "cenas do cotidiano" e, conclui que "o tema pode ser assim entendido como o que há em comum entre as diferentes situações retratadas (ou seja, *os tópicos*) forma um todo de sentido que nos faz identificar a tira como *do Calvin*" (SOBRAL, 2011, p. 39, grifo do autor).

> O tema ou conteúdo temático (em que conteúdo significa "unidade de sentido") é algo diferente de tópico ou assunto [...] Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com "assunto" ou tópico: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; logo, *tema é o tópico do discurso como um todo*, aquilo que ele diz para além das palavras. (SOBRAL, 2011, p. 39, grifo do autor).

Então os assuntos que a telenovela apresenta não são os temas, Ritinha num triângulo amoroso entre Ruy e Zeca é um assunto da telenovela - o caso amoroso de Ritinha - , mas o tema que poderíamos encontrar seria a sua vontade de não ficar presa em um casamento. A

telenovela possibilita discussões e debates porque a lógica da história que está sendo exibida na ficção contracena com o espaço social real numa linguagem televisual que vai narrando a história dos personagens, suas dúvidas, medos e todas as característica humanas críveis que envolvem o público e fazem sentido para ele.

> A inclusão do cotidiano, seus temas políticos, econômicos, sociais, seus comportamentos mecânicos se dá numa lógica ficcional que tem por referência a lógica cultural daquela sociedade. Assim, as transformações que ocorrem no nível ficcional, a solução de tensões, o encaminhamento de soluções de problemas passam a sugerir soluções possíveis no nível do real, pois estão todos imersos na mesma história cultural: dramaturgos e espectadores. (BACCEGA, 2003, p. 10).

Na telenovela *A Foça do Querer*, além do triângulo amoroso central (Zeca, Ritinha e Ruy) e suas famílias, outro núcleo, também muito importante foi a história da Bibi (Juliana Paes)[73], personagem que foi inspirada em história real[74]. Bibi acaba se envolvendo com o tráfico depois da prisão do seu esposo Rubinho (Emílio Dantas). No passado ela fora noiva de Caio (Rodrigo Lombardi) que acaba assumindo o cargo de Secretário de Segurança Pública. Na trama, a personagem Bibi fica conhecida como "Bibi, a perigosa" e, todo o desenvolvimento da personagem - que passa de aspirante a advogada para mulher de bandido e assume algumas atividades ligadas ao mundo do crime - é retratado em meio aos seus dilemas: acreditar ou não na inocência do marido? Encobrir ou não as provas da participação do marido? Entender os motivos que o levaram para a criminalidade? Cumprir seu "papel" de esposa de bandido? Enfrentar a discriminação das pessoas em relação a seu filho? Ouvir os conselhos da sua mãe para abandonar o marido? Defender seu "território" enquanto mulher de bandido no sistema de hierarquia e vivência no morro? Abandonar Rubinho e entregar-se ao amor de Caio? No final da telenovela Bibi se regenera, arrepende-se, cumpre sua pena e reata a sua relação com Caio. Já Rubinho tem uma morte trágica depois de lutar pelo poder no morro. Na última cena da novela, fica sob a mira da policial Jeiza e do traficante Sabiá, entre a polícia e o tráfico. Rubinho acaba levando um tiro de Sabiá e morre no local enquanto Sabiá fica encurralado e vai preso.

As cenas de violência e a hierarquia no morro são retratadas através do contato da personagem Bibi com o mundo de crime e os lucros auferidos pelas atividades ilícitas. São

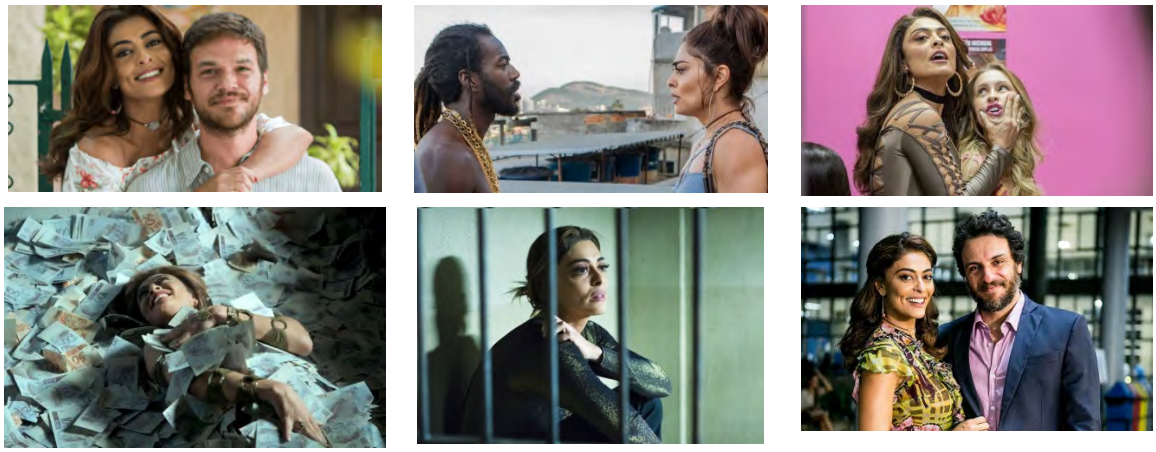
---

[73] A cena da sua prisão de Bibi registrou picos de audiência com, maior índice desde o capítulo em que Rubinho foi preso. Fonte: BRANDÃO, Felipe. Site Terra entretenimento. RD1. *Prisão de Bibi faz "Força do Querer" bater o próprio recorde de audiência.* 12/09/2017. Disponível em: https://rd1.com.br/prisao-de-bibi-faz-forca-do-querer-bater-o-proprio-recorde-de-audiencia/. Acesso em 10 nov. 2018.

[74] Bibi Perigosa foi inspirada na história real de Fabiana Escobar. Cf. ROCHA, Pedro. Estadão. *Inspiração para Bibi Perigosa de "A Força do Querer", Fabiana Escobar relança autobiografia*. 16/08/2017. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,inspiracao-para-a-bibi-perigosa-de-a-forca-do-querer-fabiana-escobar-relanca-autobiografia,70001937334. Acesso em: 10 nov. 2018.

mostradas cenas de muita ostentação no que diz respeito às armas usadas pelos criminosos, assim como também acontece com as festas, roupas, etc. Esses elementos compõem o espaço de transformação de Bibi, de estudante de Direito à personalidade do tráfico: as festas do morro, sua consagração como "Bibi, a perigosa", suas brigas com as periguetes do morro e o respeito que conquista de Sabiá. Toda a narrativa vai desvendando como a personagem - antes aspirante a advogada – é seduzida pelo poder e dinheiro do tráfico.

Quadro 02. Bibi – a sedução do crime



Fonte: Divulgação Rede Globo.

Outro assunto muito discutido a partir da telenovela foi a história da Ivana (Carol Duarte). Sua mãe Joyce (Maria Fernanda Cândido) é uma mulher fina e admirada na sociedade pelas roupas e pelo estilo de vida. Quando era pequena, Ivana e a mãe são capas de revistas de moda juntas, e a mãe não aceita que a filha não tenha vaidade, ou em outras palavras, não mostre sua feminilidade nas roupas e nos comportamentos. Sem perceber ou sem muita consciência de controle, Joyce cobra atitudes e comportamentos mais femininos da filha, o que angustia cada vez mais a garota. Ivana não entende sua própria atitude de não aceitação de seu corpo e, aos poucos, com a ajuda da prima e melhor amiga Simone (Juliana Paiva) e da terapeuta Dra. Eva (Esther Jablonski) vai conseguindo se compreender melhor. Ivana passa por muitas fases e o telespectador vai compreendendo o que está acontecendo junto com a personagem. Ocorre que Ivana não se identifica com o gênero feminino e não aceita o corpo que possui. Não fica claro, no início, realmente qual é a questão que a aflige, e o público vai descobrindo junto com a personagem que seu sofrimento decorre do fato de não se identificar com o gênero feminino. O caso da Ivana demonstrado na telenovela foi muito

discutido nas redes sociais e entre o público[75]. Segundo a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 8), "a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social". E, a pessoa pode nascer biologicamente mulher, como no caso da Ivana, mas não se identificar com esse gênero[76].

Realmente, a personagem não se identificava com o seu próprio corpo de mulher, ela sentia aversão a tudo aquilo que, para a sua mãe, era o importante: roupas e acessórios que ressaltassem o seu lado feminino. Joyce chega a desconfiar que Ivana seja homossexual, mas a filha nega. Por outro lado, Ivana sente atração e interesse pelo namorado, Cláudio (Gabriel Stauffer), então, ela própria não se compreende. Tudo que podemos perceber desde o início da trama é que Ivana tem vergonha e raiva de possuir seios e usa uma faixa para escondê-los. Ela chega a ter relações sexuais com o seu namorado e engravida, mas perde o bebê devido a uma agressão que sofre na rua quando é confundida com um homossexual. Nessa altura da trama, Ivana já está se compreendendo mais, ela faz uso de produtos químicos, sob orientação médica, para acelerar o processo de mudança de aparência e ficar mais parecida com um rapaz. Aos poucos o telespectador vai acompanhando a transição de Ivana para Ivan, com toda a carga de preconceitos, dúvidas e perigos que isso implica.

Outros personagens da telenovela ajudam Ivana a se descobrir e funcionam para o público como uma "explicação" dos conceitos de transgênero, transformistas e orientação sexual. Nonato[77] (Silvero Pereira), o motorista do tio machista de Ivana, Seu Eurico (Humberto Martins), é na verdade um transformista e, nas horas vagas assume a identidade de Elis Miranda, um travesti cantor e performático. Ele explica que ser Elis Miranda é uma arte e um prazer, mas continua sua vida como Nonato, não quer ser uma mulher. Em outro encontro

---

[75] Cf. GLOBO.COM. G1. Caruaru e Região. *Psicóloga fala sobre o caso da personagem Ivana, de 'A força do Querer': caso tem causado repercussão, principalmente nas redes sociais, abrindo espaço para debate*. 10/08/2017. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/saude-em-caruaru/noticia/psicologa-fala-sobre-o-caso-da-personagem-ivana-de-a-forca-do-querer.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

[76] Segundo Jesus (2012, p. 12), "gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s". A autora esclarece ainda que a vivência do gênero envolve dois elementos: a) a questão da identidade – caracterizado por transexuais e travestis; b) a questão da funcionalidade – caracterizado por *crossdressers* (sente prazer em usar roupas femininas, mas identifica-se como homem e geralmente é heterossexual) e artistas transformistas como *drag queens*, *drag kings* (vestem-se de forma "caricata" como alguém do outro gênero, mas, não necessariamente, se reconhece como alguém desse gênero e, a grande maioria não é homossexual.

[77] Nonato representa um pouco do que o ator é na vida real. O ator Silvero Pereira é nordestino e que sai da sua cidade para tentar a vida artística no Rio. Conheceu a autora Gloria Perez durante uma apresentação do espetáculo BR-TRANS. Ele é fundador do coletivo artístico "As Travestidas" em Fortaleza. Fonte: LESSA, Juliana. GShow. Bastidores. Rio, 09/02/2017. *Silvero Pereira se prepara para estrear na TV 'A Força do Querer': fundador do coletivo artístico As Travestidas, ator vem de uma longa carreira nos palcos*. Disponível em: https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/silvero-pereira-se-prepara-para-estrear-na-tv-em-a-forca-do-querer.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

casual com Anita (Lua Blanco), Ivana conhece Tereza Brant[78] (que também é ator na vida real e interpreta a si mesmo na trama), um modelo transgênero que ajudará Ivana a compreender a questão de identidade de gênero. No final, diante de todo o sofrimento da filha, Joyce acaba cedendo e apoia a filha em sua operação de retirada das mamas. Cláudio reaparece no final da trama e encontra Ivan. O final deixa entender que eles terão a chance de um novo recomeço.

Quadro 03. Ivana – identidade de gênero

Fonte: Divulgação Rede Globo.

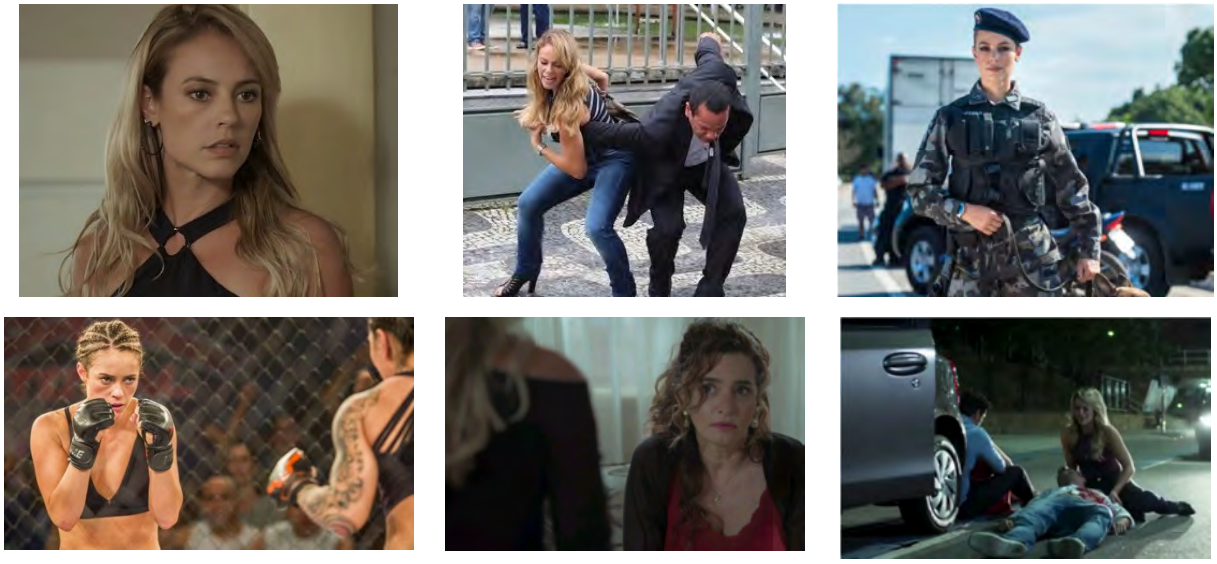
A telenovela também mostrou a dificuldade cotidiana na vida policial, tanto em suas horas de trabalho, quando está de uniforme, quanto em seus momentos de lazer. A major Jeiza (Paolla Oliveira) é uma policial que mora em Portugal Pequeno, no Rio de Janeiro, e precisa esconder de todos a sua ocupação. Sua mãe Cândida (Gisele Fróes) acha a profissão da filha muito perigosa e, quando Jeiza é designada para cumprir uma missão contra o tráfico de drogas, ela reclama: "Não posso nem mostrar o orgulho do trabalho de uma filha!"[79] Nesse capítulo, Jeiza sai apressada de casa e leva o celular de trabalho, confundindo com o que usa em suas horas de lazer. Ao ser abordada na rua por dois motoqueiros assaltantes, Jeiza precisa entregar o seu celular. Nessa altura Zeca está perto e já percebendo o que está acontecendo, se aproxima sorrateiramente a tempo de evitar que Jeiza morra alvejada pelo disparo dos assaltantes. Os bandidos percebem que ela é policial e atiram: "Ela é policial, irmão!!"[80] Por sorte o tiro atinge Zeca de raspão, que entra no exato momento do disparo e salva a vida da

[78] Tereza Brant também prestou consultoria para Gloria Perez na composição da personagem Ivana. Ele é ator e modelo e assumiu sua identidade masculina em 2013. Fonte: GALLO, Odara. UOL. Novelas – notícias da tv. *Modelo transgênero entra em A Força do Querer para orientar Ivana*. 28/06/2017. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/modelo-transgenero-entra-em-a-forca-do-querer-para-orientar-ivana--15662. Acesso em 10 nov. 2018.
[79] Cf. capítulo 29 de *A Força do Querer* (Globo) exibida em 05 de maio de 2017.
[80] Cf. capítulo 29 de *A Força do Querer* (Globo) exibida em 05 de maio de 2017.

policial. A telenovela retratou o desafio de ser um policial no Brasil e também homenageou os policiais mortos em serviço.

No capítulo 166, exibido em 13 de outubro de 2017, Gerson (Well Aguiar), colega da policial Jeiza é alvejado quando os bandidos, que tentam um assalto, percebem que se trata de um policial à paisana. No dia do enterro desse policial, a telenovela presta uma homenagem aos policiais mortos daquele ano com a seguinte inscrição no vídeo: "Homenagem aos 108 policiais que, neste ano de 2017, saíram do seio de suas famílias para combater a criminalidade e jamais retornaram; Rio de Janeiro, 14 de outubro de 2017"[81]. Além disso, a telenovela mostra na personagem de Jeiza, uma mulher forte e feminina ao mesmo tempo. Ela não se dobra aos caprichos do namorado Zeca, é uma policial durona do Batalhão de Operações com Cães (BAC) e também lutadora de MMA (*Mixed Martial Arts* ou artes marciais mistas) nas horas vagas.

Quadro 04. Jeiza – policial e lutadora de MMA



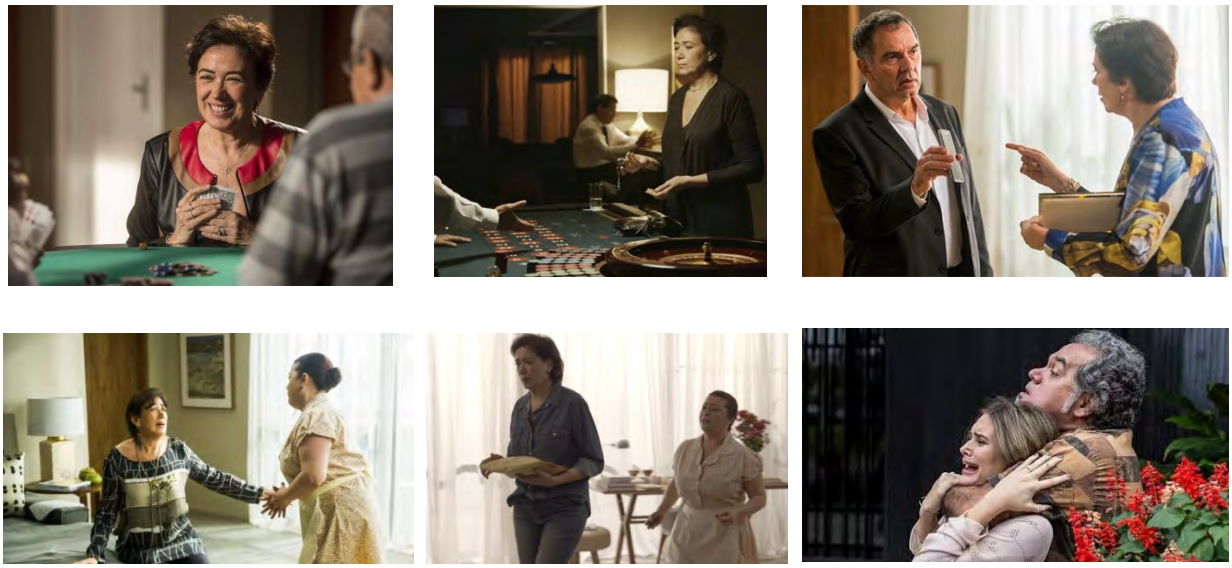
Fonte: Divulgação Rede Globo.

A telenovela também abordou a questão do vício em jogos. A personagem Silvana (Lilian Cabral) é a jogadora compulsiva que esconde do marido suas saídas para as mesas de pôquer. Ela se considera uma jogadora esporádica que para quando quer, mas a verdade é que mais e mais se envolve em situações difíceis: acumula dívidas, vai presa em casa de jogo

[81] Cf. cena do capítulo 167 exibida na Telenovela *A Força do Querer* em 14 de outubro de 2017. Por essa cena, a autora, Gloria Perez, recebeu mensagem de agradecimento da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Fonte: VEJA. Entretenimento. *Polícia Militar agradece a Gloria Perez por homenagem em novela.* Publicado em 18/10/2017. Disponível em: https://veja.abril.com.br/entretenimento/policia-militar-agradece-a-gloria-perez-por-homenagem-em-novela/. Acesso em 10 nov. 2018.

clandestina, perde o carro em dívida de jogo e vai aumentando nas mentiras que conta para sustentar seu vício. Por vezes, o tema é abordado com leveza e até um pouco de comicidade, mas no decorrer da trama, o vício vai se mostrando um elemento perigoso. Seu esposo Eurico (Humberto Martins) é um homem machista e rude, que não admite mentiras. Porém, nem desconfia que vive cercado pelas mentiras da esposa - acobertadas pela empregada Dita (Karla Karenina) - e até mesmo de Nonato, seu motorista, que esconde sua dupla identidade: nas horas vagas assume o papel da transformista Elis Miranda. O vício em jogo de Silvana vai se tornando mais perigoso e envolvendo outros personagens da trama: Bibi a salva de traficantes; Caio mais de uma vez a alerta sobre os perigos do vício e chega a lhe emprestar dinheiro para pagar as dívidas; até que, uma dívida mal resolvida de jogo coloca em perigo a vida de sua filha Simone (Juliana Paiva).

Quadro 05. Silvana – jogos e mentiras



Fonte: Divulgação Rede Globo.

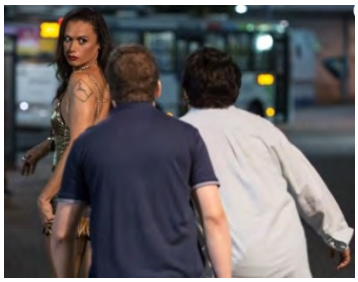
A seguir, apresentamos um quadro resumindo os temas da telenovela.

Quadro 06. Tabela de temas da telenovela

Tema	Cena	Enredo e personagem
Vida Policial Jeiza (Paolla Oliveira)		Jeiza é uma das figuras femininas marcantes. Lutadora de MMA e policial durona, seu papel demonstra os desafios da polícia na luta contra o crime.

Tráfico de drogas Rubinho (Emílio Dantas) e Sabiá (Jonathan Azevedo).		Rubinho se envolve com o crime e tenta tomar o poder no morro, desafiando o traficante Sabiá. A personagem deixará entrever como o crime seduz e produz mentiras e problemas.
Criminalidade Jeiza (Paolla Oliveira) e o Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, Caio (Rodrigo Lombardi)		Jeiza chega a ter um relacionamento com Caio quando está separada de Zeca. Juntos, representam a justiça contra o crime organizado. Os problemas e desafios da polícia contra o crime são mostrados nesse núcleo.
Deslumbramento do crime Bibi, a perigosa (Juliana Paes)		Bibi é uma mulher passional que ama demais. Casa-se com Rubinho, mas foi noiva de Caio no passado quando estudava Direito. Bibi acaba se envolvendo no crime por causa do marido, mas no final, deslumbra-se como o crime. Passa a ser conhecida como "a perigosa do pedaço". Ela vivencia a sedução do crime e fica entre dois amores: Rubinho e Caio, que representam respectivamente, o crime e a justiça.
Festas no morro Alessia (Hylka Maria), Sabiá (Jonathan Azevedo) e Bibi (Juliana Paes).		Bibi adentra a vida no morro, sua personagem muda o modo de se vestir e de se comportar. Ela ainda fica dividida entre a vida comum que possui com sua mãe e seu filho, e a vida perigosa no morro.
As relações entre as mulherer no morro Bibi (Juliana Paes) e Carine (Carla Diaz)		Com Rubinho ganhando poder e prestígio no morro, outras moças "periguetes" se encantam e tentam seduzi-lo. A personagem de Bibi mostra literalmente a briga pelo espaço no morro.
Vício em jogo Silvana (Lilia Cabral)		Silvana é a personagem que mostra os problemas do vício. Faz da empregada Dita (Karla Karenina) a sua cúmplice, dividindo com ela os lucros do jogo. Assim, ela de aventura em uma vida "escondida" e, mente para todos; principalmente para o marido Eurico (Humberto Martins), que abomina jogo e mentiras.

Vida Dupla Nonato como motorista de Eurico e como Elis Miranda, a cantora transformista (Silvero Pereira).		A vida dupla de Nonato e Elis Miranda mostra na narrativa os desafios dessa dupla identidade. A busca pela realização como artista também serve para esclarecer ao público as diferenças entre um travesti (quem se veste de mulher) e as questões de identidade de gênero (quem não se identifica com o seu sexo biológico).
Moda e estilo Joyce (Maria Fernanda Cândido)		Mãe zelosa e controladora, a personagem fez muito sucesso na elite da sociedade por seu bom gosto e estilo de vida. Suas vestimentas são a sua identidade. Ela tem dificuldade em entender o mundo real e vive querendo impor seu estilo a todos. Sua personagem mostra o seu sofrimento e a sua incompreensão como mãe e esposa. Ela não compreende os problemas da filha Ivana (Carol Duarte) que não se identifica com o seu gênero, não aceita o casamento do filho Ruy (Fiuk) com Ritinha (Isis Valverde) que está fora do seu círculo social e também não compreende os desejos do marido em arriscar-se em outra carreira. Seu marido Eugênio (Dan Stulbach), se deixa envolver por outra mulher e comete adultério.
Padrões de beleza plus size Abigail (Mariana Xavier)		Secretária das empresas Garcia, Abigail ou Biga, como todos a chamam, não se deixa abalar com o que pode ser classificado como excesso de peso. Ela demonstra muita segurança com o seu corpo, fora dos padrões de beleza impostos socialmente e, configura uma voz consciente do que quer do mundo e da vida. É confidente de Nonato (Silvero Pereira), mostrando ao telespectador uma visão diferente do habitual.
Machismo Eurico (Humberto Martins)		O personagem é intransigente e machista, mas mostra-se, ao final, um homem bom e generoso. Abomina o politicamente correto e representa a voz dos que não compreendem as sutilezas e novidades do mundo. Ele detesta

		jogo e mentiras, é direto e objetivo. Mas, vai se espantar ao descobrir que sua objetividade e esperteza nos negócios não o preparam para as surpresas que ele não enxerga ao seu redor: sua esposa é viciada em jogo e seu estimado motorista é um transformista performático.
Infidelidade Eugênio (Dan Stulbach) e Irene (Débora Falabella)		Irene é manipuladora e vingativa enquanto Eugênio é um homem fraco e cheio de problemas, que busca um novo projeto de vida em uma carreira diferente. Com problemas em casa e no casamento, Eugênio vai ceder à sedução e, acaba traindo sua esposa. Logo ele descobrirá que Irene é uma mulher psicopata e perigosa.
Homofobia Nonato (Silvero Pereira)		Nonato sofre muito preconceito. É nordestino, mudou-se para o Rio de Janeiro para tentar realizar seu sonho de se tornar um cantor performático. É um travesti que apanhou do irmão quando foi descoberto e, trabalha como motorista para sobreviver. Sofre diversos ataques verbais e físicos ocasionados pela homofobia.
Trangênero[82] e transexualidade Ivana/Ivan (Carol Duarte)		Ivana é uma jovem doce que não aceita seu próprio corpo. Ela, de início não compreende, mas é um problema de identidade de gênero. No decorrer da narrativa, o telespectador vai descobrindo e entendendo junto com a personagem. A telenovela retrata as suas consultas com a Dra. Eva (Esther Jablonski), suas conversas com a transformista Elis Miranda/Nonato, os esclarecimentos do modelo transgênero Tereza Brant e suas conversas com a prima e melhor amiga Simone (Juliana Paiva). Além disso, suas dúvidas e incertezas de relacionamento são mostradas no namoro com Cláudio (Gabriel Stauffer).

[82] Transgênero são pessoas que não se identificam com comportamentos e/ou papéis esperado do gênero determinado quando de seu nascimento. E, homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. (JESUS, 2012).

Distância comunicativa Yuri (Adriano Alves)	 	Yuri é cosplayer[83] e se veste de Goku, protagonista da saga *Dragon Ball*. Ele também só se comunica com a mãe por mensagem de celular. Sua mãe Heleninha (Totia Meireles) considera isso uma falta de respeito e briga com o filho. Na trama, essa relação intempestiva entre mãe e filho demonstra a dificuldade de relacionamento entre a geração dos pais e a dos filhos. Além disso, Yuri se envolve com o perigoso jogo Baleia Azul. A telenovela aproveita para alertar os pais sobre essa prática perigosa e criminosa que estava ocorrendo na vida real.
Intrigas e Manipulação Irene (Débora Falabella)		Irene é fugitiva em outro caso antigo de assassinato. Ela fica obcecada por Eugênio. Finge ser amiga, e aproxima-se da esposa dele, Joyce. Com mentiras e intrigas, Irene utiliza diversos ardis para arruinar o casamento deles.
Amor sem limites Rubinho (Emílio Dantas) e Bibi (Juliana Paes)		Bibi é uma mulher passional que faz tudo por amor. A personagem tem dificuldade em acreditar nos fatos, mesmo depois de o marido ser preso. A telenovela mostra essa relação perniciosa do casal e a manipulação de Rubinho, que usa a paixão de Bibi a seu favor.
Periguetes[84]do morro Alessia (Hylka Maria) e Carine (Carla Diaz)		As periguetes do morro estão atrás de visibilidade e destaque. Conseguem isso ao se relacionar com os homens importantes e poderosos da estrutura hierárquica do tráfico no morro. No caso, a telenovela mostra Alessia que perde esse lugar de "rainha" para outras periguetes que tentam seduzir seu companheiro. Carine, por sua vez tenta seduzir Rubinho que está em ascensão na escalada do crime.

Fonte: Autora com base na telenovela *A Força do Querer* (Globo. 2017).

[83] Pessoas que fazem cosplay – fãs que se vestem e, além disso, também, interpretam os personagens.
[84] Frequentemente está associado a mulher fútil e vulgar. O termo é "um neologismo usado para classificar jovens que se destacam por suas roupas curtas e justas e comportamento sexual-afetivo liberal". (TONDATO; VILAÇA, 2017).

Alguns temas tratados na telenovela *A Força do Querer* (Globo, 2017) foram considerados polêmicos e provocaram muita discussão e debates na sociedade[85] como foi o caso da personagem transgênero de Ivana.

A autora Gloria Perez, em entrevista, declarou que o eixo da história girava em torno das três protagonistas: Ritinha, Jeiza e Bibi, que são mulheres fortes. E, sobre a repercussão nas ruas, Gloria afirmou:

> Continuo achando que a repercussão das ruas é mais verdadeira, mais real. Na rede social, o Twitter especialmente, você tem muita panfletagem e campanha, então ali você precisa ter muito filtro, para saber o que deve ouvir e levar em conta e o que não deve levar. A gente sempre escuta o público, mas não é para mudar a história. Se o público não está entendendo o que você está querendo dizer, você diz diferente, mas para chegar no mesmo lugar que estava planejado. Se você for seguir a imaginação do público... Leio cada coisa no Twitter. Claro que, em todas as redes, você pode ouvir várias coisas interessantes, até críticas bem fundamentadas. (Del RÉ, 2017).

Os temas tratados na telenovela brasileira, entram nos lares e através da narrativa que vai sendo contada quase como se fosse um acontecimento "em tempo real", vai surpreendendo, assustando, conscientizando, fazendo rir ou chorar e emocionando o público que a acompanha. Nesse sentido, é quando a emoção faz parte da história e o personagem consegue "contar" a sua dor, raiva ou arrependimento, que o público se sensibiliza e esses temas tratados passam a fazer parte dos comentários, interesses e pauta de discussão na sociedade.

> Talvez o fascínio e a repercussão pública das novelas estejam relacionados a essas ousadias na abordagem dos dramas comuns de todos os dias. Em que medida a moral final correspondente a modelos convencionais ou liberalizantes tem a ver com uma negociação simbólica ou dos significados em jogo, negociação cheia de mediações que envolve autores, produtores, pesquisadores de mercado, instituições como a censura, a igreja, os movimentos negro, feminista, gay, ONGs e os diferentes públicos que veem novelas. O certo é que esses dramas nas novelas já não são lineares nem unilaterais mas, antes, bastante nuanceados e marcados por um movimento ambivalente de transgressão e conformismo. (LOPES, 2009, p. 28).

---

[85] SOARES, Ana Carolina; ZABAKI, Rosana. Veja São Paulo.08/09/2017. *"Ivanas" da vida real: trasngêneros que venceram o preconceito*. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/transgeneros-sao-paulo-ivana-a-forca-do-querer/. Acesso em: 10 nov. 2018.

8 TELENOVELA E RELAÇÃO INTERGERACIONAL

Esse capítulo trata da pesquisa de campo propriamente dita. Foram grupos de discussão, entrevistas em profundidade e histórias de vida. Os dados foram coletados durante a estada da pesquisadora no Japão entre maio de novembro de 2017.

8.1 Grupo de discussão

Para entender a mediação da telenovela brasileira na relação entre pais e filhos de imigrantes brasileiros no Japão, realizamos grupos de discussão com jovens adolescentes. Uma das fontes de pesquisa foi a coleta de dados realizada em Escola de Hamamatsu, na província de Shizuoka. Os alunos do Ensino Médio do 2º e 3º anos participaram dessa etapa. Aplicamos um questionário para selecionar os integrantes dos grupos de discussão e formamos dois grupos do Ensino Médio:

a) Grupo 1 - com 8 alunos do 2º ano do Ensino Médio com idade entre 16 e 17 anos, 4 rapazes e 4 moças;

b) Grupo 2 - com 6 alunos do 3º ano do Ensino Médio com idade entre 17 e 18 anos, 2 rapazes e 4 moças.

O grupo 1, com alunos do segundo ano, serão a referência para a análise dos dados, seus discursos serão descritos para referenciar o segundo grupo. Tratamos essa primeira fonte de dados como um marcador descritivo para as outras fontes. Dessa forma, é com base nesses dados que iremos comparar, acrescentar, concordar, discordar ou complementar os temas e discursos das discussões. Sobre o método e seus ajustes no processo de pesquisa, Flick (2009, p. 187) acrescenta que "na interpretação de dados, o grupo individual é, novamente, a unidade que serve como ponto de partida", então, fica claro que apesar de ser nosso ponto de partida, marcado como referencial, será um expediente metodológico para a apuração dos dados. Isso não quer dizer que informações novas e diferentes não sejam consideradas, pelo contrário, é uma forma que a pesquisadora encontrou/escolheu de trabalhar as fontes da pesquisa.

8.1.1 Marcador referencial: grupo 01

Os jovens participantes do grupo 1 (2º ano do Ensino Médio) lembraram de alguns nomes de telenovelas brasileiras. *Rock Story* (Globo 2016/2017 - exibida às 19h), *Além do Horizonte* (Globo 2013/2014 - exibida às 19h), *Viver a Vida* (Globo 2009/2010 - exibida às 21h), *I Love Paraisópolis* (Globo, 2015 – exibida às 19h), *Duas Caras* (2007/2008 – exibida

às 21h), *Verdades Secretas* (Globo, 2015 – exibida às 23h), *Malhação* (Globo, *Soap opera* na faixa das 18h com várias temporadas, criada em 1995), *Força do Querer* (Globo, 2017), *Chocolate com Pimenta* (Globo, 2003/2004, exibida no Japão no programa Vale a Pena Ver de novo em 2017 às 15h), *Cobras e Lagartos* (Globo, 2006 – exibida às 19h), *Avenida Brasil* (Globo, 2012 – exibida Às 21h), *Cheias de Charme* (Globo, 2012 – exibida Às 19h).

As discussões estão separadas por assuntos. As caixas de diálogos[86] não identificam os participantes, uma vez que o objetivo do grupo de discussão é a opinião do grupo. Os diálogos estão separados por pessoa e fala, quer dizer que a cada novo travessão (-), é uma pessoa diferente que está falando. Em algumas ocasiões outros depoentes falavam por cima, por se tratar de uma dinâmica de grupo, isso é aceitável e a interação e discussão do grupo são os elementos que nos interessam. Mas, quando isso ocorre, entre colchetes ([ ]), aparece a indicação da fala do outro depoente. As informações adicionais que foram incluídas posteriormente, como referências ou nome de telenovelas que aparecem nos diálogos foram colocadas entre colchetes também. Para diferenciar o início de um novo enunciado, colocamos a letra "E". Cabe salientar que é possível que exista mais de um enunciado de um mesmo enunciador. E, por fim, para facilitar o entendimento, as caixas de diálogos aparecem em primeiro lugar e, em seguida, as análises.

- Telenovela brasileira

E: - Eu acho que é legal, dá uma atualizada, mesmo não sendo 100% igual, relata algumas coisas da sociedade. Que nem essa última novela - a favela, o tráfico, como funciona...
E: - Para mim que não fui ao Brasil, eu não tenho ideia. Eu tenho ideia do que eu vejo na TV. Atualiza, eu tenho a visão do que eu vejo na TV. Para mim, o Brasil é aquilo que eu vejo.
E: - Retratam coisas muito violentas, então, acham que tudo é violento, por exemplo, quem nunca foi para o Brasil, aí não pensa que tem outras coisas boas no Brasil. Só pensa na violência e não pensa nas coisas boas que pode ter.

Os participantes acreditam que a telenovela brasileira é um meio de atualização para compreender como funciona a sociedade brasileira. Alguns não conhecem o Brasil pessoalmente e afirmam que a telenovela cumpre esse papel de mostrar o país, já outros

[86] As caixas de diálogos não são a totalidade da transcrição, mas são as falas relativas aos tópicos organizados para o fim dessa análise.

acham que a telenovela brasileira retrata muitos pontos negativos da sociedade e isso é ruim para a imagem do Brasil, pois as pessoas acabam achando que o Brasil é apenas o que está sendo mostrado na telenovela.

Os discursos produzidos pelo grupo realçam um imaginário de Brasil que eles já possuem e, ao mesmo tempo, lhes permitem relacionar essas imagens com suas próprias ideias; de informações sobre o Brasil colhidas de outras fontes. E, no momento da enunciação todo esse cruzamento de informações e referências sobre o Brasil se cristaliza nas cenas retratadas na telenovela, fazendo da trama da telenovela um referencial que, para eles, mostra a sociedade brasileira. Orlandi (2007) explicita a ideia das condições de produção do discurso e do interdiscurso, relacionando com a memória. As condições de produção do discurso são as circunstâncias da enunciação e o contexto imediato na situação do discurso. No caso desses participantes, quando lhes foi pedido que pensassem na telenovela e no que ela retratava para eles, antes de comentarem, eles formaram uma ideia mental sobre o que queriam enunciar. Então, é nesse momento que a palavra começa a tomar forma na mente e, eles constroem uma imagem de Brasil, recuperando de suas memórias tudo que eles lembram ou associam com o país, independente de terem ou não estado no Brasil. Em relação ao discurso, isso é exatamente o que a autora denomina como memória discursiva. Ou seja, "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra". (Orlandi, 2007, p. 31). Nessas condições, a própria memória do sujeito traz um interdiscurso, ou seja, "aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente". (Orlandi, 2007, p. 31).

- Ativação de memória

E: - Faz tempo que eu não assisto. Eu achava legal, mas minha mãe parou de assistir, aí eu parei também. Daí eu achava que tinha muita coisa que fugia da realidade, também muita coisa nada a ver!! Meio que parei por causa disso.

E: - Eu assisto bastante, mas algumas eu achava que não era muito educativo, tinha drogas, então não assisto. É a realidade do Brasil, eu sei, mas eu não assisto muito mais.

E: - Passa muita coisa desnecessária, você assiste à novela com seu filho e passa uma cena de sexo, tá, normal!! Mas, acaba sendo desconfortável e muita gente fica constrangida.

E: - Novelas apresentam temas como homofobia, preconceito, isso dá uma noção do

que está acontecendo hoje também e não só no Brasil...
E: - É bom porque a gente fica informado também.

Uma das depoentes lembrou-se da última telenovela que assistiu e porque não as assiste mais. Para ela, assistir à telenovela brasileira era uma atividade que fazia na companhia da mãe, quando a mãe parou de assistir, ela também parou. A depoente declara ainda que algumas vezes achava a telenovela exagerada e fora da realidade. Então, ela afirma que decidiu parar de assistir também por esse motivo. Na opinião de outra depoente, algumas coisas são desnecessárias e podem constranger, por exemplo, quando uma mãe assiste à telenovela com seus filhos e aparece uma cena de sexo. Por outro lado, um dos depoentes afirmou que as telenovelas apresentam temas importantes que estão acontecendo no mundo e, por isso é importante assistir a elas.

Conforme explica Charaudeau (2010), na instância da recepção existem dois tipos que podem ser contemplados: o *alvo intelectivo* – capaz de avaliar àquilo que lhe é proposto com aptidão e compreensão, portanto com racionalidade e; o *alvo afetivo* – que utiliza o inconsciente emocional do qual a afetividade é o alvo. E, nessa inflexão o autor considera ainda que, a informação recebida pelas mídias não é somente para provocar uma ação, mas também pode ter outras mediações nos sujeitos.

> O sujeito-alvo não consome informação apenas pra agir, mas também e principalmente para poder ocupar uma certa posição social, estabelecer relações com o outro, seja ela de convívio (comentar acontecimentos, a atualidade, com seus colegas ou amigos) ou de poder, pois exerce poder sobre o outro aquele que informa o que este ignora, ou que tem condições de comentar a atualidade. (CHARAUDEAU, 2010, p. 80).

Assistir à telenovela pode ser um ato de convívio com a mãe, como relata uma das depoentes. Para além das discussões sobre o conteúdo *intelectivo* ou *afetivo* (CHARAUDEAU, 2010) que possa proporcionar, essa ação pode ser um dos usos que se faz desse conteúdo midiático, no caso, a telenovela. E, as estratégias discursivas da dramatização - segundo entendimento de Charaudeau (2010, p, 82), o inesperado, o repetitivo, o insólito, o inaudito, o enorme, o trágico etc. - são estratégias para representações de emoções do *alvo afetivo* e, muitas vezes esses campos discursivos são utilizados para a narrativa ficcional da telenovela. O autor, também ressalta para a dificuldade de contemplar todo o receptor-público, pois "a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção" (CHARAUDEAU, 2010, p. 79). E, nesse sentido, temos que considerar que a telenovela brasileira está sendo vista pelos brasileiros que estão no Japão, portanto distantes

da vida social brasileira, mas ao mesmo tempo próximos em termos afetivos. Conforme observamos na pesquisa de campo, a telenovela ativa um espaço que está sendo construído entre a razão e a emoção.

- Influência da telenovela

E: - Eu acho o seguinte, eu acho que a novela, ela mostra, como nesse caso, um personagem está usando drogas, ele faz parte do tráfico de drogas, mas se tem alguém combatendo isso, eu acho que vai muito da cabeça e da interpretação de quem está assistindo. [...] Entra na sua cabeça e você interpreta de um jeito. Se você tem uma cabeça boa, você interpreta de um jeito e de uma forma positiva.
E: - Depende da pessoa também, se a pessoa tiver a mente fraca, ela vai ser influenciada...
E: - Pode ser influenciada para o bem também, muitas vezes, como tem gente que sai do tráfico na novela e tem gente que entra também. Então, depende da sua interpretação, se você quer ser bem influenciado ou mal influenciado. Tem tanto a boa influencia como a má influencia, depende de cada pessoa.

Quanto à influência da telenovela brasileira há opiniões diferentes. Alguns acham que a telenovela influencia quando mostra temas como o uso das drogas e suas consequências, e que essa exibição pode ajudar a alertar os pais e os filhos para os perigos desse consumo. Ao mesmo tempo, os participantes acabaram concordando que essa influência só afetaria as pessoas que - eles expressaram com as palavras "*para o bem ou para o mal*" – não interpretassem corretamente a informação. Então isso dependeria da interpretação de cada um. Ou seja, depende da utilização que cada um faz a partir da informação recebida.

Essa palavra é marcada como um divisor de significado que separa quem sabe "interpretar bem" o fato mostrado na telenovela - seguindo para o bom caminho, de quem não sabe interpretar a narrativa mostrada na telenovela - seguindo o mau caminho. Ou seja, mesmo que a narrativa seja mostrada de um ponto de vista pessimista, por exemplo, um personagem que faz uso de drogas ou segue pelo caminho do crime, se "interpretado bem" será entendido como um alerta e um exemplo do que não deve ser feito.

Os depoentes expressaram sua ideia mental fazendo uso da palavra "interpretação", talvez tivesse alguma outra que explicitasse melhor os sentidos que eles estavam expressando, mas precisamos considerar as condições de produção do discurso. Naquele momento, estávamos numa discussão em grupo que acaloradamente envolve mais de uma pessoa em

algo que, ao se empolgar, todos ficam desejosos de expressarem suas impressões. E, como se trata de uma conversa dialogada, na oralidade, as palavras vão sendo utilizadas como meio de expressão da ideia mental, e a rapidez com que o pensamento atina, não consegue, por vezes, tempo para encontrar um termo mais preciso. Decorre disso, que o depoente precisou explicar o que gostaria que fosse entendido com o termo. Também podemos pontuar que as palavras utilizadas são uma escolha que depende da formação ideológica do ser, ou seja, elas adquirem sentido em relação ao que o indivíduo aceita - como bom ou ruim, aceitável ou não aceitável – e, nesse caso depende da moral que eles entendem como o correto a ser feito nessas situações. O olhar do indivíduo fica condicionado à sua visão de mundo, à sua ideologia e ao que ele aceita socialmente e, por isso, também depende do espaço social a que pertence.

> Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formulações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147).

Uma segunda coisa, que também deve ser considerada é o fato de esses jovens estarem em outro país e, tendo que acompanhar também, minimamente que seja, a língua local, então, nem sempre eles conseguem se expressar com exatidão. De qualquer modo, pensaremos conforme Bakhtin-Volochínov (2010, p. 52), segundo o qual, "o signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo". Assim, a significação da palavra "interpretação" é explicitada em dois caminhos: o do bem e o do mau que conduzem respectivamente a boas ou más ações.

- Telenovela e linguagem

E: - As gírias influenciam bastante. Bastante, mas não lembro agora.

E: - Eu mesmo já usei um monte, mas eu não lembro.

E: - É uma coisa que pega mesmo, a gente escuta, tá na novela. Mas daí passa alguns meses e fica passado. É passageiro.

E: - Passa. Isso passa porque a moda também avança, e não porque a novela acabou.

E: - Outras novelas surgem com outro estilo, outro jeito, aí, você vai se atualizando, eu acho.

Já sobre a linguagem e o jeito de se vestir, os entrevistados concordam que a telenovela influencia bastante; as gírias e os jargões usados pelos personagens são utilizados entre os jovens e, as roupas ou acessórios também entram na moda. O mesmo ocorre com os estilos e tendências de cortes de cabelo e comportamento. Os participantes lembram que o Comendador José Alfredo (Alexandre Nero), na telenovela *Império* (Globo, 2015), usava o jargão "Meça suas palavras" e que em *Cheias de Charme* (Globo, 2012) havia muitas gírias. Esse fenômeno também foi percebido no Brasil. Na época, essas representações em vídeo, em formato de memes[87] foram publicadas na internet pelo canal *YouTube*.

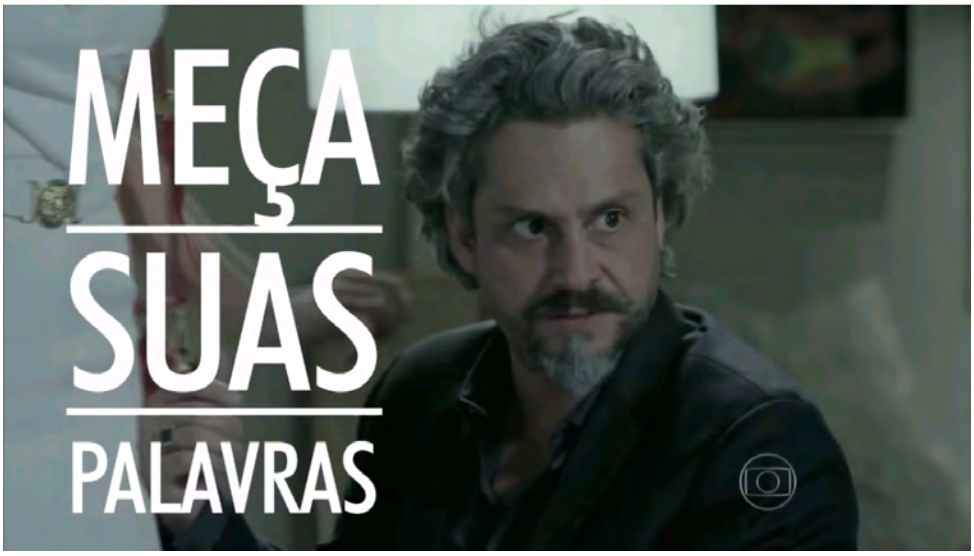


Fig. 08 – Jargão do Comendador. Fonte: *YouTube*, 2015. O Comendador: Melhores momentos em Império. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g2ZmF5UWERc. Acesso em: 10 nov. 2018.

- Temas da telenovela

E: - É bom porque relata a sociedade, a realidade, o jeito que está atualmente. O que se fala muito na atualidade, homossexualidade, transgênero... Agora está falando bastante por causa da novela né... Mas, é bom para as pessoas saberem o que é, porque muita gente não sabe o que é. Eu mesmo não sabia, então é bom para você saber o que está acontecendo, o que é. E não ficar com preconceito sem saber o que é.

[Sobre as drogas]

E: - Mas a gente viu na novela, agora. Meu pai e minha mãe assistiram na novela, e

[87] Conforme Recuero (2006), Meme é proveniente da palavra grega "Mimeme" e seu conceito está associado à ideia evolucionista de genes que se propagam numa evolução genética com longevidade, fecundidade, fidelidade das cópias ou imitações, numa espécie de evolução cultural de grande alcance, pensando hoje no poder da internet.

sempre que eu ia para a sala, a gente acabava conversando algumas coisas e lembrando de alguns casos.

E: - Ser usuário de drogas, meus pais sempre já me falaram. Eles falam e eu absorvo muito bem. Mesmo os pais educando direitinho, se você não absorve bem, você pode fazer o que não é certo...

[Sobre violência e segurança]

E: - Espantar, eu não me espantei não, porque eu acho que é pior do que aquilo que mostra na TV. Mas, eu acho que tem que mostrar também... É uma coisa que ensina, entendeu.

E: - É por que se por acaso, você vai para o Brasil, é inocente, não sabe de nada: - Vim do Japão agora..., e acaba que as pessoas te passam pra trás, você pode ser roubado a qualquer momento... Você está com o celular na rua, e você não vai ficar com o celular na mão na rua, se não, já era... Então é uma boa noção que você acaba tendo da novela, né. É porque isso acontece... Então, não vai mais acontecer comigo porque eu vou me prevenir.

E: - Eu acho que se for fazer uma novela, não pode ficar colocando muita coisa fora do comum, tem que retratar a realidade mesmo. No dia que melhorar o Brasil, aí você retrata a realidade, que vai ser uma realidade boa. Até então, tem que retratar, por que senão, esse negócio não vai estar fazendo sentido, fica um conto de fadas, não pode dar tudo certo, uma hora vai ter que dar uma coisa errada.

Alguns temas mostrados na telenovela são especialmente lembrados pelo grupo. A telenovela *A Força do Querer* (Globo, 2017) retratou uma personagem transgênero, Ivana (Carol Duarte), que estava em conflito com o próprio corpo, descobrindo no decorrer da narrativa, junto com o telespectador, o que significava esse conflito. Sobre esse tema da sexualidade, violência e drogas, a maioria acha que deve ser retratada na telenovela. Pois, isso atualiza e mostra como é a sociedade brasileira. E, considerando que na sociedade japonesa a questão da segurança é bem diferente da situação do Brasil, a telenovela serviria para alertar sobre os perigos e mostrar como é o modo de vida dos brasileiros na realidade.

Em determinado momento da narração do depoente, ele defende suas ideias se colocando como seu próprio *auditório social* (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010), como se ele mesmo fosse o interlocutor a quem se destina sua argumentação. Esse recurso, ao mesmo tempo em que desencadeia uma representação das ideias defendidas, também demostra um aspecto respondível pelo próprio locutor. Então, ele mesmo fala para ele, mas na verdade,

representando um outro para exemplificar seus argumentos e mostrar como o interlocutor agiria. Na frase, "*É inocente, não sabe de nada*", quem é inocente é a pessoa que veio do Japão e não conhece o Brasil. Então o próprio locutor explica essa inocência se colocando no lugar do outro que teria ido ao Brasil "*Vim do Japão agora...*". Essa troca de locutor/interlocutor demonstra que o falante está pensando com ele mesmo as consequências de algo que ele narra, então ele é o seu próprio *auditório social* nesse exemplo que ele defende para argumentar que a telenovela precisa atualizar as pessoas sobre a sociedade brasileira. "O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, motivações, apreciações etc.". (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 117, grifo do autor).

Para que haja um *auditório social*, Bakhtin-Volochínov explica que é preciso também um *horizonte social*. O autor explica que a *situação social* do lugar de fala do locutor e interlocutor no momento da interação ocorre ente indivíduos "socialmente organizado e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor". (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 116). Logo a palavra dirige-se a alguém, numa situação concreta, então "é preciso supor além disso um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito." (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 116, grifo do autor). E, se pensarmos nesses depoentes, eles estão organizados segundo um *horizonte social* próprio que aparece em seus discursos.

- Sexualidade na telenovela

E: - Eu acho que é uma coisa natural [o erótico ou a cena de sexo na novela].
E: - De certa maneira, é um pouco exagerado, pelo fato de ser uma novela, ter crianças assistindo...
E: - Tem um sexo rolando na minha frente e eu estou do lado da minha mãe e do meu pai, é natural, mas dá um sustinho...
E: - Fica um silenciozinho [nessa hora da cena erótica na telenovela].

Sobre a questão da sexualidade, eles alegam que é um tema constrangedor. A telenovela é vista com a família, muitas vezes na companhia dos pais e, quando há cenas de sexo, fica muito constrangedor, embora eles considerem como uma coisa natural. Mas, o silêncio na sala indica o quão constrangedor é. Nesse sentido, todos disseram que já

presenciaram esse constrangimento e, realmente o que impera é o silêncio: os pais não dizem nada, nem tampouco os filhos.

As telenovelas japonesas não mostram as cenas com o erotismo ou a insinuação do ato sexual tão abertamente quanto as telenovelas brasileiras. Então, isso já indica um termômetro do que é comum ou não na ficção televisiva japonesa. Mesmo a família assistindo somente aos programas brasileiros, é esperado que o modo socialmente aceito, a moral e os costumes absorvidos, em parte sejam outros – readaptados e moldados pela sociedade local. Podemos pensar que é natural aceitar que a família que convive durante muito tempo imerso nessa sociedade mais moralista, do ponto de vista de cenas eróticas exibidas na televisão, acabe adquirindo um olhar mais severo e exigente, então, isso explicaria o constrangimento.

Assim como acontece no Brasil, os programas japoneses e a televisão em si no Japão, também funciona como um parâmetro norteador do comportamento da população. No Japão, quando ocorrem as crises econômicas, a televisão é utilizada para um determinado sentido, conforme esclarece a pesquisadora e ex- diretora do Departamento de Produção da NHK[88]:

> Quando a sociedade entrava em crise e precisava da força da união da população, os programas enfatizaram a importância e o poder do modo de vida coletiva e do seu núcleo, representado pela família; quando a sociedade precisava se renovar, os programas destacaram os personagens únicos. (TANAKA, 2012, p. 84).

Quando o número de estrangeiros começa a crescer e no Japão, a convivência social com os estrangeiros torna-se frequente e as diferenças culturais aparecem. Os costumes japoneses precisam ser reforçados e os costumes estrangeiros precisam ser explicados, então, é a televisão que vai servir como instrumento de alcance para "amenizar a tensão existente em decorrência de novas condições econômicas ou sociais". (TANAKA, 2012, p. 85). Principalmente as narrativas teleficcionais são utilizadas para esclarecer à população sobre a cultura estrangeira e orientar o comportamento de estranhamento dos japoneses.

> Quando as crianças dos imigrantes vindos do ocidente começaram a ingressar nas escolas em número significativo, o falar e o vestir desses novos alunos provocaram certo desequilíbrio entre os escolares. O brinco, por exemplo, é um acessório quase que inexistente entre as crianças japonesas. Como resultado, um ficcional incluiu entre os seus personagens, uma aluna vinda de outro país, mostrando que para a cultura dela, usar brinco não é aberração. (TANAKA, 2012, p. 85).

---

[88] NHK é a única emissora pública do Japão, mantida com o pagamento de taxas de lares possuidores de televisão. Iniciou suas atividades em 1925 e visa possibilitar transmissões idôneas, livres de influência política ou de organizações privadas, priorizando a opinião do telespectador. Fonte: NHK – World Japan. [Nippon Hoso Kyokai – Japan Broadcasting Corporation]. *Sobre a NHK*. Disponível em: https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/pt/aboutnhk/. Acesso em: 10 nov. 2018.

No Japão, os trabalhadores que lá permaneceram - apesar da crise financeira, dos desafios e das catástrofes naturais - já estão acomodados com imigrantes. A entrada de brasileiros em território japonês foi condicionada ao grau de parentesco e à descendência com o povo japonês. Mesmo assim, considerando que grande parte dos estrangeiros brasileiros é descendente de japoneses e consequentemente conhecem um pouco da cultura japonesa, as dificuldades e os estranhamentos de ambos os lados não foram de fácil solução.

> Trabalhar em país estrangeiro não significa "voltar para casa" no fim do dia, mas começar a enfrentar a vivência em um contexto cultural totalmente diferente - na moradia, na vizinhança, na ida às compras, no banco, no correio, nos metrôs, ônibus etc. - , no qual a racionalidade nas relações sociais, o controle emocional e a moral confuciana constituem a norma. (KAWAMURA, 2003, p. 44).

Diante das dificuldades de entender a cultura local, morar em um país estranho, e se adaptar ao modo de vida, de trabalho, da escola dos filhos, das relações com os chefes e empreiteiras japonesas etc. foi preciso adaptar também o modo de vida dos brasileiros trabalhadores no Japão.

> Os imigrantes passam a abrir espaços sociais no trabalho, na vida cotidiana, no lazer, na escola adotando estratégias que correspondem aos aspectos culturais brasileiros e japoneses miscigenados, isto é, práticas novas, ideias e valores novos, que compreendem uma mistura de seu background cultural temperado com o "jeitinho brasileiro" e as influências da cultura cotidiana da sociedade japonesa, com vistas a enfrentar os problemas socioculturais de sua vivência em uma sociedade fundamentalmente diversa daquela que constitui a sua experiência anterior, no Brasil. (KAWAMURA, 2003, p. 45-46).

A vida da maioria dos brasileiros imigrantes é pautada pela busca de melhores condições de vida, assim, o trabalho acaba sendo o foco de suas vidas. Logo, o sucesso da vida no trabalho era um fator determinante para o seu estabelecimento no país. A ideia primeira era juntar uma quantia em dinheiro que permitisse o retorno ao Brasil depois de alguns anos. Porém, com o passar dos anos, a adaptação ao Japão e outros fatores como a diferença da qualidade de vida entre Brasil e Japão, apesar de tantos obstáculos e sacrifícios, e também, em muitos casos com a formação da família e filhos na escola e na sociedade local, os brasileiros acabaram permanecendo no país. As dúvidas e incertezas pareciam maiores que a possibilidade de retornar ao Brasil: Como sustentar a família no Brasil, se a maioria foi ao Japão jovem e sem uma qualificação adequada para voltar e concorrer no mercado de trabalho brasileiro? Como garantir o acesso à educação, saúde, segurança e todas as vantagens de um país economicamente estável e desenvolvido? Como pedir para os filhos abrirem mão de seus amigos, seus costumes e confortos adquiridos no Japão? Por todos os motivos aparentes, permanecer no Japão parecia a decisão certa, principalmente pensando na questão da

segurança e da economia. Mas, a vida no Japão não era fácil, a adaptação ao mundo corporativo, ao modo de trabalhar e viver do japonês era um mundo novo para o brasileiro; muitas horas de trabalho, a incompreensão da língua e os pequenos desafios diários. Conforme atesta Kawamura (2003), principalmente no início das migrações "a maioria dos brasileiros descendentes de japoneses, apesar da semelhança na aparência física e da influência da tradicional cultura japonesa em sua formação, encontraram-se distantes da atual cultura do trabalho japonesa". (KAWAMURA, 2003, p. 135).

Certamente, as condições de trabalho dos pais atinge a vida dos seus filhos, principalmente em relação à disponibilidade tempo para dedicar à família. O tempo livre para a convivência familiar, no Japão, acaba ficando em segundo plano. O foco principal é conseguir suprir as necessidades financeiras da família. Se para os pais esse sacrifício significa oferecer aos filhos uma vida financeira estável e também melhores oportunidades futuras; para os filhos, muitas vezes, isso se traduz em distanciamento, falta de comunicação e problemas de relacionamento com os pais. É claro que não é somente o fator trabalho que favorece, ou não, a relação entre pais e filhos, mas nas condições e objetivos dessas famílias, a relação dos pais com o trabalho vai afetar diretamente sua relação com os filhos e influenciar suas vidas.

- Relação com os pais

E: - Ele mora longe, aí eu não converso com meu pai. Raramente ele me liga, tipo uma vez a cada 4 meses, muito difícil.

E: - Eu e minha mãe, eu não converso muito com ela porque se a gente começa a conversar, a gente tem um pensamento meio diferente: eu tenho um pensamento forte e ela tem a mente fechada e acaba dando briga também, a gente não conversa tanto... Agora, está sendo o meu namorado porque ela tem um pensamento diferente, ela pensa um negócio e eu falo que nada a ver, que é diferente, tipo ela acha que ele vai me influenciar em alguma coisa e eu acho que não. Se for pra fazer alguma coisa, é porque eu quero.

E: - Eu moro só com meu pai, minha mãe está no Brasil e a gente não se fala muito. Com meu pai, converso pouco porque [choro] ele trabalha bastante, faz koutai [trabalho em turnos, troca de turno e trabalha de dia ou trabalha de noite], muitas vezes a noite... a gente não briga... eu sinto falta da minha mãe [choro].

E: - Eu converso bastante com os dois, mas quando eles tratam de algum assunto

específico assim, eu falo a minha opinião, mas eles meio que, tá essa é a sua opinião, mas eu não ligo. Então, não tem necessidade de eu falar minha opinião. Meio que, se eles acham isso, tá beleza, eu não vou interferir na opinião deles sendo que eles não vão se importar. Então, eu fico meio quieta. Mas, tirando esse assunto específico, eu me dou muito bem, mas o problema é isso, tipo eu falo uma coisa, eles não gostam e ficam de cara fechada, entendeu?! É meio difícil conversar com meus pais...[...] Brigar, brigar de bater boca, não, mas eu fico meio calada pra não brigar, pra não perder a paciência comigo, sabe?!

E: - Meus pais nunca ligaram muito para a minha opinião quando eles moravam juntos, mas recentemente eles se separaram, aí meu pai foi mudar para outra casa, aí eu não converso muito com ele. A cada 15 dias, eu vejo ele porque eu vou dormir uma noite na casa dele, aí a gente não conversa muito né. Minha mãe, ela trabalha muito, mais ou menos desde umas 6 horas, eu acordo mais ou menos 6 horas, mas ela entra 6 horas e volta 10 horas da noite, então, eu nem vejo ela direito, tipo assim, sempre foi assim. Então, eu me acostumei com isso, aí a gente briga bastante porque ela tem a mente muito fechada também e, eu tenho uma mente mais aberta e, ela implica muito comigo, com as notas da escola, porque ela fala que nunca me vê estudando e ela paga as coisas para mim... Mas, como ela nunca tá em casa, não tem como ela ver nada, se eu estou estudando ou não. O meu pai, o tempo que a gente tem junto, a cada 15 dias, a gente tenta aproveitar o máximo, não discutir ou brigar, a gente tenta mais se divertir junto e é isso. [...] Eu acho que eu me dou melhor com meu pai porque ele tenta me entender, porque ele tem a mente mais aberta que a minha mãe. Minha mãe, como ela tem a mente muito fechada, então ela não fala muito comigo e, quando fala é para discordar da minha opinião.

E: - Então, meu pai, ele trabalha muito, ele entra 5 horas da tarde sai 8 horas da manhã. Então, o tempo que ele está em casa, ele está em casa e está dormindo. Ele acorda às quatro horas e sai às cinco e, eu tenho 1 hora com ele, mas ele sempre está muito estressado por causa do trabalho porque ele trabalha mais de 12 horas, então, não tem como ele não se estressar. Aí ele acaba ficando na dele, para não descontar na gente. Ele tem folga uma vez por semana, só que é no meio da semana, e no meio da semana eu venho para a escola... e tem a parte da tarde, só que: Ah! Ele tá muito cansado e precisa dormir. Minha mãe, eu tô conversando com ela só que não dá muito certo porque a gente sempre discute, desde a meia que eu tô usando até a casa

do vizinho.

E: - Meus pais..., é bom. Sim, a gente conversa todos os dias, os dois, assim, trabalham normal [horário comercial]. Praticamente todos os dias, a gente conversa, convive. Meu pai faz koutai [troca de turnos], mas às vezes em que ele está casa, ele tenta ficar com a gente, não dormir, sabe, o tempo inteiro. A gente conversa também em alguns assuntos porque eles são mais velhos e eles têm um pensamento um pouco mais conservador do que o meu, mas a gente sempre se entende. Uma vez ou outra acaba que: Tá, então tá bom, você acha isso, eu acho isso, cada um tem a sua opinião, mas, assim, tem bastante comunicação, todos os dias a gente conversa, sempre tem oportunidade de a gente estar conversando. Eles falam que a gente conversa pouco, mas, assim, eu acho que a gente conversa bastante.

E: - Relação com os meus pais é muito boa, com ambos, os dois. E, meu... Depois que eu escutei o que o pessoal falou, eu vou reclamar do quê?? Eu tenho apoio, eu tenho apoio e companhia, eu não posso reclamar de nada. Se eu quiser fazer uma coisa, eles vão me apoiar, mas se eu estiver fazendo errado, eles vão falar: você está no caminho errado, tal coisa e tal coisa. Eu não tenho do que reclamar deles, boa comunicação com todo mundo. Eu acho que é normal essa coisa de discutir, mas eu acho que o atrito é normal quando você convive diariamente.

Outro fator percebido nas questões de relacionamento entre pais e filhos é a constituição familiar. Pais separados, ou não, possuem condições e histórias diferentes, como é esperado, em qualquer lugar. Mas, observando os discursos dos filhos e, então sob a ótica desses jovens; além do relacionamento entre os pais, o trabalho dos pais e sua disponibilidade de tempo são um dos fatores preponderantes nas relações intergeracionais.

Uma coisa interessante é que o fato de estarem em grupo os faz terem força para enunciar e, a posição que assumem no ato da fala legitima suas opiniões. Se por um lado, pensamos que algumas opiniões seriam difíceis de ser abordadas, por outro, ao se iniciar um assunto, mesmo sendo delicado, ele toma forma seguindo uma espécie de formação discursiva do grupo, todos eles falam a partir da posição de filhos, e é nessa posição que se estranham com as atitudes dos pais. Por vezes, até os compreendem, ou enunciam que os compreendem, mas no lugar de fala de filhos, essa questão é dada como óbvia para quem os escuta, e algumas coisas são pensadas como se não precisassem ser explicadas, pois é evidente. Dessa forma essa formação discursiva vai reafirmar a posição deles no momento da enunciação, isso

ocorre porque existe uma relação em torno do discurso, um tipo de gênero do discurso denominado como "de filhos" que foi se formando ao enunciarem suas falas.

> O núcleo do gênero é composto assim pelos dispositivos enunciativos de criação de relações entre interlocutores, e destes com o objeto do discurso, constituindo-os, ao tempo em que são por eles constituídos no âmbito de uma dada esfera de produção, circulação e recepção de discursos. (SOBRAL, 2011, p. 37).

Cada um permanece no seu canto, então, é como se tudo estivesse bem. É nítida a existência de uma relação de poder, então, como filha, a depoente conclui que é melhor não responder, "*Então, eu fico meio quieta*". Orlandi (2007) explicita a questão da hierarquia e relações de força na Análise do Discurso.

> [...] podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na "comunicação". A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2007, p. 39-40).

- Lembranças da telenovela

E: - Novela de época

E: - O cara que só se casou com a mãe da menina porque queria ficar perto da menina, achei muito ridículo da parte dele e, a menina tinha, tipo 16 anos. E a parte que a mulher levava ela mais para a prostituição porque ela tinha que ganhar dinheiro para a família dela. Eu comentava com a minha mãe algumas vezes, mas tipo ela não ligava pra mim, aí eu parei de falar.

E: - O que eu entro mais em conflito com minha mãe com esses troços de novela, é coisa de sexualidade. Minha mãe não aceita muito bem isso, já eu penso diferente. Aí entra nessa discussão. Por exemplo, esse troço de transgênero na novela, agora, ela realmente achou estranho, como se fosse um absurdo, uma coisa que não deveria existir. Para mim, já é uma coisa normal, que é opção da pessoa que ela escolheu e fica entrando nesse conflito. Já que ela trabalha muito e como ela gosta de assistir novela e, ela não terminou de assistir porque a gente teve que cancelar a TV por assinatura, ela pede para mim colocar e, ela dá mais atenção para a novela do que para mim, e eu vou pro meu quarto fazer nada, eu não gosto muito de novela assim, eu prefiro fazer outra coisa, estudar ou mexer no computador.

E: - Eu vi algumas novelas que falam de prostituição, aquela Salve Jorge [Globo, 2012/2013], achei meio pesado, que a menina foi lá na inocência, trabalhar e no final ela tinha que se prostituir. Eu achei essa coisa muito pesada. Eu assistia com meus pais, eles só ficavam quietos assistindo, que nem eu, eles não falavam nada.
E: - Quando eu era mais nova, minha mãe, certas coisas, minha mãe não, não é bom, vamos mudar de canal... Mas, era mais aquelas minisséries que passava lá pela meia noite...
E: - A questão da sexualidade, meus pais sempre falaram, é todo mundo igual, não importa se ele gosta do mesmo sexo que ele é. Se eu sou homem e gosto de outro homem... A gente estava debatendo essas coisas, aí um amigo nosso foi para o Brasil, e falou: - Meu, o que tem de homossexual. Outro dia, estava no restaurante e chegaram vários casais de mulheres e homens... Só que o que ele achou que foi uma falta de respeito foi que eles começaram a se beijar. Não por eles serem homossexuais, mas por estarem beijando no meio, [outro depoente faz coro dizendo, - Dentro do restaurante!!] dentro do restaurante. Aí, eu concordo com isso. Pode ser eu com uma mulher ou eu com um homem, isso não vai mudar, mas a questão de você estar beijando em algum lugar, num restaurante [outro depoente complementa dizendo junto, - Público], é uma falta de respeito, que não tem nada a ver com a sexualidade da pessoa, é uma coisa da novela, que retrata bem. Assim, a cabeça é da pessoa, depende da pessoa, se ela já tem um preconceito, ela vai falar, nossa, que absurdo. Agora, se é uma pessoa normal. Ah, é opção dela.

E, quando se trata de marcas e lembranças, alguns comentários revelam o que cada um dos participantes lembra a respeito da telenovela. Cenas ou coisas que marcam e os fazem relacionar com a telenovela e/ou lembrar-se dela. A lembrança do gênero como um classificador das categorias da telenovela é interessante para se perceber como o gênero funciona como uma espécie de elemento aglutinador em torno do qual se pensam os subgêneros. No caso em questão, do gênero telenovela, o participante procurou se lembrar da classificação por gênero, encontrando a telenovela de época. As ações dos personagens na trama também foram lembradas. A manifestação do absurdo descrito na palavra "*ridículo da parte dele*" mostra a indignação da depoente com a situação descrita na trama, um homem que se casa com a mãe para manter um relacionamento com a filha - enredo de *Verdades Secretas* (Globo, 2015). Essa indignação da depoente tentava ser compartilhada com a mãe, mas na visão da depoente, a comunicação não se estabelecia.

A telenovela também foi relacionada com os problemas pessoais de outra depoente. O tema tratado na telenovela era justamente um tema de conflito com sua mãe. Decorre que os embates de ideias, a discordância de opinião quanto ao assunto tratado na telenovela é só mais um motivo que reforça os laços de conflito entre mãe e filha. A sensação de ficar em segundo plano na preferência da mãe, perdendo para a telenovela é um indicativo não só do hábito da mãe em assistir à telenovela, mas da reafirmação de um sentimento de rejeição que filha demonstra. Isso é reforçado quando a depoente explica que apesar de ajudar a mãe a acessar o programa que ela deseja assistir, mesmo assim, a depoente não sente que existe um sentimento de gratidão pela ajuda ou algum tipo de acolhimento por parte da mãe.

Não há um compartilhamento do lazer, "vamos assistir juntas ao programa", pelo contrário, o sentimento da filha é de isolamento e desdém. Outras lembranças, em seguida, recuperam partes das cenas ou do enredo das telenovelas. Mais do que a cena propriamente dita, é a sensação que se teve sobre aquele momento que ficou guardado. A sensação de ser uma telenovela com temas pesados, o que, de certa maneira, desagradou à telespectadora. É exatamente isso que a participante recupera da lembrança dessa telenovela. Então, é o detalhe do seu desagrado pela história - tráfico humano e prostituição, enredo da telenovela *Salve Jorge* (Globo, 2012/2013) que recupera a lembrança. Nesse sentido, e emendando, a conversa sobre o teor das tramas nas telenovelas, outra depoente declara que a mãe controlava o que ela podia ou não assistir.

Um dos participantes lembrou que costumava debater os temas tratados na telenovela. Fez comparações do que era mostrado na telenovela com o que acontecia na realidade, no Brasil, sabido através de terceiros. O comentário dele constata que os assuntos que aparecem na telenovela são reais. Ele comenta sobre a falta de respeito em "beijar dentro do restaurante" não importando se o caso é com heterossexuais ou homossexuais. O estranhamento maior é a falta de decoro em manifestar afetividade amorosa em público. Portanto, não é mais sobre a presença ou não de casais homossexuais, a questão se desloca para o decoro e a falta de respeito, segundo suas regras de conduta social. No áudio que transcrevemos ficou evidente que não se tratava de uma voz única, outro depoente salientou que o problema era o fato dos casais estarem "dentro do restaurante", ou seja, em um lugar público. Cada família, indivíduo ou grupo social controla os limites do que entende por decoro ou pela falta dele. Mas, podemos perceber que talvez não seja uma questão de Brasil ou Japão, pois o fato narrado tinha acontecido no Brasil. Deslocamos aqui essa observação

para a reflexão de que as famílias *nikkeis*[89] (descendentes de japoneses) no Brasil já foram criadas com um *background* diferenciado, contando que a matriz cultural que os influenciou foi a Japonesa, mesmo estando no Brasil.

Quando essa segunda geração de nisseis, descendentes de japoneses se dirige ao Japão e mora com seus filhos no Japão, esses filhos acabarão sendo influenciados pela sociedade japonesa na qual estão expostos e pela educação dos seus pais, com um olhar de descendentes de japoneses, ou seja, os pais criarão seus filhos mais ou menos com o *background* que receberam, com influências da cultura japonesa.

Então, nos pais e filhos, ainda percebemos alguns resquícios de constrangimento quanto à manifestação de afeto em público, e isso se aproxima mais do comportamento da cultura oriental. Lili Kawamura (2003), já descreve a educação dos *nisseis* como sendo influenciada pela tradição japonesa em que existe uma valorização do trabalho, da educação e da família, com respeito aos mais velhos e da valorização da disciplina do trabalho e do "autocontrole das emoções, o que veio influenciar sobremaneira sua conduta perante o trabalho, a família, a escola e o lazer, bem como suas relações com a vizinhança e a sociedade mais ampla." (KAWAMURA, 2003, p. 86).

Dessa forma o olhar mais crítico em relação às manifestações sentimentais amorosas em público, talvez seja um indício não só do fato de estarem morando e partilhando da matriz cultural do Japão, mas também, por já trazerem do Brasil, através da cultura dos seus pais, esse olhar mais severo. Os japoneses que moravam no Japão foram ao Brasil, formaram famílias e iniciaram uma nova vida, mas antes disso, eram cidadãos japoneses, e participaram da educação e da cultura japonesa desse tempo em que "a disciplina e o autocontrole emocional acompanhavam o desenvolvimento da criança, desde a família e a escolarização até o trabalho e a vida cotidiana, na fase adulta." (KAWAMURA, 2003, p. 88). Desse modo, esse olhar da segunda geração pode ser um resquício da educação de seus avós, possivelmente criados no Japão sob esses valores.

---

[89] Mary Okamoto (2008) esclarece algumas diferenças importantes sobre os termos que adotaremos nessa pesquisa. *Nikkey* é um termo que se refere a todo o brasileiro com ascendência japonesa. Já *Nissei* é o termo que se refere aos filhos de japoneses e, portanto, a segunda geração de descentes de japoneses. Assim como os termos *Sansei* designa a terceira geração, de netos de japoneses e, *Yonsei* a quarta geração, de bisnetos de japoneses. O japonês, imigrante no Brasil é conhecido pelo termo *Issei*. Isso porque na contagem em língua japonesa *Ichi* significa primeiro ou um; *Ni* significa segundo ou dois; *San* significa terceiro ou três e *Yon* quarto ou quatro.

- Outros comentários sobre a telenovela

E: - A telenovela mostra muitos exemplos de situações diferentes, acaba que a pessoa vê aquilo e a acaba pensando de uma outra maneira que não pensava antes. [...] Como eu era muito, muito jovem, eu só replicava o que eu via de cima né,, do meu pai, do meu vô. Ah!, viado, não pode ser viado!. Então depois de um tempo, vendo várias opiniões de pessoas diferentes, vendo novelas, vendo tudo né, você acaba que muda a sua opinião com certos casos.

E: - Tem vários tipos de caso, nessa questão de homossexualidade. Você assistindo a novela, você já tem uma visão sobre isso, mas você assistindo a novela, você vê, traz uma lição para você. Isso aí, eu acho que atualiza e acrescenta na sua visão. Mas tem outros tipos de casos que a pessoa não aceita de jeito nenhum. Mas, tem outros casos que a pessoa não aceitava antes, mas vai assistindo, assistindo e, para, pensa, e ela chega na conclusão que, pô, não tinha nada a ver, ela adota o pensamento que nem todo mundo tem, mas que na minha opinião é o pensamento certo.

E: - Sempre vai influenciar alguém porque é muito grande isso, todo mundo assiste, então, é meio que impossível não influenciar alguma pessoas né, tipo se for ver quantas pessoas assistem, eu não tenho nem ideia porque no Brasil, novela né, todo mundo assiste eu acho, então se não influenciar uma pessoa, muito difícil não influenciar alguém, pelo menos uma pessoa vai influenciar.

E: - Passou uma minissérie que a moça lá, pegou Aids, não sei se vocês viram... Mas, teve um caso sim... Foi esse ano, eu não assisti inteiro... vi a cena que parece que aconteceu [Os Dias eram Assim]. Parece que era na vida real, porque os atores entraram na cena, foi muito legal, no final todo mundo aceitou ela e um rapaz lá, que ela tinha uma relação e no final, ele acaba ficando com ela, mesmo ela tendo essa doença. E aí, eu acho que isso aí fica uma lição muito positiva, e a questão da família também, apoiar ela e entender também.

O grupo admite, no meio da conversa, que a variedade de exemplos mostra o outro lado da situação nas telenovelas ou que outras opiniões dos personagens pode realmente fazer uma pessoa mudar de opinião na vida real. Isso ocorreria porque a sua visão de mundo se expande. Mesmo em alguns casos em que a pessoa já tem uma opinião formada, ela poderia ter a chance de ver um problema sob outro prisma. Em uma determinada situação se for bem mostrada na telenovela, isso poderia proporcionar uma mudança drástica de opinião.

O grupo tem consciência da grande audiência da telenovela e acha que, principalmente no Brasil, é quase certo que as ações mostradas na telenovela irão influenciar as pessoas. Segundo eles, isso ocorreria devido ao alcance massificado da audiência. Um dos depoentes se lembrou de uma minissérie, que no caso era *Os Dias eram Assim* (Globo, 2017), em que o apelo da personagem portadora do vírus HIV emociona a plateia. Ele declara ser muito positivo ações como essa na televisão. Pois, isso geraria conscientização sobre a doença, e mostraria uma alternativa ao preconceito, ainda mais se mostrasse a família apoiando a personagem e entendendo a sua situação.

Podemos perceber que, apesar da influência da telenovela não ser admitida, ela é presente e frequente, serve para esclarecer situações e apresentar novas visões de mundo aos telespectadores. Nesse sentido, a telenovela ajudaria na formação das opiniões na sociedade, já que a sua presença diária é constante nos lares brasileiros. "A telenovela, ao construir um campo de significados, difunde um saber concreto que precede e prepara para a apreensão e compreensão do saber conceitual ou abstrato." (MOTTER, 1998, p. 99).

- Telenovela modificando olhares

E: - O primeiro beijo gay da novela lá foi a maior repercussão, e hoje, em dia, colocar gay na novela, assim, é praticamente normal. Antigamente se colocar isso aí, seria coisa de outro mundo, porque antigamente, acho que era um preconceito bem maior.
E: - Mas, isso daí, tipo assim, aconteceu, demorou para acontecer, mas se isso já fosse uma coisa bem antiga [mostrar gay na TV], já não seria normal hoje? Você ver dois homens se beijando, ou ver duas mulheres se beijando numa novela?
E: - Daqui a cem anos, a pessoa vai lembrar e pensar, nossa que besta essa pessoa que achava um absurdo isso. Que nem hoje, a gente acha que não é preciso ter esse preconceito. O que tinha há cem anos atrás e, cem anos na frente, vai ser bem melhor [outro depoente reafirma: - A gente não está dizendo que é todo mundo, lógico que sempre vai ter um ou outro...] né?!.

O grupo também percebe que a telenovela funciona como uma estratégia de normalizar o olhar social em alguns assuntos polêmicos. Em um caso hipotético, se os assuntos que hoje são polêmicos fossem apresentados já há muito tempo, isso já ajudaria a população a considerar com mais naturalidade e menos estranhamento certos aspectos sociais

ou de relacionamento que hoje ainda são polêmicos. Nesse sentido, a telenovela cumpre um papel social ao apresentar temas polêmicos em suas tramas.

- Influência da telenovela na relação com os pais

E: - Pelo menos, eu com o meu tio sim. Porque passou uma novela que tinha um casal homossexual e ele começou a dizer que não queria assistir à novela que tinha um casal homossexual, e quase a gente não conversava, mas a partir disso, a gente ficou um tempão conversando e discutindo sobre isso.

Quando indagados diretamente se a telenovela influencia a relação deles com os pais ou amigos, todos são categóricos em afirmar que não. Eles não assumem conscientemente essa influência da telenovela em suas vidas. Mas assumem que existe uma mediação da telenovela nas relações sociais, pessoais ou familiares, e que essa mediação funciona, dentre outras coisas, como uma forma de contato com as pessoas. Ou seja, é através da telenovela, dos temas e assuntos tratados nessa ficção que as aproximações ocorrem, mesmo que não se tenha outro motivo ou intimidade para tal. Ao mesmo tempo, quando indagados se conversam sobre a telenovela com alguém, a resposta imediata é uma negação.

Por todos esses indícios, a mediação da telenovela não é percebida conscientemente, embora no calor dos assuntos discutidos, eles se lembrem de trechos, cenas e temas discutidos pelos personagens, ações que ocorreram dentro da ficção e em como isso os afetou direta ou indiretamente, por vezes, envolvendo os pais, por vezes envolvendo outras pessoas da família ou amigos.

8.1.2 Notas de pesquisa: grupo de discussão

Conforme explicamos, consideramos o grupo de discussão do grupo 01 como um marcador descritivo para as discussões da pesquisa. Faremos a seguir a análise do grupo de discussão 02 comparando e alargando as discussões apresentadas no grupo de referência. Essa foi uma escolha metodológica para percebermos as diferenças, os acréscimos e os aprofundamento do tema. Esse método de coleta de dados proporciona que se entendam as discussões manifestadas no dia a dia.

> O ponto de partida aqui é o fato de que as opiniões que são apresentadas ao entrevistador em entrevistas e em levantamentos estão desvinculadas das formas cotidianas de comunicação e de relações. As discussões em grupo, por outro lado, correspondem a maneira pela qual as opiniões são produzidas, manifestadas e trocadas na vida cotidiana. (FLICK, 2009, p. 182).

Outro ponto a ser considerado também, segundo Flick (2009), é que o grupo de discussão permite a interação entre os agentes e funciona como um sistema que modela os exageros e as distorções individuais.

> As correções por parte do grupo - no que diz respeito a opiniões que não estejam corretas, que não sejam socialmente compartilhadas ou que sejam radicais – são disponibilizadas como um meio de validar enunciados e pontos de vista. (FLICK, 2009, p. 182).

Então, levando isso em consideração, a própria interação dos membros do grupo irá modelar as opiniões individuais de forma que as opiniões do grupo possam ser captadas e são entendidas no espaço de interação entre os participantes, suas considerações, interferência etc.

Partindo dessas observações, também é preciso ressaltar que o papel do entrevistador/moderador é muito importante, pois é ele quem decide sobre o *direcionamento formal* – controle da pauta dos interlocutores, início e fim das discussões - ou pelo *direcionamento tópico* – introduzir novas perguntas e orientar a discussão para aprofundamento e ampliação dos temas de interesse. (Flick, 2009, p. 184). Sobre a condução do grupo, é preciso alguns cuidados, pois, como descreve Flick (2009, p. 186) "alguns membros podem acabar exercendo um papel individual dominante, enquanto outros podem abster-se de entrar na discussão". Essa ocorrência foi percebida no grupo 02, com uma das depoentes. Talvez porque o tema da discussão elencasse o relacionamento com os pais, e no sentimento de grupo, com a voz fortalecida pelo momento sensível da discussão de temas particulares, uma das depoentes se manifestava de forma mais frequente, correlacionando as perguntas direcionadas para outros depoentes ou as respostas de outros participantes com a sua questão pessoal. Isso não chegou a ser um problema na dinâmica, mas denotou o quanto os jovens são/estão carentes de um espaço de discussão sobre o tema da relação com os pais. No grupo 01, ficou claro que essa era uma questão sensível; na parte em que se iniciou a discussão sobre o relacionamento parental, um dos depoentes acabou se emocionando ao discorrer sobre a falta que sentia da presença da mãe. Em decorrência disso, o depoimento dos outros participantes tornou-se claramente uma discussão sincera e produtiva Se por um lado, a mediadora precisou de profissionalismo [90] para continuar a atividade sem se mostrar insensível, por outro lado, as respostas dos depoentes levaram em consideração esse

[90] Nas práticas de coleta de dados do mestrado (SUZUKI, 2014) já tinha acontecido de entrevistar uma senhora de 72 anos que ao enunciar a sua narrativa, o fez como se estivesse não só relembrando, mas pesando suas ações e escolhas do passado. Na hora da entrevista, ela se emocionou e precisou de um tempo relativo para se recuperar. Pessoalmente, acho que o pesquisador se prepara muito teoricamente, investe em métodos e técnicas profundas antes da coleta de dados, mas nunca está realmente preparado para as surpresas do coração humano e, tampouco consegue ou quer isentar essa relação da pesquisa, por mais objetiva que se pretenda ser.

momento. Um dos manifestantes chegou a comparar a sua relação parental a partir do depoimento dos outros participantes, e ficou evidente que todos refletiram sobre o assunto em discussão com profundidade, o que tornou a coleta rica e produtiva.

Também precisamos perceber que dos oito participantes do grupo 01, somente dois eram nascidos no Japão, porém a maioria sequer conhecia o Brasil ou se lembravam de suas viagens com os pais ao Brasil. Participaram do grupo, quatro rapazes e quatro moças, com idades entre 16 e 17 anos e a maioria ainda não trabalhava. Já no grupo 02, dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, a maior parte dos integrantes já estava trabalhando e sabia bem o que significava a interação social no trabalho com os japoneses. Em contrapartida ao grupo 01, no grupo 02, a maioria era constituída de jovens nascidos no Brasil e, que, portanto conhece a realidade brasileira, pois se lembram da época em que moraram no Brasil. Nesse grupo 02, participaram dois rapazes e quatro moças.

É importante ressaltar que os nomes de todos os participantes da pesquisa, nesse trabalho, foram trocados ou codificados a fim de cumprir com o estabelecido com os sujeitos da pesquisa, de que seus nomes seriam mantidos em sigilo. Também é importante reforçar que as identidades individuais não são importantes, e sim, a opinião formada pelo grupo nessa técnica de coleta de dados. Manteremos, mesmo assim, os discursos e opiniões presentes nos trechos que interessam para os objetivos da pesquisa com o intuito de facilitar as análises e a interpretação dos dados. E, quando for necessário para alguma nota ou para que se ressalte alguma observação especial, faremos a indicação adequada. Portanto, segue a tabela com os nomes dos participantes trocados e as informações relevantes correspondentes.

Tabela 14. Participantes do grupo 01: 2º ano do Ensino Médio[91]

Participante	Nascimento	Tempo de Japão	Com quem mora	Trabalho
(Luís - 16 anos)	Japão - Nagahama	02 anos	Pai e mãe	Não
(Lucas - 17 anos)	Japão - Hamamatsu	17 anos	Pai	Fábrica
(Gabriel - 16 anos)	Japão - Hamamatsu	16 anos	Pai, mãe e avô	Não
(Bruna - 16 anos)	Japão - Toyoda	16 anos	Pai e mãe	Não
(Flávia - 16 anos)	Japão - Kakegawa	13 anos	Pai, mãe e irmão	Não
(Gisele - 16 anos)	Japão - Hamamatsu	16 anos	Mãe	McDonald's
(Hugo - 16 anos)	Brasil – Taquaritinga, SP	15 anos	Pai e mãe	McDonald's
(Melissa - 16 anos)	Brasil	09 anos	Mãe	Não

[91] Pesquisa realizada com alunos do 2º ano do Ensino Médio em 08 de novembro de 2017.

Tabela 15. Participantes do grupo 02: 3º ano do Ensino Médio[92]

Participante	Nascimento	Tempo de Japão	Com quem mora	Trabalho
(Rafael - 17 anos)	Japão - Hamamatsu	17 anos	Pai e mãe	McDonald's
(Mario - 18 anos)	Brasil - Paraná	15 anos	Pai e mãe	Fábrica
(Bárbara - 17 anos)	Japão - Kakegawa	04 anos	Pai e irmão	Supermercado
(Ayla - 17 anos)	Brasil - Santana	01 ano e 07 meses	Pai e madrasta	McDonald's
(Clara - 18 anos)	Brasil – Minas Gerais	04 anos	Mãe e Padrasto	Não
(Dalva - 17 anos)	Brasil – São Paulo	17 anos	Pai, mãe e irmão	Não, mas já trabalhou

8.1.3 Alargamento das discussões: grupo 02

Os jovens participantes do grupo 02 (3º ano do Ensino Médio) também se lembraram de alguns nomes de telenovelas brasileiras. *Caminho das Índias* (Globo, 2009 – exibida às 21h), *Chocolate com Pimenta* (Globo, 2003/2004, exibida no Japão no programa *Vale a Pena Ver de Novo* em 2017 às 15h), *A Força do Querer* (Globo, 2017 – exibida às 21h), *Avenida Brasil* (Globo, 2012 – exibida às 21h), *Balacobaco* (Record, 2012/2013 – exibida Às 22:30h), *Cobras & Lagartos* (Globo, 2006 – exibida às 19h), *Caras & Bocas* (Globo, 2009/2010 – exibida às19h).

- Telenovela como informação

E: - Como a gente está aqui no Japão, ajuda. Ah sei lá, a gente pode pegar uma informação da novela, por exemplo, como eu nasci aqui, por exemplo, saber a situação do Brasil, eu vejo na novela e eu tento associar as coisas, por exemplo, eu vejo a situação das favelas: - Nossa será que é assim mesmo? Como eu vivo aqui, né, aqui não tem favela: - Nossa, será que é assim mesmo? Daí eu vou na internet, procuro saber sobre essa favela, daí que a gente adquire conhecimento sobre a realidade brasileira. É uma ponte já que a gente está aqui, é um bom jeito pra relembrar, aprender, para conhecer melhor a situação do Brasil.

E: - A novela não é a melhor opção para se conectar com o Brasil porque tem muito estereótipo exagerado nas novelas, então, acho melhor você pegar aquilo só de

[92] Pesquisa realizada com alunos do 3º ano do Ensino Médio em 09 de novembro de 2017.

comecinho e pesquisar, se aprofundar, ver se realmente é assim [outra depoente reitera dizendo, - Pegar uma base só], mas se a pessoa pega 100% aquilo que está mostrando na novela e pensar que é exatamente daquele jeito, eu acho meio perigoso.

Os participantes do grupo 02 são jovens que já moraram no Brasil, em sua maioria eles disseram que a telenovela brasileira serve como uma ponte, uma base ou uma fonte de informação para que se saiba como é a sociedade brasileira. Na opinião deles, a telenovela retrata a sociedade brasileira com estereótipos e exageros e nem tudo que aparece na tela é realmente a realidade social brasileira.

Observamos que para os que não conhecem o Brasil pessoalmente - como ocorre com a maioria dos integrantes do grupo 01 e com dois integrantes do grupo 02 – que entre os sentidos produzidos pelo discurso da telenovela está o de construção de conhecimento sobre a vida brasileira, pois os discursos ficcionais funcionam como pontos de partida para pesquisas sobre o Brasil provocando comparações e interlocuções com o interdiscurso. Dessa forma, a telenovela como matriz cultural (Martín-Barbero, 2008) estabelece uma mediação importante. Já para um dos participantes que já moraram no Brasil – e que revelam que assistiam à telenovela como um hábito de família - a telenovela é perigosa por retratar um Brasil cheio de nuances dramáticas que não correspondem ao dia a dia da pessoa comum. Vale dizer que nessa compreensão acerca da telenovela, observamos a presença de um entendimento da ficção como um "retrato do real". Tal entendimento da televisão e de seus produtos é bastante criticada por teóricos como Martín-Barbero e Rey (2004), entre outros, Williams (2017, p. 139) critica o determinismo tecnológico dizendo que "é uma noção insustentável, porque substitui as intenções econômicas, sociais e políticas pela autonomia aleatória determinada ou por uma essência humana abstrata".

- Assistindo à telenovela

E: - É muito raro sair uma telenovela com tema bom que as pessoas tipo, param e falam, - Nossa isso é para pensar, isso realmente acontece. A gente tem que abrir a mente para tentar mudar uma coisa. Por que o que é que o povo quer na novela? A cena de sexo, putaria, essas coisas, não coisas sérias, só para ganhar, sabe audiência, e cara, é assim, eu penso assim. Eles têm o poder de fazer isso, eles podiam pegar isso e fazer alguma coisa útil com isso, só que eles não fazem, me parece que é assim. O que dá impressão é que uma vez ou outra, eles lançam alguma

novela com tema, tipo bom, para só falar, - Não, a gente tá fazendo isso porque é o que está dando IBOPE[93] agora e vamos fazer. Porque quando não tem coisa assim para dar audiência, algum tema polêmico para dar audiência, eles inventam alguma coisa até onde não tem, sabe! Então, às vezes, às vezes não, muito, na maioria dos casos eu acho muito apelativa.

E: - Nunca me incomodei muito com isso, sabe! Tipo passava, eu via, mas tipo, é novela, é uma coisa que está lá, tipo você pode absorver alguma coisa, mas acho que a novela, é só para passar tempo, sabe. Não sei, você está lavando uma louça e está ouvindo a novela, - Que legal, tá!! Claro que eles podiam fazer algo que a gente pudesse absorver alguma coisa mais interessante, tipo se é daquele jeito que é? – Ah, então tá, porque é novela, tá né!!

E: - Tem muita traição, brigas e mulher batendo em mulher, é homem sendo corno, então isso para mim é novela, não tem nada de tipo para você ter coisa boa para você. São essas coisas, brigas em família, briga em casa, é família e tal... Acho que séries e filmes que é uma coisa para você assistir e colher alguma coisa boa para você, agora novela?!! Tem muitas séries, muito filme que dava para fazer uma novela com algo útil e muito bom sabe?! O foco da novela é outro!!

E: - Quando eu era pequena eu assistia muita novela. Porque tipo, eu era pequena!! Eu só assistia, meio que para passar o tempo livre mesmo. Só que hoje a gente vê que não tem muito conteúdo, eles fazem muita coisa só para chamar a atenção, só que não absorve nada, a gente não aprende nada com a novela.

E: - Em vez de você discutir outra coisa, você está discutindo sobre a novela sabe! Por que ele brigou com aquela... uma vida oculta...

E: - Quando eu era menorzinho, eu assistia muito à novela, eu era viciado em novela [outra depoente declara, - Eu também!!], eu preferia assistir à novela do que o desenho animado [novamente, a outra depoente, - Eu também, nossa!!]. Eu não gostava de sair com os amigos para ficar na TV assistindo!! Eu gravava, pedia para gravar na fita para assistir depois a novela porque na hora que estava passando, a gente estava, sei lá, fora de casa, né! E, cara, eu tinha uns nove anos, sete anos, já era viciado, viciado em novela. Já sabia os nomes dos personagens, tudo, tudo, o que

[93] Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE é uma empresa de pesquisa que mede a audiência da TV entre outros serviços. "Há mais de sete décadas observamos, descrevemos, medimos e monitoramos esse rico, diverso e mutante universo que forma a América Latina." Fonte: IBOPE Inteligência. *Institucional*. 2019. Disponível em: http://www.ibopeinteligencia.com/institucional/ibope-inteligencia/. Acesso em: 10 nov. 2018.

ia acontecer e a gente discutia também o que ia acontecer, lá em casa, só que, claro, por exemplo, os Mutantes [Os Mutantes: Caminhos do Coração, Record[94]*, 2008/2009 – exibida às 20:40h], eu assistia e para a minha idade, aquilo era inacreditável, o cara soltando fogo, pulando, voando, aquilo lá era mágico para mim. Era bem melhor que desenho, né! Só que com o passar do tempo eu fui, como todo mundo, amadurecendo, daí eu pude ver, - Nossa, eu gostava disso? Disso? Isso que eu pedia para gravar, para assistir depois? O que é isso? E, daí, agora a minha opinião é firme com relação à novela, eu não tenho mínimo interesse de assistir, porque acredito que eles mostravam o que o Brasil ou uma parte da população gosta de ver, que é bunda, peito, daí, tipo, eu acredito que isso é muito uso do corpo, eu acredito que seja, não tem aquele assunto que faz a gente pensar melhor e, quando tem o povão já não gosta porque não tem conhecimento, daí é duro! É triste porque vai procurar uma novela que fala de uma coisa interessante é pouco [outra depoente, complementando, - O povo cai matando!!] Daí a audiência cai, você não tem mais IBOPE, daí o que é que acontece? Acaba. Daí vai à falência, por exemplo, não sei se tem casos assim extremos. Mas assim, - A população gosta de ver isso, então, vamos mostrar o que eles gostam de ver. Só que nem todo mundo é igual. Então, para mim é sempre a mesma coisa, é o mesmo enredo, a mesma história e eu já estou cansado disso, chega em uma mesma cena lá de suspense, acaba, daí, vai comercial, daí vai outra novela... é do mesmo jeito. Tem um vilão e o bonzinho, daí no final, o bonzinho ganha do vilão, o vilão vai preso, sei lá. Cansei disso aí [a outra depoente, novamente, - É até previsível, muito previsível!!] E série, na minha opinião é meio parecido com novela só que tem um tema bom, tipo Breaking Bad*[95] *[AMC, 2008/Netflix, 2013], por exemplo, por causa de química, para quem gosta dessa área é muito bom e, por aí vai. Acho que novela é algo muito forçado porque atinge muito a população, o povão.*

E: - A novela sempre estava muito presente na minha casa, e assim, até os meus seis anos de idade mais ou menos eu sempre ficava brincando e quando não tinha nada

[94] A Record pode ser acessada no Japão pela internet e sistema de TV a cabo, mas não possui afiliado no Japão.

[95] Série originalmente exibida pela emissora de televisão americana AMC em 2008 e foi exibida pela Netflix a partir de 2013. A série começou em 2008, com audiência e crítica mediana, mas em 2013 terminou como a melhor série dramática do ano, conquistando do Prêmio Emmy 2013. A história conta a jornada de um ex-professor de química que passa a fabricar metanfetamina e se envolve com o tráfico de drogas e vários crimes ao saber que tem câncer. Fonte: GLOBO.COM. G1. *Saiba como foi o fim de "Breaking Bad"*. 29/09/2013. Disponível em: http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/09/saiba-como-foi-final-de-breaking-bad.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

para fazer, eu ficava olhando para televisão, assim, pensando em nada, mas eu ficava olhando... E. minha mãe sempre assistiu à novela até o dia em que ela começou a mexer mais com o computador e com o celular, né. Mas, porque eu acho que era a única forma de conexão que ela tinha com o Brasil, era a novela. Por mais que ela assistisse notícia, assim, a novela sempre foi o bate papo dela entre as amigas na fábrica porque ela sempre trabalhou com brasileiros. Era a única forma de lazer dela e, era ruim. Eu e meu pai víamos assim, a gente nunca comentava nada porque ela gostava né. Mas, era algo muito fútil, sempre com muito clichê e a gente se incomodava. Meu pai começou a falar assim, - Vamos comprar alguma coisa para a sua mãe, para ela fazer né! [risos de todos] Acho que hoje ela percebe que ela assistia, mas era algo que não fazia sentido nenhum ela ficar perdendo tanto tempo, três horas, quatro horas sentada assistindo à televisão só para poder, no outro dia, comentar. – Você viu a novela ontem? Então, hoje ela deixa ligado, mas ela está cozinhando, ela está mexendo no celular, está vendo notícia no computador. Mas, a televisão está, só está ligada de enfeite, ainda bem.

Sobre a telenovela, o grupo 02 é bem crítico quanto ao conteúdo e à finalidade do programa, enquanto para o grupo 01 a telenovela era uma forma de relembrar uma atividade em família, no grupo 02 já há um olhar mais severo e crítico. Talvez isso decorra do fato de eles já conhecerem melhor a sociedade brasileira. De qualquer forma, ambos os posicionamentos sobre a telenovela, indicam a presença da telenovela em alguma época de suas vidas e sua importância para a construção de sentidos sobre o Brasil e a sociedade brasileira. O único depoente homem, nascido no Japão confessa que era viciado em telenovela e chegava a gravar as cenas quando não podia assistir a elas no horário da programação.

As falas inicias do grupo são críticas quanto à telenovela brasileira, uma das depoentes chega a justificar o ato de assistir às telenovelas por ser criança. "*Quando eu era pequena eu assistia muita à novela. Porque tipo, eu era pequena!!"* Nesse sentido, podemos dizer que nesses excertos observamos elementos que indicam a produção de sentidos sobre o que é "bom" e o que "não é bom" que a família (no caso, os jovens, as crianças, as mães) assista.

Cabe ainda salientar uma certa relação hierárquica e de tutela que se observa no discurso de um dos participantes que destaca, de forma condescendente, que ele, já um pouco mais velho, e o pai viam que a mãe assistia à telenovela e que isso não era bom para ela, "*Era a única forma de lazer dela e, era ruim."* Nesse excerto, observamos sentidos que remetem, como dissemos acima, a um certo posicionamento hierárquico entendido como superior (de

homens) em relação à esposa e à mãe, reverberando um discurso machista que desqualifica os "gostos" das mulheres. Como contraponto, gostaríamos de enfatizar que Priore (2005) avalia que a televisão a partir dos 1960 teve importante contribuição para as transformações nas relações entre homens e mulheres, incluindo as relações amorosas.

Ainda em relação ao enunciado destacado, cabe considerar o caráter ideológico do signo verbal e do discurso considerando, juntamente com Volóchinov (2017, p. 98-99) que "*a palavra é o fenômeno ideológico par excellence*. [...] A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social." É no discurso que se manifestam as relações de poder:

> Em realidade, repetimos, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam. O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 300).

Por outro lado, frisamos que nos enunciados, observamos o ato da enunciação como um desencadeador e construtor de memórias (BRUNER, 2014) e elemento determinante para a própria construção ontológica do ser social como um ser de linguagem (BAKHTIN, 2003, 2008). Nos enunciados dos jovens, é possível observar a ressonância de outros discursos como no trecho: *"Eu e meu pai víamos assim, a gente nunca comentava nada porque ela gostava né. Mas, era algo muito fútil, sempre com muito clichê e a gente se incomodava. Meu pai começou a falar assim, - Vamos comprar alguma coisa para a sua mãe, para ela fazer né! [risos de todos] Acho que hoje ela percebe que ela assistia, mas era algo que não fazia sentido nenhum, ela ficar perdendo tanto tempo, três horas, quatro horas sentada assistindo à televisão só para poder, no outro dia, comentar. – Você viu a novela ontem?"*. Nesse trecho, manifesta-se no discurso do jovem, por meio do discurso indireto e discurso direto, o discurso de outrem, que evidencia a dialogia e os embates ideológicos que permeiam as relações sociais e linguageiras em ressonância com Bakhtin (2003, p. 300). Dessa forma, segundo Bakhtin (2003, p. 300), "o enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele.".

Um dos cuidados apontados por Flick (2009) quanto ao método de pesquisa diz respeito à dinâmica do grupo "grande parte das decisões sobre a coleta de dados somente pode ser tomada durante a situação". (FLICK, 2009, p. 186). Isso quer dizer que o pesquisador precisa mediar a discussão sem apresentar juízos de valor ou concordância ou discordância em relação às opiniões expressadas pelo grupo. Quando outro depoente apresentou uma voz contrária confessando e admitindo categoricamente que era viciado em telenovela, apesar de

finalizar com uma visão negativa, durante sua fala outra depoente interrompe e também reafirma essa posição com relação à telenovela. Ou seja, na atualidade o grupo é crítico quanto ao tempo e ao objetivo de se assistir à telenovela, mas admitem que foi uma prática em suas vidas. Muitos deles souberam comentaram os enredos específicos e mostraram que sabiam bem do que se tratava.

Existe uma comparação da telenovela com as séries americanas que passam na *Netflix*, os jovens estão mais antenados com esse meio de assistir ao conteúdo do que simplesmente assistir à televisão. O outro grupo 01 também comentou a respeito, comparando a televisão com a internet, em que a possibilidade da procura do conteúdo é infinita, pois não depende da grade horária de programação enquanto na televisão o conteúdo é aquele programado e pode-se somente assistir ao que lhe é oferecido. Dentro desse amplo quadro dos deslocamentos e da globalização, Stuart Hall (2009, p. 36) atenta para essa "subversão dos modelos culturais tradicionais" em que essas culturas não estão mais circunscritas e orientadas para a nação. "Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre cultura e o lugar" (HALL, 2009, p. 36). Desse modo, a preferência pelas séries não é algo circunscrito ao lugar e, a partir do momento em que se tornou possível o acesso através da rede, em qualquer lugar é possível acessar um conteúdo específico.

Para além de discussões sobre *como* a narrativa das séries são construídas Jost (2012) nos apresenta o desafio de entenderemos *por que* se quer que elas sejam contadas. Para o autor, existe uma falência da transparência nas sociedades democráticas e, as séries são sucesso não pela capacidade de compreender o mundo, a realidade e refletir sobre as sociedades, mas como uma compensação para essa perda.

> Desmascarando mentiras, oferecendo o espetáculo de uma verdade com face humana, descoberta pelo estabelecimento dessa relação entre duas subjetividades, as séries americanas trazem uma consolação para a perda definitiva da transparência nas sociedades democráticas. O sucesso das séries explica-se menos pela sua capacidade de refletir de forma realista sobre o nosso mundo do que por suas condições de fornecer uma compensação simbólica. É também necessário as observar como sintomas de nossas aspirações e por aquilo que elas dizem sobre nós. (JOST, 2012, p. 69-70).

Em se tratando da série citada, *Breaking Bad* (AMC, 2008/Netflix, 2013*)* o professor de química falha na competência de suprir financeiramente sua família, sua vida está arrasada, e o que parece ser o fim, é exatamente o começo da narrativa; num percurso inusitado para o seu cotidiano ancorado no fato de justamente um professor, tornar-se um criminoso.

Outro depoente salienta que sua mãe mantinha uma conexão com o Brasil através da telenovela. Esse sentido já foi investigado no trabalho de Mestrado em (SUZUKI, 2014); os imigrantes brasileiros no Japão que assistem à telenovela o fazem não somente por hábito ou pela narrativa em si, para eles a telenovela funciona como uma lembrança de quem eram no Brasil, uma forma de manterem as matrizes culturais. Então, mais do que o conteúdo propriamente dito, era outra a memória ativada para essa produção de sentidos. Concordando com Martín-Barbero (2008, p. 313) *"O que ativa essa memória não é da ordem dos conteúdos, nem sequer dos códigos, é da ordem das matrizes culturais"*.

Quadro 07. Telenovela e série citada

 Os Mutantes: caminhos do coração (Record, 2008/2009). Fonte: Divulgação Record TV.	 *Breaking Bad* (AMC, 2008/Netflix,2013). Fonte: Divulgação AMC.

- Influência da telenovela

E: - Influencia minha mãe bastante. Ela sempre pegava a opinião da novela e apoiava em tudo, independente do assunto, ela estava apoiando o que estava lá, na novela. Já o meu pai, não. Ele pegava e, tentava debater ou pegava como conhecimento. - Tudo que estão na novela tá certo, se agora no momento está falando de homossexualidade, então, certinho, minha mãe está lá falando... Aí, tem que respeitar e tudo mais. Ela não pega aquilo e cria uma opinião, o que é que é certo e o que é que é errado, não, o que está lá, ela está concordando. Já meu pai, não. Ele bate o olho, assim, e ele vê o que está certo e o que está errado, de acordo com o que ele aprendeu na vida. E, eu fico entre minha mãe e meu pai, às vezes eu vejo assim, esse dá, está certo ou simplesmente eu pegava e mais para frente, - Eu vou tentar entender melhor.

E: - Sabe, quando eu era pequena, eu tinha uma prateleira só de coisas da novela,

sabe. Tudo igualzinho da novela, aí eu juntava um dinheirinho lá para comprar colarzinho, brinco, tipo, essas coisas, tipo, - Nossa Senhora!!

E: - Na época de Caminho das Índias [Globo, 2009], a única coisa que eu quis foi aqueles turbantes. Não reparava muito, assistia mas nem sabia o que estava acontecendo...

E: - Teve aquela novela Passisone [Globo. 2010/2011], aí eu falava italiano e não sei o que eu falava, mas falava igual. Então parece que se a criança e vê aquilo, às vezes, vê e suga muita coisa, sai falando e nem sabe...

E: - Nunca, Ah!! Mas, teve uma vez no Big Brother Brasil [Globo, 2011], eu estava usando um negocinho, aquela coisa lá, a fitinha, headband [acessório utilizado pelos participantes da casa – uma espécie de faixinhas de cabeça[96]].

E: - Nunca cheguei a comprar nada, acho que peguei o costume do personagem. Acho que a novela é mercadoria, é a propaganda e, é a fonte de novas propagandas. Porque, por exemplo, a mercadoria é mercadoria porque está lá para consumir e, é uma propaganda porque, lógico, tem aquele personagem lá, é o protagonista da novela, está usando tal vestido, daí vem outra propaganda, - Compre agora o vestido que tal personagem está usando na novela e daí lá, já começa propaganda em cima de propaganda. E, eu acho que com relação aos bens materiais, eu nuca fui influenciado. Eu nunca cheguei a, - Eu quero ter isso aí! Acho que eu fui influenciado nas atitudes, por exemplo, um cara é motoqueiro e usa tudo de couro, daí, Uh, que legal, quero ser o motoqueiro que usa tudo de couro. Daí o jeito da pessoa, fala mais gíria, daí eu falo mais gíria, talvez eu tenha pegado isso, né! Só que bens materiais, não.

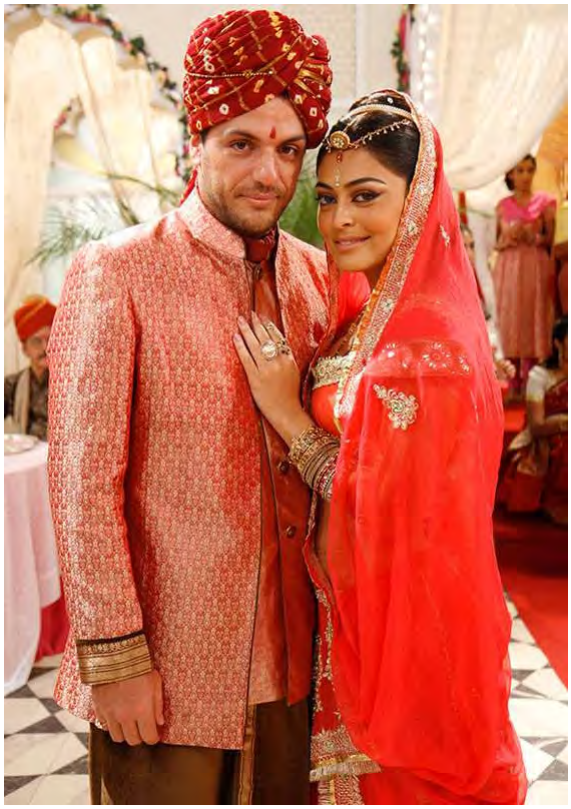
Sobre a influência da telenovela na vida das pessoas, o grupo 02 na sua totalidade confirmou essa influência, seja como consumo, como propaganda, como meio de difusão de comportamentos, linguagens e opiniões. O grupo 01 foi um pouco parcimonioso nessa afirmativa direta e admitiram, não a influência, mas sim um tipo de mediação da telenovela.

O grupo 02 considera a influência da telenovela e sua mediação como ponto de contato com os pais, como fonte de conhecimento e informação, como consumo e influenciador de tendências, moda, comportamentos e atitudes. A maior parte do consumo lembrado pelos participantes era da época em que moravam no Brasil e assistiam à telenovela

[96] Conforme ARAGÃO, Alexandre. A moda das faixinhas de cabeça. *Veja São Paulo*, Cidades, SP, 01/06/2017. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/headband-tendencia-verao/. Acesso em 10 nov. 2018.

com mais frequência. Porém um dos depoentes, nascido no Japão explicou que no seu caso a telenovela influenciava no aspecto comportamental, jeito de vestir, gírias e palavras e mesmo não consumindo diretamente os produtos da telenovela, consumia as tendências que a telenovela mostrava. Os trejeitos, as gírias e os modismos que aparecem na telenovela, assim como admitido no grupo 01, ocorrem embora sejam passageiros.

Quadro 08. Consumo da telenovela e do *Reality Show*



Raj (Rodrigo Lombardi) e Maya (Juliana Paes) em *Caminho das Índias* (Globo, 2009). Fonte: Divulgação Rede Globo.

Maria Melilo no programa *Big Brother Brasil* (Globo, 2001). Fonte: Divulgação Rede Globo.

Jaqueline Faria no programa *Big Brother Brasil* (Globo, 2011). Fonte: Divulgação Rede Globo.

Ficar entre o pai e a mãe, conforme declara um dos depoentes, não é uma situação confortável. Nesse caso, o depoente explica que sua mãe seguia muito as opiniões que eram mostradas na telenovela, influenciando não somente na sua relação com a mãe, mas também a relação do pai com a mãe. Portanto, a telenovela acabava influenciando na relação familiar como um todo. De maneira geral o grupo concordou que a telenovela influencia as pessoas.

- Temas da telenovela

E: - A menina que era menina e não se sentia menina e quis virar um menino, é raro quando aparece uma novela que tem um tema assim para debater, a grande maioria, porque eu vejo notícia mais pelo Twitter, porque tem as páginas oficiais dos jornais, a grande maioria reagiu negativamente porque não era o que eles queriam ver, sabe. Tinha gente até falando que, tipo, a atriz, ela merecia ser estuprada por isso [outra depoente, chocada, - Nossa, que horror!!!] sabe, tipo, por ela ter feito esse papel. Eu fico, tipo,- Cara, você tem o que na cabeça, sério!! É isso, fico triste porque o povo não tem essa noção assim das coisas e, puxa, era um tema legal, que é muito... Os pais, o jeito que os pais estavam lidando com as coisas porque a mãe dela demorou para aceitar aquilo, sabe. Eu sei que aconteceu, tipo, nas famílias sabe, era um negócio que, poxa, era uma coisa que tinha que ter a noção, não tem que melhorar isso porque estava indo, sabe, tipo, a pessoa ter apanhado na rua por conta do preconceito sabe, porque é uma escolha dela, ninguém tem nada a ver com isso, sabe.

E: - O lado bom da novela é essa parte aí, que mostra a realidade brasileira e que mostra a situação da família, que mostra a situação do brasileiro em sociedade, esse é o lado bom da novela. Acontece que nem todos apresentam isso.

E: - E, tipo, quando apresentam que nem tipo, teve uma novela, eu não tenho o nome [Verdades Secretas (Globo, 2015)], era uma menina, ela era menor de idade a mãe dela era, estava com um cara e esse cara, os dois mantinham uma relação, só que, tipo, é pedofilia porque ela era muito nova e ele já era um cara tipo muito velho e eles mantinham relação, e não era relação de, tipo, dar beijinho, era relação mesmo, e as pessoas romantizaram, assim, tipo de um jeito que eu falei, - Cara, está errado! É pedofilia e, as pessoas não, isso é lindo, ele ama ela. Eu, - Cara, é pedofilia! Sabe, é essa coisa que o povo não tem noção. Quando dá para eles mostrarem um tema legal, sabe, para fazer as pessoa debaterem, não, eles vão lá e botam um romantismo no meio para ficar uma coisa bonitinha e o povo querer que aconteça com ele, sabe. [outro depoente, - Tem um finalzinho feliz, já basta!] É exatamente!!

E: - Meu pai foi policial militar, né [outro depoente comenta, - Sério?!!] então, ele tem aquela coisa na cabeça, homem com homem, mulher com mulher... Bom, ele é bem conservador. Minha mãe, ela não, ela pega como conhecimento e, eu olho e falo,

E: - Tanto faz porque já está ali! Já meu pai, ele fala que não quer ser manipulado

pela televisão. Colocando aquilo fortemente para boa parte da população, eu acho que depende muito de quem está vendo. Tem muita gente que vai ver e pegar como algo novo e tem gente que vai ver como quando, pôr algo na cabeça dos outros, depende muito.

E: - Eu acho muito perigoso porque, tipo, tinha muita novela que passava 11 horas da noite, mas, por exemplo, tinha criança acordada, né!! E nessas horas que passava coisas de pedofilia, e aí aconteciam os atos, é muito influenciável, tanto que acontece, que sempre acontece na sociedade brasileira, mas é do mesmo jeito que acontece, é influenciável, vai influenciar as pessoas, seja criança que está assistindo, tipo, - Onze horas da noite é para estar na cama, beleza?! Mas tem criança acordada, né, e assistindo às novelas, tem mortes... Eu não assistia porque uma vez, eu dei uma passadinha assim, mas minha mãe falava, - Não assiste! Mas, todo mundo assiste e, os temas, por exemplo, não tem jeito, é perigoso.

E: - Os temas, desde homem com homem, mulher com mulher, de algum jeito acaba manipulando ou influenciando algumas pessoas que estão assistindo, que nem as crianças, sei lá. Eu ouvi lá, estava na casa da minha tia, aí a criancinha vê na, eu não lembro que novela que era [Amor e Revolução (SBT, 2011/2012)], mas era beijo de mulher com mulher[97]*, então ficou assim, sabe, em choque!*

E: - As crianças verem essas coisas, dependendo do jeito, pode entender não de uma forma negativa, tipo, deixa ela entender da forma que ela quiser, mas tipo, não precisa entender da forma tipo, que nem as pessoas ficam com nojo disso, sabe, de mulher beijando com mulher, homem beijando com homem, tipo, os pais atrás podem dizer alguma coisa, mas tipo, pode criar alguma formação errada, tipo, eles botarem só tema assim, tipo, a criança vê aquilo, sabe. Mas, sabe aquilo tem que ser explicado e, ela pode entender que aquilo é normal. Depende do jeito que o mais velho ou a novela vai passar.

Sobre os temas tratados na telenovela, a conclusão é que a telenovela influencia as pessoas, então, nesse sentido o tema é uma coisa importante. Mesmo o grupo sendo crítico quanto à telenovela em si, mas quando pensam em alguns temas, realmente acham que é um

[97] A telenovela *Amor e Revolução* (SBT, 2011/2012) mostrou o primeiro beijo entre mulheres na telenovela brasileira com as personagens de Luciana Vendramini (Marcela) e Giselle Tigre (Marina). Foi a primeira exibição em telenovela de um beijo homossexual longo e apaixonado. Fonte: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/05/2011. *Exibido o primeiro beijo "gay" na televisão brasileira*. Disponível em: https://www.dn.pt/tv-e-media/televisao/interior/exibido-o-primeiro-beijo-gay-na-televisao-brasileira-1851644.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

ponto bom, seja porque alerta sobre determinado assunto, seja porque proporciona o debate na sociedade. Porém, muitos temas polêmicos quando mostrados abertamente na televisão podem chocar as crianças ou se não for bem debatido, esclarecido pode ter um efeito negativo. Nesse sentido, o grupo demonstrou muita preocupação com as crianças e o papel de orientação e apoio da família é o essencial. Uma depoente não concorda com o modo como as pessoas tratam ou entendem os temas. Como eles são jovens imersos nas novas tecnologias e redes sociais, ressaltam que nem todos os comentários demonstram que as pessoas realmente entendem os temas das telenovelas. Em alguns casos os temas que deveriam suscitar debate são tidos como polêmicas aceitas sem discussão e reflexão trazendo atrasos em vez de avanços sociais.

Novamente o conflito da personagem Ivana foi lembrado, como ocorreu no grupo 01. A telenovela *A Força do Querer* (Globo, 2017), trouxe à luz, a discussão sobre a personagem de uma menina que não se identificava com seu gênero. Outra depoente se lembrou da Telenovela *Verdades Secretas* (Globo, 2015), que retrata a relação de um empresário que se casa com a mãe para seduzir a filha, numa referência à literatura do russo-americano Vladimir Nabokov em *Lolita*[98], romance publicado em 1955.

O linguajar dos jovens, as pausas e o uso das gírias, como a palavra "tipo" para explicarem com exemplos o que eles querem significar, ou então, o uso da construção de uma frase direta, encenando uma fala subjetiva do que poderia ser o pensamento ou a fala de outras pessoas ou outras ponderações, isso tudo demonstra as estratégias da narrativa nos discursos dos depoentes. Se por um lado o uso de gírias é típico da idade, a exemplificação em excesso ou a frase construída na forma textual de discurso direto ou indireto livre contribui para que os falantes se expliquem antes mesmo de tomarem uma posição em relação ao assunto. É como se eles quisessem, de antemão, já explicitar a reação das outras pessoas com esses exemplos. Também é um recurso para se "omitir" e mostrar a posição tomada frente a um possível contradiscurso. É uma operação lógica de construção do raciocínio.

> O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinadas pela *situação* do enunciado e pelo seu *auditório*. A situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221).

[98] Pessoalmente li esse livro em meados de 1986, quando, na época, era sócia do antigo sistema de assinaturas de livros conhecido por *Círculo do livro*.

Conforme coloca Bakhtin-Volochínov (2010, p. 137), “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.” A significação para Bakhtin é algo que está em processo, no vai e vem do diálogo e no tudo que está entre quem fala e quem ouve, portanto, em um ato de interação ativa e responsiva.

> Na verdade a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 137, grifo do autor).

Podemos perceber que ao expressar suas opiniões, os discursos dos depoentes estão em constante diálogo com as possíveis outras opiniões. Numa cadeia de enunciados e possibilidades de respostas que eles mesmos “se fazem/representam” com as formas textuais diretas no discurso, como se fossem outras pessoas colocando outras questões ou posições. Para Bakhtin (2003, p. 272), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” então, quando o depoente declara que é contra a telenovela porque aborda temas fortes, ela mesma responde, como se fosse uma contrapartida de um diálogo, dizendo que a telenovela com esse conteúdo é exibido tarde da noite em um horário que as já crianças estão dormindo; ao que, em seguida, ela mesma pondera - sim, mas as crianças não estão dormindo como deveriam e assistem à telenovela. Essa sequência do diálogo é um discurso que mostra dois lados de uma posição sobre o conteúdo das telenovelas. “*Onze horas da noite é para estar na cama, beleza?! Mas tem criança acordada, né, e assistindo às novelas.”* Logo, existe uma relação de diálogo com outros discursos que se estabelecem nessa atividade concreta do discurso da depoente. Bakhtin (2008) esclarece que esse diálogo entre discursos é dialógico a partir do momento em que o enunciado ganha e discute uma posição expressa, mesmo que isso ocorra dentro de um mesmo discurso.

> As relações dialógicas são possíveis também com a sua própria enunciação como um todo, com partes isoladas desse todo e com palavra isolada nele, se de algum modo nós nos separamos dessas relações, falamos com ressalva interna, mantemos distância face a elas, como que limitamos ou desdobramos a nossa autoridade. (BAKHTIN, 2008, p. 211).

O autor explica ainda que o ouvinte já começa a ter uma atitude responsiva, quer dizer, de responder àquilo que ouve no discurso, ou seja, a partir do momento em que ouve algo e significa o que ouve e que, mediante a sua carga ideológica e visão de mundo, já vai concordando ou discordando do que é dito. Para o autor, o discurso só ocorre na concretude e,

portanto, para Bakhtin (2003, p. 271), “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”.

> O ouvinte ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

E, esse processo responsivo que se ativa a partir dos discursos é algo que ocorre entre os interlocutores, principalmente quando percebemos as interrupções ou ponderação de concordância, expressão de espanto frente ao discurso do outro. Quando a outra depoente já enuncia seu horror quanto ao que está sendo narrado, é como se ela já se posicionasse em relação à fala do outro e, se posiciona mostrando o horror, ou seja, discordando do que está sendo contado. “*outra depoente, chocada, - Nossa, que horror!!!”*

Quadro 09. Assuntos polêmicos nas telenovelas

Marcela (Luciana Vendramini) e Marina (Giselle Tigre) em *Amor e Revolução* (SBT, 2011/2012). Foto: Lourival Ribeiro/ SBT.	Alex (Rodrigo Lombardi) e Angel (Camila Queiroz) em *Verdades Secretas* (Globo, 2015) Foto: Felipe Monteiro/ Gshow.

- Sexualidade

E: - Constrangimento, sim, principalmente quando a cena é de nudez.

E: - Quando eu era pequena, só de ver se beijando e eu do lado dos meus pais, tipo, ficava com vergonha.

E: - Eu fingia que não entendia [risos de todos].

E: - Os meus pais falavam, - Se você quiser é só me perguntar. Mas, eu nunca

perguntava. A minha mãe uma vez, logo no começo, depois de uma cena, eles vão para o quarto e, meu padrasto fala, - Tampa os olhos dela porque ela não pode ver. A minha mãe olhou para ele e disse assim, - Um dia ela vai fazer. Sabe, tipo, - Ela tem que saber. Aí ela explicou, mas hoje em dia eu achei legal, mas no dia, eu, tipo, morri de vergonha, tinha uns 14 anos por aí, hoje em dia eu falo, ainda bem que a gente viu essa cena, e ela falou comigo, sabe.

E: - E, vai depender muito dos pais porque as novelas têm restrição de idade, e normalmente as novelas que mostram muito isso é a das oito[99]*, que é o horário de pico que todo mundo já jantou, tá todo mundo prontinho para ver a novela, e sei lá, eu via muito isso. Uma das primeiras vezes que eu vi, sei lá, de alguém matando alguém, foi na novela. Daí que eu fui entender assim, perguntando para os meus pais, eles me instruíram, me informaram melhor e, vai da consciência de cada um. Eu consegui absorver bem aquela informação e percebi que aquilo que estavam mostrando é uma coisa que você não deve fazer, e esse também é outro lado bom da novela, mas sempre perigoso. Mostrar para todo mundo, deixar em aberto, porque nem toda criança pode ser, por exemplo, que nem eu, pode, não sei, ver aquilo, achar o máximo e sair cometendo o mesmo crime que, sei lá, o fulano da novela cometeu. E, eu acho perigoso, deixar a novela aberta no horário nobre.*

Sobre a questão da sexualidade mostrada nas telenovelas, os participantes do grupo 02 também alegam que se sentiam constrangidos e admitem várias reações diferentes, desde fingir que nada estava acontecendo na televisão até a constatação de um espaço de abertura e diálogo com os pais. No geral, além do constrangimento, fica claro uma grande preocupação de as crianças verem certas cenas de sexo, erotismo ou violência que pode ser mostrada na narrativa da telenovela. Ao mesmo tempo, para esse grupo de jovens adolescentes, essas cenas acabaram servindo de pretexto para uma aproximação com os pais, pelo menos no que se refere às conversas sobre sexualidade e violência. Percebemos então, que a telenovela funciona como pauta de assuntos para discussão em família. Isso é lembrado como um fator de aproximação entre pais e filhos, logo, uma mediação positiva da telenovela.

[99] A telenovela das 21h, antes, era chamada de novela das oito. Isso ocorreu mais ou menos no final de 2010 e começo de 2011. Entre o final da telenovela *Passione* (Globo, 2010/2011) e o início da nova novela das nove *Insensato Coração* (Globo, 2011). Fonte: TARDE. OnLine. Cultura. 30/12/2010. *Globo deixa de adotar título de "novela das oito"*. Disponível em: http://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1090893-globo-deixa-de-adotar-titulo-de-%22novela-das-oito%22. Acesso em: 10 nov. 2018.

- Relação com os pais

E: - Têm pais que trabalham mais de 12 horas por dia e daí, os filhos acabam sendo afetados por isso. Eu vejo que a família que era do Brasil e vem para cá, os filhos ficam afetado por conta desse distanciamento que acontece, né. Tipo, se no Brasil você era muito próximos aos seus pais, aqui no Japão já acaba se afastando porque não vê muito, né. Acho que isso afeta bastante o relacionamento entre os pais e filhos, tanto entre os brasileiros quanto entre os japoneses. Acho que fica até igual. Essa quantidade de trabalho que tem na fábrica!!

E: - Tem pai que não liga para o filho. Vendo por gente, assim, que eu conheço, que era próxima de mim, sabe, tem pai e mãe que não liga, ou quando a pessoa é tratada só pelo pai ou só pela mãe e, geralmente quando a pessoa é criada por um dos pais só, o pai ou a mãe, está ali, sabe, mas não pegando no pé, porque quer o bem da pessoa. Mas o que eu vejo que, geralmente quando estão só os dois ali, então, - Ah, se vira!! Então, sozinho, aí nisso a pessoa, sabe, já acha que pode tudo. Tipo, não generalizando, eu sou criada pela minha mãe, só que meu padrasto ajuda ela, sabe, mas a minha mãe não me deixa largada, não me deixa sozinha. Se eu preciso dela, eu sei que ela vai estar lá para mim. Mas, infelizmente não acontece assim com todo mundo, sabe. E, isso é muito triste porque eu vejo assim, você está desperdiçando seu filho, sabe isso, você está meio que jogando ele fora porque, poxa, cara, você está deixando ele fazer o que ele quer, sabe, e, não é bem assim.

E: - Eles trabalham bastante, meu pai trabalha bastante, chega em casa lá, meu pai não gosta de falar muito, né. Tipo, quando eu vivia no Brasil, com minha mãe, eu sempre falava muito com ela, com minha avó também, eu falava muito. E, cheguei aqui, tipo, meu pai não quer conversar, tipo, eu moro com meu pai e meu irmão e, eles trabalham pra caramba, e tipo, sei lá, sobra muita coisa para mim, por causa que, tipo, eu vou para a escola e, eu trabalho também, mas eu tenho que cuidar da casa, assim, tem que cozinhar, limpar a casa e a relação fica meio assim. Eu creio que em outras casas também seja meio assim. O tempo é muito pouco para fazer as coisas e, gasta muito de você. E o pessoal não quer mais conversar... Fica, tipo, uma rotina que é sempre igual, sabe.

E: - No meu caso é assim, geralmente a gente aprende nas trocas de favores. Assim, por exemplo, meu pai precisa de uma ajuda numa coisa da Internet, no telefone, aí eu ajudo ele e ele aprende. Aí quando eu preciso de algo na moto, aprender alguma

coisa da moto, como ele veio do Brasil, e ele conhece um pouco, aí ele me ensina, então a gente aprende muito na troca de favor e da minha mãe é a mesma coisa, eu aprendo uma coisa com ele e ela depois comigo, sempre assim, é uma relação boa.

E: - Lá em casa não adianta eu ensinar para a minha mãe, vira e mexe, ela, Ah, me ajude aqui!! Mãe, eu te ensinei isso mãe...

E: - No meu caso, o problema não são os pais. Eles se preocupam, assim, comigo, né. E, eles que tiveram uma infância de verdade, porque eu acredito que, quem nasceu aqui não teve uma infância de verdade. Porque no Brasil, você sai na rua, você já tem amigos, aparece puf, puf, puf... Vamos jogar bola... Aqui não é isso, não é assim, não é assim!! Eu saio da minha casa, o que é que eu vejo? Não vejo ninguém, só japoneses desconhecidos [outro depoente, - Sem contar que todo mundo mora longe], é, então, eu não moro perto de ninguém dos meus amigos, é só japonês. E, tipo, como que eu vou ter uma infância sem amigos por perto, perto da minha casa. Então, acho que a minha relação com os meus pais é boa, acredito que eles tenham substituído meus amigos porque acredito que minha infância foi com os meus pais aqui. Porque eles é que me deram tudo. Eles me deram carinho, atenção necessária, coisa que eles tiveram, embora tenha sido uma fase muito difícil, eu sou grato pelo que eles fizeram por mim, né. No caso, eles me deram uma infância.

E: - No meu caso, meus pais também trabalham bastante, aí eles chegam cansados em casa, mas a gente sempre tem todo dia um tempo para gente conversar, sabe. Senta na mesa, tá jantando, aí conversa, eles me orientam, a gente sempre conversa tudo assim. Eles sempre me ajudam. Eu também tento ajudar de alguma forma.

E: - No meu caso, meu pai trabalha de madrugada, yakin [turno da noite] né. Ele faz yakin e a minha madrasta trabalha na escola, mas também fora ela dá aula de inglês, né. Então, tipo a noite, eu fico praticamente sozinha, mas eu também chego tarde do trabalho, então a gente não acaba se encontrando. Mas, sendo assim, final de semana, assim, a gente tenta sair para comer fora, a noite e tal. De domingo a gente vai para a igreja, então, nosso relacionamento, nossas conversas, a gente tem no final de semana, né, durante a semana uma vez ou outra a gente se encontra. No café da manhã, a gente se encontra bastante, então, a gente tenta manter a conversa em dia no café da manhã, é bem rápido, né, mas fora isso é trabalhando e estudando, assim.

Quanto à relação intergeracional, dentro de casa, nesse grupo 02 (3º ano), as relações entre pais e filhos já estão mais resolvidas. Em comparação com o grupo 01 (2º ano), esse grupo apresenta-se mais estabilizado, eles narram com tranquilidade, apesar de demonstrarem que sentem muito a falta de tempo entre os pais e filhos, apesar disso, demonstram que já estão mais acostumados ou acomodados com a situação.

Uma das depoentes relata sobre o fato de ter somente um dos pais morando junto, somente o pai ou a mãe por perto, culmina numa relação mais presente. Ao passo que quando a família é constituída pelo pai e pela mãe, muitas vezes o que ocorre é que se supõe que tudo está bem, e os pais não percebem e não estão dando muita atenção aos filhos. Uma percepção semelhante foi relatada por uma das depoentes do grupo 01. O fato de ter pais separados fazia com que, pelo menos com o seu pai – que ela via menos, pois morava com a mãe – ela tivesse uma relação menos conflituosa, isso porque, no seu relato, ela conta que não se entende com a mãe e tem muitas brigas com ela.

Conforme relata Giddens (1993), a modernidade trouxe consequências para a estrutura familiar, a partir das novas dinâmicas sociais, novos conceitos e da liberdade da vida individual sobre a vida coletiva, a transformação das relações de intimidade culminam em uma constante transição da democratização da vida pessoal e da questão básica da ética da vida pessoal. O autor aponta para as novas combinações familiares, uma vez que a separação e o divórcio permitiram esses novos laços de intimidade social.

> As pessoas têm de decidir como lidar com os parentes e, assim fazendo, constroem uma nova ética da vida cotidiana. [...] As pessoas tendem a organizar suas relações de parentesco através de um "compromisso negociado", segundo o qual planejam a "coisa adequada a fazer" em relação a seus parentes em uma variedade específica de contextos. (GIDDENS, 1993, p. 109, grifo do autor).

Essas novas reconfigurações são comuns no Japão, ainda mais pensando que não se tem a estrutura familiar, os amigos e a rede de contatos que, por vezes, ajuda a solidificar e a manter certa estabilidade social de um casamento. As famílias estão constituídas, mas em muitos casos, como o trabalho também rege a questão da residência, do lugar de moradia, do tempo de trabalho e do lazer, também ocorre que, quando o trabalhador perde ou muda de emprego, também muda de residência e, muitas vezes de cidade. No Japão, o trabalhador faz turnos de dia ou de noite, e trabalha em horários e dias variados por escala. Portanto, isso também é um ponto sensível, há muitos arranjos familiares e muitas trocas de companhias

afetivas ao longo da vida no Japão. Claro que isso não é a regra, mas é um indício dos arranjos familiares de brasileiros no Japão[100].

Uma coisa interessante é que os filhos de imigrantes brasileiros, principalmente nesse grupo 02, deixa entremear o lugar de fala deles. Às vezes é como se eles entendessem os pais e pudessem perdoá-los pelas dificuldades e pela grande carga horária de trabalho. E, quando eles se colocam no lugar dos pais, fica latente a formação discursiva deles como filhos, na posição de filhos. Uma das depoentes aponta os problemas enfrentados por ela, a carga de responsabilidade - estudar, trabalhar e cuidar da casa. Ela reforça que o pai e o irmão trabalham muito, mas ressalta que ela também trabalha. É dito que a carga é pesada, mas não é dito o porquê de ser pesado para ela. Mesmo assim, ela acredita que isso aconteça em outras casas, como se precisasse se conformar, pois, é assim em todos os outros lugares. Então qual é a diferença no caso dela? Certamente o fato de ela ser a única mulher da casa e toda a carga doméstica ficar sob a sua responsabilidade. Também o não dito, nessa sequência é a ausência de algo, algo que falta e, mesmo não sendo falada, faz falta - a ausência da figura da mãe, que ela contrapõe em outros discursos quando diz que morava com a mãe e a avó, e lá, elas conversavam mais, desvelando, pelo menos no discurso, que ela era mais feliz. Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 83) pondera que "o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva".

> Num retorno contínuo do objeto de análise para a teoria, num movimento constante de descrição e interpretação, o analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente. (ORLANDI, 2007, p. 80).

Utilizando os preceitos da Análise do Discurso em Orlandi (2007, p. 48), o que temos aqui é uma *memória institucional* - do arquivo, da construção do social do ser - e uma *memória constitutiva* - do interdiscurso, do trabalho do sentido, do interpretável e do saber discursivo. E, lembrando a ideologia como "prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido". (ORLANDI, 2007, p. 48). Nessa análise, precisamos considerar quais são essas vozes que se enunciam; sob qual espaço social; elas falam sob quais histórias sociais; elas se incrustam sob quais constituições subjetivas – entendida conforme Orlandi (2007, p. 46), subjetivas não como a maneira como são afetadas, mas nas quais o sujeito se constitui.

---

[100] Segundo levantamento cotejado através do Consulado-Geral em Tóquio, entre 2004 e 2005, e cotejados por média de casamentos registrados naquela repartição, existe uma taxa média de divórcio relativamente alta, um em cada 2,1 casamentos serão desfeitos. Salvo algumas considerações estatísticas do pesquisador, pretendemos aqui ilustrar a ocorrência entre os brasileiros que moram no Japão. Para saber mais consultar (Costa, 2007).

- Influência da telenovela na relação entre pais e filhos

E: - Com certeza, pode ser tanto negativamente como positivamente. Se os pais forem mais menta aberta, mais pra frente, se forem pais que tem comunicação com os filhos, eles vão tipo, aquilo e, vão dizer, - Não, filho, esse aqui funciona tipo, de tal forma, assim, assado e, sabe, tem pais que conversam, agora, tem pais que são mais conservadores, responde muito do jeito que seus pais veem o mundo.

E: - Eu lembro que chegava uma hora e todo mundo ficava no sofá lá, assistindo, então, a relação com minha avó, eu morava com a minha avó e todo mundo conversava sobre a telenovela, mas ficava todo mundo naquele mundo da novela, só sobre a novela, então era meio fechado, né. Mas, de certa forma, a relação com a minha avó era boa, a gente conversava bastante.

E: - Certamente influencia, mas comigo e com meus pais, eu sempre assisti à novela com minha mãe, né. Tipo, meus pais têm muita cabeça, eles não são influenciados, eles tem uma opinião própria e eles não falam para mim, - É errado isso! O que eu achar, é isso, sabe, não é errado!

E: - Influencia tanto positivamente quanto negativamente. Principalmente em relação à aquele momento em que está todo mundo junto no sofá e se divertindo, assistindo uma coisa legal, de repente. E, isso proporciona uma boa conversa depois, se discute lá, dependendo do tema a gente pode até entrar no assunto sério, por exemplo, a gente vê a situação da sociedade brasileira na televisão, na novela, daí a gente, posteriormente, após isso, a gente pode até discutir sobre aquele assunto. Daí que é o lado racional da coisa, o problema é quando, por exemplo, nem todo mundo, nem toda criança tem a mesma opinião dos pais, de repente, se a criança tem a capacidade de formação da sua própria opinião e os pais são mais conservadores, aí é um problema porque, de repente, não precisa ser uma criança, é um filho, ele vê lá na televisão e assiste tal... homem beijando homem, uma coisa normal, - Ah, isso vai ajudar o país a ir para a frente, aceitando um ao outro, só que os pais não aceitam de jeito nenhum. Porque tem muito disso também e vice-versa, aí que gera um problema entre a família. Tipo, os pais podem se preocupar e não aceitar isso com bons olhos, - Ah, meu filho você concorda com isso, eu não concordo, é melhor você mudar a sua opinião ou você vai sair aqui de casa, eu não quero mais você aqui! Para mim é o lado negativo. Porque, sim, tudo é fonte para formar opinião, tudo a gente pode discutir, o problema tá nisso, a falta de consciência, sei lá, a falta de

entender que cada um tem a sua opinião e por ser pai, eles acham que o pensamento deles tem que ser o mesmo do filho e eles tentam impor isso, mas não!! A gente tem a mesma opinião, a gente vai amadurecer e vai formar a nossa opinião e, é isso que vai influenciar no futuro, sei lá, num jeito melhor no país, sem ser muito conservador.

Sobre a influência da telenovela na relação entre pais e filhos, o grupo concorda que essa mediação pode ser positiva ou negativa. A telenovela pode mediar conversas, trocas sadias de opiniões sobre os diferentes temas apresentado nas tramas; pode mediar o contato e estabelecer uma ponte com as pessoas - conversas entre gerações, neta e avó; pode ser um ponto de encontro de distração e divertimento e; pode também mediar discussões racionais, emocionais ou até conflituosas.

Diferentemente do grupo 01, o grupo dos alunos no 3º ano já admitem a influência real da telenovela. Para esse grupo 02, a telenovela influencia as pessoas assim como influencia as relações delas com o mundo e entre elas. Dessa forma, a telenovela tem papel central nas discussões sobre a realidade da sociedade brasileira, pois, muitas vezes é a única fonte de informação do meio social cotidiano do Brasil.

- Modo de viver

E: - Japonês é muito certinho e pontual, principalmente na parte de você ser pontual, seja para qualquer coisa desde um compromisso importante até você combinar de sair com seus amigos. Eles são muito pontuais nisso, sabe, em questão de organização também, eu acho eles mais organizados que os brasileiros. Por exemplo, estão de trem, por um minuto, se você atrasar, você fica, é muito pontual.
E: - É que eu ando com amigos "delinquentes" japoneses. Eu moro na residência do governo, Kanda Danchi[101]*, então, acredito que lá tem muito o que a gente chama de furyo, os delinquentes japoneses. Eles mesmos não gostam do sistema do Japão, é essa vida de estudar. Se você não é bom, você não vai para o colegial e, não vai para a faculdade e se é ruim, você vai para a fábrica e, vai tentar a vida lá. E, eles mesmos não gostam disso, né. Então, eles comentaram comigo, às vezes, que eles preferem sair na rua fazendo nada, fazendo arte com a moto, roubando porque assim, eles simplesmente não querem seguir o padrãozinho do japonês porque eles mesmos não são bons na escola, nos estudos, então, eles, do que ir para a fábrica se matar de*

[101] *Danchi* são conjuntos residenciais em que o governo subsidia parte do aluguel com o objetivo de abrigar pessoas de baixa renda. Muitos japoneses idosos moram nesses condomínios, assim como estrangeiros também.

trabalhar, eles preferem ficar fazendo nada na rua. É bom conhecer esse tipo de coisa, que você vê que tem gente que pensa diferente. Eu não acho problema, mas para a sociedade, incomoda [outro depoente completa, - É mal visto].

E: - Eu acredito que a sociedade segue um padrão e quem não segue esse padrão é mal visto. E, falando mais de diferença entre japoneses e brasileiros, eu acho que é uma coisa relativa. De repente pode ter um japonês que seja certinho, mas também tem um brasileiro que é certinho [outra depoente, - A gente não pode generalizar!]. É que existe esse estereótipo de brasileiro que ele desde muito tempo, ele já vem com essa fama de preguiçoso, que não quer trabalhar. E isso não é só no Brasil que a gente vê, os outros países também. Isso comprova em noticiários, quase sempre tem noticiário, - Brasileiro faz tal coisa, comete tal crime... E, isso japonês tem, não sei se é prazer de mostrar isso para o povo, por eles serem muito nacionalistas e, muitas vezes eles esquecem o lado bom do Brasil também.

E: - Onde eu trabalho é um supermercado e vem muito velhinho e eles veem que sou estrangeira, e eles cuidam, me tratam normal, sabe. Eles até falam bem, não teve tanta desigualdade quando, tipo, eu deixo as coisas caírem, a famosa "cagada" e, tipo, ninguém nunca me tratou mal, pelo contrário, me ajudam, sabe. Tipo, desse lado de desigualdade eu não vejo muita coisa.

E: - Eu vejo que como eu não tenho cara de japonesa, eu passo mais perrengue do que quem é brasileiro e tem cara de japonês e mora aqui. Tipo, ela tem cara de japa, sabe, ela é muito japonesinha, então, ela não, quando a gente sai, eu percebo, as pessoas não olham estranho para ela, sabe, as pessoas são diferentes com ela do que comigo, sabe. Não é todo mundo, maioria dos casos, as pessoas me tratam, tipo, bem, sabe. Só que a impressão que dá é que eles fazem por obrigação. Porque você está ali, você sente, você sente que você não é bem-vinda, sabe. É essa impressão que dá, você não tem cara, então eles, não, eles fazem só por fazer, porque é a obrigação deles, sabe. Por eu não parecer japonesa, por mais que eu tenha sobrenome, por eu não parecer, por eu não ter cara, por eu não parecer uma descendente, por não nascer aqui, você sofre, sabe.

Com relação ao país de origem de seus pais e seu local de moradia, o grupo percebe diferenças interessantes no modo como se vive no Japão e no Brasil, comparam os comportamentos das pessoas que são filhos de imigrantes brasileiros em relação aos japoneses e também fazem comentários sobre os relacionamentos de amizade com os japoneses. Por

meio dessas conversas pudemos mapear um retrato, pela ótica desses jovens, de algumas diferenciações e vivências. São olhares "estrangeiros" de quem não faz parte do meio social local, mas que forçadamente participa dele seja nas relações cotidianas corriqueiras ou nas relações de trabalho. É um embate negociado, de ser o diferente na formação social já estabelecida. Os depoentes narram suas experiências da diferença e do fato de se sentirem diferentes na sociedade japonesa. Bhabha (1998) explica que esses embates culturais são complexos e, não são preestabelecidos de antemão. "A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica" (BHABHA, 1998, p. 20-21).

Os depoentes acabaram falando de suas experiências de vivências no Japão. Para além das diferenças de comportamentos entre japoneses e brasileiros, eles também falaram das diferenças de tratamento. Tanto no sentido dos preconceitos - o sentimento de ser diferente e estar sendo percebido como um diferente pelos outros - como também dos diferentes japoneses que se rebelam contra o sistema e acabam sendo consideradas pessoas que não se encaixam socialmente no Japão. Uma das coisas a ser observada é que o Japão adota o sistema de reconhecimento da nacionalidade por *Jus Sanguinis* (direito de sangue, em latim), ou seja, somente filhos de pai ou mãe japoneses é que poderão obter a cidadania japonesa. Necessariamente um dos pais precisa ter o documento de nacionalidade japonesa. O Brasil adota o sistema *Jus Solis* (direito de solo, em latim). Na prática, então a maioria dos jovens, filhos de imigrantes brasileiros que estão no Japão, mesmo sendo descendentes geralmente netos ou bisnetos, não possuem pais com cidadania japonesa, logo são juridicamente brasileiros. Isso significa que muitos desses jovens mesmo tendo nascidos no Japão, são considerados estrangeiros. Na vida prática isso muda bastante a rotina desses jovens. Se a aparência não os revela como estrangeiros, a escrita e seus nomes – estrangeiros não possuem a escrita em *Kanji* (ideograma) –, sua falta de habilidade com a língua japonesa ou o sotaque, a vestimenta, o tipo de comida, o modo de falar e andar ou o comportamento acabam demonstrando que são estrangeiros. De qualquer modo, ser estrangeiro é algo visível na rotina desses brasileiros.

Muitos brasileiros moram em conjuntos habitacionais, pois são mais acessíveis, porém, não é uma habitação exclusiva de estrangeiros. O depoente fala dos *furyos* que moram nessas habitações. No Japão existem muitos jovens que não conseguem suportar as pressões impostas pela sociedade japonesa extremamente organizada e hierarquizada e, acabam se rebelando contra o sistema. Existem várias denominações de subculturas no Japão que

abrangem os *furyos* [102] - *bosozoku* [103] (rebeldes de moto), *chinpira* (pequeno aprendiz delinquente) etc. Esses jovens japoneses acabam ficando à margem da sociedade local em termos de integração social. Geralmente são menos favorecidos economicamente e trazem marcas sociais de problemas com a família, drogas, ou com as autoridades.

Quadro 10. Conjuntos habitacionais do Japão

Danchi na cidade de Toyota, província de Aichi. Foto: Arquivo pessoal, 2013.	*Danchi* na cidade de Toyota, província de Aichi. Foto: Arquivo pessoal, 2013.

- Estranhamento

E: - Acho que é mais aparência sabe, quando eu cortei o cabelo, eles começaram a me ver diferente, sabe. Porque eu tinha cabelo mais longo, sei lá, eu era mais cuidada, sabe. Agora, tipo, eu estou com o cabelo meio estranho. Quando eu cortei aqui ficou um buraco, tipo, sei lá, eles me trataram meio diferente, sabe, assim, tipo,
E: - Meu Deus!! Às vezes eu, sei lá, mudou alguma coisa. Não sei eu falo alguma coisa, eles falam tá, tá, tá...
E: - Não tem a ver com o rosto, mas com a vestimenta, falando mais. Por exemplo, eu gosto de me vestir assim, que é visto como "furyozinho" [delinquentezinho] porque

[102] Na verdade a composição dos dois ideogramas que formam a palavra *furyo*, ao pé da letra significa não bom, ou seja, com defeito, delinquente etc. Essa palavra também pode denominar peças com defeito na fábrica. De modo geral pode abranger uma imensa gama de jovens e gangues, cada qual com sua particularidade social, mas o termo empregado pelo depoente é no sentido de delinquente.
[103] Para saber mais sobre *bosozoku*, ver site do PORTAL MIE. *Bosozoku: rebeldes que estão desaparecendo do Japão*. 15/12/2016. Disponível em: http://www.portalmie.com/atualidade/2016/12/bosozoku-rebeldes-que-estao-desaparecendo-no-japao/. Acesso em: 10 nov. 2018.

furyozinho anda, tipo, de moletom... roupa preta, usa boné, de repente, cabelo pintado, brinco, tatuagem. Eu acredito que isso influencia sim, só que quando você vai consumir, você percebe mesmo que o tratamento é diferente. Eu não sei se, claro, a gente nunca pode generalizar uma coisa, mas eu percebo só que, eu como estou bastante tempo aqui, eu posso dizer que estou levemente adaptado. Então, eu procuro tratar bem quem está me atendendo, tipo, sempre agradecer por um serviço, aí vai da pessoa, se ela quer me discriminar, tudo bem, eu não tenho nada a ver com isso, mas eu quero ficar com sentimento de dever cumprido, entendeu. Mas se eu perceber que ela, não tem jeito, ela vai me discriminar, eu simplesmente não volto mais lá. [...] Nasci aqui, eu conheço um pouco assim, certas coisas, por exemplo, quando eu entrei no primeiro dia no arubaito [serviço temporário], todo mundo levou um choque, né, porque parecia que era o primeiro estrangeiro lá, no McDonald's, era uma cidade pequena. Eu entrei faz um ano e pouquinho, eles acharam estranho, né, - Como um menino que nasceu aqui, tem 16 anos e não sabe falar a língua? Só que o problema, eu entendia, só não sabia responder. Daí eu escutei alguém comentando, - Nossa, como que contrata uma pessoa dessa, nasceu aqui e não sabe falar quase nada? Entendeu, - Beleza... Agora e graças ao serviço eu consegui ampliar meu vocabulário japonês. Agora eu consigo me virar sozinho, coisa que eu não conseguia antes.

Quando os participantes começam a narrar as suas experiências vividas como estrangeiros na sociedade japonesa, percebe-se que eles também refletem sobre o preconceito cotidiano em suas vidas. Uma depoente, que tem aparência de japonesa, nasceu no Japão, mas morou muito tempo no Brasil, conta que talvez não seja o fato de ser estrangeira, mas o fato de ser ou ficar diferente. No caso dela, é o estranhamento com a sua aparência, depois que ela corta o cabelo. Enquanto outro depoente também nascido no Japão e que viveu sempre no Japão, apesar de não falar bem o idioma, conta-nos que desenvolveu um tipo de estratégia de sobrevivência; tenta respeitar as leis, mesmo não sendo bem acolhido age com respeito e educação e, conserva seu jeito de ser, apesar das imposições do sistema social japonês.

- Brasileiros e japoneses

E: - Foi em abril desse ano, num aniversário, depois a gente parou para pensar. Eu não vejo só brasileiro fazendo isso, sabe, eu vejo peruano, chinês, sabe. A gente estava esperando a minha amiga, a gente estava do outro lado da catraca [do trem] para passar para irmos na casa de outra amiga e, a gente começou a rir. A gente

estava rindo muito, tipo, a gente estava dando maior escândalo, rindo, e quando eu começo a rir muito, eu começo a me bater, sabe. E, eu comecei a me bater lá e, a minha amiga estava encostada na pilastra. E, os japoneses em volta, pensando, tipo, o que é que elas estão fazendo, tinha gente, tipo, tampando a cara. E, a gente nem aí. Sabe a gente nem ligou para isso, a gente estava rindo e rindo... Até que o cara japonês veio na nossa frente, aí ele virou e perguntou alguma coisa que eu não entendi. A minha amiga entendeu, perguntou se a gente era brasileiro, se a gente era do Brasil. A gente falou que sim. Ele virou e falou, - Ah, Brazil, samba! A gente é, samba... Ele virou e saiu. Só que na hora que a gente parou de rir, a gente falou, cara, japonês não faz isso. Japonês é muito discreto, até para rir eles botam a mão na boca, sabe. O escândalo que a gente faz sabe, mas assim, eu não culpo eles porque foi uma coisa muito natural, sabe. Tipo vem uma família aqui que é escandalosa, tipo, fala alto, sabe, eu não consigo falar baixo, tipo, sabe. Mas acho que a maioria é discreto, sabe. Até com a minha mãe, a gente sai, vamos no restaurante e, eu tenho que falar, assim, tipo, fazendo gesto.

E: - Eu tenho um primo que até uns 10 anos, estudou em escola brasileira, a partir disso, ele entrou numa escola japonesa. Eu percebo a mudança do jeito dele, a atitude. Quando ele estudava na escola brasileira, ele era mais aberto, ele falava mais, brincava mais, interagia com os tios, parentes, né, quando a gente fazia churrasco. Eu notei muito a diferença no comportamento dele. Ele costumava ser brincalhão, falava, brincava, não parava. Mas, depois que ele entrou na escola japonesa, eu percebi que ele ficou mais quieto, ele não queria interagir. Deve ter uns 18 anos agora. Eu percebi que ele não tinha mais interesse em interagir com a gente. Ele também, agora é muito difícil, ele troca palavra, ele enrola e, acho que a mudança brusca mesmo, grande, foi no comportamento, acho que entre os brasileiros, acho que ele esqueceu o sentimento de estar junto com os brasileiros, daquela energia sem fim.

E: - Eu também sinto isso, com brasileiro que tem muito contato com japonês, sabe. Parece que eles perdem a essência... Assim, sabe? De chegar, abraçar e conversar... Eu também sinto isso.

E: - Tipo, eu vi isso, porque chegou uma amiga que foi cumprimentar ele [ele é o mesmo primo do outro depoente] com beijinho, isso é uma coisa normal, ele falou, - Não, não, isso é coisa de namorado!! A gente ficou tipo [outra depoente, - Cara, a

gente se cumprimenta assim]. Então, daí a gente ficou assim e falou, - Não é nem beijo, é só encostar a bochecha... [outra depoente, - É costume de brasileiro, sabe]. Ele já ficou em choque assim, - Nossa, ela veio me beijar, o que é que é isso? Eu estranhei bastante isso, mas lógico, a gente convive numa boa sim, quando dá a gente brinca, mas essas mudanças, eu achei engraçado.

E: - Eu acho que não é muito do japonês em si. A convivência é diferente dos brasileiros lá no Brasil e aqui no Japão. Pelo fato de, tipo, a grande maioria dos pais estarem trabalhando nas fábricas , né e daí os filhos ficam muito tempo sozinhos em casa, e daí , acho que o fato é isso. Esse tempo que eles ficam sozinhos faz isso, né. Que eles não se comuniquem e acabam ficando muito sozinhos e não tem essa comunicação, esse afeto que os brasileiros têm. Os pais japoneses trabalham muito e os filhos ficam muito sozinhos.

E: - Os japoneses estão na escola, tem as regras, estudam muito, ficam sozinhos, se isolam, não tem essa comunicação que o brasileiro tem. [outra depoente, - É que brasileiro é muito caloroso].

E: - Uma coisa que me incomoda muito é que às vezes eu saio com amigos de rua, assim, e eles tem mania de colocar música muito alta, [outra depoente, - Eu também não gosto disso, cara], brasileiros, e se fosse um japonês, com certeza ele não estaria fazendo isso e, andando na rua e é algo muito brasileiro. Parece que eles querem mostrar isso, eles vão de turma porque tem que ter coragem para fazer isso. E, se eu fosse um japonês, eu me incomodava com isso, e eu não faria isso [outro depoente, - E, nem eu], isso incomoda [outro depoente, - Eu também, eu me incomodo], então, eu sou muito japonês nessa parte e agradeço por isso.

E: - Eu acho que brasileiro, assim, principalmente jovem, que tem a mente fraca assim, sabe, vem para cá, aí não quer estudar e começa a trabalhar. Aí ganha o primeiro salário e já sai comprando as coisas, sabe, de marca e, já acha que pode, sabe. Aí só porque acha que pode, que está ganhando dinheiro, que quer sair mostrando, sabe isso. Tipo, - Cara, não é bonito, não é legal! Tipo, - Que bom que você trabalha, sabe, que você ganha seu dinheiro, mas, poxa, sabe, parece muito que vai na ondinha.

Quanto ao relacionamento com os amigos, o grupo reconhece que há uma grande diferença de comportamento dependendo do ambiente escolar em que estão. Certamente nas escolas brasileiras do Japão, além da língua e da educação voltada para a cultura brasileira

(datas comemorativas, atualidades sobre o Brasil, o currículo aprovado pelo MEC etc.), há um cultivo do hábito cultural no comportamento, nas ações e no jeito de pensar de brasileiro. No Japão, olhar diretamente nos olhos é considerado desrespeitoso, o cumprimento é formal e a distância com o ato de curvar a cabeça, no máximo eles consideram um aperto de mão ocidental, ao estilo internacional. As regras são rígidas e funcionam para serem regras e não exceção, todos seguem as normas. Essa imposição é quase uma vigilância entre todos, então, a pressão social torna-se grande, ainda mais se considerarmos que existem as hierarquias rígidas mesmo entre os estudantes e amigos. Dessa maneira, cumprimentar com um beijo, mesmo sendo na bochecha é considerado impróprio pelos japoneses. Já nas comunidades de brasileiros, nas escolas e mesmo na rua entre os brasileiros, essa atitude é costumeira ainda. Ao mesmo tempo em que cultivar essas pequenas ações os fazem aproximarem-se um dos outro, temos que considerar que o fato de estarem/serem uma minoria étnica no Japão e não poder contar com a grande rede de familiares e amigos brasileiros que permaneceram no Brasil, esse fato, parece que os une ainda mais. É um sentimento de camaradagem e cumplicidade do entendimento de uma cultura comum que os acolhe e os conforta. Também conhecido o fato de os brasileiros serem mais calorosos e espontâneos na vivência social. Sem tantas regras de comportamento, ações e obrigações que o japonês possui; a vida entre os brasileiros parece mais festiva e alegre.

É claro que existem muitos conflitos e brigas, nas escolas e entre os amigos brasileiros. O grupo concorda em achar escandaloso o ato de fazer barulho na rua e chamar a atenção, mesmo compreendendo em certa medida essa ação. Também são críticos quanto ao que chamam de estado de arrogância do brasileiro que tenta se mostrar; uma depoente declara que isso ocorre talvez porque no Brasil seria impensável o acesso ao consumo de marcas e produtos como ocorre no Japão quando se está inserido no mercado de trabalho.

Existe uma série de categorias de trabalho que, se por um lado pode parecer, em um primeiro momento, discriminatório por hierarquizar as pessoas da classe trabalhista, por outro lado, realmente faz a sociedade japonesa funcionar: as mãe e donas de casa podem exercer uma modalidade de trabalho conhecida como *pato-san* (*part-time*, geralmente para mulheres casadas que desejam complementar a renda familiar); os estudantes universitários ou escolares a partir de 15 anos podem trabalhar fazendo *arubaito* (contratação temporária); os trabalhadores de carreira procuram pelas melhores ofertas de trabalho como *seishain* (contrato direto e supostamente com emprego para carreira e aposentadoria); Há ainda a contratação para *hakenshain* (trabalhadores terceirizados contratados por empreiteiras) e o contrato com

prazo pré-determinado *keiyakushain* (pode ser um trabalhador contratado diretamente, ou terceirizado pelas empreiteiras).

Um dos depoentes faz uma mistura da língua japonesa e portuguesa, usando o sufixo -inho que denota a flexão do substantivo no diminutivo em português (-inho) mais o substantivo em japonês (furyo), formando "furyozinho" para designar o sentido de um delinquentezinho. Dessa forma, ocorre um hibridismo na linguagem, ou seja, a mistura de dois termos de línguas diferentes para formar uma palavra. Esse detalhe é interessante para verificarmos as condições da cena de enunciação e o uso do que podemos chamar de *código linguageiro*, segundo os estudos de Maingueneau (2008a). Esses jovens estão inseridos em um *entre-lugar* (Bhabha, 1998) cultural e espacial, estão no Japão, mas comungam com a cultura do Brasil no jeito de se expressarem através da língua portuguesa. Esse entre-lugar que Bhabha descreve como resultado da articulação de diferenças culturais é que proporciona essa mistura na linguagem do depoente. É como se a sua situação de lugar compartilhado, cultura compartilhada fosse expressa na construção do seu pensamento em utilizar uma palavra japonesa – portanto a chave de sentido é o japonês – com o diminutivo em português – portanto usando a chave de sentido da língua portuguesa.

> Os textos não se desenvolvem na compacidade de uma língua, mas através da *intelíngua*, o espaço de confrontação entre variedades linguísticas: variedades "internas" (usos sociais variados, níveis de língua, dialetos...) ou variedades "externas" (idiomas "estrangeiros"). Tal distinção é, aliás, relativa na medida em que a distância entre uma língua "estrangeira" e uma língua "não-estrangeira" não é estanque: para um europeu letrado, o latim durante séculos não foi uma língua "estrangeira". Nessa noção de "código linguageiro" se associam a acepção de sistema semiótico que permite a comunicação e a de código prescritivo: o código linguageiro mobiliza o discurso é, com efeito, aquele através do qual ele pretende que se *deva* enunciar, o único legítimo junto ao universo de sentido que ele instaura. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 52, grifo do autor).

Cabe ainda destacar que o sufixo diminutivo (-inho) imprime à enunciação um caráter valorativo indicativo das relações cotidianas desses jovens brasileiros, O uso na modalidade oral de expressões híbridas, não é algo proposital no sentido de construído com essa intencionalidade, mas algo que ocorre entre os falantes que se comunicam em uma e outra língua naturalmente. As pessoas do entorno também fazem isso, então a comunicação não é prejudicada. A enunciação, como afirmam Bakhtin-Volochínov (2010, p. 109) "não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social*." [grifos do autor].

Quando os participantes pensam sobre as diferenças entre brasileiros e japoneses, as histórias vão surgindo e o grupo se lembra de exemplos que ilustram certas situações curiosas. Uma depoente, narra um episódio, não pelo episódio em si, mas pelo fato de ser interessante pensar nas diferenças de comportamentos, o japonês é reservado e discreto enquanto o brasileiro é mais comunicativo e espontâneo. Já outro caso relatado demonstra a percepção de alguns quanto à influência do mundo escolar no estilo de comportamento dos jovens. Mesmo tendo cursado uma parte de sua vida escolar na escola brasileira, portanto imerso na cultura brasileira, ao mudar-se para a escola japonesa, principalmente quando ainda se é criança, a tendência é uma maior aproximação com a cultura japonesa. O esquecimento da língua, por vezes, acontece naturalmente, seja pelo uso frequente do japonês na escola, seja porque propositalmente, num esforço de ser aceito entre os novos colegas japoneses, essas crianças preferem/escolhem ou simplesmente acabam absorvendo a cultura e a língua japonesa.

Outras entrevistas apontaram que muitas mães têm medo de colocar a criança na escola japonesa, e acabarem se distanciando delas. Seja porque elas próprias não falam o idioma japonês, seja porque a educação rigorosa e o modo de inserção na cultura podem torná-los mais próximos do jeito japonês de ser. Outro ponto apontado nesse grupo de discussão também foi citado em outras entrevistas[104]. Entretanto, Os brasileiros que vivem há muito tempo no Japão ou simplesmente porque realmente não gostam, acham exagerado algumas demonstrações que eles intitulam como exibicionismo de brasileiros quando comparado ao comportamento discreto do japonês. Uma das depoentes explica que isso se deve à facilidade de acesso ao consumo de produtos antes inalcançáveis no Brasil.

O grupo 02 em geral manteve a discussão com mais interação, eles concordavam ou complementavam a fala dos participantes. Muitos assuntos tratados no grupo 02 reafirmaram algumas percepções apresentadas no grupo 01. É claro que, apesar da proximidade da idade dos dois grupos, a maturidade e o fato de já estarem inseridos no mercado de trabalho trouxe para o grupo 02 uma discussão mais madura e muito debate sobre os temas. Mesmo esses alunos entre 17 e 18 anos, ainda estando longe da maioridade considerada no Japão, que é de 20 anos, apresentam um grau de maturidade considerável em relação aos japoneses da mesma idade. Certamente a experiência multicultural, os desafios do cotidiano e do mundo do trabalho aceleraram esse crescimento deles.

---

[104] Vale lembrar que o trabalho está organizado de forma metodológica para os objetivos da pesquisa, mas que na prática as entrevistas e outras técnicas de coleta de dados ocorriam, muitas vezes, simultaneamente. Pois, isso dependia muito mais da agenda dos depoentes/participantes do que da cronologia do trabalho de pesquisa.

8.1.4 Considerações sobre os resultados do grupo de discussão

A motivação para realizar o grupo de discussão foi porque já prevíamos que seria difícil perguntar diretamente se a telenovela mediava a relação entre eles e seus pais no Japão. Muitas das respostas que os pesquisadores procuram ao investigar alguma questão não se encontram na superficialidade, de forma aparente. Muitas vezes também os sujeitos da pesquisa não têm a consciência e/ou distanciamento necessário para ponderação sobre determinado evento ou questão.

Se num primeiro momento pensamos que o grupo de discussão inibiria algumas respostas pessoais, pelo contrário a interação dos sujeitos foi espontânea e as discussões sobre as polêmicas ou as opiniões sobre questões particulares puderam ser amplamente discutidas. Dessa forma, concordamos com as considerações de Martín-Barbero (2002, p. 58) sobre os estudos de recepção, pois "o que estamos estudando, com base na recepção, é um modo de interagir não somente com as mensagens, mas com a sociedade" então, interessa-nos aqui entender as falas desses jovens pensando mais na produção de sentidos do que no texto propriamente dito. Pois, "quem levou anos investigando a telenovela sabe que o sentido dela tem muito mais a ver com a circulação da significação do que com a significação do texto". (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 58). Às vezes o não dito é aquilo que nos infere numa direção analítica sobre o discurso, muitas pausas, falas sobrepostas, silêncios, gestos e até as gírias e o modo como se fala. Como se trata de fala corrente, dentro de uma discussão, a transcrição procurou ser fidedigna ao texto falado, mas sempre apontando na análise o conteúdo do discurso e elucidando as situações. E, isso só foi possível por meio da interação.

> É contando a telenovela uns aos outros que se constrói o seu sentido. E digo "uns aos outros" e não só "umas às outras", porque temos descoberto que os homens também falam da telenovela, mesmo que num discurso disfarçado, envergonhado. É nessa circulação de discursos que se constrói o sentido que finalmente vai ter a novela para um grupo social determinado. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.58).

Esses sujeitos da pesquisa ora concordavam ora discordavam, cada um trazia a sua experiência, o seu entendimento sobre o tema tratado, a validação com dois grupos quase da mesma faixa de idade que partilham um ambiente social comum permitiu encontrar muitas nuances de um mesmo ponto específico. Esses sujeitos da pesquisa foram considerados pensando no cruzamento de três elementos: a telenovela, a relação com os pais e o "entre-lugares" em que eles se encontram/transitam. É nessas diferenças culturais vividas pelos jovens filhos de imigrantes brasileiros que eles se posicionam como pessoas e atores sociais,

estão cientes das suas peculiaridades, sabem que são diferentes, mas equilibram-se entres essas duas culturas, olhando, vivenciando e sentido o que significa estar nesse lugar.

> Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definia a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 20, grifo do autor).

8.1.5 Formas de discursos

Os alunos do grupo 01 e 02 responderam ao questionário no momento da seleção prévia para os grupos de discussão. Uma das questões pedia para que citassem quatro palavras quando pensassem em telenovela. As palavras citadas pelo grupo nos possibilitam compreendê-las como uma espécie de palavras-chave, ou seja, como organizadores do todo discursivo ou como forma de síntese acerca do tema/assunto discutido.

O grupo 01, formado em sua maioria por jovens nascidos no Japão, citaram mais palavras neutras ou positivas do que negativas e, as palavras positivas remetiam à memória afetiva com a família, conhecimento, interessante e vida no Brasil. Já o grupo 02 com jovens do 3º ano que em sua maioria nasceram no Brasil, as palavras que atribuíam juízo de valor negativo foram mais numerosas que as palavras positivas ou neutras, porém os pontos negativos ressaltados foram palavras mais brandas como fútil, clichê, fofoca, apelação. De maneira geral, a chuva de palavras correspondeu às percepções levantadas no campo durante o grupo de discussão. Os comentários do grupo 02 foram mais severos e críticos quanto à telenovela, embora admitissem a grande influência dela em suas vidas enquanto o grupo 01 não admitia diretamente a influência da telenovela, mas uma forma decisiva de mediação em suas vidas e na relação com seus pais.

À primeira vista, a telenovela é considerada com propriedades mais negativas e fortes, talvez pela trama da novela que era exibida no momento. *A Força do Querer* apresentou temas polêmicos e mostrou um assunto sensível para os brasileiros que moram no Japão: a questão da violência, do tráfico e do crime, narrando a sedução do crime por meio da paixão desenfreada da personagem Bibi que acaba se envolveu nesse mundo. Outro assunto muito comentado e lembrado pelos participantes foi a questão da identidade de gênero da personagem Ivana que não aceitava seu próprio corpo. A relação conflituosa em relação à sua identidade e aceitação por parte da mãe, a personagem Joyce, repercutiram nos próprios problemas reais dos participantes. A partir desses dois grandes temas, identidade e aceitação e criminalidade e violência, é que as discussões ocorreram. É interessante notar que o mais

assíduo fã da telenovela, a ponto de se considerar um viciado foi um jovem nascido no Japão. Para os nascidos no Japão que não tiveram ou não puderam conhecer de perto o Brasil - por nunca terem estado no país ou por não lembrarem mais dessa viagem - , a telenovela representava uma fonte abundante de informação e atualização do imaginário de Brasil que eles possuíam e uma representação, se não verdadeira e real, ao menos crível da sociedade brasileira.

Fig. 09 – Nuvem de palavras relacionadas à telenovela brasileira dos grupos 01 e 02.

Para Bakhtin-Volochínov (2010, p. 31), a palavra é objeto fundamental do estudo da filosofia da linguagem, e "tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo." As palavras citadas pelos participantes, não eram meras palavras linguisticamente ou gramaticalmente falando somente, elas estavam relacionadas ao objeto mental "telenovela" e, a partir disso, seus significados remetiam ao que estava fora dele - a favela era a favela da telenovela, o crime a riqueza eram relações dialéticas e paradoxais de serem associadas, mas que estão presentes nas narrativas televisuais. Então, concordamos com Bakhtin-Volochínov (20010, p. 32) de que o "signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra" realidade e a compreensão é manifestada através de um material semiótico, então, "*a palavra é o fenômeno ideológico por excelência* e o modo mais puro e sensível de relação social" (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36, grifo do autor). Para o autor a palavra é a materialidade do pensamento que vem carregada de uma ideologia inconsciente que reflete e refrata uma situação exterior à própria palavra, então, a palavra deixa de ser neutra e torna-se um signo e, sendo um signo é ideológico.

> É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que *a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de

> compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 38, grifo do autor).

A seguir, outra formação interessante, mas que só foi percebida na sua concretude, durante no processo de análise, quando reescrevemos as frases aleatórias ditas no final da discussão sobre o Brasil (grupo 01) e sobre o lazer no Japão (grupo 02). Ao juntar as frases para a análise, a disposição delas e a sua construção, lembrou-nos de uma forma poética que montamos e apresentamos no quadro a seguir. Vale lembrar que não se trata especificamente de um gênero poético, embora a construção a seguir aparente. Não faremos um leitura literária das frases, mas estamos interessados nos enunciados que a frase significa, pensando nas formações discursivas a serem analisadas. Vamos considerar conforme Maingueneau (2008a, p. 17) que esses discursos "englobam gêneros de discursos, entendidos como dispositivos sócio-históricos de comunicação, como instituições de palavras socialmente reconhecidas". E, a partir da leitura do autor, faremos a análise considerando a categoria que Maingueneau (2008a, p. 18) descreve como *unidades não-tópicas* que "são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas".

Essas fronteiras preestabelecidas conforme cita Maingueneau (2008a) são as formações discursivas que serão estabelecidas pelo pesquisador, pois, os limites já estabelecidos pelas *unidades tópicas* abrangem espaços "pré-delineados" pelas práticas verbais categorizando os tipos de discursos e relacionando-as a certos setores de atividades sociais. Mas, a formação do discurso pode ser heterogênea, ou seja, "trata-se de um princípio de agrupamento de gêneros que pode corresponder a duas lógicas diferentes: a do co-pertencimento a um mesmo *aparelho institucional* e a da dependência de um mesmo *posicionamento*". (MAINGUENEAU, 2008a, p. 17). Então discurso que analisamos em nossa pesquisa é um discurso delimitado pensando nos objetivos da pesquisa e, portanto, serão estabelecidas pelo pesquisador.

> Os *corpora* aos quais elas correspondem podem conter um conjunto aberto de tipo e de gêneros do discurso, de campos e de aparelhos, de registros. Podem também, segundo a vontade do pesquisador, misturar *corpus* de arquivos e *corpus* construídos pela pesquisa (sob a forma de testes, entrevistas, questionários). (MAINGUENEAU, 2008a, p. 18-19, grifo do autor).

Os enunciados a seguir são de participantes do grupo de discussão e foram coletados durante a discussão de temas no grupo 02 (3º ano do Ensino Médio), e no final da dinâmica,

no grupo 01 (2º ano do Ensino Médio). Trata-se de enunciados que foram agrupados de acordo com os temas e não correspondem a um único enunciador.

Quadro 11. Enunciados sobre o Brasil e o Japão

Sobre o tema Brasil	**Sobre o tema lazer no Japão**
Lugar bom de viver, mas é difícil sobreviver Eu era feliz lá É fácil fazer amigos lá No Japão é mais seguro Eu gostaria de passear lá, mas não morar O problema é financeiro É mais fácil aqui do que lá Conheço pela televisão Violência, tiroteio, roubo... Excertos de enunciados dos alunos do 2º ano (Ensino Médio) - Grupo 01.	Moro longe, durmo Fico em casa Não tenho vida Ganho dinheiro e ele vai diminuindo Tudo na pressão Arrasto minha mãe ao cinema Assisto ao filme Vou ao Shopping Vou caminhar no parque Jogo bola "eu tô precisando" Dentro de casa o problema é o celular Cada um no seu celular Youtuber, Netflix, Game No Brasil tem outras coisas para fazer Não ter celular é muito bom Excertos de enunciados dos alunos do 3º ano (Ensino Médio) - Grupo 02.

Nos enunciados sobre o Brasil, percebemos que o lugar de fala dos participantes se constrói a partir do Japão. Eles falam sobre o Brasil, a partir do Japão. Lembremos que a maioria dos participantes do grupo 01 é composta por jovens nascidos no Japão e alguns não conhecem ou não lembram mais do Brasil e, se conhecem o país é por meio dos meios de comunicação ou de conversas com pais, amigos e familiares.

A ideia de Brasil que começa a ser descrita é bem realista – um lugar bom, mas difícil de sobreviver – as vantagens de se morar lá são rememoradas, porém há um corte quando se lembram do fator segurança. A todo o momento a grande preocupação e o imaginário de Brasil demonstrado em ambos os grupos foi a questão da violência, do crime e da insegurança. Após esse recorte sobre a insegurança, o grupo descreve os problemas de se morar no Brasil. Isso também é o fator determinante da permanência e vida desses jovens no Japão: a dificuldade financeira e a tentativa de uma vida melhor decidida pelos seus pais ao migrarem para o Japão. E, finalmente a afirmação de que a televisão representa o Brasil para

eles. Essa afirmação é o que é dito "conheço pela televisão", porém, o não dito é a sua negação "eu nunca fui ao Brasil", esse detalhe nos faz pensar que o Brasil para o grupo não é exatamente o país real, mas o imaginário que eles construíram a partir do que tiveram acesso morando no Japão. Dessa maneira percebemos a relevância da televisão na construção de imaginário sobre o Brasil e, é certo que a telenovela contribui muito para essa construção.

Sobre o lazer no Japão, os enunciados apontam para um ambiente pouco desolador, parece que não há muito lazer, não há muito que fazer, é um mundo rigoroso, de trabalho e cheio de regras. E, ressaltamos que o assunto deveria ser prazeroso porque é sobre o lazer em suas vidas no Japão. Existe uma tentativa de lazer, uma tentativa de contato com a mãe, "arrasto minha mãe", isso denota que o ato de acompanhar o filho ou ir ao cinema não é frequente ou não é espontâneo. No momento em que o depoente, no grupo, disse "Jogo bola "eu tô precisando'" os demais participantes riram, pois o modo como enunciou mostrava que o depoente fazia referência a si mesmo, pois, ele próprio achava que estava precisando fazer esporte para ficar em forma. Esses momentos não-verbais de percepções são importantes e ajudam na interpretação e na análise. Pelo tom do depoente, vê-se que é um momento realmente propício para as risadas, pois o depoente está dirigindo-se a si com leveza e quase que solicitando a concordância dos outros participantes.

O mundo tecnológico dos jovens aparece nas frases finais, assim como a imensa solidão descrita por alguns participantes durante o grupo de discussão. A fixação dos jovens foi descrita em séries, subentendida na palavra *Netflix*, em *Games* e *Youtubers*. Esse último parece ser um fenômeno de sucesso entre os jovens. A pesquisadora Issaaf Karhawi (2016) aponta a preferência dos jovens por *Youtubers* a partir de pesquisas[105] realizadas no Brasil. Para a autora, os "influenciadores não são apenas uma moda de adolescentes, mas novos perfis profissionais que reorganizam dinâmicas no mercado da Comunicação – desde o jornalismo até a publicidade". (KARHAWI, 2016, p. 40-41). Segundo a autora, esse novo fenômeno ocorre a partir da construção da própria imagem como marca que passa a ter valor de troca e a monetizar não apenas o conteúdo que produzem, mas a si próprios.

> Os influenciadores que associam sua imagem ao conteúdo que produzem são aqueles com maior visibilidade como influenciador (por isso se ouve tanto a expressão *youtuber* hoje), especialmente quando grandes marcas procuram parcerias. Não apenas o conteúdo que eles produzem é valioso como também a sua imagem. É o processo do Eu como commodity, do sujeito como mercadoria. Construir uma mídia ou uma marca que, a *posteriori*, será substituída pelo valor de troca do próprio autor, só é um processo possível por conta da sociedade na qual

[105] Um resumo do relatório foi divulgado pela *Think With Google* em outubro de 2016. Os *youtubers* brilham na tela dos jovens brasileiros. Mas, e na sua estratégia? Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/youtubers-brilham-tela-dos-jovens-brasileiro/. Acesso em: 10 nov. 2018.

> estamos inseridos. Uma sociedade que enaltece a imagem pessoal, que valoriza aquilo que se mostra aos olhos de quem quer ver. (KARHAWI, 2016, p. 48-49, grifo da autora).

Porém, ao mesmo tempo em que a tecnologia está presente em suas vidas cotidianas para proporcionar acesso e informação, essa mesma tecnologia parece distrair os integrantes da família de suas vidas. O último bloco – que seria uma estrofe, caso considerássemos como um poema – parece retratar uma cena completa, estática, com cada um em seu mundinho do celular. O final faz uma comparação com o Brasil "se fosse lá, poderíamos fazer outras coisas", é uma comparação que faz um paralelo com o imaginário deles sobre o Brasil. Certamente lá seria melhor, e como não estão lá, o bloco finaliza com uma esperança de que não ter celular seria muito bom.

8.2 Entrevistas em profundidade

Nosso objetivo de pesquisa é entender a mediação da telenovela na relação intergeracional, entre pais e filhos. Com esse objetivo, utilizamos a técnica da entrevista em profundidade para obter e coletar: (1) as informações fornecidas pelos pais e (2) pelos filhos, bem como seus discursos a respeito dos temas em pauta. Em alguns momentos entrevistamos pais e filhos juntos, em outros entrevistamos somente os pais ou somente os filhos. Coletamos informações pessoais e ouvimos as histórias de vidas desses sujeitos da pesquisa para melhor compreender os discursos produzidos e analisados. Os materiais obtidos nesse processo forneceram um rico manancial para que pudéssemos empreender o estudo a que nos propusemos. Selecionamos somente os trechos ou diálogos que sejam pertinentes para os objetivos da pesquisa, cabe ressaltar que esta pesquisadora excluiu, a pedido dos sujeitos, alguns comentários de caráter pessoal, que não tinham relação direta com os objetivos do trabalho.

Consideramos dessa forma, os participantes da pesquisa como sujeitos plenos e não como seres objetificados. Esses sujeitos estão sugeridos dentro da Teoria da Ação, do campo da antropologia, que entende os sujeitos da pesquisa como "atores sociais" mais do que como simples "informantes". Segundo essa visão, os sujeitos são considerados capazes, racionais e protagonistas da história que está sendo contada/construída. Esse olhar para o sujeito da pesquisa ancorado na Teoria da Ação, assim denominado por Abner Cohen (1978), é utilizado nas análises de sociedades contemporâneas, conforme esclarece Feldman-Bianco (2010), e resulta num tratamento diverso dos sujeitos de investigação, pois trata os sujeitos como atores sociais.

> A Teoria da Ação propiciou a elaboração de um conjunto de instrumentais de pesquisa que contribuíram, em última instância, para a apreensão de processos, ações e sequências de desenvolvimento, a partir de uma perspectiva histórica da sociedade em movimento e em constante fluxo. [...] Essa perspectiva abre possibilidades para análise da cultura como processo. Pode, provavelmente, favorecer a operacionalização de pesquisas que têm por premissa entender como conjuntos de significados são transmitidos e desenvolvidos, e como a ação humana é mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais. (FELDMAN-BIANCO, 2010, p. 24 – 25).

Para esse trabalho, interessa-nos considerar a posição dos sujeitos da pesquisa como seres participativos e ativos, e não como sujeitos objetificados e passivos. Para análise com rigor e método dos discursos registrados utilizamos a Análise do Discurso por meio da qual "não se procura o sentido 'verdadeiro', mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica." (ORLANDI, 2007, p. 59). Segundo as bases da Análise do Discurso, a delimitação de um *corpus i*nstitui empiricamente o objeto a ser analisado.

8.2.1 Materialidade das entrevistas

Foram ao todo 49 entrevistas, das quais 37 foram entrevistas em profundidade e, 12 foram encontros de conversas com pessoas interessantes para o tema. Os 37 entrevistados foram separados em três grupos temáticos de acordo com os interesses da pesquisa. O primeiro grupo de 17 entrevistas foram entrevistas que responderam às perguntas de pesquisa efetivamente, 12 entrevistas permitiram entender problemas específicos do cotidiano dos brasileiros 8 auxiliaram na compreensão e interpretação de algumas observações da pesquisa. Então das 17 entrevistas do primeiro grupo, selecionamos oito entrevistas que foram analisadas mais profundamente para os objetivos dessa pesquisa. Cabe destacar, no entanto que todas as entrevistas foram levadas em consideração para compor e contextualizar não apenas as questões ligadas mais diretamente aos objetivos da pesquisa, mas também para contextualizar e situar os enunciadores como sujeitos da enunciação. Frisamos ainda que todos os nomes dos participantes foram trocados para resguardar suas identidades.

As entrevistas em profundidade duravam em média cerca de duas horas e seguiam um roteiro de temas estruturado com perguntas abertas para eventual aprofundamento no assunto. Para os pais, as narrativas de história de vida deles geralmente abarcavam suas memórias do passado no Brasil, suas escolhas além da experiência de vida no Japão. Essas informações foram de grande importância para entender a visão deles como imigrantes sobre o Japão e sobre o cotidiano em que se encontram. Suas experiências nos permitiram entender sob quais aspectos os falantes do discurso se colocavam no momento da sua narrativa. Todas essas

informações ajudaram a entender a mediação da telenovela na relação com os seus filhos. Já as entrevistas com os filhos ajudaram a entender o ponto de vista dos jovens, suas opiniões sobre a telenovela e sua visão de mundo em relação aos pais, ao Japão e ao Brasil.

Num primeiro momento todas as entrevistas foram bem-vindas e coletadas para ajudar a compor o grande mosaico desafiador de entender os discursos dos brasileiros, pais e filhos, sobre uma questão delicada como a relação intergeracional. Para os pais, isso significava falar dos conflitos e desafios de se criar um filho brasileiro em uma terra estrangeira, em que, muitas vezes, a primeira dificuldade era justamente a comunicação. Como ensinar ao filho a língua e a cultura, interpretar os códigos e as regras sociais, se eles mesmos ainda estavam em franco processo de adaptação. E, cada fase da vida do filho era mais uma nova fase de desafios: a primeira escola, a adequação dos seus horários em função da vida do filho, a fase da adolescência e a busca para proporcionar alternativas melhores que as que eles próprios tiveram. Já para os filhos, o desafio também era grande porque precisavam se adaptar rapidamente, integrar-se ao grupo, vencer a barreira da língua e conseguir se equilibrar entre as duas culturas - as duas línguas, entre visões diferentes de mundo.

Por tudo isso, todas as entrevistas foram levadas em consideração e se mostraram importantes para a análise e interpretação dos dados. Algumas delas nos deram subsídios para entendermos quais eram os desafios concretos e cotidianos de pais e filhos no Japão. Essas respostas, ou pelo menos um caminho de respostas, foi encontrado nas entrevistas com os psicólogos, professores, ONG's relacionadas à educação de crianças brasileiras, funcionários da prefeitura, funcionário do Ministério da Justiça, funcionária do Ministério da Cultura e Educação, o Cônsul-Geral da cidade de Hamamatsu, além de jornalistas, editores, cidadãos japoneses ligados à educação, jovens japoneses interessados na cultura brasileira além, é claro, dos próprios pais e filhos de imigrantes brasileiros que moram no Japão.

A partir de todas essas entrevistas realizadas, selecionamos os oito sujeitos da pesquisa. Dessa forma, o universo de análise dos selecionados obedeceu ao princípio da *diversificação interna (intragrupo)* segundo Pires (2008). Ou seja, dentre todos os entrevistados com a técnica de entrevista em profundidade, selecionamos os oito sujeitos da pesquisa considerando a variação entre eles, conforme os objetivos da pesquisa.

A seguir, um resumo dos sujeitos participantes dessa etapa de nossa pesquisa tendo como base as entrevistas realizadas.

Quadro 12. Resumo parcial de informações obtidas nas entrevistas em profundidade

Características das entrevistas e sujeitos	Características dos sujeitos, ocupação profissional e cidade em que moram	Objetivo específico da entrevista	Resultados Parciais
17 Entrevistas realizadas na província de Gunma, nas cidades de Oizume, Ota entre 16 a 18 de set. de 2017.	(2) Casal com filho na escola; (2) Pai e filha que assistem telenovela juntos; (1) Mãe de duas filhas; (4) Casal com um filho e o amigo do filho adolescente; (2) Casal de brasileiros; (2) Mãe e filha jovem; (2) Mãe e filho matriculado em universidade japonesa; (2) Casal de brasileiros; mulher é dona de um comércio próprio.	Conhecer o trabalho da ONG (NPO[106]) que trabalha com reforço escolar e, realizar as entrevistas com pais e filhos de imigrantes brasileiros.	Possibilitou compreender as dificuldades com relação à questão escolar dos filhos e a barreira da língua japonesa. Foi possível verificar a relação entre pais e filhos e a relação com a telenovela. Foram as principais fontes de dados.
12 Entrevistas a partir dos contados feitos durante o *VII Concurso de Oratória em Português.*	(3) Casal e filho brasileiros nisseis, em Toyohashi; (1) Universitário japonês admirador da cultura brasileira, em Toyohashi; (4) Alunos do Ensino Médio de Hamamatsu; (2) Mãe e filha no ensino médio em Hamamatsu; (2) Casal afrodescendente, pais de aluno do ensino médio em Hamamatsu.	Entender a visão dos adolescentes em sua relação com os pais. Compreender a visão dos pais em relação aos filhos e aos problemas de geração. Verificar a produção de sentidos de identidade brasileira.	Possibilitou compreender alguns problemas específicos enfrentados no cotidiano.
08 Entrevistas a partir de contatos no Japão.	(2) Universitários, filhos de brasileiros; (1) Mãe nissei com filhos; (1) Mulher que trabalha em fábrica; (2) Jovem casal de namorados, filhos de brasileiros; (2) Mulheres com filhos, uma nissei e outra sem descendência japonesa.	Verificar a visão de mundo dos jovens e o que os adultos pensam sobre os jovens brasileiros no Japão. Além de falar sobre a telenovela.	Permitiu compreender e contextualizar questões sobre o tema da pesquisa.

Quadro criado pela pesquisadora a partir das análises dos conteúdos das entrevistas.

[106] No Japão usa-se a sigla NPO (Non-Profit Organization) para designar organizações sem fins lucrativos. No Brasil utiliza-se a sigla ONG – Organização Não Governamental. "As ONGs constituem um conceito de amplo e diverso, de difícil precisão. São qualificadas como organizações privadas, sem fins lucrativos, com algum grau de trabalho voluntário e detentoras de função pública, geralmente, atuando em benefícios de grupos sociais menos favorecidos." (WENDHAUSEN, 2003, p. 20).

Quadro 13. Resumo parcial de informações com base em entrevistas com pessoas envolvidas com famílias brasileiras

Características	Ocupação profissional	Objetivo específico da entrevista	Resultados Parciais
Homem japonês casado com professora que possui alunos estrangeiros (02/08/2017).	Funcionário em empresa que trata de seguros e assistência a idosos.	Verificar a visão do japonês nativo de Hamamatsu sobre a convivência com os brasileiros estrangeiros.	Permitiu conhecer a visão do japonês sobre os brasileiros e as impressões sobre a televisão japonesa e o papel da televisão.
Homem japonês que auxilia no reforço escolar de filhos de brasileiros (02/09/2017).	Funcionário do Ministério da Justiça e Liberdade condicional da seção de Hamamatsu. Nas horas vagas auxilia, como voluntário em programa para reforço escolar de estrangeiros.	Ajudar a entender a visão sobre os problemas dos jovens e adolescentes brasileiros no Japão.	Possibilitou conhecer a visão de um japonês sobre a da realidade da vida dos brasileiros e permitiu a visão dos japoneses sobre os problemas dos jovens brasileiros no Japão.
Mulher, solteira, brasileira (nissei) que mora em Hamamatsu (05/10/2017).	Psicóloga que trabalha na HICE[107] e, dentre outras atividades, também atua como tradutora para os brasileiros que precisam de acompanhamento em hospitais.	Ajudar a entender como é a vida social dos imigrantes brasileiros e suas dificuldades.	Contextualizou a vida social e as dificuldades dos brasileiros no Japão.
Mulher japonesa que já morou no Brasil (10/10/2017).	Coordenadora dos projetos na HICE.	Conhecer os auxílios institucionais da fundação em parcerias com a prefeitura de Hamamatsu.	Permitiu conhecer o trabalho da organização e as oportunidades e auxílios que as instituições oferecem aos brasileiros no Japão.
Mulher solteira nissei que gosta e assiste à telenovela brasileira (18/09/2017).	Professora universitária, nissei.	Conhecer os desafios e dificuldades dos jovens e falar da telenovela brasileira.	Reforçou alguns entendimentos sobre comportamentos de jovens brasileiros inseridos na sociedade local.
06 Entrevistas com brasileiros, nisseis, funcionários na prefeitura de Fukuroi, cidade próxima a Hamamtsu (27/09 e 5/10 de 2017).	(1) Chefe de setor, brasileira, casada com japonês e estudou pós-graduação em artes no Japão; (1) Funcionária da prefeitura que atende no setor para estrangeiros brasileiros, tem 3 filhos; (1) Funcionário terceirizado da prefeitura, também é professor de Zumba; (1) Funcionário no setor de	Histórias do percurso de vida desses nisseis brasileiros. Verificar as informações sobre os imigrantes brasileiros, suas demandas e solicitações na prefeitura e ouvir sobre essas experiências com os imigrantes	Possibilitou entender as histórias e os percursos desses imigrantes brasileiros que não trabalham em fábrica e, também possibilitou entender as impressões desses funcionários da prefeitura sobre os imigrantes brasileiros, seus patrícios.

[107] *Hamamatsu Foundation for International Communication and Exchange* ou Fundação para Comunicação e Intercâmbio Internacional de Hamamatsu (HICE) é uma organização sem fins lucrativos vinculada à Prefeitura de Hamamatsu, na província de Shizuoka, para promover o apoio às ações voltadas para a integração dos estrangeiros na sociedade japonesa em Hamamatsu. Fonte: HICE. *Fundação Internacional de Hamamatsu*. Disponível em: http://www.hi-hice.jp/HICEpo/index.php. Acesso em: 10 nov. 2018.

	atendimento, casado e com 1 filha; (1) Funcionária que trabalha no setor da cultura e educação e atendendimento às escolas e brasileiros estrangeiros; (1) Funcionária de setor de atendimento, casada e com filhos.	brasileiros.	
Entrevista com o Cônsul Geral do Brasil em Hamamatsu.	Cônsul Geral do Brasil em Hamamtsu.	Compreender as ações institucionais em prol dos brasileiros e, as experiências com os brasileiros.	Possibilitou contatos importantes para a realização da pesquisa, permitiu conhecer os programas voltados aos brasileiros e entender a importância das instituições no amparo ao brasileiro no exterior.

Quadro criado pela pesquisadora a partir das análises dos conteúdos das entrevistas.

8.2.2 Os sujeitos da pesquisa

Selecionamos os discursos de oito sujeitos da pesquisa que serão importantes fontes de informação para os objetivos pretendidos. Para efeito de representação gráfica que facilite os entendimentos sobre esses sujeitos, utilizamos o conceito de genograma familiar que é a representação gráfica em que se mostra o mapa da família. Segundo Wendt e Crepaldi (2008, p. 303), "o genograma tem sido difundido como um instrumento científico para coleta de dados, especificamente em pesquisas qualitativas com famílias". Esclarecemos que os dados nesse genograma configuram a situação retratada no momento das entrevistas, portanto, no momento da constituição das famílias no Japão. As entrevistas em profundidade foram feitas com foco no indivíduo e suas experiências pessoais, mas como discutiremos as relações entre pais e filhos, se faz importante entender o desenho da família desses depoentes. Wendt e Crepaldi (2008) discutem a utilização do genograma para construção das características subjetivas das famílias, mostrando as tensões, forças e os relacionamentos entre os membros da família, ou seja, a dinâmica interna familiar. Ponderamos que nesse trabalho de pesquisa, nesse momento, muito mais interessado em demonstrar graficamente a constituição das famílias, as anotações de tensões e relações entre os familiares serão analisados através dos discursos construídos pelos sujeitos da pesquisa.

A seguir genograma da estrutura das famílias[108] dos entrevistados com respectiva legenda da representação gráfica:

○	Círculo indica sexo feminino
□	Quadrado indica sexo masculino
⬚	Tracejado indica ausência

Fig. 10 – Legenda indicativa dos sujeitos da pesquisa.

As oito pessoas entrevistadas estão em três núcleos familiares. A maioria dos jovens nasceu no Brasil, mas passaram a maior parte de suas vidas no Japão. Geralmente quando a mulher engravida, ela procura voltar para dar à luz no Brasil, para gozar da companhia dos familiares, mas também, e principalmente, por se sentirem mais seguras e acolhidas no Brasil.

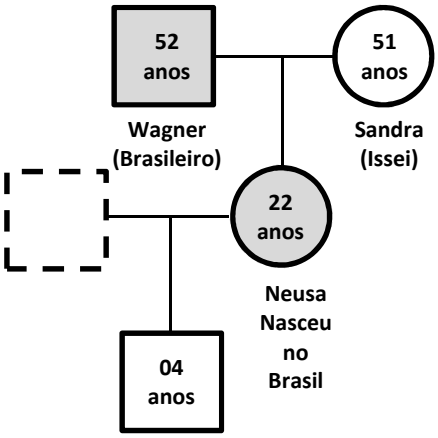
Tabela 16. Participantes das entrevistas em profundidade

Grupo de entrevista	Data das entrevistas	Locais das entrevistas
Pai e filha	16/09/2017	Cidade de Oizume, província de Gunma
Pai, mãe, filho e amigo do filho	17/09/2017	Cidade de Ota, província de Gunma
Mãe e filho	18/09/2017	Cidade de Oizume, província de Gunma

Os familiares que não estavam presentes no momento da entrevista estão representados com pontilhado. Lembramos que os nomes dos depoentes foram trocados e sua representação gráfica aparece destacada para facilitar o entendimento.

[108] Família também foi a mediação utilizada pelas pesquisadoras Lopes, Borelli e Resende (2002) que acompanhou a recepção da telenovela *A indomada* em 1997.

Quadro 14. Genograma de entrevista: pai e filha



- Wagner - Pai, 52 anos, trabalha em fábrica, nascido no Brasil, nacionalidade brasileira. Não possui ascendência japonesa, é casado com Sandra, 51 anos que possui a nacionalidade japonesa. Foram para o Japão pela primeira vez em 1998.
- Neusa - Filha, 22 anos, nascida no Brasil, nacionalidade brasileira e mãe de um menino de 4 anos. Estudou em escola brasileira, atualmente trabalha em fábrica e quer estudar mais o idioma japonês para fazer o teste de proficiência necessário para cursar medicina em faculdade japonesa.

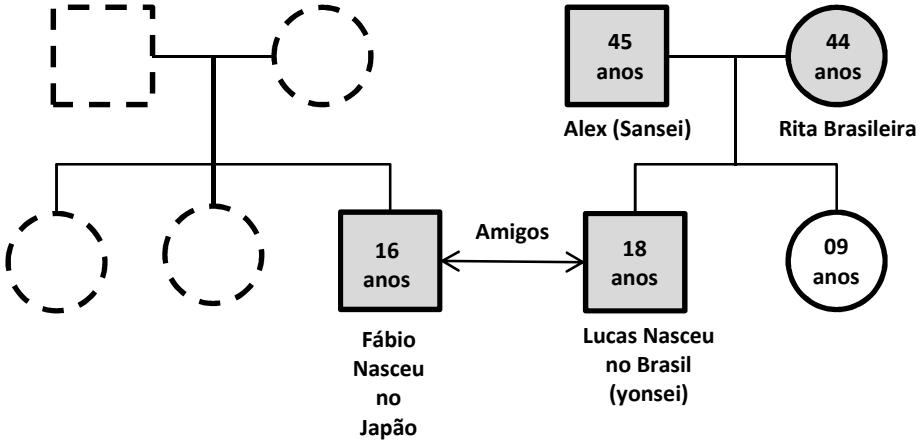
Até julho de 2018, o Japão permitia a entrada de descendentes de japoneses e seus cônjuges até a terceira geração (*sansei*). A partir de julho, o Japão começou um novo programa para aceitar também os descentes da quarta geração (*yonsei*), porém nesse programa a condição para aceitar o estrangeiro é bem mais rigorosa. Algumas das exigências são: idade entre 18 a 30 anos, comprovação de proficiência do idioma japonês, possuir um "assistente de recepção" no Japão, ter plano de saúde, não ter ficha criminal, não levar a família etc.

No ano de 2017, os vistos emitidos para o Japão foram quatro vezes maiores que a quantidade liberada em 2013[109]. Essa tendência deverá crescer a partir da liberação de vistos para a quarta geração que, era uma solicitação antiga das comunidades brasileiras no Japão. Pois na prática, um filho de imigrante brasileiro da terceira geração que vinha visitar os

[109] Conforme reportagem de publicada na Folha de São Paulo. PINTO, Ana Estela de S. *Quarta geração precisará de "mentor local" para morar no Japão*. Folha de São Paulo/UOL. 02/09/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/quarta-geracao-precisara-de-mentor-local-para-morar-no-japao.shtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

familiares e parentes no Brasil ficava impedido de retornar ao Japão[110]. Isso era um problema traumático porque esse filho de imigrante, que é da quarta geração (*yonsei*), muitas vezes sequer conseguia se comunicar bem no idioma português, ainda dependia dos pais economicamente e não tinha condições de viver sozinho no Brasil.

Quadro 15. Genograma de entrevista: família e amigo do filho

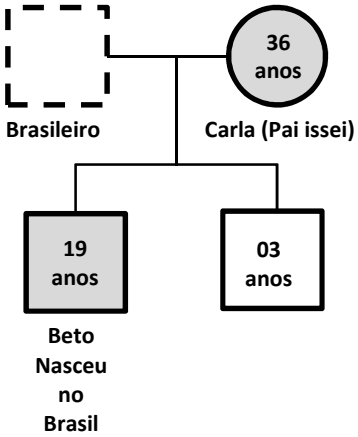


- Alex - Pai, 45 anos, trabalha em fábrica, nascido no Brasil, nacionalidade brasileira e possui descendência japonesa, casado com Rita.
- Rita – Mãe, 44 anos, nascida no Brasil, nacionalidade brasileira, não possui ascendência japonesa, é mãe de um jovem de 18 anos e uma menina de 9 anos. Ela e o marido foram para o Japão pela primeira vez em 2000, voltaram ao Brasil após dois anos, em 2002, mas retornaram ao Japão em 2004 e ficaram até 2008. Retornaram ao Brasil por conta da crise que assolou o Japão e, por conta da gravidez da segunda filha. Dessa vez, já estavam há cinco meses no Japão (no momento da entrevista), desde abril de 2017.
- Lucas – Filho, 18 anos, nascido no Brasil, nacionalidade brasileira, entrou na faculdade no Brasil na área desejada, biologia. Porém, resolveu retornar ao Japão com seus pais e atualmente trabalha em fábrica.

[110] Ver matéria publicada sobre jovens *yonseis*. Alguns nasceram no Japão e chegaram a estudar no sistema japonês, caso da Lidiane Harumi Fernandes, nascida em Gunma. Ela foi impedida de retornar ao Japão aos 18 anos por não ser considerada mais dependente dos pais. Lembrando que, mesmo a maioridade no Japão sendo aos 20 anos, no Brasil, o jovem é considerado de maior a partir dos 18 anos. KAMATA, Fátima. *A Via-Crucis do Yonsei*. IPC Digital. 03/03/2016. Disponível em: http://www.ipcdigital.com/vitrine/119_yonsei/. Acesso em: 10 nov. 2018.

- Fábio – Amigo de Lucas, 16 anos, nascido no Japão, nacionalidade brasileira, descendente de japoneses, estuda em escola brasileira e está terminando o Ensino Médio. Apesar de nunca ter saído do Japão, considera-se mais brasileiro do que japonês porque tem muitos amigos brasileiros.

Quadro 16. Genograma de entrevista: mãe e filho



- Carla – Mãe, 36 anos, nascida no Brasil, nacionalidade brasileira, filha de pai descendente de japoneses e mãe brasileira. Casada com um brasileiro que trabalha em fábrica e, não é descendente de japoneses. Eles têm dois filhos de 19 e 03 anos. Atualmente ela está em casa, mas trabalhava em fábrica. Foram pela primeira vez ao Japão em 1999 e voltaram depois de dois anos ao Brasil, onde permaneceram por quase quatro anos e retornaram ao Japão em 2004, já estão no Japão há 13 anos.
- Beto – Filho, 19 anos, nascido no Brasil, nacionalidade brasileira, estuda Engenharia em faculdade japonesa. Ficou com a avó quando os pais foram para o Japão, foi com seis anos para o Japão, cursou grande parte dos estudos na escola japonesa (até o equivalente ao 7º anos do Ensino Fundamental II) e, depois terminou os estudos na escola brasileira (até o Ensino Médio). Além da faculdade, ele também trabalha como *arubaito* (temporário) e faz traduções.

A seguir entraremos nas análises das entrevistas de cada sujeito da pesquisa. Nas caixas de diálogo dos depoentes, como se trata de diálogo de entrevista em profundidade, em que cada participante tem uma história de vida e o objetivo é entender cada indivíduo para

compor uma análise maior, seus nomes fictícios serão identificados com as duas primeiras letras. Então, por exemplo, Wagner será (WA) e Neusa será (NE) e, assim respectivamente para os outros sujeitos da pesquisa também. Pois "para entender e analisar os enunciados, é necessário levar em conta o contexto no qual eles ocorrem. O contexto, neste caso diz respeito tanto ao contexto discursivo quanto ao contexto interativo local". (FLICK, 2009, p. 298).

8.2.2.1 Pai e Filha: família reunida e telenovela

A entrevista com Wagner e Neusa foi muito interessante, pois eles assistem à telenovela juntos na hora do jantar. A família é constituída de quatro pessoas: Wagner (pai, 52 anos), Sandra (mãe – 51 anos), Neusa (filha, 22 anos) e o neto de quatro anos. Todos trabalham em fábrica e se reúnem na hora do jantar e assistem à telenovela; comentam as cenas, torcem pelos personagens, divertem-se e lembram-se do Brasil. Wagner, que é brasileiro, conseguiu visto porque sua esposa é japonesa (*issei*). Ele conta que a conheceu no trabalho quando era caminhoneiro e um faz tudo na empresa. Depois de casados, foram em 1998 para o Japão, retornaram ao Brasil quando Sandra ficou grávida, mas resolveram morar mesmo no Japão. Hoje em dia Wagner alega que é brasileiro registrado, mas agora, depois de tanto tempo declara, *"Sou mais japonês"*. Diz que já se acostumou ao Japão. Em uma das vezes em que retornou ao Brasil após dez anos, ficou somente três meses, não aguentou, disse que ficou mais estressado do que quando estava no Japão.

Neusa, a filha, conta que não se acostumou mais com o Brasil, onde chegou a morar durante três anos, mas voltou ao Japão. *"Me considero mais japonesa do que brasileira"*. Como cursou escolas brasileiras e não fala muito o idioma japonês, está estudando para fazer o teste de proficiência e conseguir entrar em uma faculdade japonesa. Seu sonho é fazer medicina, mas por enquanto vai cuidando do filho de 04 anos e trabalhando em fábrica.

Juntos, eles assistem à televisão brasileira pelo canal de assinatura IPCTV, principalmente, o Jornal Nacional e as telenovelas da Globo. O momento da telenovela é um momento de reunião em família, é o único momento juntos, então eles aproveitam para conversar e debater sobre os temas que aparecem na televisão. Por vezes, acontece um debate mais caloroso ou uma opinião contrária. Como no caso do primeiro beijo gay entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) na telenovela das nove horas *Amor à Vida* (Globo, 2013/2014), os pais não concordaram com essa demonstração e, muito menos com o beijo entre as personagens de Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) na telenovela *Babilônia* (Globo, 2015). Os pais ficaram um pouco chocados, já a filha, achou tudo normal. Eles discutem, debatem e aprendem com a telenovela.

- Telenovela brasileira

WA – Não é porque é do Brasil, as novelas do Brasil, mas na minha opinião, vejo outros tipos de novela, mas a novela do Brasil está em primeiro lugar até hoje.
NE – Retrata muito a sociedade brasileira [WA – Bastante!], o que eu estou vendo, assim, que está passando atualmente na novela das nove é que retrata exatamente a rotina, não é a rotina, é essa vida da polícia e bandido. Eu acho que, essa é uma parte que, tipo, tem crianças que assistem, e como passa muito fuzil, muito tiroteio... Pessoas aqui no Japão acabam ficando com medo de ir para o Brasil porque acham que isso acontece todos os dias. Isso eu acho que é uma coisa meio impactante para a gente.
WA – Isso no Brasil é a realidade, a televisão mostra o que acontece. [...] Aqui no Japão, para gente é o meio mais comunicativo que a gente tem para gente ficar por dentro disso aí. O meu neto, olha na televisão, ele fala, - É uma arma!! A gente que já é adulto, para a gente é bom, mas que nem para ele que é pequeno, que nunca viu... Se ele está no Brasil, ele vê frequentemente. Todo dia que ele vê a televisão vai ver isso aí. E, aqui, não passa isso, passa só de vez em quando. Ela [Neusa] fica assustada com o que vê aqui.

A telenovela já foi citada no grupo de discussão como uma forma de atualização sobre os assuntos da sociedade brasileira, aqui nesse comentário, o pai considera que é um grande *"meio comunicativo"* por meio do qual as pessoas entendem o país. Para eles, apesar do susto de ver tantas armas e violência sendo retratada na telenovela, ela funciona como uma forma de atualização e informação sobre o Brasil. A filha que morou no Brasil quando era pequena e não se lembra de muitas coisas fica assustada e com medo de morar no Brasil. Também há uma preocupação como relatada no grupo de discussão com as crianças que assistem à telenovela por conta do conteúdo de violência e crime. A telenovela no ar, no momento das entrevistas, *A Força do Querer* (Globo, 2017) retratou o mundo do tráfico e do crime por meio da personagem Bibi (Juliana Paes), essa personagem fez muito sucesso e foi muito comentada pelas pessoas porque ela teve que fazer escolhas polêmicas entre a honestidade e o amor passional e criminoso, e cada vez mais foi sendo envolvida por esse mundo. A telenovela já foi apresentada como um *recurso comunicativo* (LOPES, 2009) de espaço público e formação de repertórios que, para além de ditar modas, comportamentos e consumos, também funciona como um dispositivo que elenca pautas de conversas, difusão de informação e, também contribui como referencial do acontecimento social corrente. Segundo

Lopes (2009, p. 26), "alçada à posição de principal produto de uma indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais".

- Um imaginário de Brasil

> *NE – Eu como sempre morei aqui, né, então quando a gente vê essa coisa, a gente fica com medo de ir para o Brasil e acabar no meio de um tiroteio, bala perdida. Isso é um medo que qualquer um tem, né?! Para mim, vendo essas coisas, tira mais a minha vontade de ir ao Brasil. No Brasil as mulheres usam muito decote, roupa aberta. Aqui, não, as roupas são mais fechadas, né. Não tem muito essas coisas de decote.*

A questão da segurança, do medo em relação aos assaltos é sempre lembrada, principalmente por aqueles que nunca vieram ao Brasil ou não se lembram do país porque vieram ainda muito pequenos. A telenovela das nove que está no ar na época das entrevistas era *A Força do Querer* (Globo, 2017) que trabalhou a personagem de Bibi dentro da favela em meio ao tráfico e isso era muito sugestivo também para reforçar essa sensação sobre o Brasil. Além disso, existe um estranhamento com as roupas que aparecem na telenovela por parte de Neusa.

- Telenovela e consumo

> *NE – Sobre violência, às vezes eu perguntava, essa parte da favela, tiroteio... Na escola conversávamos entre a gente, - Ah, esse povo favelado!! Falavam, aí eu ia pesquisar.*
> *NE - Gíria, jeito de falar, vem para cá. [...] Novelas, com bastante gíria, a moda de novela acaba vindo para cá.*
> *WA – Pulseira, sandália, brinco, chega aqui...*
> *NE - O esmalte da Giovanna*[111] *não chegou aqui, mas tem revendedora que vende. Antes eu pedia roupa [do Brasil] porque aqui é difícil encontrar roupa para o meu tamanho, eu pedia no Brasil, eu mandava fotos de vestido, roupa da internet e mandava; calça, bermuda. Aqui, é mais o tamanho e caimento, cai melhor porque eu*

[111] O esmalte da Giovanna Antonelli fez sucesso nas telenovelas *Em Família* (Globo, 2014) e *A Regra do Jogo* (Globo, 2015/2016). Fonte: TAÍS, Dias. *Unha decorada de Giovanna Antonelli na novela "A Regra do Jogo" é tendência para 2016*. GShow-Rio. 09/09/2015. Disponível em: http://gshow.globo.com/Estilo/noticia/2015/09/unha-decorada-de-giovanna-antonelli-em-regra-do-jogo-e-tendencia-para-2016.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

gosto de calça strech, mais justinha, e aqui não tem.
WA – Não é que a gente repara, mas o estilo do corpo do brasileiro com o japonês é diferente, mesmo sendo descendente. Se você compra uma roupa do Brasil, não cabe no japonês. Aqui você tem que batalhar para achar. O corpo do japonês com brasileiro é diferente, não sei se é o corpo ou é o formato da roupa. Hoje a gente já está mais acostumada, mas se for uma pessoa enjoada, não acha.
NE – Na escola brasileira, tinha gente que tem perfume de marca, às vezes é mais a condição financeira deles. Eu tenho amigos que só usam roupas de marca, Polo, Gap, Gucci, Louis Vuitton, compraram aqui, marca do Japão mesmo, Channel.
NE – Na novela, não chega a citar marcas, assim, mas em novela você vê o tipo de classe social, a pessoa que tem um pouco mais de dinheiro vai em loja um pouco melhor, quem tem menos vai em uma loja comum. Você acaba vendo essa diferença social.

Para Neusa, que sempre morou no Japão, a favela é um lugar distante que ela só enxerga através da televisão. Em outras entrevistas, os depoentes também afirmaram que recorrem à internet para aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto. Embora, apareça em seus discursos essa palavra "favela", isso é algo que vai se formando e significando a medida que conseguem estabelecer uma relação de concretude/materialidade para a palavra dentro do contexto da realidade social do Brasil. Então, a televisão contextualiza ou informa sobre a existência desse universo, de que isso realmente existe. A telenovela ajuda a explicar como é a realidade das pessoas que moram nessas comunidades carentes, mas é nas conversas e discursos circulantes que a necessidade de compreensão do termo se faz necessário, e os jovens procuram se informar. Portanto, concordando com Orlandi (2007. p. 17), o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como uma língua produz sentidos do/para os sujeitos". Portanto a palavra vai adquirindo contornos e significado que não estão em si dentro dela, conforme Bakhtin-Volochínov (2010) explica, a palavra vai se tornando um signo e tomando uma forma social, circulando e sendo compreendida pelo grupo.

> A consciência adquire a forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36).

A telenovela também é lembrada como uma forma de sugerir consumo de produtos que aparecem nas tramas, como por exemplo, o esmalte usado pela personagem. No Brasil esses produtos foram muito consumidos e, apesar de não se encontrar fácil, era possível de se conseguir no Japão também. Outra influência percebida também é no comportamento: o jeito de falar, expressões e gírias utilizadas nas telenovelas marcam algumas personagens. O grupo de discussão também apontou essa construção de sentidos. Os comentários, ou seja, os atos de enunciação propriamente ditos, vão estimulando a apreensão de outros sentidos que os enunciadores vão construindo por meio da conversação e vão associando ao seu dia a dia, mas suas observações vão marcando diferenças que eles percebem entre japoneses e brasileiros, jeito de vestir, estrutura física, hábitos de vestuário etc. Uma coisa interessante que a depoente percebeu é como questão social ligada ao acesso do consumo aparece na telenovela diferenciando as classes sociais dentro da trama que está sendo contada.

- A personagem Ivana e a identidade de gênero

WA – Eu não sabia disso!

NE – A gente debate bastante em casa. Eu vejo como uma coisa normal. Não sei se é porque eu sou mais nova, você acaba pesquisando mais, mas eu vejo como uma coisa normal. Porque a filha, acho que é a filha da Angelina Jolie é assim, a filha do Michael Jackson também é. Então, é igual o caso da filha da Gretchen, a Thammy Miranda, que agora virou Toni, mesma coisa, só que ele gosta de mulher, quer dizer ela, né.

NE – Os meus pais ficam meio confusos, né.

WA – Na cabeça dos pais, principalmente na cabeça da mãe, que nem, por exemplo, dela [Joyce, mãe da Ivana], a que faz a mãe dela, foi criada assim, - Essa aqui é a minha boneca, quer dizer, desde quando nasceu até a idade dela hoje, é uma boneca para ela. Para os pais, os filhos nunca crescem, sempre estão pequenos. Então, no momento de ver, o que me deixa intrigado é a gente não entender um filho, de filho passa pra filha ou de filha passar para filho. É isso que não entra na cabeça, a gente não entende. Entende, mas não quer compreender ou compreende, mas não entende. Mas, pelo fato de ser quem ela quer ser, de homem para mulher ou de mulher para homem esse daí para mim, eu entendo. Mas, o que não entendo é da noite para o dia dar essa reviravolta. Eu fico imaginando, eu no lugar, se fosse ela [Neusa] na vida real, como eu ia aceitar isso. A gente em casa poderia até entender, mas aí a gente ia

ver os nossos amigos, o que é que eles vão pensar. O que é que eles vão falar. Eles não vão falar, mas eles estão pensando alguma coisa. – Aquele ali antigamente era menina, hoje é menino. É isso que não dá para a gente entender, eu não sei trans... eu não entendo.

NE – A gente está conversando mais por causa da novela, isso.

WA – A gente está jantando e, está passando, porque é um debate todo dia. Cada dia é um debate diferente, ela tem dificuldade para relacionar com os outros, com os amigos dela, dificuldade para arrumar um serviço. Então, a cada dia que passa a gente vai aprendendo uma coisa diferente. É muita coisa para uma pessoa só. Então cada dia que passa a gente senta aqui, a gente conversou uma coisa ontem, aí hoje a noite vai passar outro tipo de coisa da mesma pessoa, então quer dizer...

WA – Eu não sei se isso começou, eu não sei se é através da novela que isso passa para a gente ver, ou se atrás disso sem a televisão mostrar para a gente, se isso existe na vida real. Se existe a maioria não sabe, então, a gente está sabendo através da telenovela. Então, eu não sou contra a Globo passar isso daí eu não sou contra. Porque amanhã ou depois, eu vou para o Brasil, eu conheci meu amigo lá que desde que quando ele nasceu até eu vir para cá, ele era homem. Agora eu vou chegar no Brasil, ele é trans. Então, isso, eu já tenho uma ideia. Se eu chegar no Brasil, um amigo falar assim, - O Carlos, por exemplo, você conheceu ele, ele era homem, hoje ele é um trans. Então quando eu chegar nele, eu já vou ter mais ou menos uma noção, mais ou menos de como conversar com ele, eu não vou conversar com ele e ter medo de pegar na mão dele ou evitar ele, não eu vou cumprimentar ele normalmente do jeito que ele é, sendo trans ou não sendo. Na minha mente eu já vou ter uma noção de como eu vou chegar nele, conversar com ele sem ofender, sabe. Então nessa parte da novela mostrar isso eu não sou contra, eu sou a favor.

Existe uma identificação imediata dos enunciadores com os conflitos mostrados na telenovela, que eles transportam para o mundo real, vivenciando esses conflitos que lhes permitem testar em hipótese suas próprias reações. Essa mistura da ficção com o cotidiano está ancorada em uma história contemporânea e permite que a trama mostre questões que estão em debate na sociedade (MOTTER, 2003), dessa forma, os telespectadores conseguem debater e opinar sobre assuntos que eles mesmos não conheciam até então. Essa narrativa acaba envolvendo os depoentes, conforme o pai diz *"porque é um debate todos os dias"*. A filha admite que, essas conversas ocorrem porque os temas estão na telenovela, ou seja, eles

acompanham a situação demonstrada pela trama da telenovela diariamente e transportam isso para a vida real, testando suas supostas ações, aprendendo e moldando. Conforme Bruner (2014, p. 19), "a narrativa, incluindo a ficcional, dá forma para as coisas no mundo real e, muitas vezes, oferece credenciais de acesso à realidade". O depoente ressalta que essa realidade é vista por meio da telenovela, e que sem isso não seria possível, não existiria simplesmente. Por tudo isso, eles concordam que a telenovela lhes ajuda a enxergar o mundo, não só a sociedade brasileira, mas a telenovela serve como mediação para realidades até então desconhecidas. Nesse sentido a telenovela serve para essa família como ponto de apoio de construções discursivas, eles quase que participam das desventuras e dos problemas dos personagens. No caso especial dessa personagem "*é muita coisa para uma pessoa só*", a frase já externa um sentimento de solidariedade com os conflitos que ela passa na ficção. Assim, do mesmo jeito que na via da produção, o conteúdo vai envolvendo e conquistando o público, na parte de recepção, o público vai se identificando e vivenciando os desafios junto com a personagem. Isso tudo, cria uma empatia, como se fosse uma jornada do herói que passa por tantas dificuldades que é coroado e recompensado ao final.

- Sexualidade na telenovela

> *WA – Antes dela ser mãe, apesar da mãe já conversar com ela, né. Ela já tinha mais ou menos uma noção, então, eu já não ficava constrangido da gente estar aqui jantando e passar essas cenas ali e eu ficar, não, porque cedo ou mais tarde, ela ia ficar sabendo, então não tem como. Numa certa parte, é bom para ela ver como é a realidade, para ela ter uma noção de como é a vida porque vai chegar uma certa hora que pai e mãe não vai estar mais. Um dia o pai e a mãe vai faltar, então, toda vez eu digo para ela, - Vai vendo o que passa, a gente explica aqui porque hoje você não está vendo, mas na verdade, isso é uma realidade. Só que, se a televisão não mostrar isso, não tem como a pessoa saber. Então, quer dizer, a gente vai viver sempre no nosso mundo!! Aqui a televisão japonesa também passa isso daí também, mas fora de hora, bem tarde da noite, no caso eles estão dormindo, então eles não veem.*

A filha tem um filho de quatro anos, e claro que essa situação é considerada nos discursos, e nessa medida o pai já se situa para falar sobre o tema da sexualidade. Para o depoente a telenovela ajuda a elucidar as questões da vida para a sua filha, uma realidade que

ela não precisa, necessariamente, viver para ter acesso, pois a televisão pode proporcionar isso e trazer uma informação ou conhecimento que ela ainda não vivenciou.

- O comportamento de brasileiros no Japão

WA – Até hoje, brasileiros, muitas vezes, os japoneses têm receio de brasileiro, porque japonês vai no rio fazer babekyu [churrasco] deles, eles e o pessoalzinho deles. Eles sentam lá e ficam, falam baixinho, conversam baixinho. Brasileiro, não, já é diferente, brasileiro vai, já leva o som alto, já põe aquela música, estourando, então, quer dizer. Nós chegamos lá e vamos estragar o ambiente deles. Japonês não chega com aquelas caixas enormes para fazer bagunça. Brasileiro não, se não tem bagunça, modo de dizer, barulho para brasileiro é o nosso divertimento. Japonês vai, ele coloca três cadeirinhas; mãe, pai e filha. O brasileiro não vai chegar com três cadeirinhas, ele vai chegar e ele tira o japonês, ele vai encostando e o japonês vai afastando. Brasileiro é espaçoso, gosta de espaço, então, o nosso relacionamento entre japoneses e brasileiros pode ser que seja um pouco isso. Nem todo japonês é também, assim, tem japonês que é pior que brasileiro; vai, come, apronta e deixa o lixo lá. Brasileiro está aqui, japonês deixa o lixo lá, quem vai levar a culpa?

WA – Já deu briga com nossa turma e os japoneses no rio. Eles reclamaram, - Fala baixo, o som está alto. Abaixa um pouquinho... A gente que era mais de idade já sabe respeitar um pouco, já tem um pouco do costume japonês, então, lógico, eu vou, eu não vou fazer bagunça, eu não vou deixar o rádio alto para incomodar o japonês ou o próprio brasileiro. Eu quero chegar lá e conversar entre a gente. Você vai me escutar, o outro vai escutar, não precisa o outro ficar ouvindo a nossa conversa. Não precisa de baderna. Então, eu acho que nossa parte aí é, os brasileiros ainda falta um pouco de educação e compreensão. Dessa vez, o japonês ficou irritado.

WA – O japonês se sentir incomodado, ele vai falar, mas se você não acatar, é perigoso ele chamar a polícia. Brasileiros passaram a noite inteira com som alto no rio, não pode porque o toque de recolher é 22 horas, não pode fazer barulho no rio e, eles não respeitaram, e aí, eles chamaram a polícia. Mas, teve aquele brasileiro que são tinhosos, a polícia vai embora e a primeira coisa que faz é aumentar o som, aí acaba ficando ruim para a gente. Mesmo que não estão juntos com aquela turma, acaba ficando ruim. Por causa de um ou dois, todo mundo é estrangeiro e, eles pensam que somos nós, nosso rádio estava ligado, mas estava normal. Quando a

polícia chegou, eles desligaram e não estavam com o som ligado. A sorte é que a mulher que chamou a polícia falou, - O som não é daqui, é da última barraca lá. Aí eles foram direto lá. Aí a polícia passou na volta e pediu desculpa, mas já acabou o dia para a gente, porque é desagradável. Eles quando chegaram, já chegaram assim num tom mais..., só que depois, pediram desculpas, a polícia.
WA – Porque o que não fez dia de semana, de sábado e domingo, desconta. Eles vão trabalhar metade do ano e só tem cinco ou seis dias para fazer bagunça, então extrapola. Não tem filho, aluguel, só tem a dívida do carro, gente solteira acaba bebendo demais, só trabalha de segunda a sexta... Mas, os filhos de brasileiros, que hoje estão na escola, não são mais assim.

No grupo de discussão também houve referência a esse problema causado pelas caixas de som que alguns brasileiros utilizam. Uma forma de rebeldia ou transgressão, mas a verdade é que posicionados como "estrangeiros" entre os japoneses essa imagem de alguns acaba prejudicando os brasileiros. Na opinião do enunciador isso ocorre porque são jovens e irresponsáveis.

Essa atitude de certo distanciamento ou discordância com alguns comportamentos dos brasileiros foi observada em outras entrevistas. Um casal de brasileiros que mora na cidade de Ota com dois filhos em idade escolar afirmaram que preferem uma vida social com certa distância dos brasileiros. A esposa não é descendente de japoneses, ela é loira e conseguiu visto por intermédio do marido que é filho de japonês com não descendente, logo ambos possuem fisionomia de não descendentes. Talvez esse fato os distancie da possibilidade de serem inseridos pela semelhança na comunidade local, então, a estratégia seja a da diferenciação em relação ao comportamento "padrão" dos brasileiros, mostrando muitas vezes, um comportamento bem exigente e condizente com a conduta da comunidade local. Mesmo no trabalho, em fábrica, ambos declararam que preferem as amizades de japoneses, sentem-se mais integrados e mais seguros uma vez que se consideram adaptados ao Japão e desejam permanecer por longo período no país. De qualquer forma essas opiniões, sugerem, que de uma maneira interessante, eles estão se adaptando e moldando seus comportamentos condizentes com a regra social local, indicando já, o que chamarei aqui de modelamento cultural de readequação. Bhabha (1998) fala sobre a negociação dos valores culturais atentando para questões importantes nesses sujeitos entre duas culturas.

> De que modo se formam sujeitos nos "entre-lugares", nos excedentes da soma das "partes" da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? De que

> modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [*empowerment*] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA, 1998, p. 20, grifo do autor).

- A imagem do Brasil no Japão

WA – Por conta de na televisão japonesa acabar passando muita coisa do Brasil, manifestação, impeachment, chegou a passar na TV japonesa. Acaba ficando ruim para gente, japonês acaba achando que a gente é corrupto também e, a gente acaba sofrendo um pouco com isso.

WA – Quando cassaram o mandato do Fernando Collor, o próprio chefe falou, - Nossa sugoi [incrível] né!! O Presidente de vocês é novo né?!! Nossa, nunca vi um Presidente novo assim!! Depois de três meses, a baixaria que aconteceu lá, ele voltou e falou – O rapaz lá novo, mas é corrupto, né?! Todos os brasileiros são assim? Aí eu respondi, - Na política praticamente é, agora, outras pessoas pode dizer que não! Aí atrapalha, suja a imagem da gente. Eles imaginavam o Brasil como o Ayrton Senna, o Ayrton Senna para eles é o Cristo na Terra para eles. Eles viam o Brasil e os brasileiros como se fosse o Ayrton Senna!! É lógico que eles sabem distinguir uma pessoa da outra, mas ficou uma imagem não muito boa. Uma pena mesmo!!

NE – Uma coisa que me marcou foi uma experiência que um YouTuber fez no Brasil, na época do Impeachment da Dilma. O cara estava fazendo a experiência, filmando escondido, perguntando o que ele achava do governo e coisa e tal, se eles apoiavam a Dilma e coisa e tal. E, aí, o cara dava a opinião falando negativamente, aí eles chegavam e perguntavam, - Se eu te der cem reais, você pode falar o contrário? A pessoa é comprada com cem reais no Brasil, ele mudava, aí falava, - Você está sendo filmado, o cara já fugia. Entende? Ali é uma corrupção, você vê que com uma simples pergunta, uma simples proposta, o brasileiro se vende. Isso é uma coisa que envergonha o Brasil.

NE – Não digo que é só político, existe gente assim, mas você nunca sabe o quanto é, até onde a pessoa vai. Você fica, tipo assim, é uma coisa que a gente não está acostumada aqui, chocou, não dá para compreender. Aqui no Japão, você acaba sendo ingênuo, não tem tanta malícia como no Brasil. Por exemplo, eu ganhei esse relógio, - Será que no Brasil eu posso ser roubada, posso ser assaltada porque é um

relógio de marca aqui. Você não sabe, você fica com medo. Será que eu posso usar uma coisa assim no Brasil? Porque aqui, normal, qualquer um chega e consegue comprar uma camiseta da Nike, da Adidas. Mas, no Brasil, será que eu posso usar livremente uma camiseta dessas? Você fica um pouco chocada.
WA – Os brasileiros, ele se vende por qualquer coisa. Eu acho que o brasileiro, para ser um país nosso, não depende dos outros, tudo que se planta colhe, você não depende de outros países, de petróleo, de arroz, de feijão, nada, nada disso, você precisa. Então o Brasil é um país que deveria dar exemplo.

Não é só a pessoa comum, os outros brasileiros influenciam na imagem que os japoneses formam dos brasileiros. A mídia, a notícia, o comportamento dos dirigentes, políticos e pessoas de destaque também ajuda a compor esse imaginário de brasileiros aos japoneses. Hall (2016, p. 193) discute as categorias de representação associado a estereótipos, diferenças e poder. Para o autor, existe um poder na representação porque ele traz e insere marcas, classifica e atribui, ou seja, "é o poder que representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado 'regime de representação'". A imagem construída pelo ídolo Ayrton Senna favorecia indiretamente o imigrante brasileiro, mas por outro lado, os problemas políticos divulgados amplamente nos noticiários também construía um imaginário simbólico representativo, mas de uma forma negativa e, isso acentuava a construção da representação de um estereótipo social. Conforme Orlandi (2007), os discurso, enquanto construção social e simbólica, são sempre atravessados por outros discursos marcados eles também pela ideologia, e, portanto pelas lutas entre visões de mundo e classes sociais.

O depoente lamenta essa associação negativa com os políticos enquanto a filha se espanta com a corrupção acontecendo no cotidiano. Talvez, ela tenha ficado chocada porque não é uma pessoa seduzida por muitas vantagens, a barganha da disputa não é algo extraordinário, não se trata de um cargo federal ou um cargo notório, mas simplesmente de valores monetários que ela considera inadmissível e intrigante. Seu pai acabara de afirmar que isso acontecia frequentemente na esfera política, mas o espanto da filha é que isso ocorria no cotidiano das pessoas também. É claro que aqui não trataremos da questão social ou da veracidade do que a depoente viu, mas da construção do imaginário que ela faz do Brasil a partir desses pequenos detalhes que ela observa na vida cotidiana e na vida de pessoas públicas, então é isso o que a choca.

Diante dessas considerações perpassadas para os seus medos e inseguranças sobre o país, ela não consegue dimensionar o que é seguro ou o que não é seguro de vestir/portar no

Brasil. E, a dúvida dela que em um primeiro momento pode parecer um medo exagerado, mostra que a depoente não consegue concretizar uma vivência imaginária num país tão diferente do local em que ela já está acostumada. No final, seu pai mune-se de um tipo de discurso em que trata generalizando as soluções para tentar valorar uma moral que ele acredita que deveria existir. Essa apropriação desse discurso moralista generalizante mostra o tamanho da sua indignação com a situação e a sua impotência com relação ao assunto.

- Brasileiros e japoneses

NE - Amizades bem diferentes com brasileiros e japoneses, estudei em escola brasileira, tem roda de brasileiros que comentam que tem medo de terremoto, coisas naturais... Em amigos japoneses, não perguntam muito, japonês não é muito de fazer piada, mas brasileiro já é mais. Japonês aqui é diferente, a gente cumprimenta, se comporta na casa deles diferente. Brasileiro é mais caloroso, tipo, modo de brincar, de conversar. Japonês fica no canto mexendo keitai [celular], no canto dele, agora brasileiro já brinca, conversa já faz aquele café, é diferente, é mais afetivo.
WA- Japonês procura saber como a gente vive, o que a gente faz, se no Brasil tem banana, laranja... - A única coisa que muda de diferente é o sistema entre vocês e nós, nós brasileiros tem uma tradição, no calor vai para a praia, para o rio, é churrasco direto. Agora vocês é mais quieto, se a gente chama um de vocês par ir no babekyu [churrasco], vocês não vão, são mais acuados, ficam com vergonha, não vão. No serviço vocês são abertos para conversar. Para trabalhar, vocês são bem discretos, mas fora do serviço, vocês são diferentes, pacato, fica só no grupinho deles, não se manifestam, não agrupa. Fora do serviço é totalmente diferente. Fora do serviço eu brinco, converso, mas no serviço, ninguém diz que sou eu. Japonês para brincadeira, relacionamento ou conversa com brasileiros, eles são bem mais frios mesmo.

É interessante observar os medos diferentes entre brasileiros que moram num país em que a natureza é um perigo. O Japão é uma ilha que sofre com os terremotos, maremotos e tufões, mas aprendeu a conviver com isso, pois é a sua realidade. Esse seria um discurso deslocado no Brasil, pois o histórico brasileiro não registra tais ocorrências. Esse tema de assunto já referencia o tipo de preocupação peculiar do lugar em que o sujeito se encontra. Posiciona-o em um lugar geográfico com uma realidade material que corresponde àquele lugar. A depoente admite que o seu comportamento também se modifica dependendo do lugar

e da situação. Fica clara essa readequação que o sujeito opera dependendo da chave cultural que precisa acionar. Como entende a cultura do outro, no caso do japonês, decodifica o comportamento mais adequado àquela situação. O pai também identifica e codifica os comportamentos dos japoneses dependendo do espaço em que estão, no trabalho ou no lazer. Ele reconhece que as respostas de outrem a isso é diferente e, aponta algumas características dos japoneses, mas compreende e, de certa maneira também se identifica com os japoneses quando assume que, também, ele adquiriu esse comportamento diferente na convivência do trabalho, o que o tornaria um japonês também.

8.2.2.2 Família e amigo: as escolhas em família

Nesta entrevista procuramos entender as escolhas da família, entender as dificuldade e principalmente compreender as relações na família: entre eles, por eles e para eles. E, dessa maneira tentar destrinchar um pouco da relação entre pais e filho; o olhar do pai, da mãe e do filho. Poderia dizer, também, a posição deles dentro da família e em relação ao outro. Essa entrevista também foi interessante porque trouxe, além da própria família, um terceiro, que é o amigo do filho. A relação desses dois amigos também é interessante, pois enquanto um é mais ocidentalizado, o outro corresponde mais ao estilo japonês. O depoente que nasceu no Japão, é mais oriental, apesar de ambos serem brasileiros. Então é na mistura dessas vozes e olhares que nos embrenharemos a seguir. Claro que as perguntas seguem um roteiro guia, mas como se trata de aprofundamento da entrevista, alguns tópicos são mais salientes que outros, dependendo do objetivo da pesquisa. Nesta entrevista, o tema central será a família. Cabe ressaltar que a filha menor, de nove anos, não participa da entrevista diretamente, embora seu espaço na família esteja delimitado na fala da mãe, portanto o lugar dela existe dentro da família e se faz presente ao longo da entrevista. Assim como os pais do amigo estão ausentes nesta entrevista, mas seus lugares, principalmente da mãe e da avó com quem ele ficava, possuem um espaço próprio através das narrativas do rapaz. Vale ressaltar também que inicialmente fizemos uma rodada de entrevista com os amigos para entendermos a relação deles com o Japão, sobre o Brasil e entre eles. Depois desse momento é que os pais se juntaram na entrevista. Portanto em algumas caixas de diálogos aparecerão predominantemente os dois amigos sozinhos.

Fábio e Lucas são amigos e estudam juntos na escola japonesa. Fábio (16 anos) nasceu no Japão, está terminando o Ensino Médio e não conhece o Brasil. Ele quer fazer faculdade no Japão na área de Exatas e, pretende morar lá. Na época em que morava com a sua avó, ele assistia às telenovelas com ela, mas agora não as segue mais, sua mãe também não assiste.

Ele mora com seus pais e duas irmãs. Já Lucas (18 anos) nasceu no Brasil, veio ao Japão pela primeira vez com dois anos de idade, morou sete anos no Japão e voltou ao Brasil onde morou durante os oito anos seguintes. Ele passou na Universidade Estadual Paulista (Unesp) na área pretendida, biologia, mas resolveu voltar novamente ao Japão. Chegou recentemente, em abril de 2017, há cinco meses, está trabalhando em fábrica e estudando para prestar o exame de proficiência da língua japonesa.

Os pais são Alex (45 anos) e Rita (44 anos). Alex é descendente de japoneses, graduado em administração de empresas no Brasil e agora trabalha como operador de empilhadeira em fábrica. Seu objetivo no Japão é melhorar a qualidade financeira da família e proporcionar mais oportunidades para os filhos. Rita é brasileira sem ascendência japonesa, trabalha em fábrica e, apesar das críticas, apoiou o filho na decisão de retornar com eles ao Japão. Ela acha que ele poderá cursar a faculdade no Brasil, futuramente, se quiser, mas o Japão é uma oportunidade para ele agora.

Rita ficou surpresa com o filho, descobriu que ele sabia falar japonês muito mais do que imaginava e, também percebeu mudanças no comportamento dele. Ela acha que ele amadureceu ao trabalhar em fábricas no Japão e o relacionamento deles está melhor agora. Sua filha de nove anos, também tem apresentado um desempenho melhor na escola brasileira no Japão do que quando estavam no Brasil. Lá, os dois estudavam em escolas públicas e a filha tinha dificuldades porque a escola era muito defasada e os alunos não apresentavam um bom rendimento de aprendizado.

Conforme indicamos, denominamos os nomes nas caixas de diálogo com as duas primeiras letras dos nomes fictícios dos sujeitos da pesquisa, então: o filho Lucas será (LU), o amigo Fábio será (FA), a mãe Rita será (RI) e o pai Alex será (AL).

- Japoneses e brasileiros

LU – Os japoneses, às vezes nem têm intimidade com os pais. Tem conversa que eu tenho com os meus pais que seria impossível eles terem com os pais deles. Eles são bem mais fechados, rigorosos.
FA – Pelo que eu vejo deles, eles são mais calados que os brasileiros.
LU – São muito parecidos, mães em casa e os pais trabalhando fora...
FA – Namorada brasileira é comunicativa, extrovertida...
LU – Japoneses são rigorosos, fazem tudo certo, no tempo e do jeito que eles querem, são muito poucos que dão intimidade para você conversar, dar risadas junto. Por um

lado é bom, mais organizado, mas tem exagero também.
FA – Os professores brasileiros são mais abertos e menos rigorosos. Eu não sei nada do Brasil, geralmente os japoneses me confundem com japonês por causa dos meus traços do rosto.
LU – Os japoneses falam, - Lá é perigoso, né? Lá tem bastante floresta, né? Aí você tem que explicar que não é todo lugar que é perigoso... que tem floresta?!! Muito estranho!! Conhecimento ocidental e oriental é muito diferente.

Lucas começa pontuando algumas diferenças que eles enxergam sob seu ponto de vista, é interessante notar que, como filho, ele demonstra a visão que possui dos japoneses em comparação com a relação que ele possui com seus pais. É por meio dessa relação intergeracional, diferente entre brasileiros e japoneses, que ele se coloca. Já Fábio que não conhece o Brasil se enxerga através do que as outras pessoas do entorno sinalizam. Nas comunicações e na interação durante a entrevista é latente o comportamento de Fábio mais semelhante ao do japonês, apesar da sua nacionalidade brasileira. Sua fala pausada e seu jeito de falar assemelham-se ao ritmo de fala dos japoneses.

Lucas reconhece que existem diferenças e perigos no Brasil, mas já mais acostumado na vivência no Brasil, ele explica aos japoneses como é o país e, se espanta diante da falta de informação do japonês que acha que no Brasil tem uma floresta, talvez, porque eles associem o Brasil à Amazônia.

- Estar lá ou aqui

FA – Torço pro Santos, gosto de futebol, meu avô era Santista e, eu assistia a todos os jogos com ele. Não penso em morar no Brasil, a dificuldade seria o tempo porque lá é doze horas atrasado em relação a aqui e, por causa que eu vivi muito tempo aqui no Japão, fuso horário, convivência, eu já não sei...Minha mãe me colocou na escola brasileira, não penso em sair mais, estou na reta final 2º ano, ela fala em ir, eu penso em ficar [no Japão].
LU – No Brasil, eu estudava seis horas, nem era o dia todo. No trabalho, aqui, faz doze horas em pé, é uma mudança muito drástica. Então, qualquer pessoa da sua idade, assim, você acaba querendo conversar.

A fala de Fábio é pausada e o tom de voz baixo e calmo, ele não consegue dimensionar a questão do fuso horário e, acha que isso é um problema permanente. Ele é mais

novo que Lucas, está terminando o Ensino Médio, não conhece o Brasil, mas aprendeu a torcer pelo time do avô. Não demonstra vontade de ir ao Brasil e, sua afeição ao time esportivo está ligada à figura do avô. É interessante que Fábio tem a aparência e o comportamento de japonês, mas se identifica com os brasileiros, diz que possui muitos amigos brasileiros e convive com eles, porém absorveu um comportamento bem oriental.

Lucas já vai sinalizando sobre o trabalho que é a sua condição no momento, ele trabalha em fábrica e agora pode comparar a vida atual com a vida que tinha no Brasil. A partir dessa parte da entrevista, os pais de Lucas se juntam a nós e participam também da entrevista.

- Retorno ao Japão

RI – Meu filho começou com essa ideia de vir... Ele tinha passado no Brasil na Unesp, mas como ele é yonsei [quarta geração], ficamos com medo de não conseguir vir depois e, achamos que valia a pena. Lá tinha casa, trabalhava, estava estabilizado... Ele escolheu abrir mão da faculdade. Em relação ao Brasil, é melhor aqui, porque tem condições de proporcionar uma vida melhor.

AL – Mas, se for pelo lado da criação, é difícil, tem que abrir mão de qualquer coisa, a mãe não pode pegar hora extra, tem que chegar 17h. Quando morávamos aqui, 5 horas, a perua do meu filho saia e voltava só 20 horas. A gente saia para trabalhar 6 horas e voltava 19 horas, - Deixava o filho mais tempo fora de casa do que você!! [a mãe fala para o filho enquanto o pai está contando esse trecho – Não vai chorar hein!!]

AL – Hoje em dia a gente não faz mais isso com ela [filha de 09 anos] porque não vale a pena. A gente tem o pensamento de voltar. É um aprendizado, tanto é que, a gente escolheu essa região aqui. A gente conhece, então, a gente pode escolher. Vamos escolher um lugar, uma região que tem estrutura para brasileiro[112]*. Não optamos por colocar ela em uma escola japonesa, não sei, na verdade a gente sempre tem o pensamento de voltar.*

AL – No Brasil, quando ele [filho] voltou, quando ele via uma faixa de pedestre, ele entrava... E, a gente precisava gritar. – O Brasil não é igual, você pisou na faixa, eles passam por cima. Então, eu acho bem válido num contexto geral, para eles aqui,

[112] A província de Aichi é a mais numerosa em número de brasileiros no Japão. São 54.566 brasileiros em Aichi, com 29.501 homens e 25.065 mulheres. A segunda província é Shizuoka com 27.993 brasileiros. Porém, a cidade com maior concentração de brasileiros, Hamamatsu com 9.537 brasileiros, fica em shizuoka.

como ele viveu aqui...
RI – E as pessoas podem perguntar, - Mas, ele abriu mão de uma faculdade para ir trabalhar em uma fábrica. Isso não é futuro, né? Mas a faculdade, ele pode voltar e fazer a qualquer momento, e o Japão era uma oportunidade que talvez, ele não tivesse mais[113]*. E, a experiência de vida que ele vai ter, a visão da vida é diferente aqui. Como pessoa vai ser muito importante para ele.*
AL – No Brasil, além de você estar educando, ele está vivenciando aquilo que é errado diariamente, é droga, roubo, assalto... É diferente a forma de você educar o filho. Lá ele está vivenciando o que é errado, aqui quase não vivencia, né?!!

Rita, a mãe, explica a situação de oportunidade de Lucas estar no Japão, pois como filho da quarta geração de descendentes de japoneses, talvez tivesse problema e não conseguisse vir depois. O ganho de vida e experiência que Rita e o pai, Alex, acreditam que proporcionariam ao filho os faz optar pelo Japão. A história deles é uma história de idas e vindas entre Japão e Brasil e, a fala deles a respeito das escolhas sobre escola japonesa ou brasileira, voltar ou não ao Japão nos ajuda a construir um panorama do cotidiano social e das incertezas que são comuns aos imigrantes brasileiros no Japão.

A visão alternada da fala de Lucas intercalada com a dos pais e a do amigo, ajuda a dimensionar o ponto de vista de cada um sobre o mesmo assunto. Rita e Alex já possuem uma história no Japão e dessa vez, contam que terão mais condições de escolher melhores coisas para o futuro da família, que começa pelo lugar de moradia, por exemplo, com mais infraestrutura para os brasileiros.

> As famílias brasileiras buscam conviver mais estreitamente com famílias conterrâneas, especialmente quando fazem parte de uma rede de relações informais ligadas a parentes e amigos no Brasil, o que não significa ausência de conflitos entre brasileiros. O relacionamento entre patrícios é facilitado pela vivência em redutos próprios, onde os moradores frequentam os mesmos espaços e interagem sob os mesmos códigos comunicativos. (KAWAMURA, 2003, p. 163).

Em certo momento da fala de Alex, ouve-se a mãe se pronunciando para Lucas "Não vai chorar" que dá pistas do sacrifício da família na primeira vez que vieram ao Japão. Essas escolhas e rotinas diárias são comuns para os imigrantes que possuem filhos e precisam conciliar o trabalho árduo na fábrica com suas vidas particulares de pai e mãe em casa. A

[113] O filho, Lucas, é *yonsei*, então, pela legislação da época, depois da maioridade, os filhos de brasileiros da terceira geração não poderiam mais conseguir visto ao Japão. A partir de julho de 2018, o visto para *yonseis* foi aprovado, mas traz rigorosas condições que dificultam o visto.

dificuldade de adaptação também existe quando a criança volta ao Brasil, ele precisa de um tempo para se acostumar com as regras locais.

O pai fala dos contrapontos em se criar um filho no Brasil, faz comparações com o Japão preocupado em que no Brasil é difícil poupar os filhos de coisas que estão incrustradas no cotidiano social, "lá ele está vivenciando". Por tudo isso, podemos entender um pouco das escolhas da família em viver no Japão.

- A escola

RI – Eu nunca tive vontade de pôr ele na escola japonesa. Não sei se fiz certo ou não, eu acho que, na minha opinião, eu fiz certo porque as pessoas que eu conheci que colocaram os filhos na escola japonesa, a criança era mais retraída, mais fechada, mais séria e eu fiquei com medo porque tanto ele como ela são felizes, são espontâneos, assim sabe, medo mesmo, receio, não quero que eles percam isso.
AL – Se o intuito é voltar para o Brasil, você levar uma criança sem aquela malícia... A gente não consegue explicar isso... Mas, sem aquele jogo de cintura, sabe, porque o Brasil é aquilo, mesmo na rua, você precisa ficar segurando no braço.
RI - Mesmo ele estando em escola brasileira, ele chegou lá e ficou assustado em várias situações.
AL – A forma de brincar na escola, a forma como os alunos, os amigos se comportavam, como conversar como o professor...
LU – Eu cheguei com oito anos lá, nunca tinha ouvido um palavrão na minha vida, nem em casa, nem na escola. – Ninguém fala palavrão perto de uma criança de oito anos aqui. Lá ela [irmã] teve três anos e não aprendeu a escrever em português, aqui ela já aprendeu.
RI – Lá a gente não conseguia pagar escola. Ele sempre estudou em escola pública e, ela também. Ele graças a Deus não teve problema, mas ela teve dificuldade no aprendizado, então aqui a escola está sendo melhor para ela. Uma escola boa, com qualidade boa.

O receio da mãe em relação a um possível distanciamento afetivo dos filhos caso eles fossem para a escola japonesa, é percebido também em outras entrevistas. Os próprios jovens declaram que existem muitas diferenças na escola japonesa e brasileira que contribuem para esse fator de modelagem do sujeito social frente ao universo em que ele fica imerso. Mas ao mesmo tempo, o pai pontua que a educação escolar influencia muito no comportamento social

da criança e que isso é um ponto importante a se considerar dependendo da opção da família em voltar para o Brasil ou morar no Japão.

A maioria dos imigrantes que vive no Japão pretendia retornar ao Brasil, mas uma grande parte acabou ficando no Japão. E, essa decisão por escola brasileira ou japonesa vai determinar em grande parte a fluidez deles na sociedade japonesa; a dificuldade de se comunicar bem na língua japonesa ou não e, ao voltarem para o Brasil também isso ocorre se a criança estudou em escola japonesa e acabou perdendo a fluência na língua dos pais. Conforme Bakhtin-Volochínov (2010), a compreensão não só da língua em seu significado simples, mas a compreensão da realidade em que a palavra se insere e a comunicação social que se efetiva começa pela linguagem. "A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social" (BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36). A questão da língua é o primeiro desafio no Japão, é por meio dela que as oportunidades são construídas na prática, em todos os setores: na escola, no trabalho, nas rotinas do dia a dia, nas relações com os vizinhos etc.

Os pais vão explicando a oportunidades que esperam concretizar no Japão, explicitando o que eles não podiam ter no Brasil, uma escola de qualidade. E, a partir disso e com trabalho, a família espera ter mais oportunidades no Japão.

- Relação entre pais e filhos

- RI – A relação com o filho melhorou mais, ver ele como homem, ajudando em casa, conquistando coisas diferentes na vida dele.

AL – Para gente é choque se vê botar uma criancinha de 4 anos, 3 anos, só botar um bonezinho nela, uma mochila nas costas e soltar, né. Para gente é difícil, a gente tentar acostumar com isso... Você fazer isso com seu filho, isso é início da vida, mas por outro lado, também você vê que é uma forma do filho se responsabilizar, né!! Ter responsabilidade, saber o que é, já aprender desde pequenininho como se virar sozinho.

RI – A criança japonesa tem mais disciplina e sabe se virar sozinho, eu acho interessante, eu acho legal.

FA – Totalmente diferente, os irmãos pequenos dos meus amigos que são de escola brasileira, comparado com os irmãos dos amigos japoneses que eu tenho como amigo. Os filhos dos japoneses são mais quietinhos. Os filhos dos brasileiros levam tudo mais na brincadeira.

RI – As mães que mandavam os filhos na escola japonesa acabavam perdendo o

contato com os filhos. Porque na escola, mandavam falar só o nihongo [língua japonesa] e, os filhos acabavam perdendo a língua de origem, o português ou a língua portuguesa e, muitas vezes os pais não sabem falar o japonês, então, vão perdendo a comunicação com o filho. Tive algumas amigas assim nessa situação e eu tinha medo disso, não queria, tanto que quando a gente começou a falar de voltar ao Japão, eu nem sabia que esse moleque [filho] sabia falar japonês. – Mãe, eu sei falar tá, a hora que você chegar lá você vai se surpreender! Aí a hora que chegou aqui o moleque disparou a falar e eu pensei, - Gente, onde ele aprendeu tudo isso? Porque na escola brasileira, ele tinha aula japonesa uma vez por semana só.

RI – É mais difícil a mãe aprender e a criança aprende tudo, costume, jeito, maneira, tudo e, aí acaba ficando uma relação mais fria.

FA – Acho que minha mãe não tem disso!

RI – A internet influencia na relação, muito tempo no quarto, a gente tem preocupação, a gente tinha medo, receio de um monte de coisa...

LU – Lá no Brasil, você estuda de manhã, almoça e eles não estão. Você fica a tarde inteira sozinho, e você já está naquele, estou aqui, mas estou no clima, estou jogando. Aqui não, eu trabalho do dia inteiro e só encontro com eles de noite e, eu fico pensando assim, - Lá no Brasil eu tinha o maior tempo para falar com eles e eu ficava no computador. Agora eu tô aqui, por mais que dá um aperto no coração, eu já saio da cama e vou para a sala, e fico olhando assim, nem que for para ficar quieto, né. É só para pensar, - Nossa, você tinha tempo e não ficou com eles, então, vai lá, você vai se arrepender depois.

Rita comemora a melhora na relação com o filho depois da vinda ao Japão. Ela acha que ele amadureceu em todo esse processo. Enquanto Alex explica a contrapartida da dificuldade de se deixar um filho pequeno ter independência, mesmo sendo no Japão. A partir dos 6 anos os filhos de japoneses são incentivados a irem e virem das escolas sem a companhia de um adulto para terem independência. Além disso, essa prática livra os pais desse compromisso e ajuda no funcionamento da sociedade japonesa, voltada para o trabalho[114].

[114] Essa prática é uma regra geral muito empregada no país. Nas casas, as tarefas também são delegadas aos pequenos, assim como na escola, já começam a participar de tarefas como prática de integração e socialização. Fonte: IPC Digital. *Por que as crianças japonesas vão sozinhas para a escola?* 26/11/17. Disponível em: https://ipc.digital/por-que-as-criancas-japonesas-vao-sozinhas-para-a-escola/. Acesso em: 10 nov. 2018.

Quadro 17. Crianças a caminho da escola

Crianças são incentivadas a serem independentes.
Foto: Divulgação.

No caminho para a escola.
Foto: Divulgação.

Fábio que também tem muito contato com filhos de japoneses pontua algumas diferenças no comportamento das crianças japonesas: disciplinadas e mais quietinhas. Talvez seja essa disciplina, um pouco demais para os padrões brasileiros que Rita receia que os filhos assimilem caso estudem em escola japonesa. Outras depoentes também expressaram essa preocupação quanto ao comportamento dos filhos de brasileiros que passam a frequentar as escolas japonesas, começam a se comunicar somente em japonês e acabam perdendo o contato com os pais, que geralmente não falam o idioma.

Rita também explica as preocupações como mãe em relação ao filho que passava muitas horas no computador. Em contrapartida, Lucas explicita seu ponto de vista e sua situação atual de trabalhador em fábrica e com pouco tempo de interação com os pais, então, ele tenta ficar mais próximo possível para não se arrepender depois.

- Relação de amizade entre japoneses e brasileiros

FA - As brincadeiras com meus amigos brasileiros na escola são diferentes, mais extrovertidas, as brincadeiras que eu vejo na escola é mais com... usam mais jogo de corpo, essas coisas. No meio de uma brincadeira, todo mundo usa mais agressividade [LU – O Loco!!], com os japoneses, não. Os amigos japoneses é mais, é mais com

cuidado, assim, [pausa longa do depoente]... [LU – nunca bati em você, como assim?? risos]...É que tem toque, brincadeira, vem empurrãozinho, uma piscadinha... [LU – Nossa, fiquei assustado agora!] Não, calma!!

Fábio demora a achar as palavras e se expressar, sua fala entrecortada já mostra que seu comportamento é diferente do amigo. Expressa-se bem no ritmo da conversa do japonês, faz pausas e procura as palavras certas. Lucas não consegue esperar e o interrompe, mas os silêncios de Fábio são também uma forma de interlocução, que conseguem traduzir o receio e a espera por palavras que expressem o que ele quer dizer, então, também esse silêncio entre um e outro pensamento é um modo de fala.

Essas pistas observadas nos discursos de Fábio e no modo verbal e não-verbal de perceber sua inscrição de fala é uma parte importante para se considerar nessa análise. Afinal, concordando com Orlandi (2007, p. 30) "os dizeres não são como dissemos apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma foram presentes no modo como se diz".

- A telenovela

RI – A televisão é como uma distração boa. Eu acho que a mesma coisa que eles têm com o computador agora, a gente tem com a televisão. Chegar em casa, ficar todo mundo junto.
LU - A TV, você gosta de programação, ela vai passar naquele dia e naquele horário. Computador você que procura, o que você quer assistir, o que você gosta, então acaba sendo ilimitado o que você pode assistir e o tempo que você pode passar.
RI – Ele [marido] não queria assistir à televisão japonesa porque não entente nada, a TV é para saber o que acontecia no Brasil e para se divertir um pouco. Meu marido acabava assistindo.
AL – Teve novelas que eu gostei, tem histórias que eu gostei, mas as histórias estão vindo, mudando, né.
RI – Está forte, está pesado, está muito pesado para assistir com criança.
AL – É logico que acaba acompanhando o dia a dia do Brasil, mas só que está muito forte.
LU – Acho que está mudando mesmo, a novela do jeito que foi feita do jeito que é, foi feita para o público assistir, o que o público gosta e ficou forte mesmo.
RI – Palavreado, complicado assistir com criança de 9 anos e, hoje é tudo tema livre,

acho legal, mas acho que eles forçam muito em cenas de nudez, coisas desnecessárias que não precisaria daquilo para contar uma história de um personagem.
RI – O tema eu acho legal, acho que tem que mostrar mesmo, mas para gente que está fora é chocante. Eu não sei como a nova geração vê. Para mim, na minha idade, eu acho chocante, mas tem que falar mesmo.
LU – Acho mais normal. Pode ser que mostre um lado que a pessoa nunca viu, conviveu, então, ela conhece pela telenovela.
AL – Eu venho acompanhando, na verdade, por ser a mesma autora [Glória Perez], ela sempre faz novela de atualidade, do cotidiano, ela vem acompanhando o que está acontecendo, eles buscam ser o centro das atenções. Eles pegam esse tema porque está em alta [falando sobre a questão da personagem Ivana, sobre transgênero], porque todo mundo está discutindo; tem gente que é contra, tem gente que é a favor. E, fica naquela briga, né. Tem deputado que briga com outro deputado por que ele é homossexual, então fica aquela coisa, ele vê que é uma coisa que é o boom do momento, é aquele e, ela acaba buscando isso para justamente trazer, como é que fala, número de pessoas para assistir. É o que ela busca, eu acho, além de mostrar o dia a dia, é um pouco também de oportunismo porque é o pão dela, ela faz novela, não faz de graça, né. É uma coisa que ela gosta, lógico é unir o útil ao agradável. Ela gosta e ao mesmo tempo é o trabalho dela. Só que às vezes, tem coisas que não tem necessidade de dar tanta ênfase do jeito que eles dão, né.
AL – Colocar isso, eu acho que piora, porque ninguém põe respeito forçado, colocando goela abaixo, se você tem do outro lado da televisão a pessoa que não aceita, você tem que respeitar o jeito que a pessoa é. É o jeito que eu aprendi, é o jeito que eu ensinei para ele, se a pessoa quiser tomar um caminho diferente, se a pessoa não gosta e tem a sua opinião dele, de que não é legal, é a opinião dele, desde que não tenha conflito, né. Mas eles criam porque dá retorno, dá dinheiro, porque gira, né, aí acaba que atinge todo mundo, a discussão, né, todo mundo
FA – Acho bom para acompanhar a realidade do Brasil.

A colocação de Rita quanto ao que representa a televisão para ela e o computador para o filho é uma analogia bem interessante. Lucas explica, por sua vez, que esse modo de interação que o computador permite sem a grade de programação torna-se uma ferramenta infinita de navegação, pois não tem limite de horário que a grade impõe na televisão. A mãe

ainda continua com o hábito de assistir à telenovela, e faz por distração, mas queixa-se do conteúdo inadequado para crianças, aliás, a família concorda nesse ponto. Fábio acha que é um bom meio de atualizar-se dos assuntos do Brasil.

Outros depoentes também demonstraram preocupação quanto aos conteúdos para as crianças. A maioria dos entrevistados são bem críticos quanto ao conteúdo das telenovelas para as crianças, mesmos sabendo que não é a programação recomendada para elas. A discussão sobre o tema da identidade de gênero foi lembrada também nessa entrevista, Alex enfatizou a questão mercantil envolvida na produção das telenovelas e, em sua opinião os temas tratados estão muito fortes porque precisam ficar atrativos ao grande público.

8.2.2.3 Mãe e filho: o desafio de uma vida

Entrevistar um filho brasileiro que cursa engenharia em uma faculdade japonesa diz muito sobre os desafios e lutas não só da própria pessoa, mas da família que a auxilia nessa realização. A entrevista foi muito reveladora por permitir uma visão particular sobre dois mundos - dos japoneses e dos brasileiros -, mas sob o ponto de vista de quem está dentro das duas culturas. Com um pé em uma cultura e o outro pé em outra cultura e, ainda, aproveitando o que das duas poderia resultar de melhor, descortinamos aqui, considerações interessantes.

A vida para essa mãe começou cedo, conheceu seu esposo quando os dois ainda eram jovens. Escolheram morar no Japão e lutaram por um futuro mais promissor. Carla (36 anos) é descendente de japoneses por parte de pai, sua mãe não é descendente. Seu pai deixou a família quando eles eram pequenos, mas hoje ele mora com a sua mãe. Ela se casou muito cedo, com 16 anos e o esposo com 18, moravam no Mato Grosso, com a sogra ou com a mãe e, não tinham casa própria. Vieram por motivos financeiros, permanecem por uma perspectiva de um futuro melhor. Não pensam em voltar tão cedo, porque agora, Beto está na faculdade fazendo Engenharia Civil.

- Escolha da escola

CA - Beto estudou em escola japonesa, brasileira, e faculdade. Chegou com 6 anos, no 2º ano do primário (novo Ensino Fundamental I), fez até o meio do 7º ano e, na época as notas não estavam muito boas, então, optei por colocar ele na escola brasileira para não arriscar mais três anos e não saber se ia conseguir entrar no colegial.

CA – Sobre o japonês, - Eu não posso cobrar dele, uma coisa que eu não sei, não

tinha nem como exigir dele...

CA - Mas, quando ele foi para a escola brasileira, manteve tudo em japonês, TV, computador, celular, aulas de japonês etc. Hoje, ele fala as duas línguas. Mas, se hoje, ele consegue ir bem na faculdade, muito é porque ele foi na escola brasileira, porque tudo que ele viu na escola brasileira, os alunos estão vendo agora na faculdade. E, os que vieram da escola japonesa estão tendo muita dificuldade de aprender porque não viram nada disso. Então foi difícil na época, né. Pensa, - O que você vai fazer? É minha cabeça pensando no futuro dele! Será que eu vou me arrepender? Será que mais pra frente ele vai me culpar, né, por ter tirado ele da escola e por ter posto ele em outro lugar? Então foi difícil, né. Só que é isso, valeu a pena. Foi bom que ele se desenvolveu de uma maneira diferente.

BE – Eu gostava de mangá, [histórias em quadrinho japonês, a leitura de mangás ajuda na fixação dos kanjis, ou ideogramas] também. Mesmo na escola brasileira, eu encontrava com amigos japoneses e, na escola brasileira tem amigos que não falam japonês. A leitura foi importante, mas TV, conversa, ouvir a língua me manteve fluente. Na escrita ficou tranquilo porque no ano que eu estava já tinha aprendido os kanjis.

BE – Exatas do Brasil até o Ensino Médio, ele é mais rápido que o da escola japonesa. Por exemplo, derivada e integral já coloca no Ensino Médio, já entra detalhado no Ensino Médio, no Japão eles veem por cima. Entra no primeiro ano da faculdade que seria como se fosse revisão e aprofundamento da matéria. Na escola japonesa, se quiser seguir para um tipo de profissão pode escolher a matéria que quer pegar. Por exemplo, química não é obrigatório, então, muita gente pega matemática e física e não vai na química.

BE – Arquitetos fazem até dois ou três andares, daí para cima, é engenharia, mas engenharia não pode construir casa de dois ou três andares. Mas, se quiser fazer um prédio com design aí entra o arquiteto também.

CA – Sabia ler e escrever em letra de formam aí fez um reforço de português porque matemática, assim, dava para acompanhar.

CA – O pequeno [filho de 3 anos] é o oposto dele em tudo, ele é ligado na tomada mesmo. Eu acho que uma creche japonesa, não vai dar conta, eu acho que não vai dar muito certo ainda, eu estou vendo para colocar na escola brasileira. Ele é difícil, eu acho que ele, numa escola japonesa, talvez, ele vai ter um pouco de dificuldade,

que ele é muito teimoso também, ele é muito genioso, quando ele quer uma coisa... é difícil lidar com ele.
CA – Eu acho bom ir na escola japonesa, eu acho vantajoso falar as duas línguas, ele por exemplo, ele consegue fazer tradução, consegue conversar com japoneses assim. Agora ele está trabalhando no escritório da escola brasileira, então, quando tem os japoneses para fazer reunião, assim, ele é que conversa, ele fala, ele que entende, então eu acho bom. Seria bom se todas as famílias fizessem isso também, assim, falassem os dois idiomas para ir aprimorando cada vez mais.
CA – Ele mesmo tinha uma amiga assim, as meninas chegavam em casa e não dava para conversar porque eu falava português, as meninas falavam japonês, entendia, mas respondia em japonês.
BE – Na escola brasileira mesmo tem uma que fala só em japonês, chega em casa, a mãe não fala japonês, é o pai que fala, então, o pai tem que fazer tradução para ela.

A difícil escolha da escola japonesa permeia a relação dos pais e filhos no Japão. Isso representa mais do que uma fluência no idioma local ou não, com certeza, pode determinar o futuro dos filhos. No caso de Beto, que ficou tempo suficiente na escola japonesa para aprender praticamente todos os ideogramas, esse aprendizado foi de grande valia para ele. Conseguiu se manter nas duas línguas, ele prestou o exame de proficiência de japonês para conseguir entrar na faculdade, e também pôde trabalhar com traduções. Essa experiência e a fluência na língua japonesa e portuguesa abriram portas para que ele trabalhasse hoje em escritório de escola brasileira, o que complementa a renda da família. Seu irmão tem três anos, ainda não está na escolinha e sua mãe está sem trabalhar agora. Então, todas as atividades remuneradas ajudam no orçamento familiar.

Beto explica sua trajetória e sua expectativa futura. Sua mãe explica que uma das estratégias utilizada para ele não perder a fluência da língua foi manter tudo que já possuía em japonês e continuar com os hábitos japoneses. Beto ressalta ainda que a interação e as conversas em japonês com os contatos e amigos japoneses foram determinantes.

- Sobre Brasil e Japão

BE – No Brasil, parece ambiente mais alegre, mas prefiro o Japão porque é mais seguro.
BE – Os japoneses, eles tem que manter essa relação de senpai, mas no Brasil pode falar já, como é que fala, amigos de igual. Eu acho bom porque se a gente ficar

mantendo essa coisa que o japonês fala, a gente começa a tomar medo das pessoas.

CA – Essa é a parte mais difícil que eu acho, às vezes, na escola japonesa, é isso. Eles dão esse nível de você tem que respeitar o mais velho e, muitas vezes o mais velho abusa né, tem muito disso também, e é estranho porque aí, vai sempre abaixando a cabeça, baixando a cabeça para tudo, né. Quando eu tirei ele da escola japonesa, na época, um dia o amiguinho dele chegou em casa, veio da porta da entrada até a cozinha de joelho me pedindo sumimasen [no sentido de com licença ou desculpe pelo incômodo] para entrar dento de casa. Aí eu falei para o Beto, que é isso? – Ah, acho que porque ele aprendeu na escola que ele tem que ser assim com os outros. Eu falei, - Não, não está certo isso não, como que ele vai ser assim para os outros, né?! Vai chegar na casa da pessoa, andar um corredor inteiro de joelho pedindo sumimasen para entrar dentro de casa.

CA – Tem um amigo do Beto que era bom aluno, entrou na faculdade, e tudo, mas desistiu por causa de ijime [bullying]. O ijime do japonês assim, é deixar o outro bem isolado assim. É tanto que eles falam, o Beto mesmo fala em casa que eles falam muito do Beto que tipo assim, pelo Beto ser um estrangeiro, o Beto se dá bem com todo mundo. Eles mesmos falam, né, - Nossa, você é estrangeiro? Mas, assim, ele tem um núcleo lá dentro de amiguinhos que estudam, né, que vão se ajudar, que estudam. Tanto é que ele mesmo fala que o pessoal que estudam todos com eles, todos conseguem notas. Ao mesmo tempo, eu acho engraçado que ele fala para mim assim que tem uns que não estudam nem nada, mas ficam ligando para ele pedindo para ele passar as coisas. E, eu falei assim, - E, você, o que você fala? Ah, eu ignoro. Tá bom porque se for uma pessoa mais fraca da cabeça, vai passar e vai viver, empurrando aquele para frente e, seria um ijime também porque está abusando do que ele sabe, né se aproveitando dele para conseguir as coisas.

CA - Na época que eu tirei ele da escola, eu tirei por isso. Eu estava vendo ele ir assim, nesse ritmo, ele estava assim, baixando muito a cabeça para tudo. Quando ia falar com ele, ele era meio grosso comigo, respondia assim meio grosseiro, né. E, isso aí, já é a revolta da pessoa que está sofrendo ijime, a revolta dele é essa, descontar em quem está ali. Uma vez a gente ia parar no combine [loja de conveniência] de carro e entrar. E, ele deu uma volta assim, e eu falei, - Por que é que você fez isso? Ah, porque aquela turminha ali são senpai da minha escola, não pode passar. Eu falei, - Como não pode passar? E, os meninos ficavam assim,

olhando ele, encarando. – Ele fez o que mandam, que é baixar a cabeça, então nesse ponto, eu acho errado isso. A escola dar tanta autoridade para umas crianças numas coisas assim que os outros têm que se encolher. Então, muitos deles já entram assim com medo. Já saem do Shogaku [Ensino Fundamental I] e shuugaku [Ensino Fundamental II[115]] com medo, e eu não sei. Nesse ponto eu acho que não está muito certo.

CA – Eu gosto do Japão. Eu acho que aqui as coisas funcionam. Se você trabalha dá para viver... A gente paga o imposto que é caro, mas a gente paga o imposto e vê o retorno. A gente anda nas ruas, não tem buraco nas ruas, a cidade é limpa, então a gente vê o retorno Não é fácil também, outro país, outra cultura, é longe... Meu marido até fala em comprar casa, mas por enquanto, até a gente se ajeitar, porque a faculdade dele [Beto] é cara, então é muito dinheiro[116], então, vamos aguentando sem fazer compromissos assim...

BE – Eu não queria embora.

CA – As pessoas, eu acho que assim, a partir do momento que a gente não está no nosso país, a gente tem que viver a cultura deles, eles são mais fechados e tudo, tem discriminação, tem, não vou dizer que não tem. Tem, entre uma coisa e outra sempre tem, um olhar diferente por a gente ser estrangeiro e tudo, mas assim, ah, eu não tenho muito o que dizer.

CA – A impressão que a gente tem deles é que eles são muito fechados, assim. Mas não. A partir do momento que você começa a conversar, que você tem um diálogo, assim com eles, uma convivência com eles, eles são amigáveis e são bem, assim, ajudam muito também.

BE – Eles são muito interessados, perguntam primeiro sobre refeição, como é que é a comida; depois, como é que é a cidade lá, se lá é igual ao Japão, por exemplo, se tem combine [loja de conveniência] igual aqui, se lá também tem; ou se não a cultura, se tem essa relação de senpai e kôhai também.

---

[115] No Brasil, a educação básica é a primeira etapa do ensino escolar. Com três etapas: Infantil com creche e pré-escola (crianças de 03 a 05 anos); Ensino Fundamental em duas etapas, do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano (para alunos de 06 a 14 anos) e o Ensino Médio (para alunos de 15 a 17 anos). Fonte: GOVERNO BRASIL. *Saiba como é a divisão do sistema de educação brasileiro*. Educação & Ciências. 12/05/2014. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2014/05/saiba-como-e-a-divisao-do-sistema-de-educacao-brasileiro/view. Acesso em: 10 nov. 2018.

[116] No Japão há modalidades de faculdades particulares, públicas ou de curta duração e, todas elas são pagas. Existem planos de bolsa, mas não custeiam todos os gastos de estudante. Fonte: RAMOS, Ana Paula. Quanto custa estudar em uma universidade no Japão? 01/10/2017. *Revista Alternativa*. Disponível em: http:// www.alternativa.co.jp/Servico/View/71531/Quanto-custa-estudar-em-uma-universidade-no-Japao. Acesso em: 10 nov. 2018.

BE – Eles veem muitos estrangeiros que quando cumprimentam o outro dão beijinhos na bochecha, eles acham estranho, olham com uma cara, né, aí, mas, eles perguntam se é normal, que japonês tem costume só aperto de mão ou abaixa a cabeça. – Não, mas entre estrangeiros, é assim, dá abraço, você vê a relação com uma pessoa e outra e, é diferente.

Carla explica um pouco o que ela acha ser um grande problema que é o relacionamento hierárquico nas escolas. Na realidade a sociedade japonesa está toda organizada de forme hierárquica, não só nas escolas, nos esportes, mas no trabalho e em toda a vida adulta. O trabalho de pesquisa de Kikuchi (2012) analisa a hierarquia social na sociedade japonesa, encontrando no fator tempo uma estrutura hierárquica estabelecida por duas referências, idade ou ordem ingresso no meio, expressadas pelos conceitos de *senpai* ou *veterano* e *kôhai* ou novato. O estudo verifica a pertinência da consciência hierárquica entre os japoneses na contemporaneidade e conclui que a relação *senpai-Kôhai* é a principal relação de referência hierárquica na sociedade japonesa e, ainda sugere que essa relação hierárquica também possibilita a criação de laços efetivos e de intimidade devido à proximidade e ligação constante e duradoura que os subordinados estabelecem com os veteranos, logo, essa relação vai além da "tutela" ou do mandonismo exercido pelo seu superior, mas também pressupõe uma carga de responsabilidade social.

> Na sociedade japonesa, a relação *"senpai-kôhai"* está imbricada com os estudos (e aprendizagem no sentido amplo), o trabalho e com qualquer atividade que seja executada em grupo social, ou que pressupõe antecedente e precursores. A realidade nos mostra que poucos setores da atividade humana dispensam essas características, e por isso, a relação "*senpai-kôhai*" pode ser considerada aquela que, relativamente, mais está presente na vida do indivíduo japonês. (KIKUCHI, 2012, p. 1117)

Por meio da fala da mãe, compreendemos o grande estranhamento e a discordância dela quanto a esse sistema que culturalmente é corrente no Japão. Já por meio da fala de Beto, percebemos o quanto ele estava envolvido na atividade de *Bukatsu* (atividade escolar extracurricular) de vôlei que ele praticava e acabou sendo o seu foco na época.

Carla comenta o excesso no ato do amigo que entrou em sua casa pedindo licença de joelhos e fala também pormenores do que ela presenciou a respeito da relação de *senpai* e *kôhai* da qual discorda. Essa relação de hierarquia social no Japão é expressa através da linguagem verbal, as mesmas palavras com o mesmo significado devem ser utilizadas de maneira adequada em relação a quem se dirige a palavra. Quer dizer que na prática, a expressão que utilizamos na língua japonesa, e também o modo como se fala é diferente se a

fala for dirigida a um superior ou a um subordinado, ainda que as duas signifiquem a mesma coisa. Nesse sentido, a palavra designadora do sentido não é só uma palavra, ela estará impregnada de ideologia e será um signo. "O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica." (BAKHTIN-VOLOVHÍNOV, 2010, p. 37).

Mas no geral, Carla declara que gosta de morar no Japão e vê muitas vantagens nisso. Seu filho, Beto, também quer continuar morando no país e, não pensa em voltar a morar no Brasil, ele prefere construir sua vida e permanecer no Japão.

- Sobre japoneses e brasileiros

CA – Eu pergunto muita coisa, e estou sempre em cima e, eu dou essa liberdade para ele, o que ele achar que tem um problema, alguma coisa que ele queira entender, é só perguntar.
BE – Direto, eu converso com ela sobre os meus amigos, né, chego da faculdade eu falo, do trabalho eu falo. Se eu tenho alguma dúvida eu vou perguntar também, né.
BE – Eu converso com a maioria dos meus amigos sobre isso, assim, metade chega em casa e conversa, metade não conversa, cumprimenta, passa pela sala vê o pai e a mãe, cumprimentou e vai para o quarto. Eles falam, - Ficar falando para quê? Não tem necessidade. Outros falam – Ah, é porque já sou adulto. Não, eu penso que não importa a idade que você tem, tem que conversar porque criou a gente desde criança e, chegar um tempo e não falar mais, eu acho muito estranho isso.
BE – A relação que tem entre uma pessoa que é brasileira e uma pessoa que é japonesa, é bem diferente, porque assim, por exemplo, nessas férias: eu saí só com gente brasileira, japoneses não saí com nenhum deles. Eles também não saem, eles também não são sociáveis. Pelo que eu escuto deles, eles não querem encontrar com ninguém, ou então preferem fazer ficar isolados fazendo o que eles gostam, lá na casa dele, ou com gente mais chegada, por exemplo, a namorada. Acham que dá trabalho que é mendokusai [algo irritante, problemático, trabalhoso]. Não querem conversar, preferem se isolar, acham mendokusai assim ficar contando isso, aquilo...
CA – Nossa, eu fico pensando, por esse lado, se a cabeça dos jovens for assim, Japão

vai se fechar cada vez mais, né...
[fala de outra pessoa que estava no recinto e não fazia parte dos sujeitos da pesquisa] – Por isso que tem o grande número de suicídios[117]*, porque não conseguem se abrir, né, não conseguem, eles já vão se fechando.*

O relacionamento entre mãe e filho parece muito estável e sólido, passado os desentendimentos da época da escola japonesa, e talvez com a maturidade também de Beto, é uma relação tranquila. Beto como conhece e convive muito com japoneses, consegue perceber e compreender a visão deles, o que os amigos japoneses falam e como se portam. Ele confirma a percepção da maioria dos entrevistados de que a relação dos japoneses é mais distante e, por vezes, beira ao isolamento. Talvez uma pista dessa atitude esteja relacionada ao modo como as relações são construídas e mantidas no Japão. Com muitas regras, normas sociais e de trabalho, além da questão da hierarquia, acaba ficando trabalhoso gastar um tempo das suas férias para realizar encontros com as pessoas. Existe uma série de etiquetas e boas maneiras do convívio social que todo o japonês realiza desde pequeno que requer um pouco de cerimônia, então, como eles dizem que isso é cansativo, às vezes, acabam preferindo se isolar. O Japão tem altas taxas de suicídios o que demonstra um grande problema social que precisa ser analisado, porém, nesse trabalho esse não será o foco. Apenas conste que isso é uma coisa que os brasileiros comentam muito no Japão.

- Telenovela do Brasil

CA – Eu assisto à novela, Pega Pega [Globo, 2017/2018], A Força do Querer [Globo, 2017], Novo Mundo [Globo, 2017], Fantástico, Jornal...
CA – Assisto pelo tablet, sobre a personagem da Ivana [A Força do Querer, (Globo, 2017)], eu acho bobagem a pessoa se fechar num mundo em homem é homem, mulher é mulher. Cada um é cada um, preconceito com isso, eu não tenho. Mas, o que eu não gosto na novela, é a cena de tráfico, é que mostra um deslumbramento muito grande que não deveria ser assim, né. A gente sabe que o mundo deles é esse, mas mostrar de uma forma tão assim mexe muito com a cabeça da meninada.
BE – Porque geralmente não é só adulto que assiste à novela.
CA – Eu acho que no Brasil, ninguém desliga a televisão por causa do filho que está

[117] O suicídio é a principal causa de morte entre os jovens no Japão, o maior número é de adolescentes do Ensino Médio. Fonte: BBC News Brasil. *Suicídio entre crianças e adolescentes no Japão atinge maior número em três décadas e alarma autoridades*. 07/11/2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-46117074. Acesso em: 10 dez. 2018.

ali. Então, eu acho que nesse ponto, puxa muito forte. Eu desligava a televisão na hora, quando passava uma cena de sexo. Ele não via isso.
BE – Ah, agora entendi!! [risos]
CA – Um programa que esse ano eu vi que não está legal e que muito jovem assiste Malhação [Globo, (2016/2017)], o que está falando, mostra assim, jovens muito rebeldes, respondendo, juntando, fazendo protesto, essas coisas, por coisas assim, às vezes, assim, bobagem. Aí isso aí mexe com a cabeça das crianças. Malhação é vista por muitos adolescentes.
BE – Porque as crianças na época de 12 aos 18 anos, eles querem fazer aquilo que está passando na televisão, né. Por exemplo, as de 12 até 15 pode ser até aqueles desenhinhos que aparece o poder, eles vão querer imitar, fazer igual. Chega dos 15 aos 18 anos eles veem uma coisa que é para adolescente, eles vão querer imitar, achar que aquilo ali está certo, isso acaba mexendo, né.
BE - A maioria assiste Malhação, alguns eram influenciados sim. Eles viam na Malhação, respondendo essa coisa e tudo, aí como é que fala, por exemplo, eles iam marcar para sair, - Ah, mas seu pai deixa, sei que seu pai é risco de não deixar, - Ah não, daijobu [está tudo bem], eu sei enganar ele, na Malhação fizeram assim, dá para fazer igual. Eu já vi fazendo isso.

Outros entrevistados também foram críticos quanto às crianças assistirem à telenovela, pois acham que o conteúdo é inapropriado. Carla acha que o deslumbramento mostrado na telenovela, nesse caso o deslumbramento da personagem Bibi com o crime (*A Força do Querer*, Globo, 2017) pode influenciar os jovens. Mesmo sabendo que a história não é real, ela está ancorada na realidade e a vivacidade com que a trama se desenrola faz com que o público acabe torcendo pela personagem. No aqui e agora da entrevista, Beto finalmente entendeu porque a sua mãe desligava bruscamente a televisão às vezes, o que foi motivo de riso dos participantes. Na verdade, Carla já achava inadequado para crianças na época em que Beto era pequeno.

Carla cita a *soap opera Malhação* que tem conteúdo voltado ao jovem e já está no ar por várias temporadas desde 1995, e que ultimamente tem apresentado conteúdo que ela considera como exemplos de rebeldia sem propósito. Beto confirma que o programa é visto por muitos jovens que chegam a imitar a novelinha. Para ele, o programa influencia e sugere algumas ações que, nesse caso lembrado, foram utilizadas para ludibriar o pai, conforme visto na trama do programa *Malhação*.

- Escola japonesa

BE – Escola japonesa é mais fechada, por exemplo, na escola japonesa não vê aluno de cabelo pintado, uniforme para fora, usando brinco. Alguns usam, mas o professor manda tirar.
CA – Escola japonesa tem padrão de uniforme, camisa para dentro, essa coisa. Então quando ele entrou na escola brasileira, já no ônibus, ele falou que era diferente, - Parece um outro mundo. Ele sentiu que as crianças estavam livre, no limite, claro. É um limitado, pode, desde que não seja extravagante. A minha mãe trabalha em uma escola brasileira que deixa mas fala assim, - Se for a passeio da escola, não pode ir, tem que tirar o piercing. Porque tem pai que acha ruim também, se a escola proibir.
BE - Lá na escola que eu trabalho, também, uma vez a gente foi chamar atenção de um aluno que estava usando boné na sala de aula porque é desrespeito com o professor, é contra a regra da escola, - Tira o boné, onegai [por favor], aqui na escola não usa boné. Aí no outro dia, o pai foi reclamar!!
BE – Geralmente é assim, eles vão tirar satisfação, - É assim mesmo? Aí a escola vai explicar como é...
BE - Mudei de escola, comportamento mudei bastante... Naquela época era o bukastu [clubes escolar de atividades extracurriculares], muito puxado.
CA- Ele falou, chegou a falar, - Ah, se não tirar nota, é só parar de estudar! Mas, eu pensei, - Assim, não. Já está pensando que pode parar de estudar...
BE – Naquela época eu ia na escola só por causa do Bukatsu, não prestava atenção na aula. Eu queria jogar para estar na final. Hoje eu dou privilégio para o estudo. Porque eu acho que o estudo garante o futuro. Hoje, se eu voltasse, eu acho que daria um tapa na minha cara.

A escola no Japão é um local que abriga os filhos enquanto os pais estão trabalhando, ela também assume algumas tarefas sociais de monitorar e visitar cada aluno no início das aulas para conhecer os pais e conciliar a educação escolar com o apoio dos pais em casa. É, portanto, uma instituição que acolhe e busca cuidar do bem estar social da criança. Mas por outro lado, também é um lugar em que a autoridade e disciplina são valorizados. Kikuchi (2012) explica o sistema rigoroso das escolas baseado na disciplina militar que pouco mudou hoje em dia.

> Todos os alunos são uniformizados, e a escola possui regulamentos que determinam o tipo de corte de cabelo, os adereços que podem ser usados, o comprimento da saia que as alunas podem vestir, medindo a partir do joelho, algumas escolas proíbem que seus alunos venham de bicicleta, etc. Então, não é por acaso que a existência de todas essas regras, detalhadas, faça recordar o militarismo implantado nas escolas japonesas na fase anterior à guerra. Talvez tenha mudado a feição e a filosofia oficial, mas o princípio continua o mesmo. Não por acaso, todas as escolas tem o seu hino e a sua bandeira. (KIKUCHI, 2012, p. 15).

Beto percebe bem essa diferença de mundos em relação ao universo da escola japonesa e o universo da escola brasileira, cada uma delas ligadas às suas respectivas tradições culturais. Para ele foi quase um choque cultural. Também reconhece hoje a grande influência que as atividades escolares extracurriculares tinham em sua vida. Na época ele fazia vôlei e não se importava muito com as notas, o sentimento de equipe, a cobrança nas participações dos jogos finais tinha toda a sua atenção. Atualmente, já mais maduro, ele reconhece que foi uma época difícil em que gostaria de se dar um tapa.

- Influência da telenovela

CA - No caso dele [Beto], não. Que influencia, sim, mas ele, não. Eu sempre gostei de televisão. Aqui assisto por distração, novela, é uma distração. É uma forma de distrair.

CA – Eu não gosto de televisão desligada, mesmo que não estou assistindo. Tem um barulho, sempre, mesmo não estando assistindo, a TV fica ligada. Converso com o marido, com o Beto, até quando está passando reportagem. Quando passam assim, tipo essas revoltas no Brasil, o pessoal vão e quebram tudo o metrô, o trem. - Pra que é que faz? Por que o metrô? O trem é tudo para benefício da população e, se quebra quem sofre é eles.

BE – O que me marcou na TV brasileira, essas coisas de preconceito. O beijo gay [Amor à Vida (Globo, 2013/2014)] eu vi muita gente comentando mal e isso eu achei ruim porque é a vida deles, se ele nasceu de um jeito e acha que quer ser de outro jeito, é igual um brasileiro querer virar um japonês, ele pode, não tem nada de errado. Eu achei bom a telenovela ter mostrado isso, porque ele mostra uma realidade e, o que é certo, que não tem nada de errado. Sendo que mesmo os outros criticando, eu achei que estava errado a crítica. Muito comentário negativo nas redes sociais, falando que mostra para criança que não é que deveria mostrar para criança. Mas tem que mostrar para criança para não ter preconceito, então, eu acho que não está errado.

BE – Carminha, eu assisti. [Carminha (Adriana Esteves) é uma personagem da telenovela Avenida Brasil (Globo, 2012)]. Aquela novela eu achava engraçada.
CA – Toda novela fala alguma coisa, a última que eu gostei, até porque a nossa relação, a relação com o meu pai é uma relação muito difícil, meu pai é oito ou oitenta e, as coisas dele é que dá certo, para gente nunca dá, talvez eu seja assim com o Beto porque eu não tive isso. E, uma novela que eu gostei foi a do Félix [personagem interpretado por Mateus Solano em Amor à Vida (Globo, 2013, 2014)] Porque ele [pai do Félix], né, fez o que fez com o filho, o Félix também errou, mas no final, foi ele que acolheu o pai. O meu pai saiu de casa quando eu tinha 11 anos, e acha que ele não fez nada de errado. Tudo que a gente passou, que a gente sofreu, ele acha, assim, que tem que ficar num esquecimento... Hoje em dia ele mora com minha mãe de novo, mas é um convívio muito difícil, mas ele não abaixa a cabeça, ele é meio grosseiro com a minha mãe, a gente não gosta disso. A novela que eu gostei foi isso, no final, para quem que ele teve que pedir um apoio e tudo... Então assim, foi uma novela que eu gostei, no final, teve muita coisa e tal, mas eu gostei. E, apesar de tudo, a gente respeita muito o meu pai, - Benção pai, benção mãe. Meu pai é japonês, minha mãe não. E, em casa se eu chamar meu pai de você, meu Deus!! Hoje em dia a gente tenta conviver com ele, assim, mas ele não cede. O final da novela, eu gostei por causa disso.

A telenovela com seus discursos produzem muitos e diferentes sentidos para os depoentes. Carla utiliza a televisão e os programas que gosta como uma forma de companhia também, mesmo que não esteja assistindo à televisão, ela prefere encher a casa com o barulho da televisão. Ela gosta, assiste aos programas e comenta com o filho e marido.

Beto e a mãe destacaram a mesma telenovela por motivos diferentes. No caso de Beto, ele ficou surpreendido com a reação negativa a respeito dos personagens gays da telenovela *Amor à Vida* (Globo, 2017). Essa foi uma telenovela lembrada por outros entrevistados também pelo mesmo motivo da repercussão sobre o primeiro beijo gay numa telenovela da Rede Globo. De maneira geral, os jovens se posicionaram a favor da liberdade de escolha para os personagens de Mateus Solano (Félix) e Thiago Fragoso (Nicolas).

Para Carla, o final da telenovela a fez relembrar dos seus conflitos com seu pai, já que a telenovela discute o tema da não aceitação do pai que se rende ao final, aceitando o filho. Esse paralelo da telenovela com sua relação com seu próprio pai a emocionou e destacou esse enredo em suas lembranças. Em ambos os casos, Beto e Carla, de alguma maneira se

identificaram com algum elemento presente na narrativa da telenovela que os fez marcar essa história. Beto acha que cada um pode ser o que quer, inclusive um "*brasileiro querer virar um japonês, ele pode",* e, ele ainda acha que as crianças poderiam assistir a esse tipo de conteúdo, pois ficariam com o olhar menos preconceituosos. E, Carla porque associou a relação do personagem Félix com o pai César (Antônio Fagundes) com a sua própria história de vida.

- Identidade

BE - Entre os japoneses, eles falam que eu sou um japonês puro. Entre os brasileiros, eles falam que eu sou brasileiro. Eu prefiro mais coisas japonesas.
CA – Título, fez agora, fez esse ano. Já fez alistamento e título para votar, o que precisa fazer é transferência.
BE – Acho que será bom, estaria cooperando muito para o país. Eu ia procurar na internet para me informar. Pela internet, raramente eu vejo jornal do Brasil.
BE - Eu consegui ver as duas culturas. A escola japonesa no Ensino Fundamental só conta a história do Japão. No Brasil conta a história do mundo dá para ter uma visão do mundo.
BE – Muitos param de estudar porque acham que não precisa, acham que a fábrica é suficiente. Um ou dois alunos reclamavam que o pai trabalhava muito, ficavam rebeldes porque não tinha contato com os pais.
BE – Japonês tem preconceito, então, para namorar, brasileira, acho que é mais fácil, mas eu não tenho preferência.
BE – Muita gente fala, - Nossa, mas você é estrangeiro mesmo? Pelo fato de eu conversar a fonética que é igual, não sei se é igual ou não, eles falam que meu jeito é japonês.

Uma das primeiras perguntas que o pesquisador faz nesse tipo de entrevista é o nome da pessoa. Mais de um entrevistado que possuía dupla nacionalidade ficou em dúvida sobre qual era o nome correto: o nome em japonês registrado no Japão, ou o nome brasileiro utilizado pelos familiares. Esse pequeno detalhe já nos dimensiona a complicação que é ser um estrangeiro ou ser uma pessoa de dupla nacionalidade. Principalmente, no caso japonês porque a letra da escrita é totalmente diferente do jeito ocidental.

Beto não se autodenomina, ele diz que cada grupo ao qual ele sente pertencer o entende como um deles. Na prática do dia a dia, é uma coisa boa, mas a própria pessoa na verdade não sabe onde está: mais perto de um grupo, mais perto de outro grupo ou integrante

de um terceiro grupo, dos que estão nos dois? Ele diz que não quer voltar para o Brasil, mas deixou seus documentos em ordem. Ele acha que, mesmo de longe, poderá contribuir para o destino do Brasil, e nesse sentido, demonstra um sentimento de pertencimento à nação.

Ele conseguiu um lugar no "entre-lugares" (BHABHA, 1998) que é o seu lugar seguro, do qual ele se sente apto nas duas culturas, e que pelo menos por agora, não oferece perigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa investigou a mediação da telenovela brasileira na relação intergeracional, entre pais e filhos que moram no Japão. Na pesquisa de Mestrado, anteriormente realizada (SUZUKI, 2014), já tínhamos constatado que a telenovela produz sentidos não apenas de identidade e nacionalidade brasileira, mas também estava presente nas relações entre pais brasileiros e seus filhos no Japão. Com base nesse achado do estudo anterior, a presente pesquisa procurou enfocar quais as mediações construídas por meio dos discursos da e/ou sobre a telenovela brasileira e quais os espaços simbólicos de mediação ocupados por ela na relação intergeracional entre pais brasileiros que emigraram para o Japão e seus filhos nascidos ou levados para esse país ainda crianças.

Cabe lembrar que a condição de imigrantes desses brasileiros também se transmite para os seus filhos, mesmo quando as crianças são nascidas naquele país, uma vez que o nascimento não confere a elas o direito à nacionalidade como acontece no sistema *Jus Solis*[118]. No cotidiano desses imigrantes, não é somente a questão do idioma ou da aparência próxima ou não do biótipo japonês, vários indícios apontam e lembram que essa criança está em solo estrangeiro. A começar pela pronúncia de seu nome que é diferente de um nome japonês. Além disso, a escrita do seu nome que também é diferente porque o japonês tem um tipo de letra própria para designar sons ou fonemas estrangeiros. Essas marcas fazem com que a criança cresça sabendo que não pertence totalmente àquele local. Assim, podemos dizer que tais crianças crescem em um terreno no qual devem construir sua identidade com base em uma dupla ancoragem; ou seja, em um "entre-lugares" (BHABHA, 1998) que as posiciona de maneira diferenciada e vai influenciar nas suas relações sociais e interpessoais, bem como em seu comportamento e visão de mundo.

Muitos desses filhos conhecem o Brasil e sua cultura por meio das histórias que os pais lhes contam ou por meio dos meios de comunicação, em especial, da televisão. Fatos e informações são noticiados e divulgados nas redes sociais, caso estudem em escola brasileira têm acesso aos conteúdos do currículo escolar brasileiro sobre o país. Mas, em se tratando do cotidiano social, hábitos, jeito de falar, vestuário, comportamentos e visão de mundo, a trama e os discursos da telenovela são um rico manancial para que produzam sentidos e façam observações acerca da vida e dos costumes dos brasileiros no Brasil.

---

[118] *Jus Solis* (em latim) ou direito de solo, confere ao indivíduo o direito de nacionalidade do lugar onde nascer.

Dessa forma a telenovela, suas tramas, temas e imagens motivam discussões e debates além de proporcionar elementos para a construção de discursos que inter-relacionam essa experiência estética de assistir às histórias ficcionais brasileiras com os discursos dos pais e da escola sobre o Brasil matizando visões de mundo e de culturas. A relação e os sentidos produzidos pela telenovela permeiam as negociações de sentidos sob diversos aspectos (escola, relações amorosas, relações interpessoais, vestimenta, linguajar, comportamento, atitudes, preferências musicais, tendências e estilos) tanto na relação social dos pais, na relação social dos filhos quanto na relação parental entre eles.

É preciso pontuar que o Japão é o terceiro destino escolhido pelos brasileiros ao emigrar, apesar da grande diferença cultural da língua, da comida, dos hábitos sociais etc. Considerando tudo isso, em relação ao tema de pesquisa, o desafio foi observar nos discursos da/sobre a telenovela brasileira, elementos que indicassem os sentidos produzidos por esse produto cultural e sua mediação na relação intergeracional entre os imigrantes brasileiros e seus filhos. Dessa forma, como defende Martín-Barbero (2008, p. 294), nossa pesquisa teve como pontos de partida e de chegada as "mediações, isto é, [os] lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão.".

Diante dos desafios de pesquisa, partimos da questão da identidade, considerando-a como um elemento chave (BERGER; LUCKMAN, 2012) da realidade subjetiva que constrói uma relação dialética com a sociedade e, assim seguimos três possibilidades:

(1) a relação intergeracional construída por meio de intensa negociação entre os pais é filhos é mediada pela influência da telenovela que contribui para um imaginário de brasilidade, motiva conversas e entendimentos que acabam ajudando a demarcar territórios, confrontos e limites;

(2) ao assistir às telenovelas brasileiras e produzir novos significados sociais, essa nova compreensão ativa um processo de (re)construção identitária nos pais que ocorre na instância subjetiva da aceitação da moral da narrativa ou da sua negação, modelando valores já adquiridos/aceitos que vão influenciar na tomada de decisão com relação aos seus filhos;

(3) a telenovela como mediadora nas relações entre pais e filhos, possibilita aos filhos, por meio da construção de sentidos proporcionada pela tramas, conhecer o universo cultural dos pais e estabelecer formas de interação com eles.

A metodologia adotada foi o estudo qualitativo de recepção com o estudo de caso como técnica de pesquisa. Utilizamos, ao longo de encontros com os diversos sujeitos da pesquisa, as técnicas de grupo de discussão, entrevista em profundidade, e história de vida. O quadro teórico baseou-se nos Estudos Culturais, com especial ênfase à abordagem das Mediações, nos estudos de linguagem de Bakhtin e na Análise do Discurso de linha francesa. Após a discussão teórica, realizamos a pesquisa de campo que teve lugar nas cidades de Hamamatsu, Oizume e Ota. Para seleção dos sujeitos da pesquisa no grupo de discussão utilizamos um questionário preliminar com alunos do segundo e terceiro ano do Ensino Médio de uma escola brasileira de Hamamatsu, foram dois grupos de discussão com oito e seis alunos participantes. Para as entrevistas em profundidade, montamos um site virtual com questionário para seleção de possíveis sujeitos e realizamos contatos por meio de uma rede de pessoas que foram se formando ao longo da pesquisa. Ao todo foram 37 entrevistas em profundidade, das quais selecionamos oito que formaram a nossa amostra operacional. As histórias de vida foram realizadas com os pais adultos, que participaram da entrevista em profundidade. Também conversamos com pessoas que estão relacionadas com as questões dos imigrantes brasileiros no Japão: jornalistas, professores, editores, psicólogas, funcionários de órgão públicos e de ONG's.

Ao longo das análises, identificamos que a telenovela brasileira é um meio de atualização de conteúdos e temas para esses brasileiros que vivem distante de nosso país e que é entendida como um retrato social do cotidiano dos brasileiros. Os que não conhecem pessoalmente o país acreditam que a telenovela cumpre um papel de mostrá-lo, já outros relatam pontos negativos nessa representação social que é marcada, segundo esses sujeitos, pela necessidade de audiência e interesses mercantis. De modo geral, os entrevistados são críticos quanto ao conteúdo das tramas da telenovela, principalmente em relação à apresentação de cenas de sexo e de violência, destacando que consideram o conteúdo impróprio principalmente para as crianças que possam estar assistindo. Apesar de todos ressaltarem grande preocupação com relação às cenas de violência e criminalidade apresentadas na telenovela, a maioria considera que tais enunciados são úteis para alertar e mostrar uma outra realidade social distante da que vivem no Japão.

Quanto às temáticas envolvendo sexualidade, preconceito, identidade de gênero, vícios em jogos que foram mostradas na telenovela que estava sendo exibida no momento das entrevistas, *A Força do Querer* (Globo, 2017), a maioria dos jovens acha positivo retratar temas que são polêmicos para que as pessoas tenham mais consciência e menos preconceitos. Já os pais possuem um olhar mais crítico, embora muitos deles admitam que isso possa

contribuir para evitar preconceitos, ou esclarecer situações novas. Ao longo das entrevistas, notamos o espaço de mediação da telenovela em suas vidas não é algo consciente, mas existe. E isso é admitido indiretamente, mas não é assumido com clareza, pois a associam a uma ideia de submissão do sujeito.

O trabalho de pesquisa sobre a mediação da telenovela entre pais e filhos no Japão apontou as seguintes considerações:

a) A telenovela constrói-se como mediação, ou seja, como instância por meio da qual é possível observar as diversas camadas de sentidos proporcionadas por seus discursos que conjugam matrizes culturais e as injunções sociais, econômicas e culturais envolvidas no formato. Dessa forma, foi possível observar o embate incessante entre alguns aspectos dos comportamentos e valores das duas culturas, a brasileira e a japonesa, constituintes da dupla ancoragem a que nos referimos anteriormente. A materialidade desses embates pode ser observada: no consumo de produtos exibidos na telenovela; na discussão sobre os valores e visão de mundo de brasileiros e japoneses; no estranhamento e/ou aceitação de comportamentos mostrados na telenovela.

b) A telenovela é reconhecida como uma fonte de informação e atualização da sociedade brasileira gerando novos olhares e conhecimentos sobre os assuntos que estão sendo discutidos na sociedade brasileira.

c) A telenovela possibilita uma forma de contato entre as pessoas que comentam, discutem e trocam ideias, sentidos e valores construídos e compartilhados a partir das tramas e temas mostrados na ficção televisiva.

Como se trata de pessoas que emigraram para o Japão na busca por uma qualidade de vida melhor, a ser adquirida por meio de sua remuneração laboral, seu cotidiano efetivamente é pautado pela relação trabalho e vida familiar. As condições de trabalho dos pais atingem diretamente a vida dos seus filhos, principalmente na maneira com que eles se relacionam com seus pais. Para os pais, o principal é conseguir suprir as necessidades materiais e financeiras da família, assim, o tempo livre e o lazer com os filhos acabam ficando em segundo plano. Nesse sentido a telenovela funciona como um ponto de contato entre pais e filhos mediando a relação deles a partir do espaço de convívio durante a assistência à telenovela. Por meio dessa assistência, pais tentam conectar-se ao Brasil e a suas raízes e filhos tentam entender o mundo dos pais. No entanto, a intensidade e a frequência do assistir à

telenovela brasileira vão diminuindo com o passar do tempo. Entre os motivos para isso encontramos algumas possíveis explicações: a) para os pais conforme aumenta a sua integração na comunidade local, com os japoneses, e diminui seu tempo de lazer. Também é importante pontuar que a telenovela concorre com outros dispositivos e meios digitais em termos de conteúdos; b) já para os filhos um fator importante é a integração social escolar, os amigos e companhias da escola reforçam hábitos de consumo de conteúdos ou sugerem novas plataformas e outras distrações para seus momentos livres. Conforme os filhos crescem a tendência é diminuir e parar de assistir à telenovela, pois ingressam na turbulenta vida corrida de compromissos da vida adulta.

Além disso, os jovens fazem uso mais frequente de outras plataformas de conteúdos que concorrem com as telenovelas. É claro que o fator tempo é muito importante, mas em alguns casos, a telenovela deixa de ser vista por conta de mudança de estilo de vida. Os hábitos trazidos do Brasil, como é o caso da assistência à telenovela vão sendo substituídos porque os pais tornam-se mais críticos quanto aos discursos e imagens das telenovelas brasileira, principalmente em relação às crianças. Essa visão mais crítica vai se construindo no espaço da cultura do Japão, então ocorre uma comparação com os padrões e programas da televisão japonesa, inclusive com as tramas e temas da telenovela japonesa.

Sobre as questões de relacionamento entre pais e filhos, um ponto importante é a constituição familiar. Pais separados, ou não, terão condições e histórias diferentes, como é esperado, em qualquer lugar. Mas, observando os discursos dos filhos e, então sob a ótica desses jovens; além do relacionamento entre os pais, o trabalho dos pais e sua disponibilidade de tempo são um dos fatores preponderantes nas relações intergeracionais. Com relação a nossas hipóteses formuladas no início das pesquisas temos que:

1) A telenovela realmente funciona como uma mediação nas negociações entre pais e filhos. Contribui para um imaginário de Brasil e, em alguns casos, é formadora desse imaginário, principalmente para os jovens que não conhecem o país. Além disso, ao assistirem juntos à ficção televisiva, as tramas e os temas retratados na telenovela são discutidos em família e servem de ponte para construções do mundo real, ou seja, a telenovela apresenta uma trama que está inscrita num mundo ficcional, e esse fato é trazido para a realidade e discutido hipoteticamente sob as condições reais desses sujeitos da pesquisa que se encontram entre as duas culturas. A trama da telenovela serve como um exemplo matriz que é colocado

sob as condições reais dos interlocutores que debatem possibilidades reais de ações e comportamentos sociais.

2) Para os pais, a telenovela serve como uma forma de atualização e ao assistir às telenovelas brasileiras contrapõem os sentidos por ela produzidos aos sentidos dos discursos presentes na sociedade japonesa, negociando internamente e familiarmente aspectos de sua subjetividade, comportamentos e valores sociais.

3) Para os jovens, a telenovela serve para mostrar outras visões de mundo diferentes de seu meio habitual, referenciado na sociedade japonesa. Isso porque a mediação da telenovela proporciona a produção de novos sentidos identitários, alargando os significados sociais conhecidos por eles. Dessa forma, além de conhecer o universo cultural dos pais e estabelecer formas de interação com eles, os sentidos novos produzidos pelos filhos também vai ajudar a moldar a visão dos pais, influenciando em suas relações de interação.

Dessa forma, a força e a importância da telenovela ganham corpo por meio da mediação familiar a partir da qual esse produto cultural adquire, ele mesmo, seu estatuto de mediação. A partir do espaço de mediação da telenovela percebemos, para além do que imaginávamos, um indício de que são os filhos que tentam se aproximar dos pais por meio dos temas e personagens da telenovela. Os filhos discutem e atualizam os valores de seus pais em um processo de renegociação constante, ou seja, em um vai e vem constante, um ganha e perde que mais do que equilibrar serve como uma ponte entre deles. As diferenças entre o pensamento de pais e filhos é recorrente, como seria comum de acontecer entre gerações, se por um lado os pais se tornam mais críticos e severos - pois já estão inseridos há muito no mundo social japonês - , por outro lado, eles estão menos seguros quanto ao desbravamento desse mundo em que ele também é um ser estrangeiro, no sentido de diferente. E, com o passar do tempo o mundo social do filho naturalmente se distancia dos pais, seja pela distância natural das condições de idade e geração, seja pelo distanciamento da língua a medida que se inserem na sociedade local, e facilita nas negociações intergeracional.

Os temas de pesquisa são amplos e todos passíveis de desdobramentos futuros, mas o caminho percorrido até aqui foi árduo, não foi tarefa fácil ouvir, entender, interpretar e buscar compreender a dimensão de tudo que estava sendo enunciado nas entrevistas porque são vidas de pessoas que existem e, que continuam depois da conclusão desse trabalho de pesquisa. Gostaria ainda de destacar que o próprio percurso representou uma experiência única no sentido de proporcionar não apenas conhecimento, mas também e principalmente uma

experiência de vida e de pesquisa que eu própria não tinha imaginado até então. Enfim, a telenovela ocupa um espaço simbólico de mediação que traz lembranças, produz sentidos de identidade e brasilidade, atualiza informações, serve de ponte e de referência para as relações entre pais e filhos que negociam, discutem, debatem e nesse confronto cotidiano aprendem a estabelecer limites e demarcar territórios no entre-lugares, divididos entre as duas culturas, a japonesa e a brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABER, Sara; ATTIAS-DONFUT, Claudine. *The Myth of generational conflict: the Family and state in ageing societies*, Nova York: Routledge, 2000.

ABRAMS, Philips. *Historical Sociology*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1982.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero: "muitas coisas"* Bauru: Anpocs: EDUSC, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ARAGÃO, Alexandre. A moda das faixinhas de cabeça. *Veja São Paulo*, Cidades, SP, 01/06/2017. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/headband-tendencia-verao/. Acesso em 10 nov. 2018.

BACCEGA, Maria Aparecida. Da comunicação à educação: a importância dos estudos de recepção. *Comunicação & Educação*, ano XI, n. 3, p. 409-414, set/dez. 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. Discurso da comunicação: encontro entre ficção e realidade. *Comunicação & Educação*, ano XII, n. 3, p. 23-34, set/dez. 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Narrativas ficcionais de televisão: encontro com os temas sociais. *Comunicação & Educação*, v. 26, n. 7, jan./abr. 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. Ressignificação e atualização das categorias de análise da "ficção impressa" como um dos caminhos de estudo da narrativa teleficcional. *Revista Comunicácion*, n. 10, v. 1, p. 1290-1308, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BALOGH, A. M. *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 70-191.

BARROS, Myriam Lins. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: _____. *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC News Brasil. *Suicídio entre crianças e adolescentes no Japão atinge maior número em três décadas e alarma autoridades*. 07/11/2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-46117074. Acesso em: 10 dez. 2018.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, Carolina de C.; MAGALHÃES, Andrea S. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, v. 16, n. 2, p. 171-177, mai/ago. 2011.

BUONANNO, Milly. Além da proximidade cultural: não contra a identidade, mas a favor da alteridade. Para uma nova teoria crítica dos fluxos televisivos internacionais. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

BRANDALISE, Roberta. *A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. Um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço.* Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), ECA/USP, São Paulo, 2011.

BRANDALISE, Roberta. *Comunicação e Cultura: sementes híbridas em campos cercados na fronteira Brasil-Argentina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), ECA/USP, São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Felipe. Site Terra entretenimento. RD1. *Prisão de Bibi faz "Força do Querer" bater o próprio recorde de audiência.* 12/09/2017. Disponível em: https://rd1.com.br/prisao-de-bibi-faz-forca-do-querer-bater-o-proprio-recorde-de-audiencia/. Acesso em 10 nov. 2018.

BRANDÃO, Helen Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: Figaro, Roseli (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.* São Paulo: Edusp, 2008.

CASEY, James. *A história da família*. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHO, Wallace. *"A Força do Querer": conheça os personagens da nova novela das 9.* Atualizado em 08/02/2017. Disponível em: https://gshow.globo.com/tv/noticia/a-forca-do-querer-conheca-os-personagens-da-nova-novela-das-9.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHERRIER, Pauline. Japanese Immigrants in Brazil and Brazilian Dekasseguis in Japan: Continuity of the Migration's Imaginary vs. Reality. In: MITA, Chiyoko et al. (Eds.). *Sociedade Japonesa e Migrantes Brasileiros: novos caminhos na formação de uma rede de pesquisadores*. Centro de Estudos Lusófonos da Universidade de Sofia. Tokyo: Center For Lusophone Studies - Sophia University, 2008. p. 37–43.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

COSTA, João Pedro Côrrea. *De decasségui a imigrante.* Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

DANTAS, José Guibson Delgado. Teoria das Mediações Culturais: uma proposta de Jesús Martin-Barbero para o estudo de recepção. In: X CONGRESOO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, São Luis-MA, 12 a 14 de junho de 2008. *Anais eletrônicos*... Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013.

DANTAS, Sílvia Góis. *Gerações femininas em (re)construção: o discurso da série televisiva 3* Teresas. 2018. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade São Paulo, São Paulo, 2018.

DEL RÉ, Adriana. *"Hoje vivemos uma época em que tudo se polemiza", diz Gloria Perez: autora da novela das 9 da Globo, "A Força do Querer", fala sobre tabus na televisão*. Estadão. Caderno de Cultura. 16/10/2017. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,hoje-vivemos-uma-epoca-em-que-tudo-se-polemiza-diz-gloria-perez,70002046123. Acesso em: 10 nov. 2018.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/05/2011. *Exibido o primeiro beijo "gay" na televisão brasileira.* Disponível em: https://www.dn.pt/tv-e-media/televisao/interior/exibido-o-primeiro-beijo-gay-na-televisao-brasileira-1851644.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Ática, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Ática, 2009.

ELIAS, Norbert; SCOTSON John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIOT, T. S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

FELDMAN-BIANCO Bela. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: UNESP, 2010.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 185–204, ago. 2010.

FERRIGNO, José Carlos. *Conflito e cooperação entre gerações*. São Paulo: Sesc, 2013.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FILHOS do Bambu. Edição e Produção: Helen Suzuki. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2007. Peça/livro integrante do Trabalho de Conclusão do Curso (Produção Editorial) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cotidiano. *Polícia prende homem suspeito de aliciar jovens para jogar Baleia Azul*. Atualizado em 18/07/2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1902136-policia-civil-faz-operacao-contra-o-jogo-baleia-azul-em-nove-estados.shtml. Acesso em 22 dez. 2018.

GALLO, Odara. UOL. Novelas. *Modelo trangênero entra em A Força do Querer para orientar Ivana*. 28/06/2017. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/modelo-transgenero-entra-em-a-forca-do-querer-para-orientar-ivana--15662. Acesso em 10 nov. 2018.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Conceitos essências da Sociologia*. São Paulo: Unesp, 2017.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GLOBO.COM. G1. Caruaru e Região. *Psicóloga fala sobre o caso da personagem Ivana, de 'A força do Querer': caso tem causado repercussão, principalmente nas redes sociais, abrindo espaço para debate*. 10/08/2017. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/saude-em-caruaru/noticia/psicologa-fala-sobre-o-caso-da-personagem-ivana-de-a-forca-do-querer.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

GLOBO.COM. G1 *Saiba como foi o fim de "Breaking Bad"*. 29/09/2013. Disponível em: http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/09/saiba-como-foi-final-de-breaking-bad.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

GOLDFAJN, Ilan. Década de 2000. In: RESENDE, André Lara et al. *Economia Brasileira: notas breves sobre as décadas de 1960 a 2020.* Notas de fevereiro de 2018. Disponível em: http://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2018/02/180207ECONOMIA-BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.

GOVERNO BRASIL.. *Saiba como é a divisão do sistema de educação brasileiro*. Educação & Ciências. 12/05/2014. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2014/05/saiba-como-e-a-divisao-do-sistema-de-educacao-brasileiro/view. Acesso em: 10 nov. 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

GSHOW. Bastidores. *Gloria Perez usa ficção para levantar importante alerta sobre o universo dos jovens*. Atualizado em 26/06/2017. Disponível em: https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/gloria-perez-usa-ficcao-para-levantar-importante-alerta-sobre-universo-dos-jovens.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história.* São Paulo: Paz e Terra, 2008

INUZUKA, Yassue. Identidade dekasegui – características psicológicas. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS JAPONESES NO BRASIL – PARA ALÉM DO JAPÃO: BRASIL, CANADÁ E FRANÇA. *Anais*... XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Literatura e Cultura Japonesa - ENPULLCJ. São Paulo: [s.n.], 2009. p. 249–258.

IPC Digital. *Por que as crianças japonesas vão sozinhas para a escola?* 26/11/17. Disponível em: https://ipc.digital/por-que-as-criancas-japonesas-vao-sozinhas-para-a-escola/. Acesso em: 10 nov. 2018.

ISHI, Angelo. Reflexões sobre os 20 anos do movimento "Dekassegui" - a perspectiva de um brasileiro radicado no Japão. In: Seminário "*20 anos dos brasileiros no Japão", 2010, Tokyo*. [Vários autores]. Brasília: FUNAG, 2010. p. 11–20.

ISTOÉ Dinheiro. Economia. *A nova classe média brasileira. 26/07/2007*, atualizado em 01/12/2016. Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20070926/nova-classe-media-brasileira/16161. Acesso em: 10 nov. 2018.

JACKS, Nilda (Coord.). *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil.* Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio (Coords.). *TV, Família e identidade: Porto Alegre "fim de século"*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2 ed. Brasília: [s.n.], 2012. E-book. Disponível em: http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

JONH, Valquíria M.; SANTOS, Robson Souza dos. Família de novela: análise das composições familiares das telenovelas da rede Globo e Record. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul, RS. *Anais eletrônicos*... Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2392-1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintomas?* Porto Alegre: Sulina, 2012.

JOST, François. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KAMATA, Fátima. *A Via-Crucis do Yonsei*. IPC Digital. 03/03/2016. Disponível em: http://www.ipcdigital.com/vitrine/119_yonsei/. Acesso em: 10 nov. 2018.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C. (Orgs.). *Tendências em comunicação digital*. São Paulo: ECA/USP, 2016. p. 38-58.

KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros? – imigrantes brasileiros no Japão.* São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

KIKUCHI, Wataru. *Relações hierárquicas do Japão Contemporâneo: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa*. 2012. 221 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2012.

LA PASTINA, Antonio C. Recepção de telenovelas e o cisma entre produção nacional, distribuição global e consumo local. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LESSA, Juliana. GShow. Batidores. Rio, 09/02/2017. *Silvero Pereira se prepara para estrear na TV 'A Força do Querer': fundador do coletivo artístico As Travestidas, ator vem de uma longa carreira nos palcos*. Disponível em: https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/silvero-pereira-se-prepara-para-estrear-na-tv-em-a-forca-do-querer.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

LITVIN, Aaron. A adaptação social e econômica dos migrantes brasileiros no Japão: um estudo de campo em Shizuoka, Yamanashi e Gunma. In: MITA, Chiyoko et al. (Eds.). *Sociedade Japonesa e Migrantes Brasileiros: novos caminhos na formação de uma rede de pesquisadores*. Centro de Estudos Lusófonos da Universidade de Sofia. Tokyo: Center For Lusophone Studies - Sophia University, 2008. p. 74-78.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Telenovela como recurso comunicativo*. *MATRIZes*, São Paulo, v. 3, n 1, p. 21-47, ago./dez. 2009.

LUYTEN, Sonia Bibe. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Editora Liberdade, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1997.

MARRA, Marlene M. A transmissão geracional segundo Jacob Levy Moreno. In: PENSO, Maria A.; COSTA, Liana F. (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, 2008. p. 57-75.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Souza, Mauro Wilton. (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemoni*a. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.* São Paulo: Senac, 2004.

MATTERLART, Michèle; MATTERLART, Armand. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MAXWELL, Roberto. Migrantes brasileiros em Yaizu, Shizuoka, Japão – um perfil sócio-econômico. In: MITA, Chiyoko et al. (Eds.). *Sociedade Japonesa e Migrantes Brasileiros: novos caminhos na formação de uma rede de pesquisadores*. Centro de Estudos Lusófonos da Universidade de Sofia. Tokyo: Center For Lusophone Studies - Sophia University, 2008. p. 91-101.

MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Pauo: Loyola, 2005.

MICELI, Sérgio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MÍDIA DADOS BRASIL 2018. *Guia completo 50 anos*. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.gm.org.br/midia-dados-2018. Acesso em: 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO. *[Controle de imigração de cidadãos japoneses e estrangeiros]*, 2013. Disponível em: http://www.moj.go.jp/ENGLISH/m_hisho06_00044.html. Acesso em 10 jan. 2016.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO. *[Estatística internacional de estrangeiros brasileiros]*, 2018a. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO, *[Nacionalidade de estrangeiros por idade e gênero],* 2016. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20160&month=12040606&tclass1=000001060399. Acesso em: 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO. *[Nacionalidade de estrangeiros por idade e gênero]*, 2018b. Disponível em: https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00250012&tstat=000001018034&cycle=1&year=20170&month=24101212&tclass1=000001060399. Acesso em 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO. *[Número de residentes estrangeiros por nacionalidade],* 2018c. Disponível em: http://www.moj.go.jp/content/001271378.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO. (Japan Immigration Association). *Zairyuu gaikokujin toukei*. [Estatística dos estrangeiros residentes no Japão], 1995 a 2001.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo – 2015 (números atualizados em 29/11/2016).* Disponível em: http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. *Japão*, 2010. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/temas/temas-politicos-e-relacoes-bilaterais/asia-e-oceania/japao/pdf. Acesso em 14 fev. 2013.

MIYAZAKI, Silvio. Possíveis efeitos benéficos à economia brasileira da emigração de nikkeis ao Japão. In: *Centenário: contribuição da imigração japonesa para o Brasil moderno e multicultural*. [Vários autores]. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010. p. 373–379.

MOTTER, Maria de Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 74-87, dez./fev. 2000-2001.

MOTTER, Maria Lourdes. *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela.* São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

MOTTER, Maria de Lourdes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela. Empréstimos e doações. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

MOTTER, Maria de Lourdes. Telenovela: arte do cotidiano. *Comunicação & Educação*, n. 13, p. 89-102, set./dez. 1998. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36828/39550. Acesso em: 10 nov. 2018.

MOTTER, Maria de Lourdes; JAKUBASZKO, D. Os limites do merchandising social na telenovela brasileira In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília, DF. *Anais eletrônicos*... Disponível em: http: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/ resumos/R0258-1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013.

MOTTER, Maria de Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. *Revista USP*, São Paulo, n. 76, p. 157-166, dez./fev. 2007-2008.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Ecos da memória da nação na Minissérie Queridos Amigos. *Comunicação, meios e mensagens*, v. 10, n. 2, set. 2010.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Narrativas complexas na Ficção Televisiva Brasileira. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2012. Fortaleza, CE. *Anais eletrônicos*... Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0503-1.pdf. Acesso em 10 nov. 2018

NAIFF, Denis Giovani Monteiro; NAIFF Luciene Alves Miguez. Halbwachs, Bartlett, Vygotsky: em busca de uma perspectiva psicossocial da memória. *Ci. Huma. E Soc. Rev. Seropédica*, v. 32, n. 1, p. 149-164, jan./jun. 2010.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

OBITEL, 2018. Anuário. LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Orgs.). *Ficção televisiva Ibero-Americana em plataformas de vídeo on demand.* Porto Alegre: Sulina, 2018.

OKAMOTO, Mary Yoko. *Imigração Japonesa: rupturas e reconstrução de vínculos afetivos*. São Paulo: Arte & Ciência, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela história e produção.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAHL, Jan. *Money and Marriage*. Basingstoke: Mcmillian, 1989.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

PINTO, Ana Estela de S. *Quarta geração precisará de "mentor local" para morar no Japão*. Folha de São Paulo/UOL. 02/09/2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/quarta-geracao-precisara-de-mentor-local-para-morar-no-japao.shtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PORTAL MIE. *Bosozoku: rebeldes que estão desaparecendo do Japão*. 15/12/2016. Disponível em: http://www.portalmie.com/atualidade/2016/12/bosozoku-rebeldes-que-estao-desaparecendo-no-japao/. Acesso em: 10 nov. 2018

PRIORE, M. D. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

RAMOS, Ana Paula. Quanto custa estudar em uma universidade no Japão? 01/10/2017. *Revista Alternativa*. Disponível em: http://www.alternativa.co.jp/Servico/View/71531/Quanto-custa-estudar-em-uma-universidade-no-Japao. Acesso em: 10 nov. 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em Weblogs: proposta de uma taxonomia. In: 15º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, UNESP-Bauru. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Unesp, 2006. p. 1-15 . Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_536.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: BARROS, Myriam Lins de. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 91-106.

ROCHA, Pedro. Estadão. *Inspiração para Bibi Perigosa de "A Força do Querer", Fabiana Escobar relança autobiografia*. 16/08/2017. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,inspiracao-para-a-bibi-perigosa-de-a-forca-do-querer-fabiana-escobar-relanca-autobiografia,70001937334. Acesso em: 10 nov. 2018.

RONSINI, Veneza Mayora (Org.). *Sociedade, mídia e cultura*. Santa Maria, RS: Capes, 1996.

SACRAMENTO, Igor. Formas de cronotopo e de exotopia nas adaptações de O Pagador de Promessas. *Realidade e Ficção*, v. 20, n. 1, p. 86-99, 1º semestre de 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/7712/5576. Acesso em: 10 nov. 2018. doi.org/10.12957/logos.2013.7712.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SARAIVA, Luis F. de Oliveira et al. A "nova classe média": repercussões psicossociais em famílias brasileiras. *Psicologia USP*, v. 26, n. 1, p. 52-61, 2015.

SARTI, Cynthia. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. do Carmo Brant. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC, 1995. p. 39-49.

SASAKI. Elisa M. A questão da identidade dos brasileiros na migração entre Brasil e Japão. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SASAKI. Elisa M. Dekassegui: um jogo identitário. In. SIMPÓSIO 15 ANOS DO MOVIMENTO DEKASSEGUI: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 2001, São Paulo. *Anais*... São Paulo: [s.n.], 2001.

SASAKI. Elisa M. Um olhar sobre o "Movimento Dekassegui" de brasileiros ao Japão no balanço do centenário da imigração japonesa ao Brasil. In: *Centenário: contribuição da imigração japonesa para o Brasil moderno e multicultural*. [Vários autores]. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010. p. 36-372.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Ana Carolina; ZABAKI, Rosana.Veja São Paulo.08/09/2017. *"Ivanas" da vida real: trasngêneros que venceram o preconceito*. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/transgeneros-sao-paulo-ivana-a-forca-do-querer/. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOBRAL Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

SOCIOLOGIA. A "nova classe média". 28/07/2017. Disponível em: http://sociologiaciencia evida.com.br/a-nova-classe-media/. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOHISTORIA. *Lenda do Boto*. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/boto/. Acesso em 10 nov. 2018.

STRAUBHAAR, Joseph. As múltiplas proximidades das telenovelas e das audiências. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

SUZUKI, Helen E. N. *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão.* 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-27012015-152805/pt-br.php. Acesso em: 20 nov. 2018.

SUZUKI, Helen E. N. *Um olhar sobre a imigração japonesa no Brasil.* 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Produção Editorial) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

SUZUKI, Helen E. N.; MUNGIOLI, Maria Cristina P. Telenovela e produção de sentidos identitários no contexto de imigração brasileira no Japão: recepção, discursos e forma de consumo. *Interin*, v. 22, n. 1, p. 94-110, jan./jun. 2017. Disponível em: https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/562. Acesso em: 10 nov. 2018.

TAÍS, Dias. *Unha decorada de Giovanna Antonelli na novela "A Regra do Jogo" é tendência para 2016*. GShow-Rio. 09/09/2015. Disponível em: http://gshow.globo.com/Estilo/noticia/2015/09/unha-decorada-de-giovanna-antonelli-em-regra-do-jogo-e-tendencia-para-2016.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

TANAKA, Misaki. *As narrativas ficcionais da televisão japonesa*. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

TARDE. OnLine. Cultura. 30/12/2010. *Globo deixa de adotar título de "novela das oito"*. Disponível em: http://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1090893-globo-deixa-de-adotar-titulo-de-%22novela-das-oito%22. Acesso em: 10 nov. 2018.

TONDATO, Marcia Perencin; VILAÇA, Maria Giselda da Costa. Periguetes: novas visibilidades e construções de identidades na sociedade midiática do consumo. *LUMINA*, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 11, n.3, p. 95-116, set./dez. 2017.

TUFTE, Thomas. Telenovelas, cultura e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

UM OLHAR sobre a imigração brasileira no Japão. Direção e Produção e roteiro: Helen Suzuki e Silvana Vieira. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2007. Documentário (15 minutos), DVD, son., color.

VEJA. Entretenimento. *Polícia Militar agradece a Gloria Perez por homenagem em novela.* Publicado em 18/10/2017. Disponível em: https://veja.abril.com.br/entretenimento/policia-militar-agradece-a-gloria-perez-por-homenagem-em-novela/. Acesso em: 10 nov. 2018.

VITALE, Maria A. FAller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC, 1995. p. 89-96.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aporte teórico metodológico e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, mai./ago. 2006.

WENDHAUSEN, Henrique. *Comunicação e mediação das ONGs: uma leitura a partir do canal comunitário de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n. 2, p. 302 - 310, 2008.

WILLIAMS Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUCMinas, 2016.

WOLTON, Dominique. *O elogio do grande público: uma teoria crítica de televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

YAMAMOTO, Lúcia E. Brazilian families in a transnational context: reconstituted families. *REMHU*, Brasília, ano XVI, v. 16, n. 30, p. 147-163, 2008.

YIN, Robert. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXO I – FORMULÁRIO DE PESQUISA NO SITE

O impacto dos Meios de Comunicação nas relações entre pais e filhos de brasileiros que moram no Japão
Olá, participe da pesquisa, é simples!

Muito obrigada por me ajudar na minha pesquisa acadêmica de doutorado. Esse questionário tem objetivo exclusivamente acadêmico e seus nomes serão mantidos em sigilo. Os dados coletados ajudarão a compor a minha pesquisa sobre a influência dos meios de comunicação nas relações entre pais e filhos de brasileiros que moram no Japão.

Se você mora ou já morou no Japão e tem filhos (que nasceram ou não no Japão), por gentileza, conto com a sua valiosa contribuição.

Obs.: Os dados pessoais permitem identificar os sujeitos da pesquisa e manter contato, se necessário, para aprofundamento do estudo ora proposto, caso o colaborador, assim o desejar. Esses dados serão mantidos em sigilo profissional pela pesquisadora.

Todos os campos indicados com asteriscos devem ser preenchidos para o formulário ser enviado.

Muito obrigada!!

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail*
2. Nome:*
3. Idade:* (escolher entre 10 a 99)
4. Sexo:*
   - Feminino
   - Masculino
   - Prefiro não afirmar)
5. Telefone:*
6. Qual seu local de nascimento? Informe apenas Cidade, Estado e País.*
7. Qual seu endereço no Japão? Informe apenas Cidade e Província.*
8. Há quanto tempo reside no Japão?*
   - Menos de 1 anos
   - 1 a 3 anos
   - 3 a 6 anos06 a 10 anos
   - Mais de 10 anos
9. Quantas pessoas moram com você? *
   - Moro sozinho
   - 2 pessoas
   - 3 pessoas
   - 4 pessoas
   - 5 pessoas
   - Mais de 5 pessoas
10. Qual o grau de parentesco/laço entre vocês?
11. Você tem dupla cidadania?*
    - Sim
    - Não
12. Você se considera cidadão brasileiro ou japonês?*
    - Brasileiro
    - Japonês
    - Nenhuma das opções
13. Por quê? *
14. Qual o seu objetivo no Japão?*
15. Você entende, lê ou escreve japonês? Dê notas de 0 a 10 para cada um desses quesitos sendo que zero (0) significa nada e dez (10) significa completamente ou perfeitamente.

- Nota para entendimento da língua japonesa falada:*
  (marcar a alternativa de 0 a 10)
- Nota para leitura da língua japonesa escrita:*
  (marcar a alternativa de 0 a 10)
- Nota para escrita da língua japonesa:*
  (marcar a alternativa de 0 a 10)

16. Qual seu grau de escolaridade?*
- Não tenho escolaridade alguma
- Ensino fundamental incompleto (1ª até 8ª série)
- Ensino fundamental (1ª até 8ª série)
- Ensino médio incompleto (antigo colegial)
- Ensino médio (antigo colegial)
- Ensino superior incompleto (faculdade)
- Ensino superior (faculdade)
- Curso de pós-graduação

17. Se você possui curso de graduação ou pós-graduação, indique os cursos:

18. Qual é a sua ocupação no momento?*

19. Faixa de renda por família (considerar a soma da renda de todos os integrantes da residência que trabalham):*
- Menos de 200 mil ienes por mês
- Entre 201 mil e 350 mil ienes por mês
- Entre 351 mil e 550 mil ienes por mês
- Entre 551 mil e 750 mil ienes por mês
- Entre 751 mil e 950 mil ienes por mês
- Mais de 950 mil ienes por mês
- Prefere não mencionar

20. Você tem filhos no Japão (nascidos ou não no Japão)?*
- Sim
- Não

21. Você mora com seu(s) filho(s)?*
- Sim
- Não

22. Qual o sexo e a idade deles(as)?

23. Existe alguma atividade (esportiva, de trabalho ou de lazer) que você faça junto com seu(s) filho(s)?*

24. O que você faz com mais frequência nas horas de lazer? (atenção mesmo que isso não seja exatamente aquilo que você gostaria de fazer, mas que efetivamente você costuma fazer).*

25. Você assiste aos programas da televisão brasileira?*

- Sim
- Às vezes
- Não assisto mais
- Nunca assisti

26. Quais programas da televisão brasileira você assiste ou assistiu da última vez?

27. Você gosta de telenovela brasileira?*
- Sim
- Um pouco
- Não

28. Cite quatro palavras que surgem ao pensar em telenovela brasileira:*

29. Você assiste telenovela brasileira no Japão?*

30 Explique se há algum motivo especial para você assistir, não assistir ou assistir com certa frequência (mencionada acima) a telenovela brasileira?*

31. Você assiste algum programa da televisão brasileira com seus(uas) filhos(as)?*

32. Quais?

33. Você costuma comentar o que assiste na televisão brasileira com seus(uas) filhos(as)?*

34. Por exemplo, o que você comenta?

35. Seus filhos(as) gostam ou assistem com alguma frequência aos programas da televisão brasileira (pelo menos um dos filhos)?*
- Sim
- Não
- Não sei

36. Se seus filhos(as) assistem à televisão brasileira, quais programas assistem?

37. Onde (em que suporte) você assiste aos programas da televisão brasileira?*
- Assisto somente na TV (pela TV por assinatura)
- Assisto pelo computador
- Assisto em outros suportes

38. Onde (em que suporte) você assiste aos programas da televisão brasileira?*

39. Você se lembra de alguma cena ou situação recentemente mostrada na telenovela (ou num outro programa da televisão brasileira) que de alguma forma chamou a sua atenção? Explique por quê?*

40. Se você voltasse a morar no Brasil, acha que assistiria telenovelas no Brasil?*
- Sim
- Não

41. Por quê?*

42. Você aceitaria participar de uma entrevista pessoalmente?*
    - Sim
    - Não
    - Talvez

43. Se quiser, deixe aqui uma mensagem ou observação sobre a pesquisa ou sobre o tema da pesquisa.

Muito obrigada, a sua participação é muito importante para mim.
Se preferir, pode entrar em contato comigo pelo e-mail: helensuzuki.site@gmail.com.

Muito boa sorte no Japão!

Helen Suzuki

ANEXO II – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA IMPRESSO

[Arquivo mod 01] – DATA: 8 e 9 nov/2017

1. Nome completo: _____

   _____

2. Idade: _____

3. Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

4. E-mail: _____

5. Telefone: _____

6. Local de nascimento? (cidade, e país) _____

7. Endereço no Japão? (cidade e província) _____

8. Há quanto tempo reside no Japão: _____

9. Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)? _____

10. Qual o parentesco/laço entre vocês (coloque a idade de cada um, se puder)?

    _____

    _____

11. Você tem dupla cidadania? ( ) Sim ( )Não

12. Você se considera cidadão brasileiro ou japonês? _____

    Por quê? _____

    _____

    _____

    _____

    _____

    _____

13. Grau de escolaridade: Ensino Médio

( ) 1º ano ( ) 2º ano ( ) 3º ano

Outro _____

_____

14. Faz alguma atividade remunerada (arubaito)? Qual? _____

_____

_____

_____

_____

15. Faz alguma atividade voluntária (sem remuneração)? Qual? _____

_____

_____

_____

_____

_____

16. Existe alguma atividade (esportiva, de trabalho ou de lazer) que você faça junto com seus pais? Qual? _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

17. O que você faz com mais frequência nas horas de lazer?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

18. Você assiste aos programas da televisão brasileira?

( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não assisto mais ( ) Nunca assisti

19. Quais programas da televisão brasileira você assiste ou assistiu da última vez?

_____

_____

_____

_____

_____

20. O que você acha da novela brasileira? Por quê?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

21. Cite quatro palavras que surgem ao pensar em novela brasileira:

_____

_____

_____

22. Você assiste novela brasileira no Japão?

( ) nunca assisto a novela brasileira

( ) assisto poucas vezes a novela brasileira

( ) assisto com frequência, mas não todos os dias

( ) assisto todos os dias a novela brasileira

23. Explique se há algum motivo especial para você assistir, não assistir ou assistir com certa frequência (mencionada acima) a novela brasileira? _____

_____

_____

_____

_____

24. Você comenta o que assiste com seus pais? Por exemplo, o que você comenta?

_____

_____

_____

_____

_____

25. Você comenta o que assiste com seus amigos? Por exemplo, o que você comenta?

_____

_____

_____

_____

26. Como é o seu relacionamento com seu pai (padrasto ou avô, ou figura masculina que mora com você, se houver)? _____

_____

_____

_____

_____

27. Como é o seu relacionamento com sua mãe (madrasto ou avó, ou figura feminina que mora com você, se houver)? _____

_____

_____

_____

_____

_____

28. Onde (em que suporte) você assiste aos programas da televisão brasileira?
    ( ) assisto somente pele televisão (na TV por assinatura)
    ( ) assisto pelo computador
    ( ) assisto em outros suportes – Qual?_____

29. Você se lembra de alguma cena ou situação recentemente mostrada na novela (ou num outro programa da televisão brasileira) que de alguma forma chocou, espantou ou emocionou você? Explique por quê? _____

_____

_____

_____

_____

_____

30. De maneira geral, como você acha que os itens/pessoas abaixo influenciam nas suas decisões de compra, vestimenta, comportamento, jeito de falar, opinião? Marque a pontuação de 0 a 5 seguindo a tabela de intensidade abaixo:

(5) fortíssima influência	(4) muita influência	(3) média influência	(2) pouca influência	(1) quase nenhuma influência	(0) nenhuma influência

	Compra de produtos	Jeito de vestir	Comportamento	Jeito de falar	Opinião
Exemplo de como completar a tabela: Leia a linha.	Nesse espaço escreva o número que corresponde a influência da pessoa/coisa que aparece na primeira coluna (Mãe, pai, por exemplo) em relação a cada coluna seguinte, compra de produtos, jeitos de vestir etc.:				
Ex: Mãe, pai ou quem mora com você.	4	1	4	3	4
Mãe, pai ou quem mora com você.					
Familiares (primos, tios, avós)					
Amigos da escola					
Amigos da família					
Outros amigos Escreva de onde os conhece: _____ _____ _____					
Professores					
Blog (vídeo, YouTube)					
Novelas ou Malhação					
Filmes da televisão ou do cinema					
Séries (tv, computador, Netflix etc.)					
Sites de notícias (portais na internet)					
Redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, etc.)					
Outro meio não descrito aqui. Escreva qual:_____ _____					

31. Qual ponto, coisa, ideia ou modo de pensar que é diferente entre você e seus pais (ou o seu responsável). Explique o que você acha que poderia ser mudado/melhorado neles.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

32. Como você acha que a novela brasileira influencia no relacionamento entre pais e filhos que moram no Japão? Por quê?

_____

_____

_____

_____

_____

33. Você aceitaria fazer uma entrevista pessoalmente?

( ) Sim ( ) Não

34. Se quiser, deixe aqui uma mensagem, comentário ou observação sobre a pesquisa ou sobre o tema que você desejar expressar (mesmo que não tenha muita relação com a pesquisa).

_____

_____

_____

Muito Obrigada e boa sorte no Japão,
Helen Suzuki